

VOLUME  
**XXXVI** BOLETIM DO  
N.º 1 **ARQUIVO DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA**

2023

IMPRENSA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA

1 2



9 0

UNIVERSIDADE D  
**COIMBRA**

## FICHA TÉCNICA

### DIREÇÃO

Maria Cristina Vieira de Freitas

### CONSELHO DE REDAÇÃO

Ana Maria Bandeira (AUC - amlb@ci.uc.pt)  
Gracinda Guedes (AUC - gracinda.guedes@auc.uc.pt)  
Ilídio Pereira (AUC - ilidiobp@ci.uc.pt)  
José Pedro Paiva (FLUC - leipaiva@fl.uc.pt)  
Leontina Ventura (FLUC - leventura@sapo.pt)  
Maria Cristina Vieira de Freitas (FLUC - cristina.freitas@fl.uc.pt)

### COORDENAÇÃO

Gracinda Maria Ferreira Guedes

### SUPERVISÃO EDITORIAL

Mara Alexandra Dias Almeida

### CONSELHO EXTERNO DE CONSULTORES

Abel Rodrigues (Univ. Nova de Lisboa, Portugal - abel.roiz@gmail.com)  
Agustín Vivas Moreno (Univ. de Extremadura, Cáceres, Espanha - avivas@alcazaba.unex.es)  
Ana Célia Rodrigues (Univ. Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil - anyrodrigues@yahoo.com.br)  
Ana Isabel Lopez Salazar (Univ. Complutense de Madrid, Espanha - ailopezsalazar@hotmail.com)  
Ana Isabel Ribeiro (Univ. Coimbra, Portugal - aribeiro@fl.uc.pt)  
António Resende de Oliveira (Univ. de Coimbra, Portugal - areseendeo@gmail.com)  
Bernard Vincent (EHESS, Paris, França - bernard.vincent@ehess.fr)  
Bernardo Vasconcelos e Sousa (Univ. Nova de Lisboa, Portugal - bves@fch.unl.pt)  
Caio César Boschi (Pontifícia Univ. de Belo Horizonte, Brasil - caioboschi@hotmail.com)  
Carlos Alberto Avila Araújo (Univ. Federal de Minas Gerais, Brasil - carlosaraujofmg@gmail.com)  
Carlos Guardado da Silva (Univ. de Lisboa, Portugal - carlosguardadodasilva@gmail.com)  
Conceição Casanova (Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, Portugal - mccasanova@museu.ulisboa.pt)  
Dalila Rodrigues (Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, Portugal - dalilarodes@gmail.com)  
Daniel Norte Giebels (Univ. de Coimbra, Portugal - danielgiebels@gmail.com)  
Daniela Fernandes Gabriel (Câmara Municipal do Porto, Portugal - danielafernandes@cm-porto.pt)  
Dunia Llanes Padrón (Univ. Havana, Cuba - dunialp@yahoo.es)  
Evergton Sales Souza (Univ. Federal da Bahia, Brasil - evergtons@gmail.com)  
Fátima O Ramos (Arquivos Nacionais Torre do Tombo, Lisboa, Portugal - fatima.oramos@antt.dgarq.gov.pt)  
Fátima Reis (Univ. Lisboa, Portugal - fatimareis@fl.ul.pt)  
Fernanda Olival (Univ. de Évora, Portugal - fernanda.olival@gmail.com)  
Fernanda Ribeiro (Univ. do Porto, Portugal - fribeiro.flup@gmail.com)  
Fernando Taveira da Fonseca (Univ. de Coimbra, Portugal - fertaveira@gmail.com)  
Gabriel Paquette (Univ. de Oregon, EUA - paquette@uoregon.edu)  
Georgina Silva dos Santos (Univ. Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil - georginasantos@uol.com.br)  
Geraldo Mártires Coelho (Univ. Federal do Pará, Brasil - gmartirescoelho@gmail.com)  
Giuseppe Marocci (Univ. de Oxford, Reino Unido - giuseppe.marocci@gmail.com)  
Guilhermina Mota (Univ. de Coimbra, Portugal - guimota@mail.telepac.pt)  
Heloísa Bellotto (Univ. de São Paulo, Brasil - hbellotto@yahoo.com.br)  
Hugo Ribeiro da Silva (Univ. de Coimbra, Portugal - hribeirodasilva@hotmail.com)  
Inês Amorim (Univ. do Porto, Portugal - inesamorimflup@gmail.com)  
Isabel Drumond Braga (Univ. de Lisboa, Portugal - isabeldrumondbraga@hotmail.com)  
Isabel Vargues (Univ. de Coimbra, Portugal - ivargues@fl.uc.pt)  
Jacqueline Herman (Univ. Estadual do Rio de Janeiro, Brasil - jacquehermann@uol.com.br)  
Jaime Gouveia (Univ. Coimbra, Portugal - jaim.ricardo@gmail.com)  
Jaime Reis (Univ. de Lisboa, Portugal - jaime.reis@ics.ul.pt)  
Joana Antunes (Univ. Coimbra, Portugal - joana.filipa.antunes@gmail.com)  
Joana Brites (Univ. Coimbra, Portugal - joanabrites@hotmail.com)  
João José Alves Dias (Univ. Nova de Lisboa, Portugal - joaualvesdias@gmail.com)  
João Manuel Filipe Gouveia Monteiro (Univ. Coimbra, Portugal - joao.g.monteiro@uc.pt)  
João Paulo Avelãs Nunes (Univ. Coimbra, Portugal - jpavelas@fl.uc.pt)  
José Luis Bonal Zazo (Univ. Extremadura, Badajoz, Espanha - jlbonal@unex.es)  
José Maria Jardim (Univ. Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil - jardimbr@gmail.com)  
José Miguel Sardica (Univ. Católica Portuguesa, Portugal - jsardica@fch.lisboa.ucp.pt)  
José Múriilo de Carvalho (Professor Emérito, Univ. Federal do Rio de Janeiro, Brasil - josemuriilodecarvalho@gmail.com)  
José Vicente Serrão (ISCTE-IUL, Lisboa, Portugal - jose.serrao@iscte-iul.pt)  
Judite Gonçalves de Freitas (Univ. Fernando Pessoa, Porto, Portugal - jffreitas@ufp.edu.pt)  
Karen Racine (Univ. de Guelph, Toronto, Canadá - kracine@uoguelph.ca)  
Laurinda Abreu (Univ. Évora, Portugal - laurinda.abreu@mail.telepac.pt)  
Luciana Duranti (Univ. of British Columbia, Vancouver, Canada - luciana.duranti@ubc.ca)  
Lucília Runa (Arquivos Nacionais Torre do Tombo, Lisboa, Portugal - lucilia.runa@dglab.gov.pt)  
Luís Carlos Amaral (Univ. do Porto, Portugal - lcamaral@letras.up.pt)  
Luís Miguel Nunes Corujo (Univ. de Lisboa, Portugal - luiscorujo@campus.ul.pt)  
Luís de Vasconcelos e Sá (Arquivos Nacionais Torre do Tombo, Lisboa, Portugal - luis.sa@dglab.gov.pt)  
Mafalda Soares da Cunha (Univ. de Évora, Portugal - msc@uevora.pt)  
Manuel José de Sousa Barbosa (Univ. Lisboa, Portugal - menmanuel@sapo.pt)  
Manuel Loff (Univ. Porto, Portugal - mloff@letras.up.pt)  
Margarida Sobral Neto (Univ. de Coimbra, Portugal - marnet95@gmail.com)  
Maria Antónia Lopes (Univ. Coimbra, Portugal - mafilopes@netvisao.pt)  
Maria Beatriz Marques (Univ. Coimbra, Portugal - beatrizmarques35@gmail.com)  
Maria de Lurdes Rosa (Univ. Nova de Lisboa, Portugal - missi@oniduo.pt)  
Maria do Rosário Morujão (Univ. Coimbra, Portugal - mrbmorujao@uc.pt)  
Maria Izilda Santos de Matos (Pontifícia Univ. Católica de São Paulo, Brasil - mismatos@puccsp.br)  
Maria José Azevedo Santos (Univ. Coimbra, Portugal - mazevedo\_santos@yahoo.com)  
Maria Manuel Borges (Univ. Coimbra, Portugal - mmborges@gmail.com)  
Maria Manuela Azevedo Pinto (Univ. do Porto, Portugal - mmpinto@letras.up.pt)  
Maria Manuela Moro Cabero (Univ. Salamanca, Espanha - moroca@usal.es)  
Mário Farelo (Univ. Nova de Lisboa, Portugal - mario.farelo@fch.unl.pt)  
Marta Maria Lobo de Araújo (Univ. Minho, Portugal - martalobo@ics.uminho.pt)  
Natalia Bolfarini Tognoli (Univ. Federal Fluminense, Brasil - nataliatognoli@id.uff.br)  
Nuno Rosmaninho (Univ. Aveiro, Portugal - rosmaninho@ua.pt)  
Patrícia Souza de Farja (Univ. Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil - patricia@carvano.com.br)  
Paulo Batista (Univ. Évora, Portugal - pjmb@uevora.pt)  
Pedro López Gómez (Univ. da A Coruña, Espanha - plogo@telefonica.net)  
Renato Rocha Souza (Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, Brasil - renato.souza@fgv.br)  
Rui Casção (Univ. de Coimbra, Portugal - rafcascao@gmail.com)  
Rui Cunha Martins (Univ. de Coimbra, Portugal - rcmartin@ci.uc.pt)  
Sandra Costa Saldanha (Univ. Coimbra, Portugal - sandrasaldanha@netcabo.pt)  
Sandra Vaz Costa (Direção-Geral do Património Cultural, Portugal - cvcosta@dgcpc.pt)  
Saul António Gomes (Univ. Coimbra, Portugal - sagcs@fl.uc.pt)  
Tamar Herzog (Univ. Harvard, USA - therzog@jas.harvard.edu)

VOLUME  
XXXVI  
N.º 1

# BOLETIM DO ARQUIVO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Email: [imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)  
URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

## INFOGRAFIA

Imprensa da Universidade de Coimbra

## ISSN

0872-5632  
2182-7974

## DOI DA REVISTA

<https://doi.org/10.14195/2182-7974>

## DOI DO VOLUME

[https://doi.org/10.14195/2182-7974\\_36\\_1](https://doi.org/10.14195/2182-7974_36_1)

## MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA

Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra  
Arquivo da Universidade de Coimbra  
Rua de S. Pedro, 2, 3000-370 Coimbra, Portugal  
URL: <http://www.uc.pt/auc>

Os artigos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

© Arquivo da Universidade de Coimbra e Imprensa da Universidade de Coimbra

## ÍNDICES INTERNACIONAIS

WEB OF SCIENCE®

Scopus®

DOAJ

DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

MIAR



Red Iberoamericana  
de Innovación y Conocimiento Científico



# Sumário

<b>NOTA DE APRESENTAÇÃO</b> .....	5
<b>ESTUDOS</b>	
Los archivos municipales en Extremadura (España) a finales del s. XVIII a través del interrogatorio de la real audiencia .....	13
Carmen Solano Macías; Agustín Vivas Moreno	
Arquívística Musical Histórica aplicada a arquivos de Bandas de Música: um olhar sobre o estado da questão .....	59
Ana Raquel Coelho	
Impactos do Efeito Filtro Bolha no Engajamento de <i>Fake News</i> .....	77
Luis Yago Santos Pessoa; Clara Vasconcelos Gusmão; Lucas Daniel Anselmo Tabosa de Andrade; Letícia Ferreira Neves; Walter de Macedo Rodrigues; Maria Amália Arruda Camara	
Morte e glorificação de D. Miguel da Anunciação (1703-1779), Bispo de Coimbra .....	107
Guilhermina Mota	
Organização e Representação da Informação do Projeto “Mesas do Castelinho” no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa .....	121
Matilde Seca	
Paleografia e ciência da informação: reflexões em torno de um diálogo intercientífico .....	141
Carlos Guardado da Silva; Alexandre Faben	
A produção e conservação informacional de Maria do Carmo Barros Leite (1841-1911) .....	163
Joana M. Couto	

## RECENSÕES CRÍTICAS

- Comerford, K. M. (2022). *Jesuit Libraries*. Brill. .... 257  
Sofia Bettencourt da Silva
- Edmond, J., Horsley, N., Lehmann, J., & Priddy, M. (2022).  
*The Trouble With Big Data: How Datafication Displaces Cultural Practices*.  
Bloomsbury Academic. .... 263  
Anabela Pires Duarte
- Pacheco, A. (2017). *Informação Digital: O vértice comum  
entre a diplomática e a ciência da informação*. Edições Húmus. .... 271  
Maria Beatriz Merêncio
- Pacheco, A. (2022). *Arquivos Digitais –  
Metadados e Autenticidade*. Edições Colibri..... 279  
Madalena Lopes Damião Rodrigues

## Nota de Apresentação

MARIA CRISTINA VIEIRA DE FREITAS

Faculdade de Letras, Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20)

[cristina.freitas@fl.uc.pt](mailto:cristina.freitas@fl.uc.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8849-8792>

Este primeiro número do volume XXXVI do Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra [BAUC] publica-se, como habitualmente, sob a magnífica chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra [IUC], Casa Editorial que completou, recentemente, merecidíssimos 250 anos de fundação (1772-2022) e de vida ao serviço da Universidade de Coimbra e do público leitor português. Antes de tudo, queremos agradecer a toda a equipa de editoração da IUC, bem como à sua Direção e Direção-Adjunta, pela parceria, pelo apoio imprescindível e por esse “selo maior” de qualidade formal a marcar presença no processo de editoração do BAUC. A publicação desta edição acontece no mesmo mês internacional dos Arquivos, sendo este também o mês em que, este ano, se celebra uma muito significativa efeméride, que afeta a comunidade arquivística internacional: referimo-nos, naturalmente, aos 75 anos (1948-2023) da criação do Conselho Internacional de Arquivos (CIA/ICA).

Comemorações à parte, no seu recheio robusto, como costumadamente, o BAUC deste mês de junho de 2023 apresenta, na Secção “Estudos”, uma seleção de sete textos de índole científica, dando a conhecer uma miríade de temas gerais, afetos à Arquivística, ao Direito, à Música, aos Arquivos no Feminino e à História. Ordenados sob o critério alfabético (desprezando-se, naturalmente, os artigos indefinidos ou definidos, no âmbito da ordenação), encontram-se, na referida secção, artigos que nos falam sobre: os arquivos municipais da Extremadura espanhola, no século XVIII (pela lente de Cármen Solano e Agustín Vivas); os princípios da Arquivística musical histórica aplicados a bandas de música (pela “batuta” de Ana Raquel Coelho); os algoritmos, o “efeito filtro bolha” e as *fake news* (consubstanciados nas ideias de: Luís Pessoa, Clara Gusmão, Lucas Andrade, Letícia Neves, Walter Rodrigues e Amália Câmara); a morte, a glorificação

e as “reliquias” de D. Miguel da Anunciação, Bispo de Coimbra (1703-1779) (descritas e analisadas por Guilhermina Mota); o processo de organização e representação de informação arquivística, capturado num projeto do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (e aventado por Matilde Seca, que com ele nos traz as “Mesas do Castelinho”); o diálogo intercientífico entre a paleografia e a Ciência da Informação (analisado por Carlos Guardado e por Alexandre Faben); a produção e a conservação da informação produzida por mulheres, tendo como caso para estudo a documentação de Maria do Carmo Barros Leite (1841-1911) (contextualizada e analisada por Joana Couto).

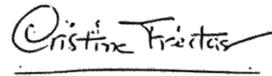
Como facilmente se constata, a diversidade temática e cronológica é, de facto, uma marca desse primeiro número do volume XXXVI do BAUC. Uma rápida “mirada” no seu sumário, leva-nos a descobrir textos que apresentam uma cobertura temporal representativa de vários séculos (XVIII; XIX; XX; e XXI) e perpassam por vários temas ou áreas científicas (arquivos municipais; arquivística musical; Direito e *fake news*; biografia histórica; Arqueologia e representação de informação; Paleografia; e arquivos pessoais, no feminino). Na sua produção, constata-se, igualmente, um número expressivo de autores (6) e autoras (8), de tal modo que revisão científica dos textos que aqui se encontram apenas foi possível graças ao leque alargado de consultores/as externos *ad hoc* de que dispõe, “em carteira”, o BAUC.

A rematar todo esse trabalho, na Secção intitulada “Recensões críticas”, são apresentadas quatro resenhas reflexivas de obras publicadas por autores e autoras nacionais e internacionais, no âmbito de assuntos como, por exemplo: bibliotecas jesuíticas; *big data*, “*datafication*” e práticas culturais; informação e diplomática digital; metadados informacionais. Uma vez mais, são diversos os temas “chamados à colação”. Ditas obras foram publicadas muito recentemente (2022), ou recentemente (2017). Aqui, tiveram a palavra as “Jovens” Investigadoras. Foi para atender ao desafio lançado pelo BAUC e pelos/as seus/suas mentores/as intelectuais que Sofia Bettencourt, Anabela Duarte, Beatriz Merêncio e Madalena Lopes, por esta ordem de apresentação na Secção, leram, descreveram, resumiram e teceram comentários críticos a respeito de obras merecedoras da sua atenção e análise.

Finalmente, os nossos agradecimentos especiais são dirigidos à coordenação, à supervisão editorial e aos consultores/as externos/as do BAUC, sobretudo, àqueles/as que atuaram mais de perto na condição de revisores/as deste volume/número que verá a luz no dealbar de um previsivelmente

tórrido Verão de 2023. Resta-nos desejar que os textos aqui apresentados sejam úteis ao público e encontrem o seu leitor ou leitora. Para além das citações e das métricas necessárias à manutenção nos *rankings* internacionais de qualidade, que tanto perseguimos, acreditamos que a última palavra deve pertencer ao leitor/a.

Como sempre, que sejam ótimas as vossas leituras!

A handwritten signature in black ink that reads "Cristina Freitas". The signature is written in a cursive style and is underlined with a single horizontal line.

Diretora do Arquivo da Universidade de Coimbra e do  
Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra  
Coimbra, 26/06/2023



**Estudos**



# Los archivos municipales en Extremadura (España) a finales del s. XVIII a través del interrogatorio de la real audiencia

## The municipals archives in Extremadura (Spain) at the end of the 18th century through the royal court

DRA. CARMEN SOLANO MACÍAS

Profesora Titular de Documentación

Facultad de Ciencias de la Documentación y la Comunicación

Universidad de Extremadura

[csolano@unex.es](mailto:csolano@unex.es)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2835-5861>

DR. AGUSTÍN VIVAS MORENO

Catedrático de Documentación

Facultad de Ciencias de la Documentación y la Comunicación

Universidad de Extremadura

[aguivivas@unex.es](mailto:aguivivas@unex.es)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7571-126X>

Artigo entregue em: 3 de agosto de 2022

Artigo aprovado em: 30 de novembro 2022

### RESUMEN

A principios de 1791, la Real Audiencia de Extremadura llevó a cabo un interrogatorio en todas las localidades de la provincia, que entonces estaban agrupadas en nueve circunscripciones territoriales llamadas "partidos". Este cuestionario fue respondido por las autoridades de todas

las poblaciones extremeñas, y complementado con los informes realizados por el *visitador* de la Audiencia responsable de cada partido. En el interrogatorio se aborda, entre otras temáticas, la situación y características de los archivos públicos.

Tomando como base la información recogida en los pliegos de respuestas de las distintas localidades y en los informes de los visitantes, hemos elaborado un sistema de información que nos ha permitido analizar la situación de estos archivos dentro del entorno geográfico — temporal en el que se realizó el interrogatorio. Descubrimos, así, la ambigüedad que existía en el propio concepto de archivo, la existencia de éstos en las poblaciones de Extremadura, su ubicación física, quién los gestionaba, los tipos documentales que se conservaban en ellos o los problemas que presentaban. Todo ello muestra el panorama general de los archivos públicos en la Extremadura de finales de la Edad Moderna.

**PALABRAS CLAVE:** Archivos municipales; Extremadura; Interrogatorio; Siglo XVIII.

#### **ABSTRACT**

At the beginning of 1791, the Real Audiencia of Extremadura carried out a questionnaire in all the villages of the province, which were then grouped into nine territorial demarcations called “partidos”. This questionnaire was answered by the authorities of Extremadura villages and was supplemented with the reports made by the visitor of the Audiencia responsible for each demarcation. The survey addresses, among other topics, the situation, and characteristics of the public archives.

Taking as basis the information collected in the answer sheets of the different villages and in the visitors’ reports, we have developed an information system that has allowed us to analyse the situation of these archives within the geographic-temporal environment in which the questionnaire was carried out. Thus, we discover the ambiguity that existed in the concept of archive, their existence in the villages of Extremadura, their physical location, who managed them, the types of documents that were kept in them and the problems they presented. All this shows the general panorama of the public archives in Extremadura at the end of the Modern Age.

**KEYWORDS:** 18th Century; Extremadura; Interrogatory; Municipal archives.

# 1. Introducción<sup>1</sup>

## 1.1. El Interrogatorio de la Real Audiencia de Extremadura

A finales del siglo XVIII, la recién creada Real Audiencia de Extremadura llevó a cabo un interrogatorio en todas las poblaciones de la provincia. En este cuestionario, de carácter típicamente ilustrado, se abordaban temas muy variados que proporcionaron a la Audiencia la información necesaria para llevar a cabo sus funciones.

De las contestaciones a este interrogatorio se pueden extraer datos que nos permiten, entre otras muchas cuestiones, constatar la situación de los procesos, instituciones y personas relacionados con los archivos públicos en la región extremeña.

En noviembre de 1790, antes de que la Audiencia comenzara a actuar, el Consejo de Castilla aprobó una *Instrucción para la visita que deben hacer el Regente y Ministros de la nueva Real Audiencia de Extremadura*<sup>2</sup>, donde se indicaba la necesidad de que el personal del tribunal realizase una visita a los partidos de la provincia en la que iban a ejercer sus funciones, con objeto de conocer su estado<sup>3</sup>. En dicha Instrucción se dan directrices precisas de quién, cómo y dónde había de realizarse

---

<sup>1</sup> La presente investigación es una ampliación del capítulo 5.3.1. de la tesis doctoral de C. Solano Macías y dirigida por A. Vivas Moreno que fue leída en la Universidad de Extremadura y cuyo título fue *“La cultura escrita en Extremadura a finales del s. XVIII a través del Interrogatorio de la Real Audiencia, análisis y sistema de información histórica”*. Fruto de esa investigación se publicó el libro: Solano Macías, C., & Vivas Moreno, A. (2018). *La cultura escrita en Extremadura a finales del siglo XVIII a través del interrogatorio de la Real Audiencia*. Trea. Las ampliaciones incluidas ahora no han sido publicadas anteriormente. Entendemos que los datos que aquí se exponen, junto con la totalidad de las tablas que se indican, son fundamentales para la comprensión de determinados aspectos de los archivos municipales de la Extremadura de la época. Se ha pretendido hacer un análisis concreto de los archivos municipales de Extremadura para la época estudiada, elemento no examinado específicamente con anterioridad.

<sup>2</sup> El documento completo digitalizado está disponible en: [http://www.europeana.eu/portal/es/record/9200110/BibliographicResource\\_1000126604804.html](http://www.europeana.eu/portal/es/record/9200110/BibliographicResource_1000126604804.html) (Consulta: 03/05/2022).

<sup>3</sup> En el preámbulo de dicho texto, se indica:

*Instrucción que forma el Consejo para la visita que deben hacer el Regente, Oidores, y Alcaldes de la nueva Real Audiencia de Extremadura, para enterarse de antemano del estado de aquella Provincia, y proceder sucesivamente con este conocimiento á congregarse en forma de Tribunal en la Villa de Cáceres, consiguiendo á la Real Pragmática de treinta de Mayo de este año.*

tal visita. Después de esbozar las materias a las que debía prestarse atención, se dice que "...de todos estos particulares se formará un interrogatorio impreso, para que por capítulos los conteste la Justicia y Ayuntamiento de cada Pueblo, llevando número de exemplares sobrantes para los informes que deban hacer las personas particulares".

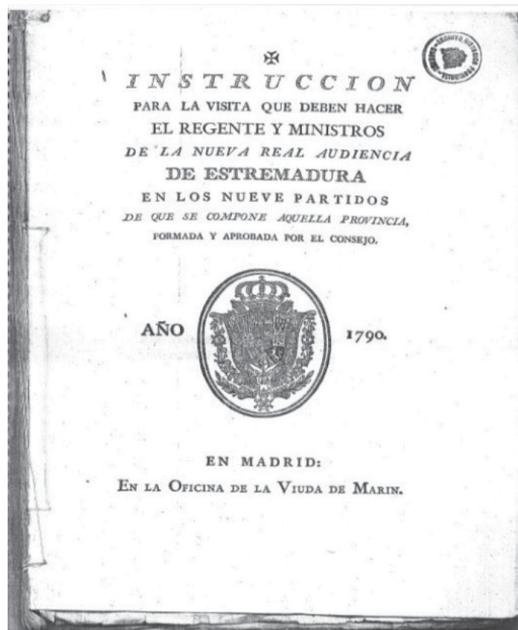


Figura 1 – Portada de la Instrucción para la visita<sup>4</sup>.

Por consiguiente, en diciembre de ese mismo año se elaboró la encuesta, con el título *Interrogatorio formado de orden del Consejo para la visita de la provincia de Extremadura que deben hacer el regente y ministros de la Real Audiencia, creada en ella antes de su apertura*<sup>5</sup>. Se componía de

---

Véase: Banco de España – Repositorio Institucional. (s.d.). *Instrucción para la visita que deben hacer el regente y ministros de la nueva Real Audiencia de Extremadura en los nueve partidos de que se compone aquella provincia*. <https://repositorio.bde.es/handle/123456789/4099>

<sup>4</sup> Fuente: OAlstore – Depósito Digital Cultural y Popular. [https://books.google.es/books/ucm?vid=UCM5324340749&printsec=frontcover&redir\\_esc=y&hl=es#v=onepage&q&f=false](https://books.google.es/books/ucm?vid=UCM5324340749&printsec=frontcover&redir_esc=y&hl=es#v=onepage&q&f=false)

<sup>5</sup> Consejo Real de Castilla. (1791). *Interrogatorio formado de orden del Consejo para la visita de la provincia de Extremadura que deben hacer el Regente y Ministros de la Real Audiencia, creada en ella antes de su apertura*. En la Oficina de la Viuda de Marín. El texto aparece fechado a 29 de diciembre de 1790, y está firmado por Arias Antonio Mon, Francisco Xavier de Contreras y el Conde de la Concepción. Incluimos el texto completo en el Anexo Documental.

cincuenta y siete preguntas<sup>6</sup> que debían enviarse a cada uno de los municipios de la provincia, con objeto de obtener información fidedigna sobre aspectos muy diversos: administrativos, geográficos, agrícolas, educativos, culturales, judiciales, sanitarios, religiosos, sociales, etc.

Se dividió el territorio en nueve demarcaciones, que correspondían a los ocho *partidos* de la provincia, más el noveno, Coria, cuyas tierras habían pertenecido hasta entonces a Plasencia. Y se asignó un visitador como responsable de cada demarcación, que debía encargarse de gestionar los interrogatorios y de redactar los informes pertinentes.

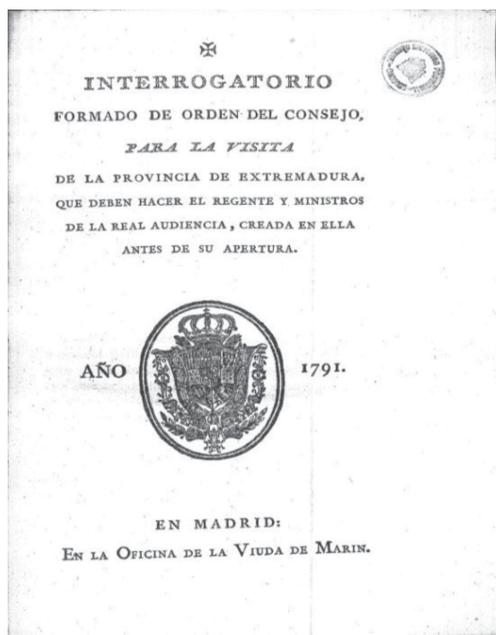


Figura 2 – Portada del Interrogatorio de la Real Audiencia<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> En realidad podemos contar 56 preguntas como tales; la nº 57 es más bien una recomendación, puesto que dice:

Por último, se procurarán adquirir y puntualizar las demás noticias, que según la ocasión y circunstancias de los Pueblos, parezcan conducentes, para que la Audiencia se halle enterada de su estado físico y político, y pueda, dentro de los límites de las facultades, que se la concedieren, atender, y promover el beneficio de los vasallos de S.M. y el aumento de todos los ramos, que les proporcionan su subsistencia; pero usando con discreción de este Interrogatorio, de modo que se les inspire esta confianza, y se les persuada de las benéficas, y piadosas intenciones del Soberano en este establecimiento.

En: Consejo Real de Castilla, *Op. cit.*, hh. 6 y 7.

<sup>7</sup> Fuente: OAlstore – Depósito Digital Cultural y Popular. *Interrogatorio formado de orden del Consejo, para la visita de la provincia de Extremadura, que deben hacer el Regente y Ministros de la Real Audiencia, creada en ella antes de su apertura* | Europeaana [En: [www.europeana.eu](http://www.europeana.eu)].

Finalmente, en 1791, nueve ministros de la Real Audiencia, acompañados por otros funcionarios, recorrieron los territorios de Extremadura que estaban bajo su responsabilidad para recabar la información encargada. En las instrucciones dadas a los visitantes, se especificaba que los cuestionarios debían ser contestados por "*personas prácticas de los respectivos pueblos, los caballeros de conocida probidad, los curas párrocos y otros que puedan dar luces suficientes*", y también se decía que a los mismos debía añadirse cualquier información que se considerase "*útil y necesaria*"<sup>8</sup>. Se pedía, además, que se incluyeran mapas de la zona cuando se considerase conveniente, como el que insertamos a continuación:



Figura 3 – Mapa topográfico de Serradilla<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> En efecto, uno de los problemas de la realización del Interrogatorio es la falta de formación de los ciudadanos de la época, ya que, en general, en los pueblos había pocas personas que pudieran leer y escribir correctamente. De hecho, algunas de las autoridades municipales que respondieron al cuestionario no podían firmar al final de sus declaraciones, pues no sabían. Estas respuestas eran redactadas por el escribano o, si éste no existía, por el *fiel de fechos* de la población. Caso diferente era el de los párrocos, pues sabían leer y escribir, aunque con diferentes niveles de corrección.

<sup>9</sup> En este caso, el mapa contiene notas explicativas que indican la distancia (en leguas) que separa Serradilla de otras poblaciones. Fuente: WAREX: Web de archivos de Extremadura. <http://>

Finalmente, con las respuestas obtenidas se redactó un expediente para cada localidad que se depositó en la Escribanía de Acuerdo de la Real Audiencia. Los expedientes de los pueblos de cada partido se reunieron en un libro, que se completó con un informe del partido elaborado por el visitador correspondiente.

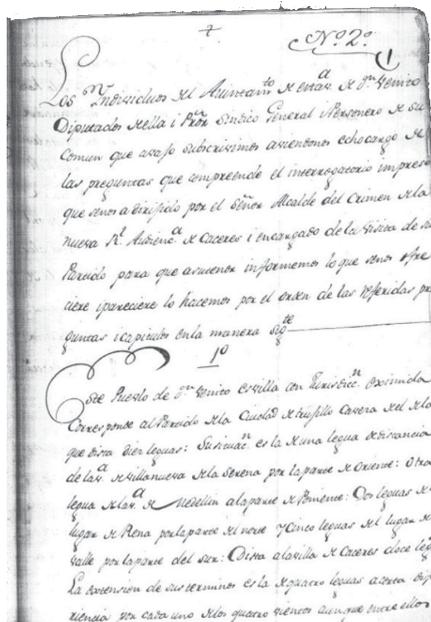


Figura 4 – Ejemplo de un pliego de respuestas original, en este caso de la villa de Don Benito<sup>10</sup>.

Aunque, como es natural, las preguntas eran las mismas para todas las localidades, la estructura de las respuestas, los informes y la información adicional que éstas proporcionan solían presentar diferencias en los distintos partidos. Aun así, en la mayoría de las poblaciones, el resultado del interrogatorio fue un pliego de respuestas redactado por la *Justicia y Ayuntamiento*, y otro distinto escrito por el presbítero del lugar, con lo que, al haber dos

archivosextramadura.gobex.es/WAREX/live/SistemaArchivistico/JuntaExtremaduraSA/ArchivosHistoricoProvincialesSA/ArchivosHistoricoProvincialesCC/Exposicionesvirtuales/CartoRA/Cartografiapartidos/RA19cat.html (Consulta: 27/04/2022). Existencia y localización de copias: Archivo Histórico Provincial de Cáceres, sección Real Audiencia, Leg. 370, nº 10.

<sup>10</sup> La ilustración corresponde al primer folio del pliego original de respuestas de la villa de Don Benito (partido de Trujillo). Fuente: Interrogatorio de la Real Audiencia de Extremadura, Partido de Trujillo Tomo I. Ed. a cargo de Gonzalo Barrientos y Miguel Rodríguez Cancho. Asamblea de Extremadura, Badajoz, 1996, p. 234.

fuentes diferentes, se procura mayor credibilidad a los datos. En ocasiones intervenía también un grupo de peritos, que informaba de algún aspecto particular que el visitador asignado por la Real Audiencia considerase de especial importancia.

Por otra parte, el visitador inspeccionaba personalmente cada pueblo, entrevistándose con las personas que consideraba convenientes y observando por sí mismo el estado de cada localidad y de sus documentos. Finalmente, escribía el informe de la población visitada tomando como base las respuestas de justicia y párroco, los informes complementarios de los peritos (si existían) y sus propias observaciones. Todas las precauciones que se tomaron al realizar el interrogatorio de cada municipio dan como resultado un panorama realista y pormenorizado de la vida de los pueblos y ciudades de la provincia de Extremadura a finales del siglo XVIII.

Los expedientes se conservan actualmente en el Archivo Histórico Provincial de Cáceres, y fueron transcritos a principios de la década de 1990, gracias a un ingente trabajo dirigido por los profesores de la Universidad de Extremadura Gonzalo Barrientos Alfageme y Miguel Rodríguez Cancho. Posteriormente, fueron publicados por la Asamblea de Extremadura en once extensos volúmenes<sup>11</sup>, lo que ha facilitado la investigación sobre este valioso instrumento. Cada volumen corresponde a un partido (excepto el de Trujillo, al que por su gran número de localidades se dedican dos), más otro adicional para las poblaciones disgregadas de Extremadura. En cada volumen se recoge la transcripción de las respuestas de las autoridades civiles y religiosas de cada pueblo, y las anotaciones del visitador correspondiente. Es en esta transcripción publicada en la que nos hemos basado para realizar nuestra investigación.

## 1.2 Aproximación a los archivos en la Edad Moderna

Durante la Edad Moderna, los archivos y su disciplina se desarrollan como una doctrina patrimonial y jurídica al servicio de la Administración. Es el momento en que comienza su sistematización como disciplina, aunque sin sentar aún unos principios teóricos universales. El archivo se convirtió en un elemento fundamental de la maquinaria administrativa y, por tanto, adquirió una función predominantemente jurídico-política, al ofrecer a los soberanos una documentación útil para la afirmación de los derechos de la

---

<sup>11</sup> Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.). (1993-1996). *Interrogatorio de la Real Audiencia: Extremadura a finales de los tiempos modernos*. Asamblea de Extremadura.

Corona y del Estado, y para el ejercicio del poder en sus territorios. Es éste un proceso lento, que tiene su inicio en la Baja Edad Media, que quedará consolidado con un nuevo sistema administrativo -el Estado moderno- y que más tarde desaparecerá con las revoluciones burguesas del s. XVIII.

Si tuviéramos que sistematizar en unas líneas las características que marcan esta etapa en la que se basa nuestra investigación, podríamos referirnos a las siguientes:

- *Los archivos como sustento de la doctrina jurídica al servicio de la administración*, esto es, como instrumento social y administrativo. Asimismo, y en consecuencia, tal y como todos los teóricos indican, hay una mejora de las técnicas de tratamiento archivístico.
- *Desarrollo de la organización administrativa y complejidad de la práctica documental*. El recobro económico, una mayor complejidad institucional y administrativa, la recuperación del derecho Romano y del procedimiento administrativo que le sostenía, y la conformación del Estado Absoluto, hicieron factible la rehabilitación del documento como fundamento de la organización jurídico-política. Como consecuencia de todo ello, el Archivo queda transformado en instrumento base de la organización administrativa del Estado. La creciente complejidad de ésta y su burocratización progresiva se traducía en una práctica documental cada vez más embarazosa.
- *Archivos del poder*: el archivo es uno más de los mecanismos de poder de las monarquías absolutas, esto es, uno de los procedimientos de dominio y control. Es lo que se viene denominando "*la función coercitiva del archivo*" basada en tres aspectos: el *carácter de patrimonialidad* del archivo, es decir, la atribución del archivo como atributo del rey; el *secretismo*, esto es, el temperamento inescrutable y sacro del archivo; y, la *inaccesibilidad* del archivo<sup>12</sup>. En definitiva, la concepción del archivo como poder radica precisamente en "*que la garantía del derecho del súbdito dependía de la voluntad del monarca a través de un despacho expedido por el órgano insti-*

---

<sup>12</sup> Son fundamentales los trabajos de Rodríguez De Diego, J. L. (1998). Archivos de poder, Archivos de la Administración, Archivos de Historia (siglos XVI-XVII). In J. J. Generelo, & Á. Moreno López (Coord.), *Historia de los Archivos y de la Archivística en España* (p. 31 y ss.). Universidad de Valladolid; y "La formación del Archivo de Simancas en el s. XVI. Función y orden interno". En López Vidriero, M. L., & Cátedra, P. (1998). *El libro Antiguo Español IV. Coleccionismo y biblioteca. Siglos XV-XVIII* (pp. 519-557). Universidad de Salamanca, Patrimonio Nacional, Sociedad Española de Historia del Libro.

tucional, cuya función era exactamente la concesión de la gracia y, por ello, la actividad más representativa de su carácter absolutista”<sup>13</sup>.

- **Desarrollo de la literatura archivística.** Desde finales del s. XVI y a lo largo de los siglos XVII y XVIII surgen una serie de tratadistas que desarrollan la literatura archivística con contribuciones nada desdeñables tanto en sus planteamientos especulativos como en sus empeños experimentados y técnicos<sup>14</sup>. Por su parte, en el propio territorio de la Monarquía Hispánica se realizaron abundantes títulos -informes e instrucciones por lo general- acerca de la práctica documental y sus proyecciones<sup>15</sup>. Pues bien, todo ello tuvo un efecto enormemente positivo en la creación paulatina de un cuerpo doctrinal archivístico, a pesar de que los aspectos más perseverantes y sólidos seguían viniendo del campo de la praxis archivística. Por primera vez se buscan respuestas concretas a problemas reales, suscitándose hipótesis que

---

<sup>13</sup> Cfr. Rodríguez De Diego, J. L. (1998), *Op. cit.*, p. 33. (Véase al respecto la explicación que da este autor sobre el procedimiento empleado para solicitar y obtener copias de escrituras. *Ibidem*, pp. 31-34). Al respecto, también De Dios, S. (1993). *Gracia, merced y patronazgo real. La Cámara de Castilla entre 1474 y 1530*. Madrid, incluyéndose la tramitación de las solicitudes a través del Consejo de la Cámara como una gracia o merced real).

<sup>14</sup> De finales del s. XVI destaca Jacob von Rammingen (*Von der Registratur und jren Gebäwen und Regimenten*. Heidelberg, 1571 y *Summarisches Bericht was es mit einer Künstlichen und vollkommenen Registratur fur eine Gestalt*. Heidelberg, 1571). Del s. XVII, Baldassarre Bonifacio (*De archivis liber singularis*. Venecia, 1632), Nicoló Giussàni (*Methodus archiviorum, seu modus eadem texendi ac disponendi*. Milán, 1684), Albertino Barisone (*Commentarius de archivis antiquorum*. s.l., s.a. (entre 1619 y 1636), y Ahasver Fritsch (*Tractatus de jure archivi et cancellariae*, Jena, 1664). Del s. XVIII, Pierre Camille Lemoine (*Diplomatique pratique, ou traité de l'arrangement des archives et trésor de chartes*. Metz, 1765), B. de Bonvouloir (*L=archiviste françois ou méthode sûre pour apprendre à arranger les archives et déchiffrer les anciennes écritures*. París, 1775), J.G. Chevières (*Le nouvel archiviste, contenant une nouvelle méthode de ranger un chartier dont l=ordre chronologique est le base*. París, 1778), Johann Stephan Pütter (*Auleitung zur juristischen praxis*. Gotinga, 1777) y Georg August Brachmann (*Über Archive, deren Natur und Eigenschaften, Einrichtung uns Benutzung nebst praktischer Anleitung für angehende Archivbeante in archivalischen Beschäftigungen*. Amberg-Sulzbach, 1801). (Son útiles las referencias que se hacen a estos autores en las obras de E. Casanova ya citada).

<sup>15</sup> Destacan: Agustín Y Riol, S. (1787). *Informe que hizo a Su Majestad, en 16 de junio de 1726 [...] sobre la creación, erección e institución de los Consejos y Tribunales [...]*. Fue publicado en el *Seminario Erudito de Valladares Sotomayor*, III, pp. 74-236; Melchor De Jovellanos, G. (1790). *Instrucción formada por el Sr. D. Gaspar Melchor de Jovellanos, del Consejo de S.M. en Real de las Órdenes, para el arreglo del Archivo del Monasterio de S. Spiritus de Salamanca, en virtud de comisión de dicho Real Consejo*. Salamanca; *idem*. (1791). *Noticia del principio, progresos y último estado del Archivo General de la Orden de Santiago en el Real Convento de Uclés, mandado publicar por el Real Consejo de las Órdenes*. Madrid. Al margen, hemos de apreciar la manifestación de tratados de paleografía. Estos, en gran medida, motivan la aparición de nuevas suposiciones conceptuales que serán de enorme trascendencia en el futuro inmediato de nuestra disciplina, con acciones que iban desde la oorganización documental hasta su descripción. En este sentido, son importantes los tratados de Paleografía de C. Rodríguez (*Bibliotheca universal de la Polygrafia española*. Madrid, 1738) o los de E. de Terreros y Pando, A. Merino de Jesuchristo, etc.

deberán ya ser tenidas en cuenta en el futuro a efectos de clasificar, ordenar y describir documentos y que tanto incidirán en la doctrina jurídica de la archivística.

- *Archivos para la eficacia administrativa.* La relación entre archivos y administración es bilateral; si por un lado las reformas administrativas condicionan la evolución cuantitativa y cualitativa de los archivos, por otro, éstos inciden en el desarrollo de aquéllas y en su mayor funcionalidad pragmática. Reformas administrativas y despliegue archivístico, en consecuencia, como factores que se retroalimentan. En este orden de cosas, el archivo es considerado como entidad necesaria para el funcionamiento administrativo (piénsese en la exigencia de pruebas en los numerosos procesos, los copiosos documentos de juicio de imprescindible formalidad para cuantiosas cuestiones), y, por tanto, de eficacia relevante tanto para la administración como para los administrados.
- *Elemental y embrionaria red de archivos.* La cada vez mayor organización territorial de la administración, la paulatina jerarquización de organismos, la progresiva interdependencia entre ellos, y la concreción de sus funciones y actividades en unos determinados marcos geográficos, son factores influyentes en la pausada confección de una red de archivos en las Monarquías Absolutas. Contamos con archivos de Estado, con archivos locales, con archivos de organismos intermedios -como son los Adelantamientos- con archivos de Cortes, con archivos foráneos y con abundantes archivos de otras entidades que se escapan al tronco de la administración. Se cuenta, por tanto, con un importante boceto de red de archivos basado en el organigrama institucional cada vez más burocratizado, aunque todavía con ausencias de articulación entre sus órganos, como corresponde a un estado monárquico y señorial<sup>16</sup>.

Pues bien, como intentaremos mostrar en las páginas que siguen, los archivos, cuyo fin principal era la guarda y custodia de documentos escritos, existían en una gran parte de las poblaciones de Extremadura, tanto en las zonas rurales como en las urbanas. Como veremos más adelante, en el Interrogatorio de la Audiencia existe una pregunta concreta que se interesa por la existencia de “archivo público” en el municipio interrogado.

Aunque dentro del concepto actual de archivo público se incluyen diferentes tipos, en el contexto geográfico-temporal del interrogatorio las

---

<sup>16</sup> Rodríguez De Diego, J. L. (1998), *Op. cit.*, pp. 43-53.

autoridades encargadas de redactar la respuesta se refieren, en la gran mayoría de los casos, a los archivos que había en la práctica totalidad de los municipios: los archivos de ayuntamiento (también llamados “de concejo” o “del cabildo”). En ellos se custodiaba, esencialmente, la documentación producida por el ayuntamiento en el ejercicio de sus funciones, la que llegaba a él del exterior y atañía al municipio, y los documentos que formaban el patrimonio documental municipal (fueros, cartas puebla, privilegios...). Por estas funciones principales, podemos afirmar que se trata de un concepto próximo a lo que hoy llamamos “archivo municipal”<sup>17</sup>. Este nombre utilizaremos, fundamentalmente, a la hora de analizar esta cuestión<sup>18</sup>.

La creación de estos archivos está vinculada a la aparición de los concejos en la Edad Media, dada la necesidad de custodiar y conservar documentación de importancia para la localidad. Sus primeros fondos fueron los documentos recibidos de las autoridades de las que dependían<sup>19</sup>, y su funcionamiento se fue desarrollando y regulando en los reinados de los sucesivos monarcas. Como ya hemos comentado, en el momento histórico en el que se desarrolla el interrogatorio, los archivos se habían convertido en un elemento fundamental de la maquinaria administrativa del Estado. La documentación que se custodiaba en ellos servía para afirmar los derechos de la Corona y del Estado para el ejercicio del poder en su territorio, ya que, con la burocratización borbónica, el documento escrito se había convertido en el fundamento de la organización jurídico-política<sup>20</sup>.

Aunque la autoridad responsable del archivo del ayuntamiento era el corregidor (si lo había), el alcalde ordinario o un regidor, quien realmente solía gestionarlo era el escribano del concejo o, en su ausencia, el *fiel de fechos*. Con el paso del tiempo, el archivo municipal fue consolidándose como el depósito de toda la documentación producida y recibida por las autoridades municipales. Según Cayetano Martín, los principales tipos documentales y documentos conservados en los archivos municipales eran los siguientes:

---

<sup>17</sup> Cerdá Díaz, J. (2022). Normas y reglamentos para archivos municipales. *Boletín de la AABADOM*, p. 12.

<sup>18</sup> Para el estudio de los archivos municipales en España, es imprescindible citar la obra de Cerdá Díaz, J. (1999). *Guía bibliográfica de los archivos municipales españoles*. Trea, donde se recoge una gran cantidad de publicaciones sobre este tema. Por otra parte, citamos la clarificadora monografía de M. García Ruipérez y M. C. Fernández Hidalgo, titulada *Los archivos municipales en España durante el Antiguo Régimen* (Universidad de Castilla-La Mancha, 1999), que ha servido de apoyo para elaborar este punto.

<sup>19</sup> García Ruipérez, M., & Fernández Hidalgo, M. C. (1999), *Op. cit.*, p. 19.

<sup>20</sup> Véase: Vivas Moreno, A. (2004). El tiempo de la archivística: un estudio de sus espacios de racionalidad histórica. *Ciencias de la Información*, 33(3), 76-96.

DOCUMENTOS	TIPOS DOCUMENTALES
Reales	Privilegios; provisiones
Relativos al gobierno local	Fueros; cartas puebla; libros de actas; cartas de hermandad; ordenanzas; cartas de poder; nombramientos; mandamientos
De la Justicia	Autos judiciales; sentencias sobre términos
Administrativos	Informes; licencias municipales; registros
De Hacienda	Libros de mayordomazgo; cuentas de propios; padrones; repartimientos

Tabla 1 – Tipos documentales más frecuentes en los archivos municipales modernos<sup>21</sup>.

Estos documentos se recogían en el archivo que, normalmente, existía en la casa consistorial. Era habitual que estuvieran organizados de alguna forma, pero con igual frecuencia podían encontrarse apilados o amontonados sin ningún tipo de ordenación.

Siguiendo las instrucciones proporcionadas por los Reyes Católicos, el archivo debía estar cerrado con *tres llaves*, que solían estar en manos del corregidor o del alcalde, de uno de los regidores y del escribano. Todos debían estar presentes cuando el arca se abría, buscando así garantizar la seguridad de los documentos; sin embargo, estas instrucciones no siempre se cumplían, a veces por falta de medios<sup>22</sup> o bien por negligencia de las autoridades. Además, como en muchas ocasiones la documentación no estaba inventariada, y el escribano del concejo solía ser el mismo durante largos años (a veces toda su vida profesional), había poco control sobre la documentación que éste manejaba.

Además del archivo del ayuntamiento, en algunas poblaciones existían otros como el del pósito, el de la alhóndiga, el parroquial o el particular del escribano. Se ubicaban en distintos lugares, y su casuística es variada, como veremos más adelante en lo que se refiere a los casos extremeños.

<sup>21</sup> Fuente: Elaboración propia, basada en la obra de Cayetano Martín, M. C. (1989), *Op. cit.*, p. 9.

<sup>22</sup> Debemos tener en cuenta que, en los pueblos más pobres, ni siquiera existía casa de ayuntamiento o estaba en condiciones ruinosas, por lo que el archivo debía ser guardado en la casa del escribano o de cualquier autoridad municipal. En 1500 se ordena a los corregidores hacer casas de concejo y cárcel donde no la hubiere, y un arca para custodia de los documentos más importantes. Véase: *Novísima Recopilación de las leyes de España* dividida en XII libros [...] mandada formar por el señor don Carlos IV. Madrid, 1805. Tomo III, Libro VII, Título II, Ley II, p. 281:

Y otrosí, que hagan arca donde estén los privilegios y escrituras del Concejo á buen recaudo, que á lo ménos tengan tres llaves, que la una tenga la Justicia, y la otra uno de los Regidores, y la otra el Escribano del Concejo, de manera que no se puedan sacar de allí; y que quando hubiere necesidad de sacar alguna escritura, la saque la Justicia y Regidores; y que aquél á quien la entregaren se obligue a tornarla dentro de cierto término, y dé conocimiento dello, y quede en el arca del Concejo; y que el Escribano del Concejo tenga cargo de solicitar que se torne....

## 2. Metodología

### 2.1. Selección de las preguntas a analizar

Para el estudio que nos concierne, en primer lugar, hemos rastreado las respuestas habidas en el interrogatorio que hacen referencia a los archivos<sup>23</sup>. El resultado fue la selección para el posterior análisis de las preguntas 5 y 6.

- En la pregunta nº 5 del interrogatorio de la Real Audiencia se indaga sobre la existencia de “archivo público” en cada pueblo, y sobre otros edificios de interés en la localidad. Su texto completo es el siguiente: *“Si hay Casas de Ayuntamiento, ó para el Corregidor ó Alcalde Mayor, y Cárceles, su extensión, y estado, y si hay otros edificios notables; si hay archivos públicos, ú oficios de hipotecas”*<sup>24</sup>.
- La información obtenida mediante esta cuestión se completa con las respuestas a la nº6: *“Como han sido muy graves é irreparables los perjuicios que algunas veces ha ocasionado el abandono de los protocolos, y oficios públicos por muerte de los Escribanos Reales y Actuarios, se tomará en conocimiento en cada Pueblo del destino, que se les haya dado, y si están con el resguardo y seguridad conveniente para evitar su extravío”*<sup>25</sup>. Por tanto, esta cuestión se interesa sobre el destino de los protocolos de los escribanos tras su fallecimiento, debido a “los graves perjuicios” que ocasiona la pérdida de esta documentación.

Como sucede con el resto de los temas, las respuestas que facilitan los distintos pueblos varían, tanto en la extensión como en el detalle que aportan: algunas son escuetas, limitándose a proporcionar en pocas frases los datos requeridos; otras son largas, abordan distintos aspectos y aportan más información.

---

<sup>23</sup> Advertimos que, al transcribir las preguntas seleccionadas y las respuestas proporcionadas en el interrogatorio, procuramos conservar la gramática y puntuación utilizadas por sus autores originales.

<sup>24</sup> Consejo Real de Castilla. (1791). *Interrogatorio formado de orden del Consejo para la visita de la provincia de Extremadura que deben hacer el Regente y Ministros de la Real Audiencia, creada en ella antes de su apertura*. En la Oficina de la Viuda de Marín.

<sup>25</sup> Ídem.

Podemos observar que no existe una pregunta dedicada al archivo público en exclusiva, sino que la averiguación acerca de su estado se integra en la que se hace sobre las instalaciones de la administración municipal que podían existir –o no- en una población, como la casa consistorial, la casa destinada a las autoridades destacadas o la cárcel.

## 2.2 Recursos metodológicos para la sistematización de la información

Seleccionadas las preguntas, se utilizaron tres recursos metodológicos para alcanzar los objetivos propuestos:

### 1. Aplicación de técnicas documentales

Los textos seleccionados han sido sometidos a tratamiento documental, entendido éste como *“el resultado de aplicar técnicas normalizadas (análisis) a un documento para hacerlo más controlable y utilizable (recuperación)”*<sup>26</sup>. Esto ha consistido:

- en primer lugar, el análisis documental, tanto el formal, esto es aquellas operaciones que son necesarias para la identificación y localización del texto; como de contenido, consistente en el proceso intelectual que identifica los conceptos de los que trata cada documento y se representa a través de términos de indexación;
- y, en segundo lugar, la recuperación de la información: tras la realización del análisis documental de los textos y su integración en la base de datos diseñada, los documentos están preparados para ser recuperados mediante la utilización de estrategias de búsqueda adecuadas, diseñadas para solventar las necesidades de información que van surgiendo en el transcurso de la investigación. Al utilizar en este proceso de búsqueda el mismo lenguaje documental que se ha utilizado en la fase de análisis, la recuperación es más eficaz y los documentos obtenidos pertinentes. De la aplicación de las técnicas documentales ha resultado un *corpus* documental, que reúne los textos relacionados con los archivos procedentes de los pliegos de respuestas del interroga-

---

<sup>26</sup> García Gutiérrez, A. L. (1984). *Lingüística documental* (pp. 77-78). Mitre.

torio, y que está tratado documentalmente para facilitar su identificación y su recuperación. Este catálogo de referencias nos servirá, pues, para recuperar la información necesaria en el análisis histórico.

## 2. Las tecnologías de la información

Para almacenar y gestionar la documentación sobre la que hemos basado nuestra investigación, hemos diseñado un sistema de información documental ajustado a las características y necesidades específicas de este trabajo, que facilite la consulta y la recuperación eficaz de la información. Este sistema de información consta de: un gestor documental automatizado sostenido por el programa *Knosys Blue Standalone Professional*; una base de datos principal (IRAE) que recoge las referencias, textos y términos de indización de las respuestas del interrogatorio relacionadas con archivos; tres bases de datos secundarias, que reúnen información complementaria (Partidos, Vecinos y Preguntas); una lista de descriptores controlados, integrada en el propio gestor documental; e instrumentos auxiliares: tablas y gráficos basados en los datos obtenidos de los documentos que hemos analizado, y que han sido elaborados a través del programa EXCEL. El resultado es un sistema de información documental automatizado, elaborado específicamente para la gestión del conjunto documental que hemos seleccionado.

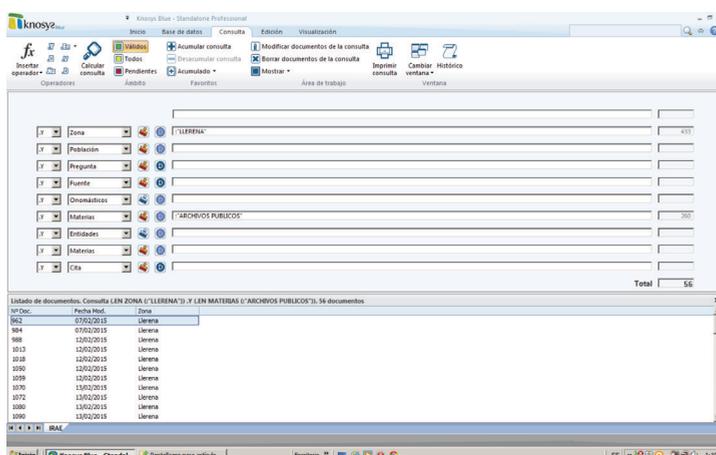


Figura 5 – Imagen de la pantalla de búsqueda de la base de datos principal IRAE.

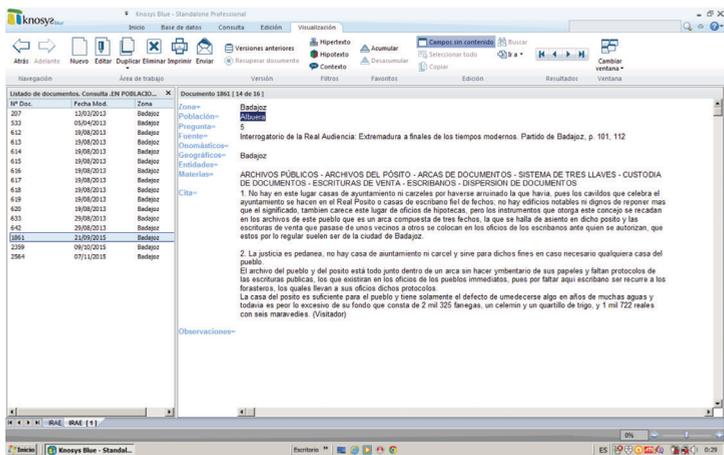


Figura 6 – Imagen de un registro de la base de datos IRAE.

### 3. Análisis histórico de la documentación

Posteriormente, se ha analizado desde un punto de vista histórico la documentación integrada en el sistema de información. Para ello, en primer lugar, se han establecido unos determinados conceptos que están relacionados con los archivos en el marco del interrogatorio. Con objeto de estudiar dichos conceptos, se han realizado numerosas búsquedas en la base de datos IRAE, de las que hemos extraído la información pertinente.

Esta información ha sido organizada y sistematizada, tratada mediante técnicas cuantitativas y cualitativas, analizada en su contexto histórico y geográfico, y valorada críticamente.

La combinación de ambas técnicas nos ha permitido conocer información acerca de los conceptos que vertebran nuestro estudio, que quedan simplificados en la siguiente tabla:

CONCEPTOS-EJE PARA EL ESTUDIO DE LOS ARCHIVOS	
Concepto de archivo	
Análisis material	Distribución por poblaciones
	Ubicación
Análisis documental	Descripción física
	Tipos documentales
Presencia de otros archivos	Problemas de organización y descripción

Tabla 2 – Conceptos-eje para el estudio de los Archivos en Extremadura a fines del s. XVIII a través del interrogatorio de la Real Audiencia.

En definitiva, en nuestro trabajo convergen el análisis documental y el análisis histórico, junto con la utilización de las tecnologías de la información.

### 3. Resultados y análisis

En las páginas que siguen intentaremos analizar los conceptos-ejes que han resultado de nuestro estudio. Sin embargo, antes debemos hacer unas breves puntualizaciones:

- La sistematización de la información, necesaria para realizar el análisis de los archivos en este contexto, ha sido dificultosa, debido a la variada casuística que presentan las respuestas de las distintas localidades a las preguntas relacionadas con este tema.
- Asimismo, debemos advertir que, en las citas que incluimos en el texto y a pie de página, se mantienen la ortografía y la forma de expresión originales.
- Por último, advertimos que los datos del partido de Mérida no están completos, pues han desaparecido los pliegos de respuestas de la mayor parte de las localidades que conformaban el partido: se conservan solamente los de quince de los pueblos, del total de cuarenta que formaban el partido.

#### 3.1. El concepto de “archivo” en las respuestas del interrogatorio

El concepto de “archivo público” parece tener significados diferentes en los distintos pueblos, según se infiere de las respuestas, dando lugar a cierta confusión. Agrupamos los casos que se presentan:

- Frecuentemente, se utiliza la palabra “archivo”, sin especificar más, aludiendo al archivo público.
- En otras respuestas, se identifica “archivo público” con “archivo de ayuntamiento”, pues generalmente éste era el único archivo que existía en un municipio. En él se recogían los documentos del propio concejo, los protocolos de escribanos fallecidos y otros documentos de importancia. Así, parece que se hace referencia a ambos términos indistintamente al hablar de “*el archivo de esta villa*”, “*archivo de*

*papeles pertenecientes a esta villa y su común*"<sup>27</sup>, *"hay archivo publico en dichas casas de ayuntamiento"*<sup>28</sup>, etc.

- A veces se distingue entre "archivo público" y "archivo de ayuntamiento", de forma que se nombran ambos de forma independiente. En estos casos, parece que el archivo de ayuntamiento sólo custodiaba los documentos del concejo, y el público el resto de los documentos<sup>29</sup>.
- Algunas poblaciones cuentan el archivo parroquial entre los archivos públicos<sup>30</sup>, mientras otras no lo hacen.
- En ciertos casos, se niega la existencia de archivo en la población, aunque se indica que "hay un arca para los documentos"<sup>31</sup>. No obstante, esta arca se identifica con un archivo en otros municipios<sup>32</sup>.

Todo ello indica que existe una cierta ambigüedad en el concepto de archivo que se tenía en la época. Por otra parte, en varias respuestas se nombran los archivos del pósito, de los propios, de la alhóndiga, de la escribanía... Sin embargo, no se tienen en cuenta los archivos privados<sup>33</sup>.

Ante la dificultad para distinguir los archivos públicos y de ayuntamiento, hemos optado por contarlos como iguales, excepto en los pocos casos en los que se hace distinción entre ambos en las respuestas.

---

<sup>27</sup> En la localidad de Nogales, por ejemplo.

<sup>28</sup> En Valdecaballeros, por ejemplo.

<sup>29</sup> Son los casos de Almendral, donde se dice que "... en las casas de ayuntamiento se hallan los archibos con tres llaves respectivas a los papeles del cavildo y el de lo publico"; Hornachos: "Se custodian los archivos publico y de la villa" (Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 201); Castuera "...bajo de la misma fabrica el archivo publico y el del ayuntamiento con sus respectivas llaves y en buen estado"; Fuente de Cantos: "hay dos archivos, el uno de lo publico y juzgado [...] y el otro en la sala capitular de esta villa", Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, pp. 102-103; o Galisteo: "Ay zinco archivos públicos, en los quatro se custodian los papeles de las quatro escribanías numerarias que ay y en el otro los pertenecientes a el de este ayuntamiento..." (Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 202.

<sup>30</sup> "Ay solo dos archivos públicos, el uno es el de ayuntamiento y el otro el de la yglesia parroquial"; en Zorita: "Hay archivo publico por lo respectivo a lo eclesiástico, en donde se custodian los libros de parroquia y todos los demás instrumentos pertenecientes a capellanías, cofradías y demás obras pias...". Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 978.

<sup>31</sup> En Marchagaz.

<sup>32</sup> En Solana: "No hay mas archivo que un cajón grande de madera...". Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 562.

<sup>33</sup> No se hace mención a los archivos privados, ya que la pregunta nº 15 no se refiere a ellos en ningún momento.

## 3.2. Análisis material

### 3.2.1. Distribución de los archivos en las poblaciones de Extremadura

Las respuestas indican que un gran número de poblaciones responden afirmativamente a la pregunta sobre la existencia de archivo. En el gráfico siguiente vemos una panorámica general de las poblaciones con y sin archivo público en Extremadura en el momento del interrogatorio:

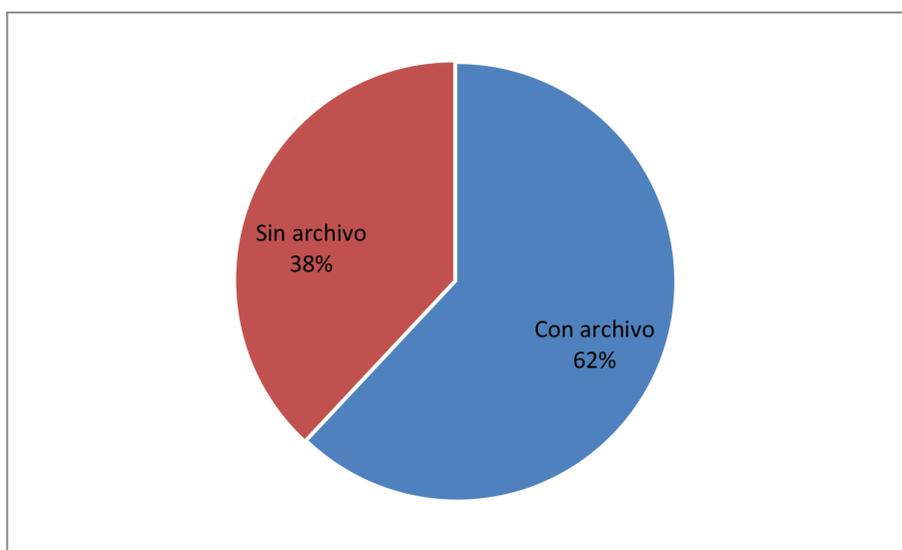


Gráfico 1 – Poblaciones con archivo y sin archivo público en Extremadura (en %).

Observamos que el 62% de los municipios extremeños dispone de archivo público, frente al 38% que no tenía. Estos datos indican que gran parte de los pueblos extremeños cumplía la legislación, vigente desde principios del siglo XVI, que obligaba a disponer de archivo para custodiar la documentación de los concejos. Sin embargo, también resulta significativo el número de localidades (38%) que no disponía de este instrumento, básico para la administración local.

Si desglosamos los datos por partidos, obtenemos el siguiente gráfico, que refleja el porcentaje de poblaciones de cada uno que tenían este tipo de archivo:

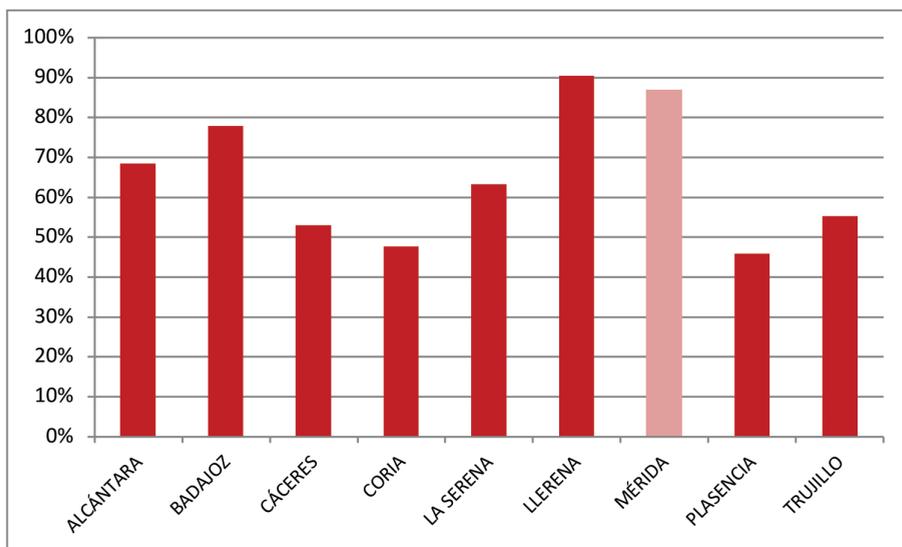


Gráfico 2 – Poblaciones con archivos públicos o de ayuntamiento (por partidos, en %).

Vemos que, en la mayor parte de los territorios<sup>34</sup>, más del 50% de las localidades decían disponer de archivo público, llegando en el caso de Llerena al 90%, y en Badajoz casi al 80%. En el extremo contrario están Plasencia, con archivos en menos de la mitad de sus pueblos, y Coria, que se queda en un 48%; mientras que Trujillo y Cáceres superan por poco el 50%.

Puede ser adecuado relacionar la proporción de los archivos de ayuntamiento con la cantidad de habitantes que había en cada partido y la complejidad documental que se infiere de ello, puesto que, precisamente, Llerena y Badajoz eran los partidos con mayor proporción de vecinos por población, y Plasencia y Coria los que menos tenían. Como indica Cayetano Martín, *“la necesidad de testimonios escritos crece en razón directa a la complejidad de la sociedad que los produce”*<sup>35</sup>.

En general, podemos decir que estos datos muestran, por un lado, el cumplimiento de la legislación vigente, que imponía a los concejos el deber

<sup>34</sup> Como ya se ha explicado, los datos del partido de Mérida no están completos. Por esta razón, en este y otros gráficos aparece atenuado el color de la columna que corresponde a dicho partido. Aun así, podemos decir que los datos de los que disponemos sugieren que Mérida era uno de las demarcaciones que tenía mayor número de pueblos con archivo (casi un 90%).

<sup>35</sup> Cayetano Martín, M. C. (1991). La documentación de administración local en la Edad Moderna. En *El patrimonio documental: fuentes documentales y archivos* (pp. 93-115). Universidad de Castilla-La Mancha.

de disponer de archivo público en una gran parte de las poblaciones<sup>36</sup>; por otro, el interés de las autoridades en demostrar que se cumplía con esta legislación (si bien en muchos casos sus condiciones eran malas: ruina, deterioro, desorden...)<sup>37</sup>; y por último, la necesidad real que existía en los pueblos de habilitar un lugar relativamente seguro para resguardar los documentos importantes, pues éstos eran garantes de sus derechos y de los de sus habitantes. Lamentablemente, en algunos casos las propias autoridades los descuidaban, unas veces por abandono, y otras “por descuido malicioso”<sup>38</sup>.

En cualquier caso, la existencia de un archivo indica la presencia de cultura escrita en una población, así como la intención (mejor o peor conseguida) de preservar los documentos de cualquier daño y mantenerlos en el tiempo.

### 3.2.2. Ubicación del archivo

#### 3.2.2.1. Archivos en la casa de Ayuntamiento

La *casa de ayuntamiento* era el edificio que servía de sede al concejo municipal, y en ella se ubicaban también la cárcel y el archivo. Su existencia en los pueblos y las condiciones en las que se encontraba nos interesan, precisamente, por su influencia en la existencia de archivo y en el estado de conservación de éste.

---

<sup>36</sup> Recordemos que, desde principios del siglo XVI, existía una legislación que imponía que los concejos debían tener un arca con tres llaves para guardar sus privilegios y escrituras; debía existir un control para poder sacar temporalmente del arca cualquier documento; en el arca debía guardarse la legislación vigente; se debía llevar un registro de las cartas y ordenanzas de los reyes, y de los privilegios y sentencias de la población...

<sup>37</sup> Un ejemplo de este interés se muestra en el informe del visitador de Retamal (partido de Llerena), en el que cuenta:

*Están en esta arca mal custodiados los papeles, llenos de polvo, sin orden ni concierto y hasta pocos días antes desta visita ha estado sin llave, la que han hecho hacer el alcalde escribano y la ha entregado a su compañero en vara, para aparentar a mis ojos que la culpa de este descuido, como el mal estado de los papeles y su extravío, no dependía de él [...].* Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, pp. 848-849.

<sup>38</sup> Son palabras del visitador de Hinojosa del Valle, que dice, además:  
*El archivo público ha estado enteramente abandonado, no se hallan los papeles [...] de modo que todos se han apoderado del archivo de sus papeles, de las cuentas de propios y de todos los documentos con que pudieran contextarse las malversaciones, las injusticias que han sucedido y las estafas de los escribanos y fieles de fechos...* (Ibidem, pp. 565-566).

La edificación de una casa de ayuntamiento (que debía tener un “arca de documentos”) en cada pueblo cumplía un precepto de la legislación establecida por los Reyes Católicos a comienzos del siglo XVI -y recordada por monarcas posteriores-, que seguía vigente en el momento del interrogatorio<sup>39</sup>.

El gráfico que sigue representa la proporción de pueblos que disponían de casa consistorial:

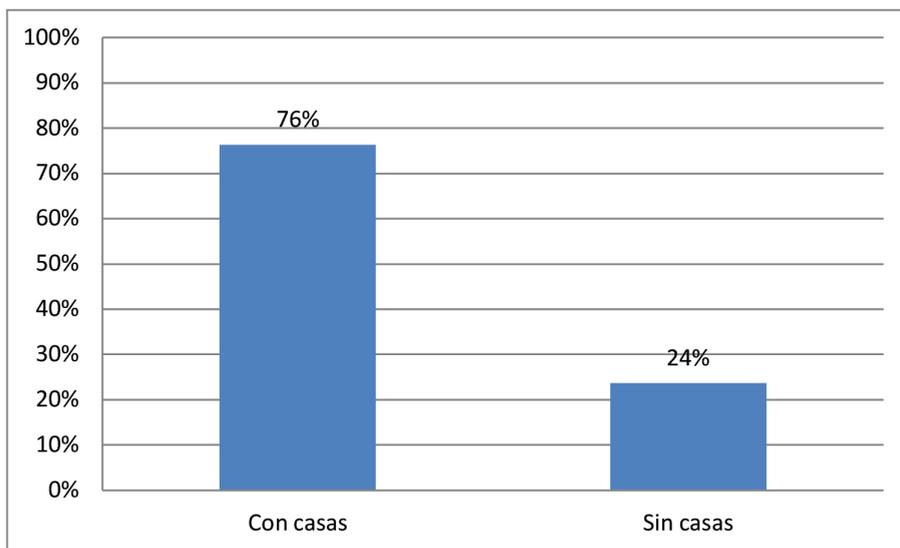


Gráfico 3 – Poblaciones con casas de ayuntamiento y sin ellas (en %).

Como se observa en el gráfico, un 76% de las poblaciones extremeñas tenía casa de ayuntamiento. Sin embargo, destaca que un porcentaje relativamente amplio de los pueblos no tenía dicha casa (24%). Por otra parte, el 16% de las casas consistoriales existentes estaban en malas condiciones, algunas en estado ruinoso e inhabitable. Podemos observar dicha proporción en el gráfico siguiente:

<sup>39</sup> En 1480 ordenan: “Mandamos a todas las Justicias y Regidores de las ciudades y villas de nuestra Corona Real y a cada una de ellas, que no tienen casa pública de Cabildo o Ayuntamiento para se ayuntar, de aquí adelante cada una de las dichas ciudades y villas fagan su casa de Ayuntamiento y cabildo donde se ayunten, so pena que en la ciudad o villa donde no se hiciere, que dende en adelante, siendo por su culpa, los dichos oficiales hayan perdido y pierdan los oficios de Justicias y Regimiento que tuvieren”. *Novísima Recopilación de las leyes de España...*, *Op. cit.*, Libro VII, Título II, Ley I. Por otra parte, en 1500, se ordena a los corregidores a hacer casas de conejo y cárcel donde no la hubiere, y arca para custodia de los documentos más importantes. Véase: *Novísima Recopilación de las leyes de España...*, *Op. cit.*, Libro VII, Título II, Ley II.

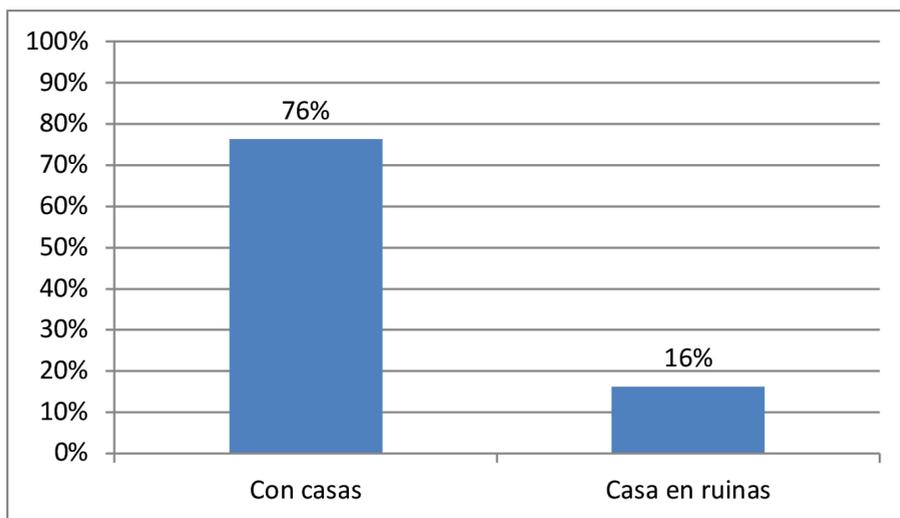


Gráfico 4 – Poblaciones con casas de ayuntamiento, y poblaciones con casas de ayuntamiento en ruinas (en %).

Por tanto, ciñéndonos a la realidad, había casi un 40% de pueblos que, o no tenían casa, o la tenían pero en muy mal estado<sup>40</sup>.

En las respuestas no se explican las razones del deterioro de los edificios, aunque presumimos que la principal sería su antigüedad; sí se indican, en cambio, las razones por las que no se reparan o se construyen otros: la más frecuente es que no había fondos suficientes en el municipio para hacer frente a los gastos. Incluimos, como ejemplo, la respuesta de la localidad de Ibahernando: *“Que no hay casa de ayuntamiento ni cárcel por estar arruinado uno y otro, y hace suma falta, pero no se puede reedificar por falta de fondos [...]”*<sup>41</sup>.

Otra razón que se repite es que, si bien el pueblo disponía del dinero necesario, no se había obtenido el permiso administrativo del Consejo de Castilla, imprescindible para realizar dichas reparaciones o para construir un nuevo edificio. Como es sabido, desde 1760 los gastos de los municipios estaban controlados desde el Consejo a través de la Contaduría General de Propios y Arbitrios del Reino. Este organismo dotaba a cada pueblo de un *reglamento* que describía, entre otras cosas, cuáles eran los ingresos de los que disponía y qué cargas soportaba. Desde la Contaduría se señalaba la cantidad que se

<sup>40</sup> Sólo hemos contabilizado aquí las casas de las que, literalmente, se dice que están en estado ruinoso. Aparte, en otras respuestas se habla de casas de ayuntamiento deterioradas, como son las de Tornavacas, Zarza-Capilla, Riobos, etc.

<sup>41</sup> Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 150.

consideraba adecuada para atender a los distintos gastos municipales y, si un pueblo comprobaba que lo previsto no era suficiente, debía elevar una propuesta de aumento al Consejo de Castilla, justificando la necesidad del mismo<sup>42</sup>.

De ahí que algunos pueblos tuviesen problemas para sufragar sus gastos, aun disponiendo de fondos suficientes, ya que, si querían arreglar, por ejemplo, la casa consistorial, debían solicitarlo al Consejo previamente y obtener su aprobación. Este proceso podía retrasarse mucho tiempo, e incluso podía ser denegada la petición. Así sucede en poblaciones de varios partidos, como Tornavacas, Guadalcanal, Carcaboso, Plasencia, etc. Así, las autoridades de Feria dicen en su respuesta:

*"Hay unas casas de ayuntamiento [...] derrotadas, arruinadas y quar-teadas sus paredes [...] pues aunque para su rehedificación se han hecho varias representaciones exponiendo con justificación la total ruina a que se hallan expuestos dichos edificios y que para su remedio se livrasen del fondo de propios desta villa los caudales necesarios, no se ha conseguido el fin y vendrá a verificarse su total ruina; en cuias casas de ayuntamiento existen los dos archivos correspondientes a papeles de la villa y los de su real posito"*<sup>43</sup>.

En cambio, los pueblos que han conseguido construir casas nuevas las describen con indisimulado orgullo, como sucede en Torre de Miguel Sexmero (Badajoz): *"Se hallan recién construidas casas de ayuntamiento y cárcel [...] están en la plaza publica de esta villa mirando al norte, se componen en el piso bajo de zaguán, sala capitular, un patiecito al costado..."*<sup>44</sup>.

Como hemos dicho, estas condiciones ruinosas de las casas de ayuntamiento repercutían en las condiciones físicas del archivo y en la conservación de los documentos, que llegaban a deteriorarse o destruirse. En la respuesta de Valencia del Mombuey, del partido de Badajoz, se dice: *"El archivo que había en esta villa, como que estaba formado en las casas capitulares y como dicho es que están arruinadas, así de consiguiente se perdieron muchos papeles que había en el"*<sup>45</sup>.

<sup>42</sup> Mediante el control financiero era fácil controlar políticamente a los municipios. Para obtener más información acerca de este procedimiento, remitimos al artículo de Martínez Neira, M. (1997). El municipio controlado: los reglamentos de propios y arbitrios en las reformas carolinas. *América Latina en la historia económica*, 4(7), 9-17.

<sup>43</sup> Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 322.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 604.

<sup>45</sup> *Ibidem*, pp. 629-630.

Para preservar la documentación, en algunas localidades se trasladaba el archivo -o los documentos- a otros lugares, lo que en ocasiones causaba problemas adicionales, como veremos a continuación.

### 3.2.2.2. Archivos en lugares ajenos al Ayuntamiento

A causa de la inexistencia de casa de ayuntamiento, del mal estado de ésta o de su falta de seguridad<sup>46</sup>, en muchos pueblos el archivo se ubicaba en otros lugares. Esto podía originar situaciones problemáticas derivadas de la falta de control de las autoridades sobre los documentos y, en contra de lo que se buscaba, de la inseguridad en la que éstos podían encontrarse.

Por ejemplo, en la respuesta de Villar del Rey, el visitador del partido de Badajoz, Juan Antonio de Ynguanzo, informa:

*"El archivo se halla en la sacristía de la iglesia sin ymbentario, con poco uso y sin que nadie sepa dar razón de lo que contiene, teniendo el escribano en su casa las Ordenes Reales y otros muchos papeles pertenecientes a dicho archivo"*<sup>47</sup>.

En la tabla siguiente mostramos los lugares que se citan en las respuestas como sedes del archivo público, cuando no se instala en las casas de ayuntamiento<sup>48</sup>:

LUGARES DEL ARCHIVO	POBLACIONES
Casa del mayordomo de propios	Santiago del Carbajo Villasbuenas de Gata
Casa del fiel de fechos	Garbayuela Palomero

<sup>46</sup> Así se indica, por ejemplo, en Solana: *"No hay mas archivo que un cajón grande de madera y existe en la parroquia de esta villa por seguridad"*. Ibidem, p. 562.

<sup>47</sup> Sin embargo, la Justicia de este mismo pueblo dice en su respuesta que no existe archivo en el pueblo. Es un caso, entre muchos, de discrepancia entre la información proporcionada por la Justicia de una población, y la de otras fuentes, como el visitador (en este caso) o el párroco (en otros). Véase: Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, pp. 739-740.

<sup>48</sup> Hemos incluido solamente aquellos casos en los que se indica la ubicación en la respuesta a la pregunta nº 5, excepto las que se localizan en la casa de ayuntamiento, que era lo habitual.

<b>Casa del escribano</b>	Bienvenida Cumbre Guadalcanal Talavera la Real (Badajoz) Villar del Rey
<b>Convento</b>	Calera Corte de Peleas (Badajoz)
<b>Iglesia parroquial</b>	Eljas Nuñomoral Puebla del Prior Solana (Badajoz) Villar del Rey
<b>Otros pueblos</b>	La Guarda Trasierra
<b>No se indica</b>	Valle de La Serena (La Serena)
<b>Casa del pósito</b>	Albalá Albuera (Badajoz) Aliseda Baterno Benquerencia Casas de Don Antonio Cilleros Granja de Torrehermosa Hinojal La Coronada Mesas de Ibor Retamal Risco Retamosa Robledillo Salvatierra de Santiago Zarza de Montánchez

Tabla 3 – Lugares donde se ubica el archivo, en varias poblaciones.

Como se puede observar, los sitios son variados. En general, las autoridades procuraban ubicar el archivo en los lugares que se consideraban más seguros, después de la casa consistorial.

Según los datos de la tabla, el sitio elegido con más frecuencia era el pósito. Se trataba de un lugar público donde se custodiaba un arca (el *arca del pósito*) que guardaba los caudales obtenidos de la venta del cereal, con lo que era necesario tenerlo a buen recaudo. Y, por la seguridad que ello requería, en esta arca se guardaban, cuando era necesario, los documentos públicos.

También se indica con cierta frecuencia la casa del escribano (o del fiel de fechos, su sustituto), dado que éste solía ser el auténtico responsable del archivo público, el que redactaba, leía y manejaba sus documentos durante largos años, hasta el punto de que en ocasiones llegaba a considerarlos de su propiedad<sup>49</sup>.

La iglesia era otro sitio elegido para colocar el archivo, pues debía considerarse un lugar seguro. Además, como se desprende de algunas respuestas, podía tener su propio archivo parroquial y guardarse también en él los documentos públicos.

Aun así, la falta de seguridad de los documentos es otro de los rasgos que se repite en varias respuestas. Se trataba de un asunto prioritario, dada la importancia que tenían para los pueblos. No obstante, y además de la inseguridad derivada del mal estado en que se encontraban algunas casas consistoriales, hay veinticinco municipios en cuyas respuestas se hace referencia a la falta de seguridad en la que están los documentos del archivo, ya esté situado en el ayuntamiento o en otro lugar<sup>50</sup>.

La forma que se tenía en esta época de asegurar el archivo, según se infiere de las respuestas del interrogatorio, era, en primer lugar, que estuviese situado en la casa consistorial y que ésta se hallara en las condiciones adecuadas para que los documentos estuviesen a salvo de las inclemencias del tiempo y del fuego<sup>51</sup>. Después, que el archivo (arca, armario, habitación) estuviese cerrado con tres llaves -según establecía la ley promulgada en el siglo XVI- y que cada llave estuviera en manos de una de las autoridades locales, de forma que para abrirlo debían estar presentes las tres personas (como se describe expresamente en varias respuestas), de forma que se evitarían el extravío<sup>52</sup> y el robo de documentos.

---

<sup>49</sup> Por ejemplo, en Talavera la Real llega a decirse: *"No hai archivo publico porque como el oficio de ayuntamiento y numerario pertenecen en propiedad al escribano que los sirve, custodia en su casa los documentos públicos bajo la formalidad de yventario..."*. Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 576.

<sup>50</sup> Por ejemplo, en Malpartida de Plasencia: *"Que ai archivo para custodiar los papeles con poca seguridad..."*; o en Eljas: *"El archivo esta en la Yglesia resumido a cinco arquetas, una con tres llaves, dos con dos, y otras dos con una, todo mal seguro..."*. Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 452.

<sup>51</sup> En Bienvenida, el visitador critica que el archivo está en un armario de la casa consistorial, donde están *"perdidos los papeles del polvo y de la agua llovediza por hallarse situado bajo de la abertura que hay en el techo por donde entra el sol y el agua..."*. Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 296. Y en Monesterio *"los libros y documentos [...] algunos de ellos maltratados, roidos y húmedos por el texado"*. *Ibidem*, pp. 660-661.

<sup>52</sup> Es un peligro real, pues en varios pueblos se informa de que se han perdido documentos; a veces se señala que hay peligro de robo o extravío, como en el archivo de Guadalcanal *"colocados sus papeles en estantes, pero sin cordinación y con peligro de estrabiarse"*. *Ibidem*, p. 150.

Como ya sabemos por los comentarios realizados en algunas respuestas, y sobre todo por las críticas de los visitantes, en una cantidad considerable de pueblos el archivo no reunía estas condiciones.

### 3.2.2.3. Descripción física del archivo

En numerosas respuestas encontramos información relativa al archivo como continente, es decir, el lugar físico en donde se custodiaban los documentos. Cumpliendo la legalidad, estos lugares solían estar cerrados con varias llaves (tres era el número establecido en la ley, y el más frecuente, aunque en algunos casos se cerraba con dos, una o incluso ninguna)<sup>53</sup>, que estaban en manos de distintas autoridades para garantizar la seguridad de los documentos<sup>54</sup>. Así, según nuestros datos, se considera como archivo:

– Un arca

Se trataba de un cofre o baúl de madera, habitualmente con refuerzos metálicos y remaches. En ocasiones, había dos o más arcas para archivar los documentos, o bien se utilizaba un mueble similar<sup>55</sup>. Por lo antes dicho, con frecuencia se le llama “*arca de tres llaves*”. Es el tipo de continente del archivo que con más frecuencia aparece en las respuestas del interrogatorio. Por ejemplo:

*“No hay mas archivo que un cajón grande de madera”* (Solana, Badajoz)<sup>56</sup>.

*“No hai edificios notables [...] ni mas archibo que un arca con tres llaves colocada en las casas de ayuntamiento, donde se guardan los pibilegios de la villa, etc.”* (Villanueva del Fresno, Badajoz)<sup>57</sup>.

---

<sup>53</sup> En Garlitos se dice: “*Hay un archibo incluso en las dichas casas de aiuntamiento con dos llaves, que la una la tiene el alcalde ordinario de primer boto y la otra el escribano numerario...*”; en Hornachos: “*Hai casas consistoriales [...] y custodian los archivos publico y de la villa, este ultimo con tres llaves y los otros con una cada uno...*”. Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 713.

<sup>54</sup> Así se afirma, con mayor o menor detalle, en 50 respuestas a la pregunta 5.

<sup>55</sup> Este tipo de arca se utilizaba como archivo del concejo, pero también podía servir como arca de caudales, o para ambas cosas a la vez. Véase: Zozaya Montes, L. (2011, diciembre 13). *Las arcas de tres llaves en la Edad Moderna: ¿Arcas municipales de archivo o de dinero?* XIV Congreso Nacional de Numismática, Madrid, p. 997-1012. <https://leonorzozaya.files.wordpress.com/2011/08/56-zozaya-2.pdf>

<sup>56</sup> Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 562.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 710.

En la ilustración siguiente mostramos un arca de ayuntamiento de tres llaves<sup>58</sup>.



Figura 7 – Arca de concejo de tres llaves.

– Una alacena o un armario

Por número, es el segundo tipo de archivo que se nombra en las respuestas del cuestionario. Una alacena es un armario empotrado en la pared, mientras que se llamaba armario si era exento. También hay algún caso en que se le llama “taca” (como en Zarza-Capilla, partido de Trujillo). Algunas respuestas en las que se cita este tipo de archivo son:

*“[...] estando en dichas casas una arazena con tres llaves embutida en una de las paredes de su sala, que sirve de archivo para los papeles y arca” (Zahinos, Badajoz)<sup>59</sup>.*

*“[Se desea] un quarto para archivo porque el que hay en el día es mui pequeño de madera, como unas alazenas, en que ni caven los papeles ni tiene la correspondiente seguridad aunque tiene sus tres llaves” (Alconchel, Badajoz)<sup>60</sup>.*

– Una habitación

En algunas (pocas) ocasiones se habla de una habitación que sirve como archivo. Es el caso de Burguillos del Cerro (Badajoz), Valencia de Alcántara (Alcántara) y otras poblaciones:

<sup>58</sup> Concretamente, es un arca de tres llaves ubicada en La Rioja. Fuente: La Rioja.org: El Gobierno de La Rioja en Internet. <https://www.larioja.org/archivos-municipales/es/arca-privilegios>

<sup>59</sup> Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 778.

<sup>60</sup> *Ibidem*, pp. 147-148.

*“Las casas de ayuntamiento son un edificio miserable, siendo lo mejor una pieza en que están los papeles de la villa y en donde se depositan por fallecimiento de sus dos escribanos los protocolos del tiempo de su ejercicio, cuyos registros se encierran dos distintos caxones y cada escribano tiene la llave de los respectivos a su oficio” (Burguillos del Cerro, por el visitador)<sup>61</sup>.*

En la tabla siguiente vemos el número de pueblos que hacen referencia a cada una de estas alternativas de archivo, siempre teniendo en cuenta que, en la mayor parte de los pueblos, no se dice expresamente cómo es éste<sup>62</sup>.

FORMA ARCHIVO	Nº PUEBLOS
Arca	56
Armario	14
Habitación	8

Tabla 4 – Forma física del archivo.

### 3.3. Análisis documental

#### 3.3.1. Tipos documentales conservados en el archivo

Los documentos que se custodiaban en un archivo de ayuntamiento podían ser muy variados, dependiendo de la categoría jurídica de la población, de su tamaño, de la organización de su concejo, etc. En general, podemos decir que en el archivo público se guardaban aquellos documentos que más *“valor”* tenían, los más significativos para la población y sus habitantes: tanto los que producía el concejo al realizar su labor administrativa y judicial, como la que recibía de instancias externas (el rey, los organismos de la administración central, de otros pueblos...).

En la mayoría de las respuestas no se proporciona información a este respecto, o bien se dan indicaciones genéricas, como:

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 273.

<sup>62</sup> Sólo se incluyen aquellos casos en los que las respuestas al Interrogatorio informan de esta circunstancia.

“... ay archivo publico y no ay oficio de hipotecas” (Torno, partido de Plasencia)<sup>63</sup>.

Algunos pueblos facilitan más datos, lo que nos permite comprobar qué tipo de documentos se guardaban con mayor frecuencia en los archivos públicos o de ayuntamiento. Así, es común que se recojan los protocolos de los escribanos ya fallecidos, pues era un precepto legal (si bien frecuentemente incumplido) para preservar información importante para los habitantes de una población. También se nombran los privilegios (garantes de algunos derechos especiales que tenía el municipio, y cuya conservación era, por tanto, importante), y los acuerdos del concejo, de los que el escribano o *fiel de fechos* del ayuntamiento debía levantar acta en un libro destinado a este fin.

En algunas respuestas se hace una relación (si bien poco detallada) de los documentos que guarda el archivo. Son respuestas como:

*“Ay archivo donde se custodia los libros de acuerdos del consejo, cuentas de propios y ordenes”* (Valverde de Burguillos, Badajoz)<sup>64</sup>.

*“[...] una papelera que sirve de archibo colocado en una de las piezas de referidas casas de ayuntamiento, donde se conservan los instrumentos públicos, pleitos, causas, libros de acuerdos que han pasado ante los escribanos que han sido de esta villa”* (Barcarrota, Badajoz)<sup>65</sup>.

*“Ai un arca que sirve de archivo para custodiar las ordenes y cuentas del común”* (Valle de Matamoros, Badajoz)<sup>66</sup>.

Incluimos, a continuación, una tabla donde se resumen los tipos de documentos que se detallan en dichas respuestas:

<b>POBLACIONES</b>	<b>DOCUMENTOS</b>
Aceituna (Coria)	Reales órdenes Cuentas de propios y pósito
Aliseda (Cáceres)	Título de exención concedido por la villa de Cáceres
Azagala (Alcántara)	Reales órdenes con las “económicas para esta administración”

<sup>63</sup> Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 811.

<sup>64</sup> Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 655.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 238.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 674.

Barcarrota (Badajoz)	Instrumentos públicos Pleitos Causas Libros de acuerdos
Cadalso (Alcántara)	Protocolos Acuerdos Papeles concernientes a la causa pública
Fuente del Arco (Llerena)	Libros de acuerdos Privilegios Procesos Protocolos
Galisteo (Coria)	Documentos de las escribanías del número Documentos pertenecientes al ayuntamiento
La Alberca (Coria)	Reales ejecutorias <sup>67</sup> Privilegios Ordenanzas "Otros documentos beneficiosos a este común" Pesos y medidas con las que los fieles de abastos confrontaban las de los comerciantes
Logrosán (Trujillo)	Copias de las Reales Órdenes comunicadas por la superioridad
Navasfrías (Alcántara)	Acuerdos [del concejo] Reales órdenes
Santiago del Campo (Cáceres)	Protocolos de escribanos antiguos
Sierra de Fuentes (Cáceres)	Ordenanzas dadas por la Justicia y regidores de la villa de Cáceres Mojonación del término
Valle de Matamoros (Badajoz)	Reales Órdenes Cuentas del común
Valverde de Burguillos (Badajoz)	Cuentas de propios Reales órdenes
Villanueva del Fresno (Badajoz)	Reales órdenes Repartos de reales haberes para los tributos anuales al Rey Documentos de deslindes de los términos públicos Acuerdos del concejo

Tabla 5 – Tipos de documentos guardados en los archivos de ayuntamiento<sup>68</sup>.

<sup>67</sup> Son provisiones emitidas, en nombre del Rey, por el Consejo Real y las Audiencias y Chancillerías, para ordenar a las autoridades el cumplimiento de la sentencia definitiva que se había pronunciado en un proceso, a petición de la parte interesada en la misma. Véase: Esteves Santamaria, M. P., & García León, S. (2013). Las reales ejecutorias como fuente para el estudio de la historia. *Clio y crimen*, (10), 373-390.

<sup>68</sup> Solo incluimos aquellas poblaciones que indican en sus respuestas los tipos documentales que guardan en su archivo.

Como se puede observar, las reales órdenes son el tipo documental más repetido. Los acuerdos del concejo y los privilegios también son frecuentes, así como los relacionados con los límites territoriales del pueblo.

Hay en las respuestas un caso excepcional, que es el del archivo del Monasterio de Guadalupe. El archivo de éste es "*real y público*", y como tal custodia documentos que se salen de la tónica general. En su respuesta se dice que "*en él se custodian copias de los testamentos de algunas personas reales*", y otros documentos depositados en él por "*diferentes personas ylustres*"<sup>69</sup>. Este es el único caso en el que se nombra al archivero, es decir, a la persona cuya ocupación principal es atender el archivo, y que es "un religioso de probidad".

### 3.3.2. Problemas de organización y descripción documental

Uno de los mayores problemas es la *dispersión documental*. En abundantes localidades los documentos, que debieran estar en el archivo de la villa, se encontraban dispersos en varios lugares para llegar finalmente a perderse su pista. Estos hechos no eran infrecuentes, y solían producirse en diferentes casos:

- Cuando en el pueblo no había escribano. En estos casos había que recurrir a los escribanos de otros pueblos si se necesitaba realizar alguna gestión, y éstos terminaban llevándose la documentación generada a sus lugares de origen. Como ejemplo, el visitador de Albuera relata:

*"El archivo del pueblo y del posito esta todo junto dentro de un arca sin hacer ymbentario de sus papeles y faltan protocolos de las escrituras publicas, los que existirán en los oficios de los pueblos inmediatos, pues por faltar aquí escribano se recurre a los forasteros, los quales se llevan a sus oficios dichos protocolos"*<sup>70</sup>.

---

<sup>69</sup> Todas las citas de este párrafo: Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, pp. 11-12.

<sup>70</sup> En este pueblo de Albuera, el problema de la dispersión de los documentos se combina con la desorganización de los que quedan en el archivo. Véase: Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 112.

- Cuando el escribano de una población se trasladaba a otra, normalmente buscando una mejora económica. Como el escribano consideraba que la documentación formaba parte de su patrimonio solía llevársela a su nueva escribanía, alejándola del ámbito en el que se había creado y de las personas a quienes atañía. Ejemplo de esta situación es el caso de dos escribanos de Salvatierra de los Barros (partido de Badajoz), que dejaron el pueblo para trasladarse a otros, llevándose con ellos la documentación de Salvatierra<sup>71</sup>.

Otro de los problemas es la *desorganización documental*. En las respuestas de veintiocho poblaciones se indica que los documentos estaban desorganizados<sup>72</sup> dentro del archivo, de forma que era difícil localizar uno de ellos cuando era necesario. Así se indica claramente, por ejemplo, en las respuestas de Monroy (Cáceres) o Monesterio (Llerena):

*"[...] aunque también le hay [archivo de ayuntamiento] está en el mismo estado, sin estantes y tirados los papeles en el suelo sin orden ni coherencia [...]"* (Monroy)

*"[...] si ay archivo publico en una pieza que está en lo alto de las casas capitulares [...] aunque con muy mal orden sus papeles, libros y documentos, que no es facil encontrarse el que se nezesite sin mucho trabaxo por estar dislocados, confundidos y revueltos [...]"* (Monesterio)

Por estudios realizados sobre otros archivos -tanto de la época moderna como de otras anteriores- sabemos que los documentos podían estar organizados por temas, y envueltos en sacas o talegas, a veces protegidos

<sup>71</sup> En la respuesta de las autoridades de Salvatierra de los Barros a la pregunta 6, responden: "Los protocolos y oficios públicos de los escribanos reales y actuarios que han fallecido en esta villa se han puesto en custodia en dicho archivo, pero los que actuó Josef Lopez Montesinos luego que dejó estas escribanías por haver logrado las de la villa de la Higuera de Bargas a donde falleció se los llebo y lo mismo ejecuto el escribano Josef Ramos quando fue él la villa de la Torre él obtener las suyas y según se ha oído parece que ya murió ignorándose en que pueblo". *Ibidem*, p. 500. También sucede algo parecido en Alconero (también del partido de Badajoz) cuya respuesta cuenta, con menor detalle, algo parecido: "La falta de proporzion para mantenerse en esta villa escribano real [...] ha sido causa de haberse experimentado ahuzenias y muerte de algunos de los que an residido aquí por algún tiempo y contal motivo podrán haberse perdido algunos instrumentos pertenecientes a sus protocolos...". *Ibidem*, p. 500. O en Atalaya: "Si en algún tiempo a avido escribano real se a llevado los [documentos] que ha trabaxado, y la ignorancia en letras de los condexales y vecinos da merito a que no se sepa mucho de esto", etc. *Ibidem*, p. 224.

<sup>72</sup> En ocasiones se utiliza también la expresión "desordenación" y lo más coetáneo: "desarreglo".

por un pliego de papel o por tela, y atados por una cinta o una cuerda; en el papel podía figurar una descripción breve del contenido o una clave numérica o alfabética. La forma más común de agrupar los documentos en la edad moderna era en legajos: se reunía un conjunto de documentos y se protegían con dos tapas de cartón o madera, atando el conjunto con una cinta o hiladillo. Se informaba de su contenido o de su signatura, bien mediante un cartón más pequeño, sujeto al canto por la cinta, o bien mediante unas anotaciones en el cartón de la portada<sup>73</sup>.

Lamentablemente, en las respuestas al interrogatorio no hemos encontrado referencia alguna a cuáles eran los sistemas que se utilizaban para la organización de los documentos en los archivos extremeños, si bien a través de los comentarios de algunos visitantes podemos establecer algunos elementos que debían ser comunes:

- Los archivos debían tener inventario e índice, lo que se deduce de que los visitantes de varios pueblos critiquen en sus informes que los archivos carezcan de uno u otro, o de ambos. Por otro lado, en ocasiones señalan como elemento positivo la existencia de inventario en el archivo (por ejemplo, en el archivo parroquial de Alcuéscar, partido de Mérida).
- Los documentos debían ordenarse metódicamente. Colegimos esto porque en numerosas respuestas se reprocha el desarreglo y la falta de orden de los documentos<sup>74</sup>; sin embargo, no se indica cómo deberían estar ordenados.
- Los protocolos de los escribanos que se guardaban en el archivo debían estar encuadernados. Así, en algunas poblaciones (como en Tornavacas, del partido de Plasencia) se señala que muchos están desencuadernados<sup>75</sup>.

---

<sup>73</sup> García Ruy Pérez, M., & Fernández Hidalgo, M. C. (1999). *Los archivos municipales en España durante el Antiguo Régimen: regulación, conservación, organización y difusión* (pp. 135-139). Universidad de Castilla-La Mancha.

<sup>74</sup> Por ejemplo, en la respuesta a la pregunta nº 5 de Casas de Don Antonio (Partido de Mérida) se dice que "el archivo en el arca del posito, en que se *guardan los papeles sin método y sin índice*". Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Interrogatorio de la...*, *Op. cit.*, p. 249.

También se critica el desarreglo de los documentos en muchas otras localidades, como Torre de Santa María, Valdefuentes, Torrecilla de los Ángeles, Tornavacas, Retamal, Monesterio, etc.

<sup>75</sup> "*Que por muerte del único escribano del numero y ayuntamiento [...] se recojen sus papeles o protocolos y se llevan a el archibo, pero [...] hay poca formalidad en las llaves, muchos se desencuadernan y otros se sacan y no vuelven, especialmente si tienen interés en ellos los capitulares...*"

Hemos de decir que ciertos visitantes se mostraban especialmente sensibles con respecto a la organización de los archivos, ya que consideraban que era un tema de gran importancia para la administración borbónica. Es el caso del responsable del partido de Llerena, Juan José Alfranca y Castellote, que critica en varios pueblos (como Guadalcanal, Berlanga, Usagre, Ribera del Fresno...) el desorden y deterioro de los documentos en los archivos públicos. Así, de Guadalcanal dice:

*"Hay archivo público de la villa [...] colocados sus papeles en unos estantes, pero sin coordinación y con peligro de estrabiarse y en estado de no poderse servir de ellos los vecinos sin mucha dificultad y casi imposibilidad de encontrar los instrumentos y demás correspondientes a sus derechos"*<sup>76</sup>.

Sin embargo, también encontramos referencias positivas de algunos visitantes sobre el buen orden en que se encontraban los documentos en ciertos archivos, aunque en estos casos no se aportan detalles. Así, el visitador de Torremocha (Partido de Mérida) dice:

*"El archivo [público] excelente, con buen arreglo de papeles, aunque sin índice"*<sup>77</sup>.

Otro de los problemas frecuentes es el *extravío o destrucción de los documentos*. Estos hechos se repiten en un número importante de respuestas (en ochenta y ocho<sup>78</sup> se habla de extravío o pérdida de documentos; en quince, de su destrucción). En estos hechos pueden intervenir varias causas:

- Ruina del edificio: es una de las causas más comunes. Así sucede, por ejemplo, en Trujillo, Valencia del Mombuey (Badajoz), Usagre (Llerena), Oliva (Llerena), Bienvenida (Llerena)<sup>79</sup>, etc.

---

<sup>76</sup> Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Interrogatorio de la...*, *Op. cit.*, p. 150.

<sup>77</sup> Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Interrogatorio de la...*, *Op. cit.*, p. 338.

<sup>78</sup> Las respuestas corresponden a las preguntas 5 y 6, pero también se han tenido en cuenta las de la pregunta 15 (pérdida de ordenanzas) y 7 (pérdida de documentación de pleitos o causas).

<sup>79</sup> En Valencia del Mombuey: *"Las casas de ayuntamiento que hay en esta villa están muy deterioradas por que se ban arruinando de todo [...] y el archibo que había en esta villa, como que estaba formado en las casas capitulares y como dicho es están arruidadas, asi de consiguiente se perdieron muchos papeles que había en él"*. Véase: Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Interrogatorio de la...*, *Op. cit.*, pp. 629-630.

- Robos: como en Hinojosa del Valle (Llerena) o Higuera (La Serena)<sup>80</sup>.
- Ratones: era también un problema común, que se menciona en las poblaciones de Campolugar (Trujillo), Higuera de Vargas (Badajoz) o Garganta la Olla (Plasencia), entre otras<sup>81</sup>.
- Guerras: en Alconchel, Feria, Roca, Torre de Miguel Sexmero (todas del partido de Badajoz), Calzadilla (partido de Coria), etc.<sup>82</sup> Esta causa aparece citada varias veces, pues al ser Extremadura una tierra fronteriza y con frecuentes problemas con Portugal, los enemigos hacían incursiones en las que causaban incendios o llevaban a cabo robos en los que se destruían documentos de importancia.
- Otras causas: como el caso de la huida del escribano de Salvaleón (Badajoz), buscado por la justicia<sup>83</sup>.

Por último, encontramos también *problemas de capacidad* en el archivo. Como consecuencia del aumento del número de documentos que acompaña a la evolución de la sociedad, varios pueblos comentan que el archivo

<sup>80</sup> En el caso de Hinojosa, el robo se llevó a cabo con el fin de destruir pruebas de malversación de caudales públicos: *"El archivo publico ha estado enteramente abandonado, no se hallan los papeles que corresponden a los años desde 1776 hasta 86 y faltan también otros desde dicho tiempo [...] y se dice que 30 años hace fue robado el archivo, que estaba en casa de un particular [...] de modo que todos se han apoderado del archivo de sus papeles, de las cuentas de propios y de todos los documentos con que pudieran contextarse las malas versaciones (sic), las injusticias que han sucedido y las estafas de los escribanos y fieles de fechos"*. Véase: Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Interrogatorio de la...*, *Op. cit.*, pp. 565-566. En cuanto a Higuera, se dice: *"[...] sirve un arca con sus tres llaberos de archivo, y se experimento en cinco de marzo del antecedente año averle falseado las puertas y extrahido el arca fuera del pueblo y quemados todos los papeles [...]"*. Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Interrogatorio de la...*, *Op. cit.*, p. 189.

<sup>81</sup> En Higuera de Vargas: *"Asta pocos años a esta parte se ha notado abandono o poco cuidado con la recaudación y conservación de los protocolos por muerte de los escribanos, notando corta copia de ellos, con dislazeraciones causadas por los ratones que vienen de la panera en cuyo estado se conservan, siguiendo en el dia corrientes los protocolos"*. Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, p. 344.

<sup>82</sup> Incluimos como ejemplo parte de la respuesta de Alconchel a la pregunta 6: *"Que en este pueblo no se hallan papeles mas que de este siglo, pues con motivo de las guerras se han estrabiado y los que hay se hallan en el archibo que queda expresado"*. *Ibidem*, p. 148. En la de Santa Marta (Badajoz) se dice: *"Hai un archivo en la pieza alta consistorial para los papeles de la villa y publico moderno, porque según noticias fue quemado con sus papeles el que havia por los enemigos en las guerras con Portugal en el siglo próximo pasado."* *Ibidem*, p. 538.

<sup>83</sup> *"Habiéndose fugado [el escribano], sin duda por que no se le intimase el destierro temporal que le fue impuesto por la Real Chancilleria de Granada de resultas del pleito [...] se llevó u ocultó todos los dichos papeles ya pertenecientes a la misma villa ya a sus vecinos particulares, con que a causado a una y otros considerables perjuicios, sin que hayan podido haverse los expresados papeles por quantas eficaces diligencias se han practicado"*. *Interrogatorio de la Real Audiencia (Op. cit.)*. *Ibidem*, p. 473.

se ha quedado pequeño para contenerla. Es el caso de Alconchel (Badajoz), Cañamero (Trujillo), Casillas de Coria (Coria) o Campolugar (Trujillo)<sup>84</sup>.

### 3.4. Otros archivos presentes en el interrogatorio

Hemos podido ver cómo en las respuestas se hace referencia a otros tipos de archivos, además de el del ayuntamiento, aunque en mucho menor número: el archivo parroquial, el del pósito, el de la alhóndiga, el de propios, el de juzgado, el de la escribanía, el de obras pías, etc.

En la tabla siguiente indicamos los distintos partidos, con su número total de poblaciones, y a continuación, el número de pueblos que aluden en sus respuestas a archivos distintos de los públicos o de ayuntamiento, es decir: archivos eclesiásticos (normalmente parroquiales), archivos del pósito, de propios...

PARTIDOS	Nº de poblaciones	Con archivos parroquiales	Con archivos de propios	Con archivos del pósito	Otros
<b>ALCÁNTARA</b>	38	2	1	1	0
<b>BADAJOZ</b>	36	2	1	2	0
<b>CÁCERES</b>	17	3	1	2	0
<b>CORIA</b>	42	2	5	2	0
<b>LA SERENA</b>	19	1	0	0	0
<b>LLERENA</b>	41	2	1	2	1
<b>MÉRIDA</b>	15	6	0	1	0
<b>PLASENCIA</b>	61	3	1	1	0
<b>TRUJILLO</b>	78	5	2	6	4
<b>TOTALES</b>	347	26	12	17	5

Tabla 6 – Número de poblaciones que aluden a otros archivos (por partidos).

En esta tabla distinguimos que los archivos nombrados con mayor frecuencia en el interrogatorio, después los analizados anteriormente, son los parroquiales, seguidos de los archivos del pósito y del de los propios. Por su bajo número, incluimos en “otros” los archivos de la alhóndiga y los de escribanos.

<sup>84</sup> Por ejemplo, la respuesta de Alconchel indica: “El [archivo] que hay en el día es mui pequeño de madera, como unas alazenas, en que ni caven los papeles como se dira mas adelante, ni tiene la correspondiente seguridad aunque tiene sus tres llaves”. Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.), *Op. cit.*, pp. 147-148.

– *Archivos parroquiales*: en el gráfico, vemos el porcentaje comparativo de pueblos con archivos públicos y con archivos parroquiales, según los datos obtenidos:

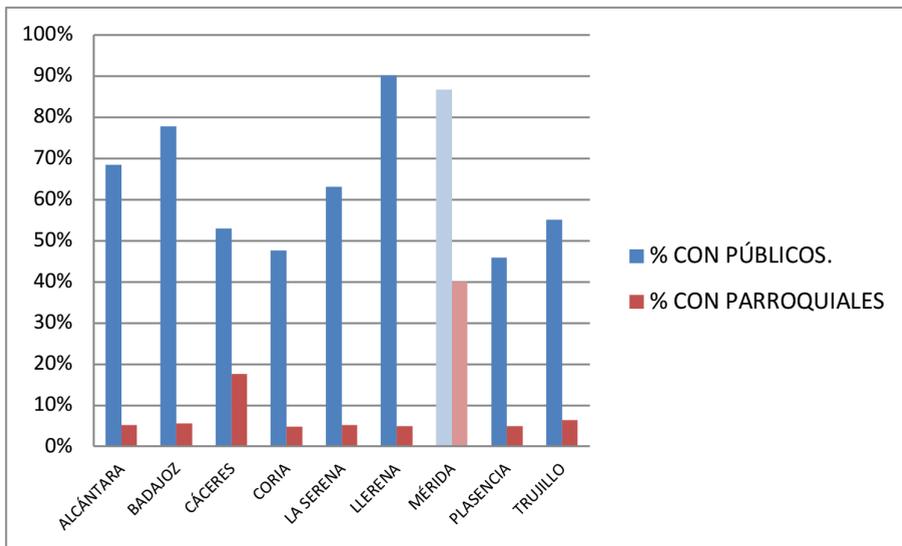


Gráfico 5 – Poblaciones con archivos públicos y con archivos parroquiales (por partidos, en %).

No obstante estos datos, creemos que los archivos parroquiales existían en un mayor número de pueblos, pero no se nombraban en las respuestas por considerar, seguramente, que no entraban dentro de lo que se preguntaba al pertenecer al estamento eclesiástico.

En el gráfico se aprecia que el partido de Mérida destaca con un alto porcentaje de pueblos con archivo parroquial<sup>85</sup>; este dato lo hemos obtenido en todas las ocasiones de las notas aportadas por el visitador (el Conde de la Concepción) tras el pliego de respuestas de cada pueblo, ya que en la propia respuesta de la justicia a la pregunta nº 5 nunca se nombra tal archivo. Esto nos hace pensar que este porcentaje tan elevado es debido -más que a que existieran en Mérida más archivos parroquiales que en el resto de partidos- al interés del propio visitador, que es quien hace referencia a ellos.

El partido de Cáceres es el siguiente en número de veces que se nombran los archivos parroquiales, y tras él, en todos los demás aparece un porcentaje testimonial.

<sup>85</sup> Este dato lo hemos obtenido en todas las ocasiones de las notas aportadas por el visitador (el Conde de la Concepción) tras las respuestas de cada pueblo, ya que nunca se nombra tal archivo en la respuesta de la justicia a la pregunta nº 5.

En cuanto a los documentos custodiados en estos archivos, disponemos de cierta información, ya que se nombran en algunas (pocas) respuestas, como indicamos en la tabla siguiente:

POBLACIONES	DOCUMENTOS
Aliseda (Cáceres)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caudales de la iglesia</li> <li>• Caudales de las cofradías</li> </ul>
Casas de Don Pedro (Mérida)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Libros de bautismo</li> <li>• Libros de matrimonios</li> <li>• Libros de entierros</li> <li>• Cuentas de fábrica, memorias, capellanías y cofradías</li> </ul>
Pasarón (Plasencia)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caudales de la iglesia</li> <li>• Caudales de las cofradías</li> <li>• Escrituras de las obras pías</li> <li>• Títulos de pertenencia</li> </ul>
Zorita (Trujillo)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Libros de la parroquia</li> <li>• Documentos de capellanías</li> <li>• Documentos de las cofradías</li> <li>• Documentos de las obras pías</li> </ul>

Tabla 7 – Tipos de documentos custodiados en los archivos parroquiales<sup>86</sup>.

Vemos cómo en estos archivos se guardaban, además de dinero de la propia iglesia y de las organizaciones que dependían de ella (cofradías, capellanías...), documentos producidos en la parroquia y obligados en su mayoría desde Trento: libros de bautismo, matrimonios y entierros, documentos de las capellanías, cofradías y obras pías, documentos contables y títulos de pertenencia. Y como ya se ha dicho, en ocasiones también se guardaban los documentos públicos. Esto sucedía cuando no había archivo de ayuntamiento, o la casa consistorial estaba en tan mal estado que era inseguro almacenarlos allí<sup>87</sup>.

Los archivos parroquiales se ubicaban dentro de la iglesia del pueblo, generalmente en la sacristía (como en Azuaga, Don Benito y Villar del Rey), o en la capilla mayor (en Torre de Santa María); pero en Zarza de Montánchez se dice que estaba en la casa del párroco.

La ordenación de sus documentos es variable, al igual que ocurre con los archivos públicos de ayuntamiento. Así, en Villafranca se dice que el

<sup>86</sup> Solo incluimos los pocos pueblos que indican los documentos guardados en sus archivos parroquiales.

<sup>87</sup> Así sucede, por ejemplo, en Nuñomoral (partido de Coria).

archivo es "*bueno, pero sin índice*", o en Almoharín que "*se halla bien arreglado y con inventario de papeles*"; mientras que en Valdemorales, el archivo parroquial está "*sin arreglo ni índice*".

*Archivos del pósito*<sup>88</sup> y *archivos de propios*: se trataba en su mayoría de arcas o armarios cuya función principal era guardar el dinero del pósito o el de los propios, según correspondiese, pero que además conservaban también los documentos –generalmente contables– relativos a dichos organismos. Hemos constatado que, en ocasiones, también se situaba en el pósito el archivo público, o bien documentos públicos si no existía tal archivo. Esto sucedía cuando las circunstancias de la casa consistorial o su inexistencia lo hacían necesario.

#### 4. Conclusiones

- El interrogatorio de la Real Audiencia de Extremadura se configura como un instrumento útil para el análisis de los archivos. La confección de un gestor documental automatizado que incluye un corpus documental sobre los mismos, ha resultado ser de gran utilidad para acercarnos al análisis empírico de los archivos como instituciones conservadoras de documentación a finales del s. XVIII en Extremadura.
- La aplicación de las técnicas documentales, las tecnologías de la información y el análisis histórico resultantes han dado como resultado un Sistema de Información Histórica para el Interrogatorio de la Real Audiencia, que nos ha resultado de utilidad para el estudio de los archivos. Entendemos, en consecuencia, que la confección de Sistemas de Información Histórica resulta sustancial no sólo para la gestión y tratamiento de los documentos sino también para el propio análisis histórico.

---

<sup>88</sup> Los pósitos eran instituciones municipales, cuya función principal era almacenar grano, con objeto de mitigar la miseria de los campesinos en los años de malas cosechas. Gracias a ellos se limitaba el precio de los cereales en momentos en los que la escasez del mismo podía hacer subir dicho precio excesivamente (si esto sucedía, los campesinos empobrecidos no podían adquirirlos para la nueva siembra). Pero los pósitos también actuaban como entidades de crédito, prestando a particulares dinero que debían devolver con un interés. Debido al papel que desarrollaban en el mundo rural, su existencia era muy común en los pueblos. Véase: López Pérez, M., & Pérez Morote, R. (2010). La contabilidad de las instituciones municipales del antiguo régimen. *Pecunia*, (11), 177-199.

- De los datos extraídos de las respuestas podemos extraer algunas conclusiones de carácter generalista:
  - o por un lado, la ambigüedad sobre el concepto de “archivo público”;
  - o asimismo, el cumplimiento de gran parte de los pueblos extremeños de la legislación vigente desde principios del siglo XVI que obligaba a disponer de archivo para custodiar la documentación de los concejos, si bien también resulta significativo el número de localidades que no disponía de este instrumento, básico para la administración local;
  - o la *casa de ayuntamiento* era el edificio que servía de sede al concejo municipal, y en ella se ubicaba frecuentemente el archivo. No obstante, en abundantes ocasiones estos edificios se encontraban en condiciones ruinosas, lo que repercutía inevitablemente en las circunstancias físicas del archivo y en la conservación de los documentos, que llegaban a deteriorarse o destruirse. Por otro lado, en muchos pueblos el archivo se ubicaba en otros lugares. Esto podía originar situaciones problemáticas derivadas de la falta de control de las autoridades sobre los documentos y, en contra de lo que se buscaba, de la inseguridad en la que éstos podían encontrarse.
  - o En la mayoría de las ocasiones el archivo era un arca, una alacena o un armario. Cumpliendo la legalidad, estos lugares solían estar cerrados con varias llaves.
  - o Los documentos que se custodiaban podían ser muy variados y, en cualquier caso, de las respuestas se desprende que esto dependía de la categoría jurídica de la población, de su tamaño y de la organización de su concejo. Los tipos documentales más repetidos son las reales órdenes, los acuerdos del concejo, los privilegios y aquella otra documentación relacionada con los límites territoriales del pueblo.
  - o Se observan tres problemas acerca de la organización de la documentación, que de alguna forma hemos heredado: la dispersión documental, pudiéndose hallar documentación en varios lugares para llegar finalmente a perderse su pista, la desorganización, a pesar de la importancia que en reiteradas ocasiones se indica para la administración borbónica, y los problemas de capacidad.
  - o Por último, del interrogatorio se constata la presencia de otros tipos de archivos, además de el del Ayuntamiento, aunque en mucho menor número: el archivo parroquial, el del pósito, el de la alhóndiga, el de propios, el de juzgado, el de la escribanía y el de obras pías fundamentalmente.

- Extremadura no era, a decir de los resultados, una tierra homogénea en el despliegue de los archivos. Podríamos decir que existe un diferente nivel de desarrollo en los distintos partidos, de forma que de los datos recabados se desprende que son Llerena y Badajoz los que alcanzan un mayor nivel, frente a Coria, Plasencia y Cáceres con los resultados más bajos.

## Bibliografía

- Cayetano Martín, M. C. (1989). Archivos municipales en América y España (S. XV-XVIII). *Boletín de la ANABAD*, XXXIX(1), 3-14.
- Cayetano Martín, M. C. (1991). La documentación de administración local en la Edad Moderna. In M. de la A. Serrano Mota, *El patrimonio documental: fuentes documentales y archivos* (pp. 93-115). Universidad de Castilla-La Mancha.
- Cerdá Díaz, J. (1999). *Guía bibliográfica de los archivos municipales españoles*. Trea.
- Cerdá Díaz, J. (2002). Normas y reglamentos para archivos municipales. *Boletín de la AABADOM*, 13(2), 7-14.
- Consejo Real de Castilla. (1791). *Interrogatorio formado de orden del Consejo para la visita de la provincia de Extremadura que deben hacer el Regente y Ministros de la Real Audiencia, creada en ella antes de su apertura*. En la Oficina de la Viuda de Marín.
- Esteves Santamaria, M. P., & García León, S. (2013). Las reales ejecutorias como fuente para el estudio de la historia. *Clio y crimen*, (10), 373-390.
- Fernández Bajón, M. T. (2000). Desarrollo legislativo y estructuras administrativas en materia de política documental en España: de la Constitución de Cádiz de 1812 al reinado de Isabel II. In J. López Yepes (Coord.), *Teoría, historia y metodología de las Ciencias de la Documentación (1975-2000)* (pp. 439-452). Universidad Complutense.
- Fernández Bajón, M. T. (2001). Disposiciones legislativas sobre políticas de archivos y bibliotecas en la España del siglo XIX. *Documentación de Ciencias de la Información*, (24), 45-77.
- Fernández Bajón, M. T. (2000). La acción del Estado español en materia de política documental desde el reinado de Isabel II hasta finales del siglo XIX. *Cuadernos de documentación multimedia*, (10), 579-591.
- García Gutiérrez, A. L. (1984). *Lingüística documental*. Mitre.
- García Ruipérez, M., & Fernández Hidalgo, M. C. (1999). *Los archivos municipales en España durante el Antiguo Régimen: regulación, conservación, organización y difusión* (pp. 135-139). Universidad de Castilla-La Mancha.
- López Pérez, M., & Pérez Morote, R. (2010). La contabilidad de las instituciones municipales del antiguo régimen. *Pecunia*, (11), 177-199.
- Martinez Neira, M. (1997). El municipio controlado: los reglamentos de propios y arbitrios en las reformas carolinas. *América Latina en la historia económica*, 4(7), 9-17.
- Novísima Recopilación De Las Leyes De España*. (1805). [s.n.].

- Pastor Abaigar, V. (1993). Archivo municipal de Los Arcos: historia y organización actual. *Príncipe de Viana*, 54(198), 195-220.
- Rodríguez Cancho, M., & Barrientos Alfageme, G. (Dir.). (1993-1996). *Interrogatorio de la Real Audiencia: Extremadura a finales de los tiempos modernos*. Asamblea de Extremadura.
- Solano Macías, C. & VIVAS MORENO, A. (2018). *La cultura escrita en Extremadura a finales del siglo XVIII a través del interrogatorio de la Real Audiencia*. Trea.
- Vivas Moreno, A. (2004). El tiempo de la archivística: un estudio de sus espacios de racionalidad histórica. *Ciencias de la informação*, 33(3), 76-96.
- Zozaya Montes, L. (2011, diciembre 13). *Las arcas de tres llaves en la Edad Moderna: ¿Arcas municipales de archivo o de dinero?* XIV Congreso Nacional de Numismática, Madrid, pp. 997-1012. <https://leonorzozaya.files.wordpress.com/2011/08/56-zozaya-2.pdf>



# Arquivística Musical Histórica aplicada a arquivos de Bandas de Música: um olhar sobre o estado da questão

## Historical Music Archival Science applied to Wind Bands archives: a look at the state of the matter

ANA RAQUEL COELHO

Doutoranda em História, Especialização em Arquivística Histórica na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
a56700@campus.fcsh.unl.pt  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3140-369X>

Artigo entregue em: 29 de janeiro de 2023

Artigo aprovado em: 26 de abril 2023

### RESUMO

O artigo *Arquivística Musical Histórica aplicada a arquivos de Bandas de Música: um olhar sobre o estado da questão* pretende compreender o momento atual da Arquivística Musical Histórica quanto a normas, terminologia e metodologias associadas, quanto ao tratamento arquivístico dado aos arquivos de Bandas de Música e quanto à importância dos arquivos nos estudos sobre Bandas de Música militares e civis.

Este artigo assume como assunto central a Arquivística Musical Histórica como disciplina em construção que alia um olhar normativo, conceptual e teórico que importa da Arquivística Musical e um olhar problematizante e contextual que importa da Arquivística Histórica. A Arquivística Musical Histórica é assim observada quanto aos seus conceitos, teorias e metodologias, como potencial contributo para o estudo das Bandas de música. Para o efeito procedeu-se a

um levantamento do Estado da Arte relativo a autores, conceitos, metodologias e normas para a Arquivística Musical, bem como o levantamento e análise de uma série de arquivos de Bandas de Música nacionais e internacionais, tratados arquivisticamente e/ou divulgados *online*.

Assim, foi possível compreender como, de uma maneira geral, ainda não existe um quadro normativo amplamente aplicado a arquivos musicais, como os de Bandas de Música e que o seu tratamento Arquivístico não corresponde a uma tendência, no entanto quando acontece, surge acompanhado da consciência de que tratar e divulgar o arquivo de uma Banda de Música contribui para a preservação e conhecimento da História do agrupamento em causa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquivística Musical; Arquivística Musical Histórica; Bandas de Música; Descrição Arquivística; Instrumentos de Descrição Arquivística.

### **ABSTRACT**

The article *Historical Musical Archiving Science applied to Wind Bands Archives: a look at the state of the matter* intends to understand the current moment of Historical Musical Archiving Science in terms of norms, terminology and methodologies, regarding the archival treatment given to Wind Bands Archives and how much the importance of these Archives in studies of military and civil Wind Bands.

This article takes as its central subject Historical Musical Archival Science as a discipline under construction that combines a normative, conceptual and theoretical perspective that is important from Musical Archival Science and a problematizing and contextual perspective that is important from Historical Archival Science. Historical Musical Archival Science is thus observed in terms of its concepts, theories and methodologies, as a potential contribution to the study of Wind Bands. For this purpose, a survey of the State of the Art was carried out regarding authors, concepts, methodologies and standards for Musical Archival Science, as well as an analysis of a series of national and international Wind Band Archives treated archivistically and /or posted online.

Thus, it was possible to understand how, in general, there is still no normative framework widely applied to Music Archives, such as those of Wind Bands and that their Archival treatment does not correspond to a trend, however when it happens, it is accompanied by the awareness that treating and disseminating the Archive of a Wind Band contributes to the preservation and knowledge of the History of the groups in question.

**KEYWORDS:** Musical Archival Science; Historical Musical Archival Science; Wind Bands; Archival Description; Archival Description Tools.

## Introdução

A documentação de música tem característica e um público interessado muito específico, nomeadamente pela forma como regista a sua mensagem através de um código próprio, a notação musical, fazendo com que o seu tratamento arquivístico possa incluir músicos e musicólogos ou arquivistas e bibliotecários com conhecimentos musicais (Serafim, 2014, p. 406).

A disciplina Arquivística tem carácter normativo, atuando ativamente sobre os arquivos tendo por base metodologias, teoria e conceitos globalmente aceites e aplicados. A ISAD(G) é precisamente a *Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística* atualmente em uso, não obstante de, tal como as ODA, *Orientações para a Descrição Arquivística* em aplicação em Portugal, ser pouco satisfatória para a descrição de documentação musical (Serafim, 2014, p. 407) que, pelas suas características diferenciadoras, justifica a necessidade de criar uma disciplina de Arquivística Musical.

Apesar dos contributos teóricos, metodológicos e conceptuais de autores como Maria Clara Assunção, Esteban Cabezas Bolaños, Catarina Serafim, Fernando Lacerda Duarte, Amanda Gomes, André Guerra Cotta ou Paulo Castagna, atualmente ainda não devemos admitir a existência de uma Arquivística Musical, e muito menos de uma Arquivística Musical Histórica, capaz de gerir e avaliar um Arquivo musical histórico com base num quadro normativo comumente aceite, observando-o tendo em conta a forma como a documentação foi produzida e transformada em arquivo, o seu percurso, os seus contextos e a história do seu produtor<sup>1</sup>.

Os arquivos pessoais e familiares têm recebido especial atenção por parte da visão nacional de Arquivística Histórica<sup>2</sup>, sendo curioso observar como foi precisamente no sentido do estudo de arquivos pessoais que se

---

<sup>1</sup> A partir da proposta para Arquivística Histórica apresentada em Rosa & Nóvoa (2018).

<sup>2</sup> Vejam-se, por exemplo as referências de Rosa & Nóvoa (2018) ao congresso *Casa Nobre: um património para o futuro* em 2008, os colóquios internacionais *Arquivos de família, séculos XIII-XIX: que presente, que futuro* e *D. Álvaro da Costa e sua descendência, sécs. XV-XVII: pode, arte e devoção* em 2010 e 2011 respetivamente, o seminário internacional *História dos arquivos e da informação: um campo de investigação* em 2012, Projeto *INVENT.ARQ. – Family archives inventories, 15th-19th centuries: from management and proof to lost memories. Rethinking the premodern archive* entre 2014 e 2015 ou a *ARQUIVÍSTICA HISTÓRICA* — Base de dados dos trabalhos arquivísticos desenvolvidos em âmbito de teses de doutoramentos em História, especialidade de Arquivística Histórica, desde janeiro de 2014). Rosa (2021) volta a referir o Projeto *INVENT.ARQ* e a *ARQUIVÍSTICA HISTÓRICA*, mas refere também, por exemplo, o projeto *ARQFAM – Arquivos de família, arquivos de comunidade(s). Arquivística, História, herança cultural*, desde 2015 e o Projeto *VINCULUM. Entailing perpetuity. Family, Power, Identity. The Social Agency of a Corporate Body (Southern Europe, 14th-17th Centuries)*.

registaram os primeiros trabalhos que, em Portugal, podemos remeter para uma Arquivística Musical Histórica. Refiro-me a Serafim (2013) a propósito do Arquivo pessoal de Alfredo Keil e Assunção (2017) sobre o Espólio de Joly Braga Santos. Assim, e admitindo que os arquivos musicais podem ser “acumulados por entidades individuais ou coletivas por efeito de atividade musical” (Assunção, 2017a) compreende-se a importância de observar, também, em Portugal arquivos de entidades musicais coletivas, como as Bandas de Música, segundo o mesmo tipo de lógica, e tendo em consideração a ausência de estudos sobre estes.

É, pois, neste sentido que se desenvolve o presente artigo, que parte de um breve Estado da Arte sobre as questões normativas, teóricas, metodológicas e conceituais que podem nortear uma Arquivística Musical Histórica, e procura observar alguns arquivos<sup>3</sup> com documentação de Banda de Música à luz da sua divulgação, conteúdo e instrumentos de pesquisa, procurando compreender: 1) o paradigma atual da Arquivística musical Histórica, nomeadamente quanto a normas, terminologias e metodologias; 2) o paradigma atual de tratamento arquivístico aplicado a Banda de Música; e 3) a importância/ o papel dos arquivos de Bandas de Música nos estudos sobre as mesmas.

## 1. Arquivística Musical Histórica: enquadramento conceptual, teórico e metodológico

Por Arquivística Musical Histórica pode assumir-se uma corrente da Arquivística Histórica associada a arquivos musicais históricos e, portanto, também a uma Arquivística Musical.

O que neste trabalho se assume por Arquivística Histórica é uma área interdisciplinar entre a História e a Ciência Arquivística<sup>4</sup>, que tem em conta um conceito de “arquivização” como área de estudo do contexto histórico e cultural da formação de arquivos, conforme defendido por E. Katelaar, o quadro conceptual da Ciência da informação e a necessidade de se contextualizarem historicamente de forma problematizante os arquivos (Rosa, 2021,

---

<sup>3</sup> São mencionados/ as a *U.S. Army Corps of Engineers Digital Libraries*, o *Acervo Arquivístico da Marinha do Brasil*, o *International Bomber Centre Digital Archive*, o *Arquivo Histórico da Força Aérea Portuguesa*, a *University of Wisconsin-Madison Libraries*, a *Library of Congress*, a *University of South Carolina Libraries*, a *University of Salford Libraries*, a *University of Arkansas Libraries*, o *Arquivo Histórico da Marinha Portuguesa*, o *The Brass Bands Archive*, o *The Wind Band Symphony Archive* e o *Arquivo da Black Dyke Band*.

<sup>4</sup> Assume-se o termo Ciência Arquivística por tradução da autora de *Archival Science*.

pp. 64-65). Assim, a investigação em Arquivística Histórica deve tomar os arquivos como objetos de estudo procurando estudar a produção institucional de informação e a sua transformação em arquivos na História, tendo em conta o(s) contexto(s), as múltiplas faces possíveis para um arquivos e os processos de “documentalização”<sup>5</sup>, a partir de arquivos existentes e contemplando informações de fontes diversas sobre os aspetos mencionados. Para a investigação nesta área é importante: 1) a caracterização histórica das instituições produtoras dos Arquivos; 2) a construção de modelos orgânicos de tratamento Arquivístico; 3) a análise das formas de uso e arquivo; 4) a contextualização das práticas e a interpretação de significados; 5) o percurso da informação; e 6) a resposta a questões historiográficas mais amplas (Rosa & Nóvoa, 2018, p. 100).

A Arquivística Musical Histórica é, ainda, “uma disciplina em construção” (Assunção, 2017a) que além de contar com o contributo da Arquivística Histórica, conta também com o contributo de uma Arquivística Musical, sendo assim interdisciplinar e chamando a si Arquivistas, Historiadores, Músicos e Musicólogos.

Os conceitos de Arquivo Musical e Arquivística Musical são o primeiro contributo da Arquivística Musical e apresentam-se como basilares para uma Arquivística Musical Histórica. Neste sentido, se por Arquivo assumirmos a “acumulação natural de documentos produzidos e recebidos por uma pessoa, família ou instituição, no decurso, em decorrência e função de uma atividade” (Assunção, 2017a), por Arquivo Musical podemos ter “o conjunto de documentos em qualquer forma ou suporte acumulados por entidade individual ou coletiva por efeito de atividade musical” (Assunção, 2017a). De igual modo, por Arquivística Musical podemos assumir o “campo de conhecimento que alia conceitos e técnicas da Arquivologia<sup>6</sup> tradicional às necessidades específicas para o tratamento técnico de acervos ligados à música” que podem incluir partituras manuscritas e impressas, discos e documentos mais tradicionais como cartas (Cotta, 2006, p. 15). Por conseguinte, pode assumir-se por Arquivística Musical Histórica “o conjunto de ferramentas conceptuais e operacionais, junto com as metodologias próprias da Arquivística, cruzadas com as da Musicologia e da História, que permitem abordar de forma orgânico-diacrónica um Arquivo musical” (Assunção, 2017a).

---

<sup>5</sup> Entenda-se por “documentalização” a produção e registo de informação de um “produtor com regras institucionais prévias muito formalizadas (...) porém constantemente negociadas e selecionadas” devendo considerar-se para este conceito a possibilidade de que um documento pode não documentar “o real” (Rosa, 2017, p. 570).

<sup>6</sup> Assume-se por Arquivologia o termo em uso no Brasil para a Arquivística.

Ainda que, desde cedo, se tenha estabelecido dentro da sociedade ocidental, o Arquivo musical carece de fundamento teórico-metodológico no contexto da Arquivística moderna no sentido de uma aplicação prática (Bolaños, 2005, p. 84) mesmo que a IAML<sup>7</sup> já tivesse, em 1952 criado as *Rules for cataloging music manuscripts*; que decorrentes da criação do RISM<sup>8</sup> tenham surgido as normas internacionais para catalogação de fontes musicais do RISM; e que em 1970 a ISBD<sup>9</sup> tenha criado a primeira normativa internacional para a informação bibliográfica e em 1980 se tenha desenvolvido a ISBD-PM para a bibliografia de Música impressa (Cotta, 2000; Serafim, 2013). No entanto, deve ter-se em consideração que, ainda que possam ser um contributo, os documentos produzidos pela IAML e pela ISBD vão no sentido de orientarem o tratamento bibliográfico/ por Bibliotecas, não sendo propriamente arquivísticos. A normativa RISM, criada por Musicólogos para fundos musicais, dá especial ênfase à sua versão criada para manuscritos entre 1600-1850, ainda que tenha aplicabilidade extensível a obras anteriores e posteriores a estas datas, bem como a obras impressas (Cotta, 2000). RISM, que apesar de tudo é o principal e com maior impacto objeto normativo para arquivos musicais, tem associada a si, fichas de descrição próprias compostas por três categorias de dados: 1) elementos básicos de descrição; 2) Notas; e 3) *Incipits*<sup>10</sup> (musicais), sendo de preenchimento obrigatório os campos referentes ao nome do autor, aos títulos uniforme e próprio e forma, ao tipo de documento e sua extensão, bem como se se trata de um documento manuscrito ou impresso, o(s) *Incipit* musical(is) o Arquivo/ Biblioteca, cidade e país e a assinatura (Cotta, 2000). Neste sentido esta Norma não permite a sua aplicabilidade em contextos mais gerais, nem a sua utilização por profissionais sem conhecimentos musicais.

De qualquer forma, é importante deixar claro que não existe para a documentação musical um quadro normativo comumente aceite e amplamente aplicado, como se verifica com o ISAD(G) e, em Portugal, as ODA, para documentação generalista e administrativa. Estas normas gerais, do ponto de vista da documentação musical, ainda que possam ser uma boa base de trabalho, são pouco satisfatórias porque as respostas que apresentam são muito genéricas para uma documentação maioritariamente procurada por um público muito específico, composto em grande parte por Músicos, Musicólogos, Estudantes e outros interessados em informação concreta (Serafim, 2014, p. 407).

---

<sup>7</sup> IAML: International Association of Music Libraries.

<sup>8</sup> RISM: Répertoire International de Sources Musicales.

<sup>9</sup> ISBD: International Standard Bibliographical Description.

<sup>10</sup> Por *Incipit* musical assume-se um pequeno excerto musical que identifica a obra.

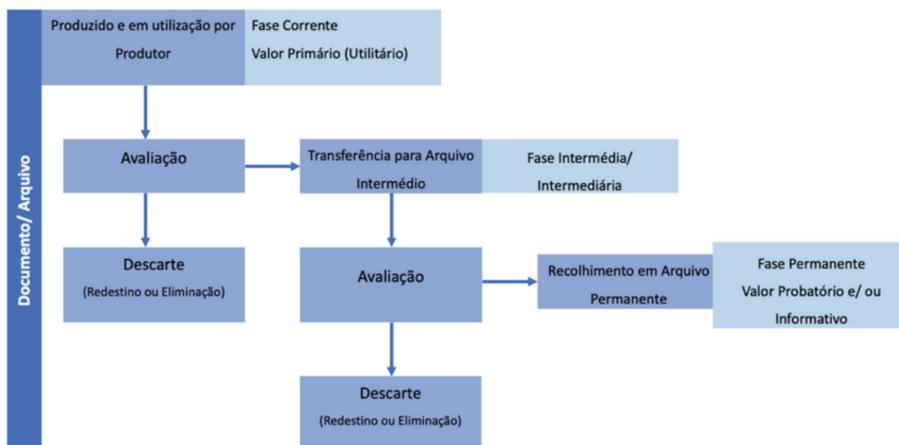
Os arquivos musicais são arquivos especializados que podem incluir partituras e partes<sup>11</sup> de concertos, sinfonias, suítes, óperas ou outras peças avulsas, por exemplo, bem como cartas, autógrafos, material iconográfico, programas de concerto e recortes de jornal (Haddad & Castro, 2016). Não obstante, para o estudo Musicológico podem também contribuir registos sonoros e audiovisuais, libretos e textos, escritos pessoais, tratados sobre Música, documentação governamental e institucional, estatutos e regulamentos, entrevistas pessoais, instrumentos musicais, objetos, livros de contas, cerimónias, dossiers de oposição, documentação avulsa, livros sacramentais, documentos pontifícios, de notário ou cartório, críticas ou anúncios, cartazes, correspondência ou instrumentos de pesquisa como Guias, Inventários, Catálogos, Índices<sup>12</sup> ou Bases de Dados (Gómez González et al., 2008, como citado em Duarte, 2018) e portanto este tipo de materiais também pode, em alguns casos, integrar arquivos musicais.

Qualquer arquivo ou documento tem um ciclo vital. De uma maneira geral, o ciclo vital da documentação é constituído por três fases/ idades: 1) fase corrente em que os documentos estão em uso funcional e, portanto, têm valor primário/ utilitário; 2) a fase intermediária ou intermédia em que findo o seu uso funcional, o documento é mantido porque ainda pode ser necessário consultá-lo ou em função de prazos legais ou de outras questões associadas à atividade que o originou e 3) a fase permanente, com recolha e preservação, em que o documento tem valor informativo ou probatório (Cotta, 2006, pp. 21-22). Não obstante, a forma como a documentação musical se comporta perante este ciclo e estas lógicas de atribuição de valor é distinta, porque o valor primário de uma Obra musical (de uma partitura no seu sentido lato) tendencialmente não se perde, pois é sempre possível que esta seja tocada. Assim, a fase intermédia e permanente de uma partitura segue lógicas de perda de significado social e institucional, com recolhimento pela diminuição ou encerramento da sua utilização (Castagna, 2016, p. 214) podendo sempre ser recuperada para fase corrente.

---

<sup>11</sup> Assume-se, neste contexto, por partitura tanto o seu sentido lato de documento referente à representação gráfica com recurso à notação musical de uma obra musical, como os conceitos estritos defendidos por Cotta (2000) de partitura como um documento musical com todas as partes ou vozes de uma obra musical, e parte como o documento com a música de uma obra musical para apenas uma voz ou instrumento.

<sup>12</sup> Por Guia tem-se um instrumento de descrição com visão ampla e geral de um Arquivo; por Inventário um instrumento de descrição que apresenta a relação e breve descrição dos itens; por Índice um instrumento de descrição secundário em forma de lista ordenada de termos selecionados e indicações referenciais de localização; e por Catálogo um instrumento de descrição especializado, metódico e minucioso da totalidade do fundo, peça a peça, permitindo a sua fácil localização (Gomes, 2017, p. 6).



Esquema 1 – O ciclo vital da Documentação e os processos de Avaliação documental<sup>13</sup>.

Conforme apresenta o Esquema 1, acima, a atividade arquivística, segundo Cotta (2000) relaciona-se com o ciclo vital da documentação e dos arquivos e deve incluir processos de gestão de documentos e de avaliação (com determinação do destino dos documentos/ arquivos para transferência, recolhimento ou descarte por redestino ou eliminação).

A Avaliação é importante por estar presente em todas as fases do ciclo de vida dos documentos e arquivos e por definir o seu destino, podendo a necessidade de conhecer/ estudar biograficamente a entidade produtora (Cotta, 2000) atestar a importância deste processo. Já a gestão arquivística é absolutamente relevante pela sua complexidade, atestada pela sua divisão em processos de arranjo/ classificação, descrição e disseminação.

Efetivamente, após recolha em arquivo permanente de um arquivo, fundo ou série, procede-se ao seu arranjo/ classificação, isto é, a uma série de operações intelectuais e materiais que o organizam, uns em relação aos outros, lhe atribuem números de identificação, os colocam, por exemplo, em pastas, caixas ou latas e os ordenam em estantes. Para este processo contribui a realização de um quadro de classificação (esquema de trabalho para o encaixe, isto é, para a operação prática de ordenação física do material) e a análise e estudo biográfico do produtor (Cotta, 2000, pp. 64-66). À classificação segue-se a descrição, um processo normalizado internacionalmente pela ISAD(G), que é uma atividade fundamental dos arquivistas e que vai no sentido de apresentar valores secundários dos documentos,

<sup>13</sup> Esquema da autoria da autora a partir de Cotta (2000).

difundir conteúdo informacional e dar aos investigadores e restante público interessado conhecimento prévio dos documentos e capacidade de os identificar e localizar (Cotta, 2000, pp. 73-75). Além de bases de dados podem resultar dos processos de descrição instrumento de descrição como guias, inventários, catálogos ou índices<sup>14</sup>.

Os instrumentos de pesquisa/ descrição são o principal meio de disseminação das instituições arquivísticas, especialmente procuradas por um público-alvo muito específico de investigadores e/ ou estudantes. Contudo estas instituições não devem deixar de procurar adotar políticas de disseminação / divulgação que podem incluir, entre outras coisas, a atividade editorial, a realização de visitas, palestras e exposições ou a criação de filmes (Cotta, 2000, p. 107).

## 2. A importância dos arquivos e o contributo da Arquivística para os estudos sobre Bandas de Música

Para observar a importância dos arquivos e o contributo da Arquivística para os estudos sobre Bandas de Música importa observar as tendências da Arquivística Musical. Assistem-se, neste âmbito, a duas tendências: 1) estudos de carácter geral que remetem para as questões conceptuais e metodológicas que sustentam a Arquivística Musical, bem como os autores que têm contribuído para o seu desenvolvimento<sup>15</sup> e 2) estudos que, devidamente enquadrados e sustentados teórico-metodologicamente, aplicam a metodologia do Estudo de Caso à Arquivística Musical. Sobre estes últimos observem-se os exemplos de Serafim (2013), Terra (2014), Castagna (2016), Haddad & Castro (2016), Henriques (2016), Assunção (2017a) ou Silva & Rasquinho (2019), constatando-se a inexpressão de estudos de Arquivística Musical sobre arquivos de Bandas de Música, não sendo, pois, exemplos como Madureira (2020)<sup>16</sup> e o seu estudo sobre *A música para Banda da Biblioteca da Ajuda: um contributo para o seu estudo e divulgação*, prática comum. Neste artigo o autor, músico e musicólogo, toma por objeto de estudo um conjunto documental, observando o seu conteúdo (nomeadamente quanto

<sup>14</sup> Consultar nota de rodapé n.º 12.

<sup>15</sup> Exemplo disso são Cotta (2000), Bolaños (2005), Cotta (2006), Serafim (2014), Assunção (2017b), Gomes (2017) ou Duarte (2018).

<sup>16</sup> Madureira, B. (2020). A música para banda da Biblioteca da Ajuda: um contributo para o seu estudo e divulgação. In M. de R. Pestana, A. Granjo, D. Sagrillo, & G. Rodríguez-Lorenzo. (Eds.), *Our Music, Our World: wind bands and local social life* (pp. 117-140). Edições Colibri.

a autores, géneros musicais, dedicatórias e constituição instrumental) e o seu principal instrumento de descrição, o catálogo.

Tenham-se, igualmente, em conta, como exemplos, os seguintes estudos sobre Bandas de Música civis e militares: Joaquim (1937), Lapa (1941), Freitas (1946), Fão (1956), Santo (1987), Brucher (2005), Correia (2006), Russo (2007), Sousa (2008), Costa (2009), Mota (2009), Ferrara (2012), Sousa (2017), Pestana, Granjo, Sagrillo & Rodríguez-Lorenzo (2020) e Madureira (2020).

Estas obras versam tendencialmente a “História das Bandas” e, nesse sentido, numa lógica geográfico-temporal remetem para questões de repertório (e consequentemente compositores envolvidos), chefes e maestros/ diretores musicais, contextos de atuação, fardamento, circulação de músicos e constituição (em numerário e quanto aos instrumentos que as constituem). Os estudos sobre Bandas civis, tendencialmente, também vão remeter para as ligações/ relações entre Bandas civis e militares que muitas vezes vão no sentido dos mesmos assuntos.

Se tivermos em conta os tipos de documentos que previsivelmente podemos encontrar num arquivo musical: partituras, programas de concerto ou recortes de imprensa, por exemplo (Haddad & Castro, 2016), então percebemos como estes conjuntos documentais se apresentam como fontes primárias de excelência para estudos realizados no sentido dos estudos sobre Bandas de Música supramencionados.

Assim, a divulgação eficaz desta documentação através de instrumentos de pesquisa ou de descrição por parte dos arquivos é o principal contributo da Arquivística para o estudo destas realidades musicais, especialmente se estes poderem incluir questões relevantes como a instrumentação ou os sujeitos, datas e locais envolvidos. No entanto, a inexistência de normas próprias para a Arquivística Musical, as características próprias deste tipo de documentação, normalmente descrita com recurso a normas e instrumentos gerais, exige que o seu tratamento seja feito por arquivistas com conhecimentos musicais e conscientes dos aspetos mais relevantes desta documentação, bem como das potencialidades dos instrumentos em uso. Sendo, pois, uma lógica de interdisciplinaridade, central e absolutamente necessária neste contexto.

### **3. Arquivística Musical e arquivos de Bandas de Música**

A atividade performativa das Banda de Música faz surgir, naturalmente, arquivos musicais compostos não só pelas partituras e partes do repertório

que tocam, mas também por cartazes, programas e fotografias referentes às suas apresentações.

Do ponto de vista Arquivístico esta documentação pode surgir em três principais contextos:

- Presente em arquivos institucionais, mais ou menos especializados, inseridas em coleções ou fundos pessoais, familiares ou de organismos ou instituições não especificamente musicais, nem de instituições ou agrupamentos musicais. São disso exemplo: 1) as fotografias que constituem a “sub-coleção” *Engineer Band* integrada na *Koeber Colletion* da *U.S. Army Corps of Engineers Digital Library*<sup>17</sup>; 2) as fotografias de Bandas e de instrumentos musicais que se encontram no *Acervo Arquivístico da Marinha do Brasil*<sup>18</sup>, inseridas nos Fundos *EAMCE – Escola de Aprendizizes-Marinheiros do Ceará*, *EBCONS – Cruzador Benjamin Constant*, *ECSÃO PAULO – Encouraçado São Paulo 1907-1947*, *EAMAL – Escola de Aprendizizes-Marinheiros de Alagoas* ou *EAMPE – Escola de Aprendizizes-Marinheiros de Pernambuco*; ou 3) as várias fotografias que encontramos no *International Bomber Command Center Digital Archive*<sup>19</sup> por exemplo nas coleções *Corrington*, *Jane*, *Dryhurst*, *Harold Gainsford* ou *Habberfield*, *Margaret*; bem como 4) a documentação referente à Banda de Música da Força Aérea Portuguesa que encontramos no *Arquivo Histórico da Força Aérea*<sup>20</sup> em fundos como o referente ao *CAVFA – Centro de Audiovisuais da Força Aérea*;
- Na constituição de fundos ou coleções, em arquivos institucionais, constituídos/as por documentação produzida por este tipo de Agrupamento. São disso exemplo: 1) as *Civil War Band: 1st Brigade bando f Broadhead*, *Wisconsin*, a *Yuba Band Collection* ou a *Stahl Brass Band Colletion* que podemos encontrar no Arquivo da Universidade de Wisconsin-Madison<sup>21</sup>; 2) a *Band Music from the civil war era* na *Library of Congress*<sup>22</sup>; 3) o *Brass Band News*

---

17 <https://usace.contentdm.oclc.org/>

18 <https://www.arquivodamarinha.dphdm.mar.mil.br/index.php/about>

19 <https://ibccdigitalarchive.lincoln.ac.uk/omeka/>

20 <https://arquivohistorico-forcaarea.defesa.gov.pt>

21 <https://www.library.wisc.edu/music/home/collections/wisconsin-music-archives/>

22 <https://www.loc.gov/collections/civil-war-band-music/about-this-collection/>

*Digital Archive* do Arquivo da Universidade de Salford<sup>23</sup>; 4) a *Carolina Bands Colletion* na *University of South Carolina – University Libarires*<sup>24</sup>; 5) a *Razorback Band Digital Archive*, uma coleção especial da *University of Arkansas Libraries*<sup>25</sup>; ou 6) o Fundo 895, *Banda da Armada* do Arquivo Histórico da Marinha<sup>26</sup>;

- Como arquivos especializados em documentação e conteúdo associada/o a este tipo de agrupamento ou pertencentes/ produzidos por agrupamentos e instituições afins como o *The Brass Band Archive*<sup>27</sup>, o *The Wind Band Symphony Archive*<sup>28</sup> ou o Arquivo da Banda *Black Dyke*<sup>29</sup>. Esta realidade é bastante variada quanto ao tipo de arquivos, conteúdos e entidades produtoras, organizadoras ou dinamizadoras que podemos encontrar, ainda assim, é a prática mais diminuta quanto à presença das Bandas de Música em arquivos e Bases de dados arquivísticas.

Tal como nos estudos sobre arquivos e Bandas de Música, também o tratamento arquivístico a conjuntos documentais relativos a Bandas de Música militares e civis não é significativo. Não sendo possível determinar qual a dimensão da presença de documentos que remetam para estes agrupamentos em arquivos, coleções, fundos ou séries “gerais” associados/as a outras temáticas/ assuntos ou produzidos por entidades que não Bandas de Música, sabe-se que esta realidade é recorrente. Não obstante, aparentemente, a prática mais comum é a existência, em instituições arquivísticas mais abrangentes, de Fundos respeitantes a Bandas de Música. Além disso, parece haver uma uniformidade de tratamento e atenção dados a este tipo de conjuntos documentais, nas mais variadas geografias, segundo os exemplos anteriormente mencionados, que referenciam arquivos situados em Portugal, no Brasil, no Reino Unido e nos Estados Unidos da América.

---

23 <https://archiveshub.jisc.ac.uk/search/themes/d8aee6ed-111c-3ad0-9b87-a3665d97e4a4>

24 <https://digital.library.sc.edu/collections/carolina-bands-collection/>

25 <https://news.uark.edu/articles/56989/u-of-a-launches-new-razorback-band-digital-archive>

26 [https://ccm.marinha.pt/pt/biblioteca\\_web/arquivohistorico\\_web/fundoscolecoes\\_web/Paginas/indices.aspx](https://ccm.marinha.pt/pt/biblioteca_web/arquivohistorico_web/fundoscolecoes_web/Paginas/indices.aspx)

27 <https://www.bbe.org.uk/what-we-do/the-brass-bands-archive>

28 <https://www.windsymphonies.org>

29 <https://www.blackdykeband.co.uk/archive/>

### 3.1. Conteúdo, descrição e instrumentos de pesquisa

Tomaram-se por objetos de análise: 1) a *Civil War Band Collection: 1<sup>st</sup> Brigade Band of Brodhead, Wisconsin* da *University of Wisconsin-Madison Libraries*; 2) o *Brass band News Digital Archive* da *University of Salford* em Manchester; 3) o *Razorback Band Digital Archive* da *University of Arkansas Libraries*; 4) a *Carolina Bands Collection* da *University of South Carolina Libraries*; 5) o *The Brass Band Archive* da Federação *Brass Band England*; e 6) o Arquivo da *Black Dyke Band*.

À exceção do *The Brass Band Archive*<sup>30</sup>, todos os restantes exemplos se apresentam como arquivos ou coleções<sup>31</sup> disponíveis em formato digital: a documentação está disponível para consulta, e muitas vezes *download*, em formato digital em Bases de Dados institucionais.

Tendencialmente as entidades detentoras destes conjuntos documentais/ de espécimes<sup>32</sup> apresentam notícias nos seus *websites* sobre a existência e disponibilização destes conjuntos, notícias que, geralmente, fazem breves referências ao seu conteúdo e dão especial atenção aos produtores das coleções e arquivos. Estas notícias e arquivos normalmente surgem sustentadas por notas biográficas sobre os seus produtores e notas históricas sobre o próprio arquivo ou coleção, bem ao jeito da necessária atenção ao contexto e produtor dos arquivos conforme defendida pela Arquivística Histórica.

Trata-se de coleções e arquivos tendencialmente compostos por fotografias, partituras (no sentido lato) e recortes de imprensa, ainda que algumas contenham também gravações, programas, páginas/ esquemas de exercícios/ *performance*, documentação variada e certificados, bem como troféus, instrumentos, fardamentos e outros objetos.

De uma maneira geral as Bases de Dados e/ ou *websites* onde estes conjuntos estão disponíveis apresentam descrições, mais ou menos detalhadas, gerais dos conjuntos. No entanto, as descrições mais detalhadas são comumente apresentadas na descrição ao nível do documento/ espécime, e

---

<sup>30</sup> Relativamente ao *The Brass Band Archive*, a entidade que o detém, a *The Brass Bands England*, divulga o arquivo no seu *website*, refere a sua localização e as tipologias documentais que este contém, num entanto este não está disponível *online* e para mais informações e/ ou acesso é necessário preencher um formulário de contacto.

<sup>31</sup> Cf. Cotta (2006) por coleção tem-se uma reunião intencional, consciente e factícia de documentos de origens diversas, selecionados sem respeito aos princípios de Fundo (conjunto organicamente produzido e/ ou acumulado), Preservação ou Organicidade.

<sup>32</sup> Referem-se conjuntos documentais ou de espécimes porque, alguns exemplos versados incluem também objetos, troféus ou instrumentos musicais, por exemplo.

tendem a incluir campos como o título, a datação, o produtor, o idioma, as dimensões, os materiais, resumos, coleções associadas ou onde se inscrevem, a localização e códigos de referência/ identificação.

Efetivamente, a mais recorrente prática verificada é a utilização de instrumentos de descrição e divulgação gerais, e de acordo com a normativa internacional em vigor, adaptados, assim, para documentação referente a agrupamentos musicais. É, ainda assim, curioso verificar que apesar da bibliografia referencial para a Arquivística Musical dar especial ênfase às partituras, esta não seja a tipologia documental com maior prevalência nos exemplos em apresso.

Note-se ainda que, nos instrumentos de divulgação e nas notícias sobre a existência destes arquivos e coleções, é comum verificar-se a menção ao facto de a divulgação destes conjuntos se fazer como contributo para o conhecimento e valorização da História das instituições musicais que os produziram.

Atente-se também ao uso dos termos “coleção” e “arquivo” por associação aos exemplos supramencionados, denotando-se que em geografias como Portugal, para os mesmos contextos, tendencialmente utilizar-se-iam denominações como “fundo” ou “série”, sendo provável que estas diferenças decorram de adaptações linguísticas naturalmente necessárias, e que as lógicas de organização e tratamento arquivístico utilizados sejam, apesar disso, em tudo idênticas.

Termine-se referindo-se que, se para arquivos com características “generalistas” se criaram normas e instrumentos arquivísticos uniformes, aplicados de forma massiva por arquivos em todo o mundo, que permitem a interoperabilidade dentre eles, é desejável que igual processo ocorra para os arquivos musicais. É desejável que se promovam ligações ou aproximações entre arquivos musicais de Bandas de Música, que podem ocorrer pelo recurso a grandes repositórios arquivísticos já existentes, ao *RISM*, ou pelo diálogo entre instituições com vista à criação de iniciativas com pressupostos análogos aos da *Europeana*<sup>33</sup> ou do *Portal Instituições de Memória da Defesa Nacional*<sup>34</sup>.

## Considerações Finais

Posto tudo o que acima se refere, importa, agora, responder aos objetivos de investigação colocados no início deste artigo.

---

<sup>33</sup> <https://www.europeana.eu/pt>

<sup>34</sup> <https://portalmemoria.defesa.gov.pt/#/>

A Arquivística Musical Histórica chama a si os pressupostos e lógicas associados/ as à Arquivística Histórica e à Arquivística Musical, retirando de ambas as necessárias metodologias e formas de observar os objetos Arquivísticos. No entanto, do ponto de vista das normas e terminologias a utilizar, estas devem derivar da Arquivística Musical, uma disciplina ainda em desenvolvimento tal como a Arquivística Musical Histórica. Por conseguinte, ainda que se encontrem vários autores empenhados em discutir normas, conceitos e metodologias a aplicar em arquivos musicais, numa lógica de desenvolvimento da Arquivística Musical, a tendência verificada é de aplicação a estes arquivos normas e instrumentos desenvolvidos no âmbito de uma Arquivística generalista.

Sendo certo que tendencialmente os arquivos de Bandas de Música militares e civis resultam daquilo que é a sua atividade performativa, a verdade é que através do levantamento realizado com vista à redação deste artigo, se pode verificar que normalmente estes arquivos não são convenientemente tratados, estudados ou alvo de especial atenção, especialmente do ponto de vista histórico e arquivístico. A esta realidade acresce o facto de os exemplos encontrados denotarem que é diminuta a atividade internacionalmente realizada junto de arquivos de Bandas de Música, militares e civis, incluindo *Brass* e *Marching Bands*, mas quando esse tratamento é efetivo, corresponde a boas práticas, conscientes da importância do tratamento e divulgação desta documentação para o conhecimento da atividade e história destes agrupamentos musicais, muitas vezes históricos.

Para a História e para a Musicologia, como para outras áreas que privilegiam o trabalho de investigação, as fontes primárias como as que encontramos nestes arquivos são recursos fundamentais de estudo e investigação. Assim, a História das Bandas de Música, que muito tem tendido a observar questões de repertório, função, contexto, uniformes e orgânica destes agrupamentos, deve observar estes arquivos com especial atenção e cuidado, como fontes de relevantes respostas para as questões que, normalmente, colocam.

## Referências bibliográficas

- Assunção, M. C. (2017). *Arquivística Musical Histórica: metodologias de uma disciplina em construção aplicadas a um estudo de caso: o espólio de Joly Braga Santos* [Ensaio para o Seminário do Doutoramento "Metodologias em História" não publicado]. NOVA FCSH.
- Assunção, M. C. (2017a). *Arquivística Musical: revisão bibliográfica para um estado da questão* [Trabalho para o Seminário de Mestrado "Teoria e Método das Ciências Musicais" não publicado]. NOVA FCSH.

- Bolaños, E. C. (2005). La organización de archivos musicales: marco conceptual. *Información, cultura y sociedad*, (13), 81-99
- Brucher, K. M. (2005). *A banda da terra: bandas filarmónicas and the performance of place in Portugal* [Unpublished doctoral dissertation]. University of Michigan.
- Castagna, P. (2016). Desenvolver a arquivologia musical para aumentar a eficiência da Musicologia. In E. Rosa, & J. A. B. Zille (Org.), *Musicologia[s]: série diálogos com o som* (p. 3). EduEMG.
- Correia, L. M. T. (2006). *Bandas e Músicos Militares em Portugal: Do século XIX ao XXI* [Dissertação de Mestrado não publicada]. NOVA FCSH.
- Costa, M. F. M. (2009). *As Bandas Sinfónicas Militares em Portugal: Constituição e Funcionalidade* [Dissertação de Mestrado não publicada]. Zuid-nederlandse hogeschool voor muziek – Conservatorium Maastricht.
- Cotta, A. G. (2000). *O tratamento da informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros* [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Cotta, A. G. (2006). Fundamentos para uma arquivologia musical. In A. G. Cotta, & P. S. Blanco (Org.), *Arquivologia e patrimônio musical (online)*. EDUFBA.
- Duarte, F. L. S. (2018, julho 23-27). *A História das práticas musicais e os estudos em musicologia histórica: saberes e diálogos interdisciplinares na pesquisa arquivística da música no Brasil* [apresentação]. Anais do Encontro Internacional – XVIII Encontro de História Anpuh-Rio: Histórias e Parcerias, Rio de Janeiro, Brasil.
- Fão, A. F. (1956). *A Banda de Música e a Fanfarra de Clarins da Armada. O Corpo de Marinheiros da Armada no seu 1º Centenário (1851-1951)*. União Gráfica.
- Ferraria, A. M. R. de A. (2012). *História, Tradição e Património da Música Militar em Portugal. Um Estudo de Caso: a Charanga a Cavalos da Guarda Nacional Republicana* [Dissertação de Mestrado não publicada]. ISCTE-IUL.
- Freitas, P. (1946). *História da Música popular em Portugal*. Tipografia dos Combatentes da Grande Guerra.
- Gomes, A. (2017). A atuação profissional em arquivos musicais: algumas considerações. *Múltiplos Olhares em Ciências da Informação*, 7(1), 1-13.
- Haddad, G. L., & Castro, M. C. de (2016). *Entre a Teoria e a Prática: Proposição Arquivística Musical para o Centro de Memória das Artes de Ribeirão Preto* [apresentação]. XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música, B. Horizonte, Brasil.
- Henriques, L. (2016). *Arquivos musicais: Estratégias para a sua organização e dinamização. Encontro Arte e Património*. Cantum Mensurable & Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte São Jorge Lda.
- Joaquim, M. (1937). *A música militar através dos tempos*. Arte Musical.
- Lapa, A. (1941). *Subsídios para a história das bandas militares portuguesas*. Oficina da Revista Alma Nacional.
- Madureira, B. (2020). A música para banda da Biblioteca da Ajuda: um contributo para o seu estudo e divulgação. In M. de R. Pestana, A. Granjo, D. Sagrillo, & G. Rodríguez-Lorenzo. (Eds.), *Our Music, Our World: wind bands and local social life* (pp. 117-140). Edições Colibri.

- Madureira, B. (2020). *Bandas Civis no Terceiro Quartel do Século XX. Estudos de Casos com as Bandas de quatro concelhos* [Tese de Doutoramento não publicada]. Universidade de Coimbra.
- Mota, G. (Org.). (2009). *Crescer nas Bandas Filarmónicas: Um estudo sobre a construção da identidade musical de jovens portugueses*. Edições Afrontamento.
- Pestana, M. de R., Granjo, A., Sagrillo, D., & Rodríguez-Lorenzo, G. (2020). *Our Music, Our World: wind bands and local social life*. Edições Colibri.
- Rosa, M. de L. (2017). Reconstruindo a produção, documentalização e conservação da informação organizacional pré-moderna: perspetivas teóricas e propostas de percurso de investigação. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra, XXX*, 547-586.
- Rosa, M. de L. (2021). *Seminários Interdisciplinares* [Relatório do programa, conteúdos e métodos de ensino teórico e prático da Unidade Curricular “Seminários Interdisciplinares” apresentado a Provas de Agregação em Ciência da Informação]. Universidade de Coimbra.
- Rosa, M. de L., & Nóvoa, R. S. de. (2018). Arquivística histórica e arquivos de família, entre história e ciência arquivística: reflexões sobre um processo científico e académico. *Revista Portuguesa de História, (49)*, 85-98.
- Russo, S. B. (2007). *As Bandas Filarmónicas enquanto Património: um estudo de caso no concelho de Évora* [Dissertação de Mestrado não publicada]. ISCTE.
- Santo, J. (1987). *Subsídios para a História da Banda da Armada*. ARCHEEVO. <https://arquivohistorico.marinha.pt/details?id=45427&detailsType=Description>
- Serafim, C. (2013). *Os arquivos de músicos: uma abordagem à luz do arquivo pessoal de Alfredo Keil* [Dissertação de Mestrado não publicada]. NOVA FCSH.
- Serafim, C. (2014). Arquivos de música: uma análise às bases teóricas e ao testemunho do trabalho prático. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra, XXVII*, 405-417.
- Silva, J. de, & Rasquinho, J. (2019, outubro 18-19). *Da partitura de papel para o (re) aproveitamento Cultural: A Coleção de Partituras de Casaca Serrano, doada ao Arquivo Municipal de Monforte* [apresentação]. Associação portuguesa de bibliotecários, arquivistas e documentalistas – 13º Encontro nacional de Arquivos Municipais, Cascais.
- Sousa, P. M. de. (2008). *História da Música Militar Portuguesa*. Tribuna da História.
- Sousa, P. M. de. (2017). *As Bandas de Música na História da Música em Portugal*. Fronteira do Caos Editora.
- Terra, A. L. (2014). O Orfeonismo: oportunidade para um encontro imediato entre a arquivística e a musicologia? In M. de R. Pestana, & H. Marinho (Ed.), *Music and shared imaginaries: nationalisms, communities, and choral singing – Precedings*. Ex-Libris.



# Impactos do Efeito Filtro Bolha no Engajamento de *Fake News*

## Impacts of the Filter Bubble Effect on Fake News Engagement

**LUIS YAGO SANTOS PESSOA**

Graduando em Direito pelo Centro Universitário Maurício de Nassau

Membro da Liga Pernambucana de Direito Digital (LPDD)

yessoa25@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6253-934X>

**CLARA VASCONCELOS GUSMÃO**

Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco

Membro da Liga Pernambucana de Direito Digital (LPDD)

clara.gusmao@ufpe.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2545-795X>

**LUCAS DANIEL ANSELMO TABOSA DE ANDRADE**

Graduando em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco

Membro da Liga Pernambucana de Direito Digital (LPDD)

lucas.tandrade@ufpe.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0725-1156>

**LETÍCIA FERREIRA NEVES**

Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco

Membro da Liga Pernambucana de Direito Digital (LPDD)

leticia.fneves@ufpe.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5534-2768>

**WALTER DE MACEDO RODRIGUES**

Encarregado de Dados, Mestre e Doutorando em Ciências da Computação pela

Universidade Federal de Pernambuco  
Pesquisador voluntário pela Universidade de Pernambuco  
Membro da Liga Pernambucana de Direito Digital (LPDD)  
wmr2@cin.ufpe.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7364-338X>

**MARIA AMÁLIA ARRUDA CAMARA**

Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco  
Professora do Mestrado Profissional em Direito do Complexo de Ensino Renato Saraiva  
Doutora em Direito e Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco  
Líder do grupo de pesquisa “Inteligência Artificial, Interfaces Jurídicas e de Segurança Humana” (CNPq)  
Membro da Liga Pernambucana de Direito Digital (LPDD)  
amalia.camara@upe.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7663-3029>

Artigo entregue em: 20 de março de 2023

Artigo aprovado em: 24 de maio 2023

**RESUMO**

O presente estudo tem por objetivo analisar, do ponto de vista jurídico, as consequências que circundam as plataformas digitais que utilizam aplicações de algoritmos conhecidas como “filtro bolha”, que criam um ambiente exclusivo de informações para cada usuário, alterando completamente a maneira com a qual as informações são consumidas. Partindo nossa análise do ponto de vista sociopolítico, demonstrando a tendência natural e psicossocial do ser humano em se desenvolver e exercer suas faculdades intelectuais mediante a necessidade de formação de um coletivo, demonstramos como essa necessidade humana pode ser explorada por provedores de aplicação algorítmica, na medida que intencionalmente induzem a criação de bolhas digitais. Uma bolha de filtro não passa de um estado de isolamento intelectual e reforço ideológico que pode resultar de pesquisas personalizadas, em que um algoritmo de determinados sites selecionam quais informações um usuário gostaria de ver com base em informações fornecidas pelo próprio usuário, como localização, cliques anteriores, comportamento na internet e histórico de pesquisa. Com base no conjunto normativo vigente, pertinentes a compreensão da matéria abordada, infere-se que aplicações de “filtros bolhas” ferem dessa forma o

exercício de direitos e garantias individuais, previstos em ordenamento constitucional e normas difusas acarretando em uma responsabilidade civil pelo agravo cometido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Algoritmo; Filtro bolha; Constitucional; Responsabilidade civil; *Big tech*.

### **ABSTRACT**

The present study aims to analyze, from a legal point of view, the consequences surrounding digital platforms that use applications of algorithms known as “filter bubble”, that create a unique information environment for each user, completely changing the way information is consumed. Starting our analysis from the socio-political point of view, demonstrating the natural and psychosocial tendency of human beings to develop and exercise their intellectual faculties through the need to form a collective — we demonstrate how this human need can be explored by algorithmic application providers as they intentionally induce the creation of digital bubbles. A filter bubble is nothing more than a state of intellectual isolation and ideological reinforcement that can result from personalized searches, where an algorithm on certain websites selects what information a user would like to see based on information provided by the user himself, such as location, clicks data, internet behaviour and search history. Based on the current legal system, pertinent to the understanding of the matter addressed, it is inferred that applications of “filter bubbles” thus hurt the exercise of individual rights and guarantees, provided for in constitutional systems and diffuse rules, resulting in civil liability for the offense committed.

**KEYWORDS:** Algorithms; Bubble-filter; Constitutional; Civil liability; Big tech.

*“A maneira como as empresas estão controlando sutilmente as alavancas da democracia é uma das coisas mais assustadoras que estão acontecendo”.* Aaron Swartz (1986 - 2013), fundador do Reddit, um ano antes de sua morte.

*“The way corporations are subtly pulling the levers of democracy is one of the scariest things happening”.* Aaron Swartz (1986-2013), founder of Reddit, a year before his death.

## 1. Introdução

Redes sociais realizam o tratamento de dados pessoais com o objetivo de afinar seus algoritmos de direcionamento, o que gera engajamento do usuário em utilizar suas plataformas, como também seleciona o conteúdo que é direcionado ao usuário. Em paralelo, existem questões éticas latentes acerca do uso de redes sociais, no que se refere à saúde mental, desafios à liberdade de expressão e veiculação de notícias falsas (*fake news*) e discurso de ódio. Apesar deste conteúdo não ser produzido pelas redes sociais em si mas sim pelos seus usuários, existem discussões acerca dos desafios legais relacionados à responsabilização das redes sociais pelos que nela transitam, o impacto do seu uso pelos seus usuários e quais seriam os riscos desta responsabilização à liberdade de expressão.

Eli Pariser, autor do *best-seller* “The Filter Bubble” — a conceituação do fenômeno filtro bolha deriva de um processo triplo, executados concomitante e/ou separadamente: a extração de dados fornecidos na atividade do usuário na plataforma, estruturados em metadados e gerando *feedbacks* comportamentais (Pariser, 2012). Os *feedbacks* comportamentais são classificados em decorrência da interação do usuário com a plataforma (*feedback* efetivo — curtidas, compartilhamentos, comentários, pesquisas...), e a ausência de interação efetiva (*feedback* negativo). Seja negativo ou efetivo, o direcionamento e *check-up* serve para concluir e aprimorar filtros de direcionamento de informação e personificação de publicidade. A decorrência fenomenológica desse processo, segundo a conceituação de Eli Pariser, consiste em causa ajustável (aplicação do filtro) e efeito colateral intencional (bolha). Tendo como base o estudo deste fenômeno, este estudo propõe entender como os aspectos do efeito bolha podem proporcionar melhor entendimento da responsabilidade das redes sociais com relação aos danos causados pelo seu uso e ainda estudar soluções a este fenômeno.

A natureza do estudo adotou uma análise descritiva, utilizando uma abordagem de método qualitativa de interpretação utilizando-se o método dedutivo, através das pesquisas bibliográfica, documental, legislativa nacional (Brasil) e internacional para abordar tanto a vista quanto a responsabilização pela informação, bem como pela busca da transparência algorítmica por parte das *big techs* para o Estado.

## 2. Breve História da Evolução das Redes Sociais

Rede social pode ser entendida como uma estrutura composta por indivíduos, organizações, associações, empresas ou outras entidades, conectados

por um ou vários tipos de relações concomitantes, como de amizade, familiares ou comerciais. Nessas relações, os atores compartilham crenças, informações, poder, conhecimento, prestígio, etc. (Ferreira, 2011, p. 213). Contudo, especialmente a partir do início do século XXI, a expressão redes sociais foi associada, quase que exclusivamente, àquelas relacionadas a *softwares* específicos. Nesse sentido, Ferreira (2011, p. 214) aponta que é preciso compreender que aplicações digitais como o *Facebook, Instagram, Snapchat, Twitter, Tik Tok, Youtube, Whatsapp, Telegram, Signal* e etc., correspondem a manifestações especiais e particulares de algumas redes sociais ou como ferramentas que permitem a explicitação digital de redes tácitas e o estímulo e desenvolvimento de novas redes com características particulares.

No decorrer do processo de popularização da internet, também se popularizaram os espaços voltados a representar virtualmente as relações sociais, inicialmente, através de fóruns de discussão com a possibilidade de criação de perfis individuais, como a America Online, e aos poucos com projetos que se desenvolveram até integrar mais ferramentas de interação e entregar aplicações como o MySpace, em 2003, o Orkut e o Facebook, criados em 2004 (Jesús, 2012). No início, tais redes sociais se baseiam nas interações orgânicas entre os usuários que se associavam, sendo posteriormente agregadas uma série de funcionalidades e formatos de disponibilização do conteúdo gerado pelos usuários, a exemplo do *feed* de notícias (FN), que foi paulatinamente adotado pela maioria das redes sociais, como o Facebook, em 2006 (Correia & Moreira, 2014, p. 179). Pariser (2012, p. 29) comenta que a partir da implementação do FN, o Facebook deixou de ser uma rede de páginas conectadas e se tornou um jornal personalizado com notícias sobre nossos amigos, criadas por eles. A geração do FN foi feita por meio de algoritmos que recolhiam as atualizações contidas na base de dados do Facebook e as colocavam em um só lugar. Vale destacar que por algoritmo entende-se de forma ampla como uma sequência lógica, finita e definida de instruções que devem ser seguidas para resolver um problema ou executar uma tarefa (Magrani & De Oliveira, 2019, p. 19).

Os *feeds* de notícias eram essencialmente compostos por conteúdos produzidos e compartilhados pelos usuários com quem o indivíduo se “conectava”, a partir de múltiplos formatos como imagens, vídeos, textos, áudios, que seriam interação midiática entre os usuários, ou a partir de formatos como localização (coordenadas) e gráficos interativos fornecidos à plataforma estruturados em metadados. As interações online, como as “curtidas” e comentários são identificados, selecionados e expostos de forma cronológica, sem exteriorizar privilégios, ou seja, não destina um conteúdo em detrimento de

outro, seja com base no engajamento do usuário, na popularidade da postagem ou nas preferências pessoais. Nesse sentido, Pariser (2012, p. 29) aponta que, no início, o FN mostrava quase tudo que os amigos do usuário faziam. Contudo, quando o volume de postagens e amigos aumentou, ler ou gerir o FN mostrou-se inviável. “Mesmo que tivéssemos apenas cem amigos, era um volume grande demais” (Pariser, 2012, p. 29).

Diante disso, a solução foi a adoção do algoritmo conhecido como Edge Rank, responsável por selecionar as principais notícias ao FN. De acordo com Pariser (2012, pp. 29-30), o modelo de priorização de conteúdos com base em certos critérios, como o tempo de interação entre os usuários, veio a ser implementado gradualmente através de uma série de alterações nos algoritmos das redes sociais<sup>1</sup>. Percebe-se que os itens afinidade e tempo na fórmula do Edge Rank podem ser compreendidos como elementos que compõem a noção de engajamento. O engajamento, ou *Consumer Brand Engagement – CBE*, pode ser definido como uma valoração positiva feita pelo consumidor, cognitivamente relacionada ao seu aspecto emocional e comportamental, em atividades relacionadas ao consumo de conteúdo<sup>2</sup> (Hollebeek et al., 2014, p. 6). Com isso, e pelo alto valor informacional dos dados de engajamento do público consumidor, as métricas ou *web analytics* emergem como forma de analisar as interações consumidor-fornecedor e quais as estratégias empresariais mais eficientes para que a mensagem atinja o público (Okada, 2011, p. 110).

Devido a opacidade dos algoritmos utilizados pela maioria das *Big Techs*, incluindo o Facebook, as informações que a sociedade tem acesso são aquelas que a própria plataforma fornece. A partir de 2013, a empresa Facebook passou a publicar notícias em seu próprio site, na categoria “News Feed FYI”, com o intuito de anunciar atualizações importantes no feed de notícias e supostamente publicizar a lógica por trás delas (Jurno & D’Andréa, 2017). Diante disso, há registros sobre tais mudanças através do canal de comunicação citado apenas entre os períodos de 2013 a 2023, sendo tais informa-

---

<sup>1</sup> “O EdgeRank classifica todas as interações ocorridas no site. A matemática é complicada, mas a ideia básica é bastante simples, baseando-se em três fatores. O primeiro é a afinidade: quanto mais próxima a nossa amizade com alguém — o que é determinado pelo tempo que passamos interagindo com a pessoa e investigando seu perfil —, maior será a probabilidade de que o Facebook nos mostre suas atualizações. O segundo é o peso relativo de cada tipo de conteúdo: atualizações sobre relacionamentos, por exemplo, têm peso grande; todos gostam de saber quem está namorando quem (muitos observadores suspeitam que esse peso também seja personalizado: pessoas diferentes dão mais ou menos importância a cada tipo de conteúdo). O terceiro é o tempo: itens mais recentes têm mais peso do que postagens mais antigas”.

<sup>2</sup> *A consumer’s positively valenced brand-related cognitive, emotional and behavioral activity during or related to focal consumer/brand interactions* (Hollebeek et al., 2014, p. 6).

ções fornecidas pela própria empresa e não necessariamente demonstradas metodologicamente com base nos códigos utilizados.

Importante destacar que no período entre a criação do *feed* de notícias em 2006 e o ano de 2013, o FN ainda era gerado por meio do algoritmo EdgeRank, cujo cálculo era baseado em três variáveis, com valores diferentes, resumidos na fórmula: “EdgeRank = afinidade × peso × tempo” (Bucher, 2012). Após esse período, as mudanças nos algoritmos do FN se tornaram mais constantes e complexas, indo além dos critérios e fórmula descrita acima, motivo pelo qual torna-se relevante listar as alterações a partir do ano indicado, expostas a seguir em formato de tabela, fruto da pesquisa organizada por Jurno e D’Andréa (2017, p. 473), de forma resumida, com foco nas alterações mais relevantes para o tema aqui discutido:

Quadro 1 – Alterações nos algoritmos do feed de notícias (FN) anunciadas na categoria News Feed FYI do site Meta Newsroom.

Data	Resumo das modificações
06/08/2013	Anúncio do início das postagens.
23/08/2013	Prioridade a <i>posts</i> de páginas com “conteúdo de alta qualidade”.
27/09/2013	Seleção de anúncios de acordo com interesse dos usuários.
23/06/2014	Critérios do <i>ranking</i> de vídeos postados no ambiente: passa a considerar o tempo de exibição. Usuários que verem mais vídeos terão mais vídeos exibidos no topo do seu FN.
07/05/2015	Facebook afirma: o tipo de conteúdo exibido no FN é reflexo das interações do usuário e, conseqüentemente, das suas filiações ideológicas.
12/06/2015	Uso da diferença de tempo gasto nos <i>posts</i> como novo indicador de aprovação do conteúdo.
09/07/2015	Usuário pode selecionar páginas e usuários com prioridade de exibição no seu FN. Listas organizadas facilitam a deixar de ou voltar a seguir páginas e usuários. Sugestões para seguir páginas com base nas interações do usuário.
04/12/2015	Usuários questionados sobre interesse em visualizar <i>posts</i> considerados “virais”.
01/02/2016	Os algoritmos priorizarão no topo dos FNs <i>posts</i> que os usuários mais gostariam de ver ou com maior probabilidade de engajamento.
29/06/2016	Prioridade para <i>posts</i> de amigos próximos.
11/08/2016	Prioridade para <i>posts</i> informativos, segundo classificação de “informação” personalizada para o usuário.

Fonte: Elaboração por Jurno e D’Andréa (2017, pp. 473-474), baseado em Meta Newsroom (2016).

Levando em consideração que os algoritmos do FN continuam a serem editados recorrentemente, foi realizada uma pesquisa, seguindo a metodologia empregada por Jurno e D’Andréa, para analisar e esquematizar as informações sobre as mudanças realizadas no período de 2017 a 2023.

Quadro 2 – Alterações nos algoritmos do feed de notícias (FN) anunciadas na categoria NewsFeed FYI do site *Meta Newsroom* no período de 2017 a 2023.

Ano	Resumo das modificações
2017	Atualização para reduzir <i>links</i> de baixa qualidade e menos informativos no <i>feed</i> de notícias, priorizando conteúdos que sejam mais engajadores para determinado usuário.
2018	Aplicação de ferramentas de sinais, tais como: quantas pessoas reagem, comentam ou compartilham postagens para determinar o engajamento e o quanto apareceram no <i>Feed</i> de Notícias.
2019	Atualização do algoritmo para priorizar as páginas e os grupos com previsão para o conteúdo que um indivíduo possa se interessar mais. Alguns dos indicadores de quão significativa é uma página ou grupo são determinados por: quanto tempo alguém segue uma página ou faz parte de um grupo; com que frequência alguém se envolve com uma página ou grupo; e com que frequência uma página ou grupo publica.
2020	Artigos de notícias que não contêm novas reportagens ou análises originais serão classificados com menos distribuição no <i>Feed</i> de Notícias. Quanto mais extenso for o relatório original de um artigo, mais distribuição ele receberá no <i>Feed</i> de Notícias. A reportagem original inclui conteúdos como materiais de origem exclusiva, análises significativas, novas entrevistas ou a criação de visuais originais.
2021	Organização e classificação do <i>Feed</i> de Notícias para reduzir a distribuição de postagens que podem conter conteúdo que as pessoas consideram censurável, mesmo que esses conteúdos atendam aos requisitos impostos nos termos e usos da plataforma.
2022	não divulgado
2023	não divulgado

Fonte: Elaboração própria com base em Meta Newsroom (2023).

Não foram reportadas atualizações acerca do FN no Newsroom, canal de atualizações da Meta, entre 2022 e 2023. Em 2022 o Facebook anunciou através da própria plataforma que o *feed* de notícias passaria a se chamar apenas “*feed*”, com o intuito de refletir a diversidade de conteúdos veiculados, que vão além de notícias propriamente ditas (Walloo Media, 2022).

Atualmente o Facebook continua entre as cinco redes sociais mais usadas no mundo, juntamente com o YouTube, Whatsapp, Instagram e TikTok, mencionados por ordem de relevância baseada na quantidade de usuários ativos, atrás apenas do Facebook, que ocupa o primeiro lugar mundial (Dixon, 2023). Tratando-se do Brasil, as mesmas plataformas são identificadas, mas em termos de relevância medida pelo número de usuários, o Whatsapp ultrapassa o Facebook (Volpato, 2023).

Os algoritmos dessas redes sociais também trabalham com a personalização de conteúdo baseada em diferentes características do usuário, como histórico de visualizações, interações, localização e horário de uso. Entretanto, um dos diferenciais do algoritmo do TikTok é que este é extremamente eficaz em viralizar conteúdos, pois, em contraste com os algoritmos do Facebook e Instagram, que atribuem mais relevância ao conteúdo dos usuários que têm um grande número de seguidores, o TikTok, comparativamente, dá ainda mais ênfase ao engajamento, proporcionando mais oportunidades a criadores de conteúdo novos, por exemplo a plataforma dá dicas de como ganhar relevância e alcançar um público maior na página “for you” (EBAC, 2022).

Quanto ao algoritmo utilizado pela plataforma Youtube, seu mecanismo consiste em entregar o conteúdo que esteja com base nos interesses do usuário, utilizando como base em suas pesquisas na plataforma, dos dados de vídeos consumidos (o tempo gasto do usuário assistindo algum vídeo, seus vídeos salvos, vídeos com *like*, vídeos com *dislike*, ou itens marcados como não interessado — gerando uma recomendação por repetição com base em atividades anteriores. Contudo, os mecanismos de recomendação através de análise do usuário ainda não são revelados em sua totalidade pela própria plataforma e quais as métricas utilizadas (B/300, 2022).

Sendo assim, percebe-se que com o surgimento das plataformas de redes sociais e com a concentração das pesquisas em poucos mecanismos de busca, iniciou-se um processo de concentração das atenções em escala global (Silveira, 2019, p. 92), organizado por algoritmos que definem o que deve-se ver e quantos dos “amigos” ou “seguidores” devem visualizar os conteúdos publicados, entre outras ações. Eli Pariser (2012, p. 8) chamou essa atividade algorítmica de filtragem, que resulta em bolhas que reúnem e interligam aqueles que têm o mesmo padrão e as mesmas características (Silveira, 2019, p. 21). Para Magrani (2019, p. 158), os filtros-bolha podem ser definidos como um conjunto de dados gerado por todos os mecanismos algorítmicos, utilizados para se fazer uma edição voltada à customização da navegação *online*, ou seja, uma edição dos conteúdos da rede, feita por determinadas empresas, através de mecanismos de busca e redes sociais,

entre diversas outras plataformas e provedores. Tal adequação ao usuário é possível através do rastreamento de diversas informações, como a localização do usuário e o registro de *cookies*, que são dados de acesso, espécie de “pegadas digitais” deixadas pela navegação nos ambientes *online*. Assim, com base nas características de navegação, cria-se um universo particular *online*.

Importante destacar que o agrupamento de indivíduos baseado em interesses e valores em comum é uma tendência inerente à condição humana que se manifesta de diversas formas, a exemplo do viés de confirmação, estudado por ciências como a psicologia e a sociologia. O viés de confirmação diz respeito à inclinação humana de buscar, interpretar e lembrar informações de maneira seletiva, de forma a confirmar crenças, opiniões e hipóteses pré-existentes, ao mesmo tempo em que ignoram ou minimizam informações que as contradizem. Os dados objetivos são relegados a um plano secundário de importância, avultando-se emoções e percepções pessoais (Zampier, 2021, p. 16).

Na sociologia, esse fenômeno é estudado como uma forma de reforço das crenças e valores sociais compartilhados em determinados grupos e comunidades. Apesar de não usarem o termo, Berger e Luckmann, na obra “A construção social da realidade” (2003), entendem que a percepção da realidade construída através dos processos de socialização que fazem os indivíduos se reconhecerem enquanto membros de uma coletividade. Nesse sentido, o limite da realidade pode vir a se tornar os limites do próprio grupo social em que o sujeito está inserido. Dessa forma, é possível afirmar que o viés de confirmação pode levar à manutenção e reforço de estruturas sociais e culturais, uma vez que os indivíduos tendem a buscar informações que reforcem suas crenças e valores, em detrimento de informações que possam ameaçá-las. Já na psicologia, o viés de confirmação é estudado como um fenômeno cognitivo que se manifesta em diferentes situações, desde processos de tomada de decisão até interações sociais. Nickerson (1998), ao revisar a literatura sobre o tema, aponta que esse fenômeno pode estar relacionado a diferentes fatores, como a necessidade de manter a coerência cognitiva, a busca por explicações simples e coerentes para os acontecimentos e a influência de fatores emocionais e motivacionais.

O reflexo da necessidade e grau de importância do argumento para a humanidade se reflete no mundo jurídico através da liberdade de associação, e no direito nacional o direito fundamental individual positivado no art. 5, XVII Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB). A internet e especialmente as redes sociais facilitaram a concretização desse desejo pela

associação com o semelhante em uma escala nunca antes vivenciada, não só pela eliminação da limitação geográfica, mas também pela intensidade e frequência com as quais os indivíduos passaram a depender dos aparelhos eletrônicos conectados à internet.

Eli Pariser (2012, p. 110) atribui a atração das pessoas pela bolha gerada pelos filtros ao desejo pós-material de maximizar a auto-expressão. O pós-materialismo a que se refere o autor foi cunhado por Ronald Inglehart (1997, p. 35) e pode ser entendido como um conjunto de valores que enaltecem a auto-expressão e liberdade individual, as mesmas preocupações que afloram quando o alcance da subsistência é mais facilmente alcançado. Com base nisso, Pariser coloca que quando as pessoas não precisam mais se preocupar em atender às suas necessidades básicas, preocupam-se muito mais em ter produtos e líderes que representem o que elas são. Diante disso, Pariser (2012, p. 110) pontua que, uma vez inserido na bolha, o processo de criação da correspondência da identidade do indivíduo e os fluxos de conteúdo aos quais este tem acesso pode levar à erosão da experiência comum, causando problemas políticos por dificultar a discussão pública.

Ao mesmo tempo que o agrupamento em bolhas sociais pode proporcionar uma sensação de proteção do que é diferente e por vezes considerado como potencialmente ameaçador, ela limita os indivíduos, e se torna ainda mais preocupante quando esse processo deixa de ser marcado apenas pelo desejo humano de conexão e do exercício da liberdade de associação e passa a ser manipulado pelos algoritmos das plataformas digitais, com base em interesses e critérios opacos ligados ao capitalismo de vigilância (Zuboff, 2019). Nesse sentido, é interessante perceber que, para além das relações humanas, a formação de bolhas faz parte de um negócio rentável. Na configuração atual das redes sociais o foco é garantir que o indivíduo passe o maior tempo possível conectado à plataforma, consolidando a dinâmica de engajamento, sendo o interesse das empresas nesse processo o lucro por meio da publicidade (Costa & Santos, 2022, p. 5). Através do tratamento de dados, a formação dessas bolhas de maneira artificial, ou a identificação das preferências de grupos inicialmente orgânicos, são estratégias para a disseminação de conteúdo para um público-alvo mais suscetível a aderir ao comando daquela mensagem ou propaganda, o que consequentemente traz um retorno financeiro mais vantajoso. Trata-se do uso das tecnologias da informação e comunicação para tornar a experiência humana uma matéria-prima processada e mercantilizada como dados comportamentais (Koerner, 2021, p. 1).

### 3. A Criação do *Feed* como Produto

Existe um interesse por parte das plataformas de gerar uma otimização nas buscas dos usuários por conteúdos que rastreiam seu interesse. Com a facilitação de comunicação entre usuários de interesses semelhantes, as diversas redes sociais promovem um maior engajamento. Isto garante um maior consumo de conteúdo e assim maior veiculação de publicidade, gerando a capitalização deste sistema, em que a relevância maior passa a gravitar em torno do acesso do conteúdo e não à informação em si (Recuero, 2012). As experiências no meio digital convergem para os mesmos espaços de interação de acordo com suas afinidades traçadas e incorporadas na sua *persona* digital. Isso ocorre por meio das diversas formas de interação, na medida que personaliza o conteúdo para priorizar os que mais se assemelham com o perfil, alimentado pelo próprio usuário, nas diversas interações de rede. A alimentação de um filtro a partir da afinidade com certo tipo de matéria estabelece um sistema de retroalimentação entre o conteúdo acessado pelo usuário e o fornecimento pela máquina de um acervo informacional em semelhante esteio — o que Pariser (2012) bem explora ao invocar o conceito de viés da confirmação — enquanto tendência a acreditar no que reforça nossas noções preexistentes (p. 60) e sua relação com as bolhas dos filtros<sup>3</sup>.

A problematização significativa ocorre quando essa seletividade conteúdoística passa a acontecer de forma imperceptível — ou até despercebida — e representa, de fato, uma estratégia para garantir a permanência de audiência e replicação de acesso nesses canais informacionais, indo talvez ao encontro da sua própria vontade. O que inclusive emergiu como pauta de discussão no concernente ao impacto das redes sociais na autoimagem corporal de jovens, a partir da comparação e idealização corporal, sendo objeto principal de estudo conduzido com 150 estudantes paquistanesas no Institute of Business Management – IoBM, que resultou na confirmação de que as redes sociais geram baixa auto-estima e mal estar (Worm, 2022). Seria possível então questionar se estas plataformas deixam de promover aperfeiçoamento da experiência do usuário para figurar como mecanismos de controle e compartimentação social.

---

<sup>3</sup> A bolha dos filtros tende a amplificar drasticamente o viés da confirmação — de certa forma, é para isso que ela serve. O consumo de informações que se ajustam às nossas ideias sobre o mundo é fácil e prazeroso; o consumo de informações que nos desafiam a pensar de novas maneiras ou a questionar nossos conceitos é frustrante e difícil (Pariser, 2012, p. 62).

Os próprios estudos sociológicos de Lippmann (1920) já evidenciaram a crescente desse movimento, bem explicitado na doutrina de Eli Pariser ao sintetizar que a “produção de notícias era um empreendimento fundamentalmente político e ético” (p. 43) e, nesse esteio, passa a ser interesse das grandes corporações controlar as informações. Isso vai de total encontro ao movimento inicial e basilar da mídia de defender a objetividade e ceifar a repercussão das notícias parciais (Pariser, 2012), não deixando de reverberar, também no campo de circunscrição das redes sociais. Seria uma estratégia para garantir o acesso e popularidade de conteúdos de interesse, e, para além disso, o enaltecimento e glorificação pelos usuários que melhor aceitem e se identifiquem com o conteúdo produzido.

Como consequência evidente, fica explícito que há um desvio da função da mídia, enquanto prestadora de serviços à esfera pública, de ampliar o acesso a informação dos usuários por meio do fornecimento de dados de narrativas externas ao campo hodierno pessoal (Fonseca, 2011, p. 42), para se tornar apenas uma forma de solidificar as estruturas de poder e influência das grandes corporações, muitas vezes patrocinadoras dos portais de informação mais influentes. Assim, enquanto detentoras do controle do que é veiculado e para quem é veiculado, a manipulação implícita da massa consumidora emerge como principal fonte de poder sócio-econômico-social moderno, cada vez mais aperfeiçoado na proporção em que novos dados pessoais coletados dos indivíduos inseridos nesse meio garantem o direcionamento específico de informações para fazer a manutenção desse poder e controle. Sobre isso, Bourdieu (1983) já atenta sobre o poder do controle da narrativa ao discorrer<sup>4</sup>.

Dessa forma, o algoritmo, enquanto programação informática que permite o tratamento de dados pessoais para estabelecimento de padrões de uso das aplicações informáticas dos usuários (Pellizzari, 2019, p. 58) se torna a fonte mais valiosa de informação para esses conglomerados empresariais, na medida que buscam, não só direcionar propaganda para um grupo específico, mas também protagonizar a solução dos principais anseios coletados na análise das aplicações de internet dos usuários, visando a maximização dos lucros corporativos. Com isso, a curadoria das informações disponíveis nas redes não mais seria feita pelo usuário, mas sim de maneira

---

<sup>4</sup> A língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder. (...) Daí a definição completa da competência como o direito à palavra, isto é, à linguagem legítima como linguagem autorizada, como linguagem de autoridade. A competência implica o poder de impor a recepção (Bourdieu, 1983).

automatizada no momento de busca, criando uma ilusão de que a totalidade informacional do que está disponível se limita àquele microuniverso parcial de unilateralidade de fatos e fundamentos — sempre associados aos interesses dos conglomerados empresariais de maior poder.

Esse poder, evidentemente relacional, dialoga diretamente com o conceito de hegemonia de Gramsci, uma vez que transpassa a imposição direta, muito mais vinculado à conquista consensual por meio da sedução (Brittos & Gastaldo, 2006, p. 123). Essa sedução, no campo das redes sociais, materializa-se nos *feeds* que, enquanto espaço de troca interpessoal e acesso informacional, representa o epicentro e principal campo de interação dos usuários com o conteúdo e com os demais usuários. Assim, diante do constante bombardeamento de informações por portais que pretendem atingir os maiores números de alcance e popularidade, o parâmetro de confiabilidade e relevância passa a ser o engajamento. Conseqüentemente, a credibilidade e poder de influência das empresas e marcas no meio digital não mais estariam relacionados à qualidade do conteúdo e sim à relevância e popularidade decorrentes do engajamento — diretamente relacionado ao estudo das métricas e de estratégias de propaganda<sup>5</sup>.

Disso, pode-se inferir que o ímpeto publicitário não mais está invariavelmente nutrido por sua função de garantir a democracia na esfera pública, ao representar um espaço comum dotado de preferências valorativas diversas e plurais (Gromping, 2014). Na verdade, move-se em direção à uma tutela na esfera pública de interesses particulares, em que a persuasão e o engajamento superam o compromisso com a verdade. Fica evidente que o que passa a guiar a produção de conteúdo é o seu potencial de viralização, e não mais a informação em sua completude, tornando uma prática habitual a seleção de recortes da verdade dos fatos para que se adapte a narrativa, e não o contrário. Esse recorte da verdade, sustentado pela compartimentalização da realidade em grupos de diferentes vertentes ideológicas, será direcionado de acordo com os arquétipos dos grupos de usuários, de modo a garantir a replicação do conteúdo — uma vez que o grupo já teria uma pré-disposição de aceitação do conteúdo, por estar alinhado com os seus ideais e valores.

Emerge nesse esteio, como bem explicitado por Pollyana Ferrari (2018), o risco da cultura das bolhas nas redes sociais é a crescente difusão de *fake*

---

<sup>5</sup> Embora a finalidade expressa dos anúncios publicitários seja vender o produto ou serviço anunciado, esta venda cada vez menos é feita em termos de um comando imperativo, e mais em termos de uma dramatização de uma situação idealizada de consumo (Brittos & Gastaldo, 2006, p. 124).

*news*, uma vez que uma das estratégias de garantir engajamento é a priorização por abordagens sensacionalistas que usualmente deturpam a realidade dos fatos apresentados, replicados pelos usuários sem uma análise prévia da veracidade do que está descrito ou se a narrativa possui características tendenciosas prejudiciais para comunicação da informação. As estratégias de convencimento passam a se desenvolver de forma muito mais profundas e específicas, instrumentalizadas por técnicas como o *microtargeting* — que é propriamente o direcionamento de conteúdo compatível com as afinidades do usuário colhidas a partir dos dados pessoais inseridos nas redes — prejudicando a própria interação usuário-informação desvinculada de uma carga parcial.

Vale repisar, nesse sentido, o período eleitoral de 2016 nos Estados Unidos, uma vez que evidenciou a gravidade da difusão de *fake news* na conjuntura digital, já que o direcionamento de propagandas falsas e boatos relacionados à candidata Hillary Clinton conduziram o eleitorado à priorizar o contra-candidato Donald Trump e suas propostas. O próprio candidato enxergou nas mídias uma oportunidade de fixar sua vantagem por assessoramento da empresa *Cambridge Analytica* que, no tratamento de dados dos usuários de Facebook, conseguiu criar campanhas personalizadas capazes de pastorear os usuários a criar afinidade com a campanha política de Trump (Magrani & De Oliveira, 2019, p. 17). Nesse mesmo sentido, a utilização de *fake news* também passou a ser uma estratégia política no Brasil, como noticiado no levantamento realizado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), de checagem de informações falsas divulgadas a respeito do processo eleitoral<sup>6</sup>.

Não há como banalizar a utilização de filtros nos meios digitais quando sua utilização passa a alterar o seio democrático das nações, não a partir da alteração orgânica dos princípios cidadãos mas sim pela sua condução propositada de forçar a manipulação das massas pela alteração implícita de sua percepção da realidade. Por outro lado, sua influência não se restringe ao comportamento em coabitação em coletivo, há diversos estudos na área da psicologia que demonstram a influência nociva das redes sociais em deter-

---

<sup>6</sup> Até o momento, 329 esclarecimentos foram publicados e, só em 2022, são 193 textos com checagem de falsas publicações. O objetivo da página é fomentar a circulação de conteúdos verídicos, com a divulgação de notícias, recomendações e conteúdos educativos. A circulação de *fake news* aumentou durante o pleito eleitoral. Segundo relatório divulgado pelo grupo de pesquisas NetLab da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) a média diária de mensagens falsas cresceu de 202,5 mil no primeiro turno para 311,5 mil no segundo turno. O crescimento foi registrado principalmente no Twitter (57%), no Whatsapp (36%) e no Telegram (23%). Entre os temas mais encontrados estavam conteúdos falsos relacionados às eleições, descredibilidade da imprensa e religião (Tribunal Superior Eleitoral, 2022).

minar a juízo que o indivíduo possui de si mesmo, com base em referência a um estereótipo vinculado às redes sociais.

*Exempli gratia*, o fenômeno conhecido como “Dismorfia Snapchat”, criado pelo médico britânico Tjion Esho, que observou em seu consultório que os pedidos de intervenção cirúrgica tinham uma crescente demanda como objetivo de aplicar as mudanças feitas pelos *softwares* de filtro facial: olhos e cílios maiores, rosto mais fino e pele mais suave (Davies, 2018). Um estudo realizado em 2017 pela Sociedade Espanhola de Cirurgia Plástica, Reconstructiva e Estética enfatizou que o 4,99% dos médicos entrevistados no estudo, que cerca de 10,15% dos pacientes usam como referência suas selfies com filtros, “ou seja, 1 em cada 10 pacientes vão a um cirurgião plástico influenciado pela difusão massiva de imagens de si mesmo e a consequente opinião de outras pessoas sobre elas” (SECPRE, 2017).

Logo, o controle do filtro entrega nas mãos da plataforma o controle sobre o que deveria ser da comunidade e, conseqüentemente, o controle sobre a narrativa e exercem fator determinante no bem estar do indivíduo. Assim, a faticidade sempre estará conduzida ao favorecimento dos aspectos da realidade que alimentem o viés interpretativo das grandes empresas e seus representados, deixando de apresentar com transparência a informação proposta, mas ao mesmo tempo sem comunicar ao consumidor que se trata de um recorte. Deixa de existir o *marketplace of ideas* conceituado por Habermas como um espaço de livre disposição de ideias e argumentos, com reconhecimento de mútua relevância, capaz de garantir uma discussão pública ideal (Cooper, 2006, p. 280) já que todos os pontos de vista e dados colhidos seriam compartilhados em um espaço equiparado de importância.

No mercado das ideias, trazendo uma analogia em semelhante esteio à desenvolvida por Habermas, há um fornecimento de “todos” os produtos por um mesmo produtor, embora existam outras marcas que apenas não são consumidas por inexistirem nas prateleiras dos mercados — lê-se, nas buscas realizadas pelos usuários nessas plataformas, só o conteúdo do *feed* ou gerado pelo algoritmo será consumido. Fica explícita, assim, uma desnutrição cognitiva do usuário, sempre exposto aos mesmos fatos e argumentos a partir da retroalimentação por suas interações nas redes sociais, como sintoma de uma crise de ignorância em escala mundial. Pode-se argumentar que talvez não seria tão relevante discutir os limites da liberdade de expressão nas redes sociais, como hoje está focado o debate acadêmico e jurídico acerca do tema, mas sim que deve-se haver por parte das grandes empresas responsabilidade legal sobre o *feed* e o processo de alienação. Pode-se argumentar ainda que um *feed* que proporcione os problemas descritos pode

representar uma afronta ao próprio direito de liberdade de expressão — na medida em que restringe o acesso ao conteúdo — a liberdade de associação — ao restringir a possibilidade de novas conexões aos usuários — bem como a demais ilícitos quando associados a *fake news* — ao organizar manifestações ou atos antidemocráticos.

#### 4. Impacto Jurídico das Redes Sociais

Em uma mídia de imprensa tradicional, o editorial é de responsabilidade da pessoa jurídica do veículo informacional. Quando o conteúdo transmitido pela emissora é protagonizado por terceiro, a mesma pode reservar o direito de não assumir responsabilidade pelo conteúdo produzido, uma vez que o indivíduo passa a desempenhar papel ativo na veiculação de conteúdo em redes horizontais de comunicação (Castells, 2007, p. 252). Nestes casos, aquele que financia o conteúdo assume a responsabilidade pelo conteúdo produzido.

No meio digital, as redes sociais — que na nossa analogia seriam as mídias — têm garantida a isenção de responsabilidade sobre conteúdo veiculado por terceiro (art. 19 do MC – Marco Civil ou da Lei 12.965/2014), assim como não precisam sequer alegar as fontes que constituíram o processo informativo, já que não são considerados meios de informação — canais jornalísticos aos olhos da legislação vigente e não possuem frente ao código ético da classe, isentando-se de qualquer responsabilidade pelo conteúdo propagado. Portanto, esta também não terá responsabilidade pelo conteúdo impulsionado, assim sendo. Porém, ainda lhe resta a responsabilidade sobre o editorial, ou seja, o que será transmitido — assim o *feed*. Entretanto, o impacto deste editorial (do *feed*) bem como de suas consequências carece de regulamentação própria, investigação de impacto publicamente disponível (previsão do art. 20, §1º da Lei nº 13.709) ou precedentes de escrutínio pelo poder público em qualquer esfera (art. 20, §1º, *in fine*)<sup>7</sup>.

A temática da responsabilidade no âmbito das redes sociais, uma vez que se propõe como espaço de livre manifestação e publicação sem censura ou controle do conteúdo veiculado. A responsabilidade, dessa maneira, protagoniza o debate quanto à própria liberdade de expressão, uma vez que a existência de conteúdos diversos não implica necessariamente na propor-

---

<sup>7</sup> § 1º O controlador deverá fornecer, sempre que solicitadas, informações claras e adequadas a respeito dos critérios e dos procedimentos utilizados para a decisão automatizada, observados os segredos comercial e industrial (art. 20, §1º da Lei nº 13.709).

cionalidade de difusão. A própria etimologia da palavra *mídia* atribui sentido de “instrumento moderador” ou “caminho do meio”, que, subespecificado em redes sociais, deveria guiar a atividade de apresentação do conteúdo de forma a garantir a diversidade informacional — o que evidentemente não ocorre na prática (Pariser, 2012).

E, sobre isso, vale repisar o conceito de *desintermediação* criado por Eli Pariser, ao demonstrar amplamente que, embora a possibilidade de escolha do consumidor tenha sido ampliada em decorrência da abrangência informacional potencial das redes sociais, o poder, em si, não passou a ser dos consumidores — a intermediação do conteúdo só passou a ter outra roupagem<sup>8</sup>. Enaltece a liberdade de expressão como direito pilarizante da coexistência no meio digital. Pela análise de seu *caput*, tem-se que “com o intuito de assegurar a liberdade de expressão e impedir a censura”, o provedor de aplicação de internet deverá tornar indisponível conteúdos infringentes apenas após ordem judicial específica.

Ora, a indisponibilização de conteúdos não pode ser encarada de forma limitante e estritamente denotativa, uma vez que a seleção dos conteúdos apresentados como principais resultados de busca, é por si só, uma forma de tornar indisponível e, de certa forma, censurar informações. Para além disso: não só a seletividade do conteúdo priorizado impede o acesso à informação por fontes divergentes — e, portanto, argumentos antitéticos — como também condiciona a informação à um viés interpretativo único, e totalmente parcial, a partir da análise dos interesses de maior afinidade do usuário, filtrados. Alguns exemplos notáveis disso é como, por exemplo, o canal *China Uncensored*, conhecida (mais de 1,8 milhões de seguidores à altura de abril de 2023) fonte de notícias sobre violações de direitos humanos em inglês no Youtube não aparece como opções de autocompletar na busca em nenhum momento ao ser digitado na plataforma, sendo oculto e preterido por outros canais com menor quantidade de inscritos, conforme experimento próprio realizado em 22/02/2023. O experimento consistiu na abertura de uma janela anônima no navegador Google Chrome e acesso do site YouTube. Em seguida, foi iniciada a digitação do nome do canal *China Uncensored* no buscador do Youtube ao poucos, primeiro apenas “chine un”, “china unce”,

---

<sup>8</sup> Art. 19. Com o intuito de assegurar a liberdade de expressão e impedir a censura, o provedor de aplicações de internet somente poderá ser responsabilizado civilmente por danos decorrentes de conteúdo gerado por terceiros se, após ordem judicial específica, não tomar as providências para, no âmbito e nos limites técnicos do seu serviço e dentro do prazo assinalado, tornar indisponível o conteúdo apontado como infringente, ressalvadas as disposições legais em contrário (art. 19 do Marco Civil da Internet do Brasil).

“china uncensor”, “china uncensored”. Pode-se observar que com apenas os trechos do nome já apareceram diversos outros resultados (como o China Unscripted, *podcast* dos mesmos criadores mas tendo menos que 200 mil inscritos à altura de abril de 2023), exceto pelo *China Uncensored*, o que demonstra que o mecanismo de autocompletar da plataforma não se aplica ao canal em questão, como se vê nas figuras 1 e 2 abaixo:

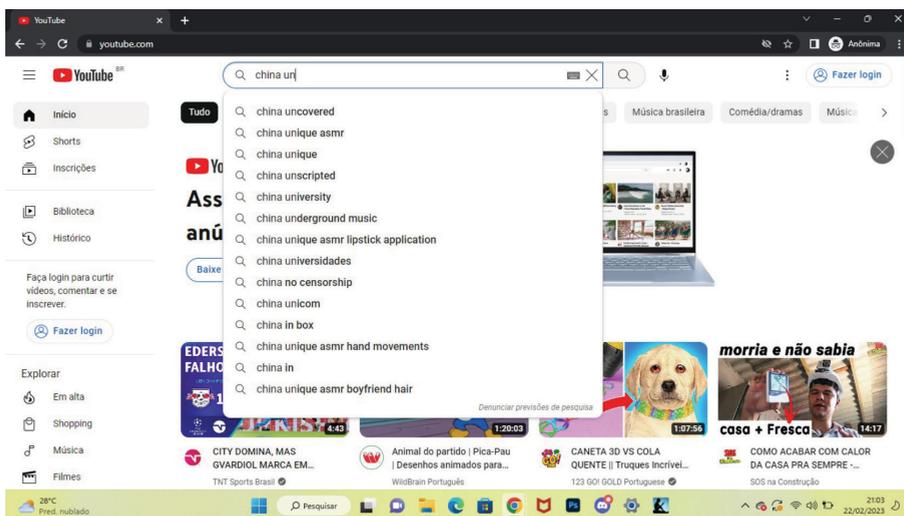


Figura 1 – Digitação do termo “china un” no buscador do Youtube com o intuito de demonstrar que o mecanismo de autocompletar da plataforma não se aplica ao canal *China Uncensored*.

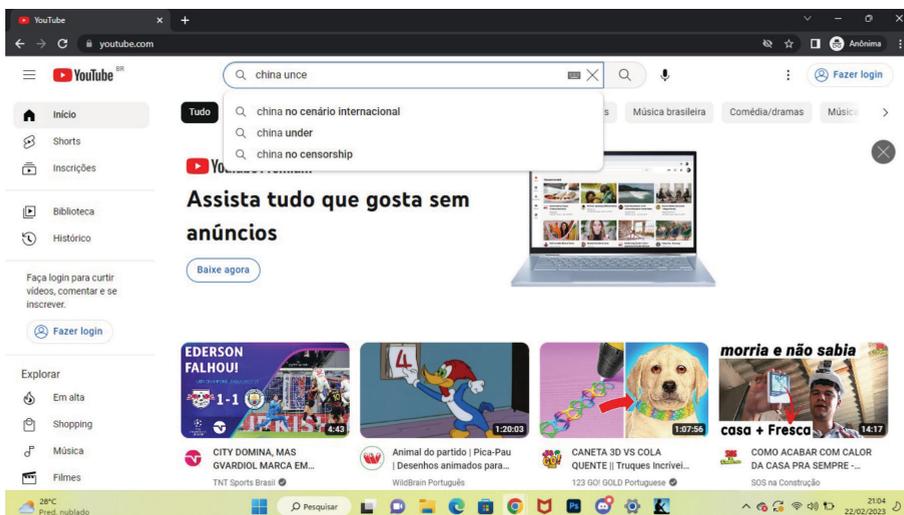


Figura 2 – Digitação do termo “china unce” no buscador do Youtube com o intuito de demonstrar que o mecanismo de autocompletar da plataforma não se aplica ao canal *China Uncensored*.

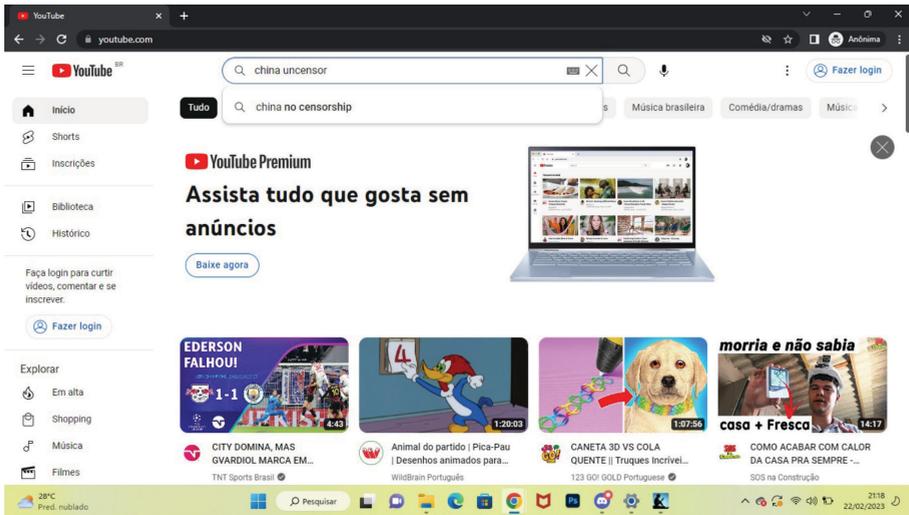


Figura 3 – Digitação do termo “china uncensor” no buscador do Youtube com o intuito de demonstrar que o mecanismo de autocompletar da plataforma não se aplica ao canal *China Uncensored*.

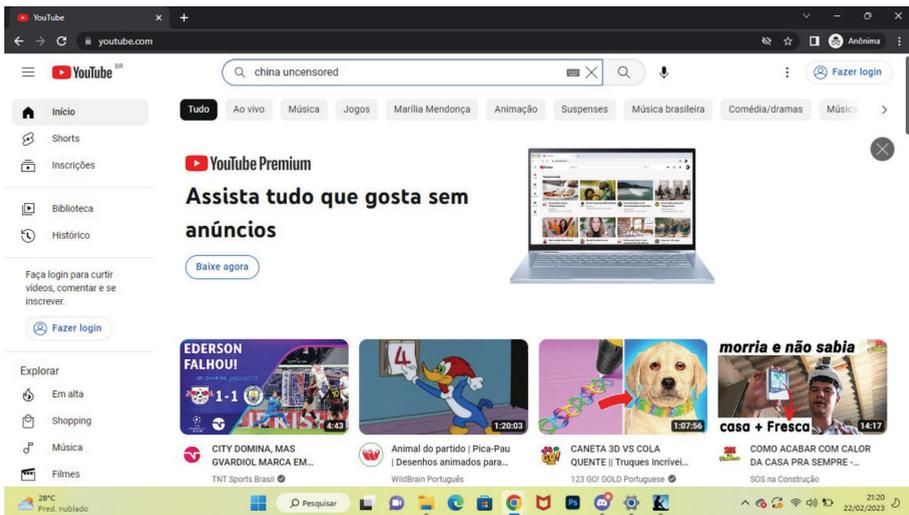


Figura 4 – Digitação do termo “china uncensored” no buscador do Youtube com o intuito de demonstrar que o mecanismo de autocompletar da plataforma não se aplica ao canal *China Uncensored*.

Ainda nos produtos Google, pesquisas realizadas sobre Xinjiang na seção de notícias, onde hoje mais de 1 milhão de cidadãos de minorias étnicas encontram-se presos em campos de concentração (Sudworth, 2022), mídias relacionadas ao governo chinês são priorizadas em relação à denún-

cias de organizações de direitos humanos (Brandt et al., 2022). O levantamento foi realizado em uma aba anônima do navegador Google Chrome, com a finalidade de ocultar o verdadeiro endereço de IP do usuário em questão e fornecer para a plataforma uma geolocalização aleatória dentro do Brasil e diversa da localização verdadeira do usuário. Assim, o usuário não tinha histórico de navegação, sem informações de interação com determinados conteúdos que pudessem alimentar e influenciar o algoritmo em suas recomendações. Embora não tenha curtidas e visualizações de conteúdos quaisquer, o algoritmo de autocompletação da ferramenta de pesquisa da plataforma não sugeriu o canal China Uncensored.

Essa utilização de filtros serve como *câmaras de eco*, catalisando um movimento de reforço do perfil do usuário já traçado, apenas reverberando e reiterando idéias e conteúdos compatíveis com o viés interpretativo habitual do usuário (Gromping, 2014) — o que é alimentado, também, pelas próprias interações que permeiam essa esfera, mascarando uma unilateralidade argumentativa por totalidade e, assim, estreitando o campo de percepção da realidade dos consumidores. É relevante também pontuar que esta mecânica pode também ser explorada por atores maliciosos que entendendo o funcionamento do algoritmo podem manipulá-lo de acordo com o seu interesse. As *echo chambers*, ou câmaras de eco, são as próprias bolhas virtuais, que, ao traduzir o mesmo perfil de usuário em publicações, notícias e afins, de semelhante viés argumentativo, dificultam uma ampliação do ponto de vista pessoal e diversificação opinativa do usuário (Sunstein, 2002, p. 22), pela limitação informacional dos conteúdos apresentados pelo filtro.

A falsa impressão de um acesso democrático à informação nas redes, pela possibilidade de acesso a qualquer portal inserido na internet, apenas traduz-se em mais uma ilusão de autodeterminação e, portanto, um agravante do risco à alienação e propagação de notícias deturpadas. Não há mais um ponto de partida comum que garanta o acesso aos dados sobre a realidade fundamentados pelos mesmos aspectos valorativos e fáticos. Consequentemente, não há como falar de simetria informacional, comprometendo diretamente a própria liberdade de expressão, já que os eventos sempre estarão vinculados a uma célula informacional parcial e, portanto, lacunosa.

## 5. A Responsabilidade Legal das Redes Sociais pelo *Feed*

Inicialmente, é importante destacar a abordagem normativa adotada pelo Brasil em relação ao dever de reparação dos danos causados por tercei-

ros por meio dos serviços de hospedagem oferecidos pelas plataformas digitais. Essa abordagem está em consonância com o artigo 19 do Marco Civil da Internet, que estabelece a natureza subjetiva da responsabilidade e exige a comprovação da culpa do prestador de serviços. Por tanto, não há incumbência de fiscalização e controle prévio do conteúdo nocivo publicado pelos usuários, a autoria e, conseqüentemente, a responsabilidade primária pelo conteúdo veiculado na plataforma versa sobre os usuários. A responsabilidade de reparação dos danos causados por terceiros exsurge somente quando ciente de flagrante conteúdo irregular e danoso veiculado pelos seus usuários, o provedor não tome decisões necessárias para cessar e impedir a proliferação, posicionamento corroborado por precedentes, v.g. (REsp n. 1.980.014/SP, relatora Ministra Nancy Andrighi, Terceira Turma, julgado em 14/6/2022, DJe de 21/6/2022), ou ainda no caso de descumprimento de ordem judicial.

As aplicações de internet (art. 5º, VII do MC) submetem o usuário a um confinamento informático, estruturando suas relações pessoais nas bolhas sociais. Nessa estrutura, programa-se quais informações serão oferecidas aos usuários mediante sua atividade, gerando cada vez mais padrões de uso que abastecem os algoritmos de atividade e dados pessoais. Desta forma, em decorrência do rastro de atividades deixado pelo usuário, o confinamento é aperfeiçoado gerando um ambiente moldado exclusivamente pelo reflexo da sua atividade *online* que retroalimenta cada novo ajustamento. A definição, bem como a tratativa imposta pelo art. 19 do Marco Civil da Internet sobre a responsabilização civil do intermediário e executada por manifestação nos precedentes dos tribunais, adequa-se a casos isolados de danos por veiculação de informações, que aplicando-se em um contexto social abrangente, sua inexistência de efeitos *erga omnes* desmerece a funcionalidade do instituto, em razão da indispensabilidade de compreensão ampla do fenômeno jurídico que possa contemplar os direitos à liberdade de informação de um coletivo (Afonso, 2014). Visto que a inconstância de informação tolhe a eficácia do direito à informação, inutilizando sua manifestação nas diversas relações privadas (*erga omnes*)<sup>9</sup> condizente com a doutrina de Rothenburg (1999).

A seletividade prévia de informações, derivada de um confinamento informático no qual são submetidos os usuários de aplicações *online*, tornando-se precedentes que perturbam o acesso à informação em seu sentido integral. A customização da navegação viola o controle do usuário sobre seu próprio ciclo social, pois passam a ser controlados pela decisão aplicado pelo

---

<sup>9</sup> Rothenburg, W. (1999). Direitos fundamentais e suas características. *Revista dos Tribunais. Cadernos de Direito Constitucional e Ciência Política*, 29, 63.

algoritmo, que vai classificar cada ação feita e personalizar com base nos seus gostos pessoais. A informação recebida não é de livre-arbítrio do usuário, ela é direcionada de acordo com a trilha de dados pessoais deixada.

As informações direcionadas que orbitam dentro das bolhas violam diretamente o princípio constitucional da liberdade de informação, do direito de se informar e de ser informado<sup>10</sup>, em decorrência dessa sistematização que vincula ao usuário apenas o conteúdo que lhe proporcione afinidade. Por tanto, tais aplicações e restrições, mesmo que sejam em benefício de uma experiência personalizada, direcionada e pragmática, não atenuam nem um pouco os efeitos colaterais. Esse meio de cultura estruturado, sistematizado e manipulado, deprecia o direito à informação, previsão constitucional e fundamental versada no art. 5º, inciso XIV, c/c, caput do art. 220º, da CRFB<sup>11</sup>. Direito este que integra a seara dos direitos intransponíveis a personalidade, visto que consta intrinsecamente na integridade intelectual (Godoy, 2008), mas que manifesta-se coletivamente (Nobre, 1988), emergindo da necessidade imprescindível da coletividade ser bem informada, sem quaisquer circunstâncias que impossibilitem ou limitem em qualquer grau a liberdade de informação.

Evidencia-se no ordenamento jurídico brasileiro o enquadramento de serviços prestados por agentes autônomos artificiais como produtos e/ou bens, tornando-se comercializados estes produtos, será atribuída a responsabilidade objetiva aos indivíduos e entidades que os empregue em circulação na sociedade — ainda que seja sustentando a alegada neutralidade do algoritmo em não possuir destinação a formar bolhas. Será atribuída a conduta de responsabilidade objetiva, visto que há clareza entre o dano, ao cercear a liberdade de informação, e o nexo de causalidade por parte do desenvolvedor da aplicação algoritma (Godinho & Rosenvald, 2019), como está descrito no art. 931º do Código Civil<sup>12</sup>. Contudo, como exposto anteriormente, a aplicação algoritma é deliberada e objetiva proventos econômicos, portanto há certo comportamento por parte dos desenvolvedores

---

<sup>10</sup> Brasil. Supremo Tribunal Federal. Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4.815. Relator(a): Cármen Lúcia, p. 02.

<sup>11</sup> Art. 5º, XIV. é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional; Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição. (art. 5º, XIV e 220 da Constituição da República Federativa do Brasil).

<sup>12</sup> Art. 931. Ressalvados outros casos previstos em lei especial, os empresários individuais e as empresas respondem independentemente de culpa pelos danos causados pelos produtos postos em circulação.

que contribuem para o prejuízo sofrido pelas vítimas, de tal modo que o comportamento danoso reflete a culpa genérica (*lato sensu*) — englobando o dolo e a culpa (Pereira & Tepedino, 2018). Portanto, a violação a direito da personalidade, por parte do desenvolvedor de aplicação, não atribui ônus probatório ao usuário (*in re ipsa*), que por sua vez não é incumbido de provar o fato lesivo à sua personalidade (Silvestre & Marchiori, 2020).

Seguindo a compreensão doutrinária de Sérgio Cavalieri Filho, a culpa é qualificada por três elementos: a) a conduta voluntária, com resultado involuntário; b) a previsão ou previsibilidade do fato danoso; c) a ausência de cuidado, cautela, diligência e atenção (Cavalieri, 2005). Portanto, na situação de fato, temos o sistema algoritmo de constante interação com o usuário, no qual aprende, codifica e padroniza o tráfego de atividades disponibilizado por esse usuário, gerando um bem-estar fabricado para mantê-lo por mais tempo conectado com base em objetivos definidos pela própria rede social. Selecionando de forma automática o conteúdo, limitando a diversidade de informação e incentivando o comportamento satisfatório e consumista.

Logo, é uma conduta voluntária (algoritmo desenvolvido com tal finalidade), com resultado involuntário (cada personalização é moldada de acordo com dados fornecidos pelo próprio usuário de forma involuntária), possuindo previsão do fato danoso e ausência de cautela (uma vez que o algoritmo é criado com a finalidade de enviesar a informação). Conjuntamente, observando o disposto na Convenção Americana dos Direitos Humanos de 1948 (art. 13º) e no do Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos de 1992 (art. 19º), nos quais o Brasil é signatário, há previsão no ordenamento jurídico infraconstitucional que atesta a ilegalidade de qualquer hipótese que possa nublar e impedir a integralidade do acesso à informação. Embora um número reduzido de termos de uso tenha previsão da utilização de filtros de modulação de informação, bem como o tratamento de dados com a finalidade de oferecer uma personalização ao usuário, devemos destacar que reside uma vedação de caráter personalíssimo instituído pelo Código Civil Brasileiro, conforme incidência do art. 11º. A barreira em questão é uma vedação em virtude da indisponibilidade de um direito personalíssimo (Gagliano & Filho, 2004), contudo a barreira não perfaz incondicionalmente. Apesar de o titular não possuir disposição para renunciar a autodeterminação informativa, ainda é possível a cessão de direitos a fim de entregar uma experiência modulada pela plataforma, vistas o Enunciado nº 4, do CJF/STJ<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> “O exercício dos direitos da personalidade pode sofrer limitação voluntária, desde que não seja permanente nem geral” (Conselho da Justiça Federal, Centro de Estudos Judiciários, 2012).

Contudo, o titular não perde o seu direito, a cessão não possui caráter permanente e geral — deverá haver uma delimitação clara e destacada, nos termos, sobre como será realizado o processamento de dados com a finalidade de modular a experiência do usuário na plataforma, assim como deverá haver esclarecimento acerca das repercussões dessa prestação de serviço personificado. Tendo em vista que na situação analisada, o consentimento dado sem as informações pertinentes, será praticado com desinformação. Tais reservas foram definidas nas normativas de proteção de dados como a LGPD, estabelecendo que deverá haver devidas informações e elucidação acerca da funcionalidade desta aplicação algoritmo, impõe ao consentimento a definição de: “manifestação livre, informada e inequívoca pela qual o titular concorda com o tratamento de seus dados pessoais para uma finalidade determinada” (art. 5º, XII, LGPD), *c/c*, “quando o titular ou seu responsável legal consentir, de forma específica e destacada, para finalidades específicas” (art. 11º, I, LGPD).

## 6. Discussão dos Resultados e Conclusão

As grandes empresas de tecnologia têm uma legitimidade questionável na definição da liberdade de expressão, visto que elas não assumem responsabilidade pelo conteúdo que elas mesmas veiculam e possuem controle sobre qual conteúdo é veiculado. Tal conteúdo é proporcionado pela construção de filtros que geram bolhas informacionais, permitindo um melhor traçado do perfil dos usuários e direcionamento publicitário, gerando lucros, além de maior tempo de navegação nas plataformas. Embora o consumo do serviço das redes sociais apresente riscos, as empresas de tecnologia continuam ajustando suas plataformas sem isto em consideração, uma vez que não tem incentivos para tal. Em setores mais regulados da economia, há menor tolerância ao erro, como em campanhas publicitárias enganosas ou até mesmo por envenenamento culposo de consumidores. O desconhecimento é comum tanto àqueles que deveriam fiscalizar, quanto àqueles que consomem produtos afinados pelos algoritmos das redes sociais.

Portanto, podem ser exploradas opções de regulamentação que estabeleça responsabilidades claras para as *big techs* em relação ao conteúdo veiculado em suas plataformas, garantindo maior liberdade de controle e informação sobre a maneira como o conteúdo é direcionado para o seu usuário ou sendo responsabilizada por campanhas de notícias falsas, discursos de ódio e radicalização política de sucesso. O respeito à liberdade de expressão passa pelo

empoderamento do cidadão ao transmitir e acessar informações, especialmente porque elas têm o poder de influenciar diretamente as opiniões e comportamentos das pessoas. Quando informações são selecionadas por empresas com intuito de lucrar sobre o comportamento do seu usuário e o resultado prático disso são problemas sociais, tais empresas deveriam responder por isso.

Empresas de tecnologia não assumiram um compromisso ético com seus usuários e com a sociedade como um todo, não garantindo a transparência nas suas práticas e a qualidade das informações veiculadas em suas plataformas. Logo, este trabalho propõe que empresas de tecnologia sejam responsabilizadas pelo conteúdo veiculado em seu *feed*, em especial quando o usuário não tem gerência, controle direto ou informação sobre como tal se apresenta a ele e como lhe influencia. Isto pode ser exigido por agências reguladoras, autoridades públicas ou organizações de defesa ao usuário quando demonstrado danos coletivos, como no caso estudado pela IoBM, bem como exigido individualmente pelos usuários na restrição de direitos individuais, como no caso do canal China Uncensored. Soluções regulatórias podem ainda ser viáveis, como por exemplo obrigação da abertura do código e compartilhamento de mais informações sobre o tratamento de dados pessoais. Considerando a importância das redes sociais na construção do debate público, a corrupção sem obstáculos dos espaços de diálogo é um risco latente para a manutenção da democracia e assim, direitos coletivos e individuais cercados como resultado dos riscos perpetuados por redes sociais devem ser defendidos tornando-as responsáveis pelos danos que causam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, J. (2014). *Curso de Direito Constitucional Positivo*. Malheiros Editores.
- B/300. (2022, setembro 01). Como funciona o algoritmo do YouTube? *Núcleo de Tecnologia e Marketing de Dados*. <https://bgcomunicacao.com.br/como-funciona-o-algoritmo-do-youtube/>
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2010). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. (32ª ed.). Vozes.
- Bourdieu, P. (1983). *A economia das trocas linguísticas*. Ática.
- Brandt, J., Schafer, B., Aghekyan, E., Wirtschafter, V., & Danaditya, A.. (2022, maio). *Ganhando a web: como Pequim explora os resultados de pesquisa para moldar as visões de Xinjiang e COVID-19*. Brookings. <https://www.brookings.edu/research/winning-the-web-how-beijing-exploits-search-results-to-shape-views-of-xinjiang-and-covid-19/>
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB)*. Planalto. [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)

- Brittos, V., & Gastaldo, É. (2006). Mídia, poder e controle social. *ALCEU: Revista de Comunicação, Cultura e Política*, 7(13), 121-133.
- Bucher, T. (2012). Want to be on the top? Algorithmic power and the threat of invisibility on Facebook. *New Media & Society*, 14(7), 1164–1180.
- Castells, M. (2007). Communication, Power and Counter-power in the Network Society. *International Journal of Communication*, 1, 238-266.
- Cavaliere, S. (2005). *Programa de Responsabilidade Civil*. Malheiros Editores.
- Conselho da Justiça Federal, Centro de Estudos Judiciários. (2012, março). *Enunciado nº 4* [Enunciado]. I, III, IV e V Jornadas de Direito Civil – Enunciados Aprovados, Brasília. <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:TfIP4IWRmVsJ:https://www.cjf.jus.br/enunciados/enunciado/650&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>
- Cooper, S. D. (2006). The blogosphere and the public sphere. In *Watching the watchdog: Bloggers as the fifth estate*. Spokane, WA: Marquette Books, 277-303.
- Correia, P., & Moreira, M. (2014). Novas Formas de Comunicação: História do Facebook - Uma História Necessariamente Breve. *ALCEU: Revista de Comunicação, Cultura e Política*, 14(28), 165-181.
- Costa, F. B. F., & Santos, J. M. G. (2022, julho). Contornos sobre a responsabilidade civil das grandes empresas de tecnologia “big techs” em casos de violação ao direito fundamental à proteção de dados. *Revista Brasileira de Direito Civil em Perspectiva*, 8(1), 1-24.
- Davies, A. (2018, may 23). “Dismorfia de Snapchat”: El fenómeno por el que cada vez más pacientes de cirugía estética aspiran a parecerse a sus propios selfies con filtros. BBC News Mundo. <https://www.bbc.com/mundo/noticias-43864965>
- Decreto nº 592 da Presidência da República – Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos. (1992). [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/d0592.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0592.htm)
- Decreto nº 678 da Presidência da República – Casa civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos. (1969). [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d0678.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d0678.htm)
- Dixon, S. (2023). *Global social networks ranked by number of users 2023*. Statista, <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>
- EBAC. (2022, setembro 5). *Algoritmo do TikTok: qual a lógica por trás dele?*. Escola Britânica de Artes Criativas & Tecnologia (EBAC). <https://ebaonline.com.br/blog/algoritmo-do-tiktok>
- Ferrari, P. (2018). *Como sair das bolhas*. EDUC – Editora da PUCSP.
- Ferreira, G. C. (2011). Redes Sociais de Informação: uma história e um estudo de caso. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 16(3), 54-65.
- Fonseca, F. (2011). Mídia, poder e democracia: Teoria e práxis dos meios de comunicação. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (6), 85-109.
- Gagliano, P. S., & Filho, R. P. (2004). *Novo Curso de Direito Civil: V. 1. Parte Geral*. Editora Saraiva.
- Godinho, A. M., & Rosenvald, N. (2019). *Inteligência Artificial e a responsabilidade civil dos robôs e de seus fabricantes*. Editora Foco.
- Godoy, C. (2008). *A Liberdade de Imprensa e os Direito da Personalidade*. Atlas.
- Gromping, M. (2014). Echo chambers. *Asia Pacific Media Educator*, 24(1), 11-23.

- Hollebeek, L., Glynn, M., & Brodie, R. J. (2014). Consumer Brand Engagement in SocialMedia: Conceptualization, Scale Development and Validation. *Journal of Interactive Marketing*, 28(2), 149-165. <https://doi.org/10.1016/j.intmar.2013.12.002>
- Inglehart, R. (1997). Modernization, postmodernization and changing perceptions of risk. *International Review of Sociology*, 7(3), 449-459.
- Jesús, A. (2012). *História das redes sociais: do tímido ClassMates até o boom do Facebook*. Techtudo. <https://www.techtudo.com.br/noticias/2012/07/historia-das-redes-sociais.ghtml>
- Jurno, A. C., & D'Andréa, C. (2017). (In)visibilidade algorítmica no “feed de notícias” do Facebook. *Revista Contemporânea*, 15(2), 463-484.
- Koerner, A. (2021). Capitalismo e vigilância digital na sociedade democrática. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 36(105), e3610514. <https://doi.org/10.1590/3610514/2020>
- Lei nº 10.406 da Presidência da República – Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos. (2002). [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110406compilada.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm)
- Lei nº 12.965 da Presidência da República – Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos. (2014). [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm)
- Lei nº 13.709 da Presidência da República – Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos. (2018). [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm)
- Lippmann, W. (2018). *Liberty and the news*. Routledge.
- Magrani, E., & De Oliveira, R. M. (2019). A esfera pública (forjada) na era das fake news e dos filtros-bolha. *Caderno Adenauer*, 19(4), 111-131.
- “News Feed FYI.” Meta Newsroom, 10 Apr. 2019, <https://about.fb.com/news/category/news-feed-fyi/>.
- Nickerson, R. S. (1998). Confirmation Bias: A Ubiquitous Phenomenon in Many Guises. *Review of General Psychology*, 2(2), 175-220.
- Nobre, F. (1988). *Imprensa e liberdade: os princípios constitucionais e a nova legislação*. Editora Saraiva.
- Okada, S. (2011). Web Analytics: Modelos de Métricas de Engajamento em Mídias Emergentes. *REMark -Revista Brasileira de Marketing*, 10(3), 109-123.
- Pariser, E. (2012). *The Filter Bubble: What the Internet Is Hiding from You*. Zahar.
- Pellizzari, B., & Junior, I. (2019). Bolas sociais e seus efeitos na sociedade da informação: Ditadura do algoritmo e entropia na internet. *Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias*, 5(2), 158-181.
- Pereira, C., & Tepedino, G. (2018). *Responsabilidade Civil*. Editora Forense.
- Recuero, R. (2012). *A rede é a mensagem: Efeitos da difusão de informações nos sites da rede social*. Editorial La Crujía.
- Rothenburg, W. (1999). Direitos fundamentais e suas características. *Revista dos Tribunais. Cadernos de Direito Constitucional e Ciência Política*, 29, 55-65.
- Silveira, S. A. da. (2019). *Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas*. Edições Sesc SP.
- Silvestre, G. F., & Marchiori, B. F. (2020). As Recentes Caracterizações do Dano Moral no Superior Tribunal de Justiça: prejuízos doloris ou prejuízo in re ipsa? *Revista de Estudos Empíricos em Direito (REED)*, 7(3), 221-237.

- Sociedad Española de Cirugía Plástica Reparadora y Estética (SECPRE). (2017, september 15). *Sólo 1 de cada 3 pacientes españoles de cirugía estética se informa de la cualificación de su médico*. SECPRE – Sociedad Española de Cirugía Plástica Reparadora Y Estética. <https://secpres.org/noticias-detalle/27/3/5%C3%B3lo%25201%2520de%2520cada%25203%2520pacientes%2520espa%25C3%25B1oles%2520de%2520Cirug%25C3%25ADa%2520Est%25C3%25A9tica%2520se%2520informa%2520de%2520la%2520cualificaci%25C3%25B3n%2520de%2520su%2520m%25C3%25A9dico?page=317-s%C3%B3lo-1-de-cada-3-pacientes-espa%C3%B1oles-de-cirug%C3%ADa-est%C3%A9tica-se-informa-de-la-cualificaci%C3%B>
- Sudworth, J. (2022). *Os documentos secretos que revelam detalhes de campos de prisioneiros uigures na China*. BBC News Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61557466>
- Sunstein, C. (2002). The law of group polarization. *The Journal of Political Philosophy*, 10(2), 175-195.
- Tribunal Superior Eleitoral. (2022, november 18). Fato ou boato publicou quase 200 esclarecimentos contra fake news em 2022. Tribunal Superior Eleitoral. <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Novembro/fato-ou-boato-publicou-193-esclarecimentos-contra-fake-news-em-2022>
- Universidade Federal da Bahia. (2017). *Contemporanea – Revista de Comunicação e Cultura (PósCom-UFBA)*, 15(2).
- Volpato, B. (2023, março 16). *Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2022, com insights e materiais*. Resultados Digitais. <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>
- Walloo Media. (2022, julho 05). *Facebook News Feed Algorithm History*. Wallaroo Media.. <https://wallaroomedia.com/facebook-newsfeed-algorithm-history/>
- Worm, H. (2022). *Self-esteem and its association with social media use in university students: An experience sampling study* [Unpublished master's thesis]. University of Twente.
- Zampier, B. (2021). *Bens digitais: cyberculturas, redes sociais, e-mails, músicas, livros, milhas aéreas, moedas virtuais*. Editora Foco.
- Zuboff, S. (2019). *The Age of Surveillance Capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power*. Public Affairs.



# Morte e glorificação de D. Miguel da Anunciação (1703-1779), Bispo de Coimbra

## Death and glorification of D. Miguel da Anunciação (1703-1779), Bishop of Coimbra

GUILHERMINA MOTA

Professora aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

[guimota@mail.telepac.pt](mailto:guimota@mail.telepac.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4021-0614>

Artigo entregue em: 3 de maio de 2023

Artigo aprovado em: 30 de maio 2023

### RESUMO

Este texto publica dois registos de óbito relativos ao Bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação (1703-1779) que faleceu em agosto de 1779 no Mosteiro de Santa Maria de Semide. Um dos registos foi lavrado na freguesia de Semide; o outro na de S. João de Almedina, de Coimbra, paróquia onde se localizava o Paço Episcopal. Nesses registos se documentam as circunstâncias do seu falecimento e o destino que tiveram os seus restos mortais. A vida conturbada de D. Miguel, marcada pelo seu longo cativeiro na prisão de Pedrouços, por causa da sua firme oposição ao regalismo pombalino, granjeou-lhe a auréola do martírio, tendo desencadeado a sua morte um grande movimento popular em busca de relíquias suas.

**PALAVRAS-CHAVE:** D. Miguel da Anunciação (1703-1779); Diocese de Coimbra; Relíquias; Século XVIII.

## ABSTRACT

This paper publishes two death records referring to the Bishop of Coimbra D. Miguel da Anunciação (1703-1779), who died in August 1779 in the Monastery of Santa Maria de Semide. One of the records was drawn up in the parish of Semide; the other in the parish of S. João de Almedina, Coimbra, where the Episcopal Palace was located. These records document the circumstances of his death and the fate of his remains. The troubled life of D. Miguel, marked by his long captivity in the prison of Pedrouços because of his firm opposition to Pombaline regalism, earned him the halo of martyrdom. His death triggered a popular movement questing for his relics.

**KEYWORDS:** D. Miguel da Anunciação (1703-1779); Diocese of Coimbra; Relics; 18th Century.

«Uma das paginas dolorosas de Semide, e de que a chronica conserva mais saudosa memoria, é a da morte do bispo D. Miguel da Annunciação. No mez d’agosto de 1779 o bispo conde, quasi octogenario, deu começo a nova visita no seu bispado; terminando a digressão por uma visita canonica ao mosteiro de Semide, e presidencia á eleição de nova abbadessa» (Assumpção, 1900, p. 227)<sup>1</sup>.

Compreende-se a forte comoção que o falecimento de D. Miguel da Anunciação, Bispo de Coimbra e Conde de Arganil, terá causado às freiras beneditinas do Mosteiro de Santa Maria de Semide, tendo ele ocorrido na hospedaria da casa e durante uma visita pastoral destinada a prover o cenóbio de nova prelada, restabelecendo a concórdia quebrada por conflitos havidos entre as religiosas.

Comoção, no entanto, que não só as monjas terão sentido, uma vez que a morte do bispo teve um poderoso impacto junto dos habitantes da região que, sabida a notícia, logo o tiveram por santo e procuraram abeirar-se do seu corpo com o desejo de guardar recordações a que atribuíam poderes miraculosos.

---

<sup>1</sup> Diz o Autor que os apontamentos constantes do capítulo “A morte d’um justo” (a páginas 227-237), de que se transcreve o presente excerto, pertencem a um manuscrito intitulado *Relação da preciosa morte do Sr. bispo-conde Dom Miguel da Annunciação, e d’alguns successos que a seguiram*.

A rápida proposição de santidade<sup>2</sup> poderá ter origem na sua conduta virtuosa e vida austera, mas prende-se talvez mais com o destino peculiar que protagonizou como antístite conimbricense, sendo D. Miguel considerado mesmo por alguns o maior bispo da diocese (Ramos, 2000, p. 388).

Nascido na freguesia de S. José da cidade de Lisboa, em 28 de fevereiro de 1703, e batizado como Miguel Carlos da Cunha, provinha de ilustre linhagem, pois era filho segundo do 1.º Conde de Povolide, D. Tristão da Cunha de Ataíde, e de D. Arcângela Maria de Távora, filha do 2.º Conde de S. Vicente, e era sobrinho do Cardeal D. Nuno da Cunha.

Fez os seus estudos, como porcionista do Real Colégio de S. Paulo, na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra, tendo obtido o grau de doutor em julho de 1725. Destinado primeiramente à carreira académica, era já condutário com privilégio de lente, quando influiu o seu rumo, entrando como noviço para o Mosteiro de Santa Cruz, onde tomou o hábito em abril de 1728, como cônego regrante de Santo Agostinho, vindo a ser eleito Geral dos Crúzios em 1737<sup>3</sup>.

Nomeado bispo de Coimbra, recebeu a sagração episcopal em Santa Cruz, em 9 de abril de 1741. Animado de ímpetos renovadores, distinguiu-se pelo modo rigoroso com que exerceu o seu múnus apostólico, diligenciando por revigorar a vida religiosa do bispado. Realizou muitas visitas pastorais às paróquias, publicou diversas cartas, provisões e editais que tinham em vista melhorar a formação do clero e aperfeiçoar o comportamento espiritual e moral dos fiéis da diocese (Rodrigues, 1985, pp. 135-166). Atento também a necessidades de índole educativa e intelectual, promoveu a criação da Academia Litúrgica, estabelecida no Mosteiro de Santa Cruz em 1747 pelo Papa Bento XIV, e fundou o Seminário Maior da Sagrada Família em Coimbra — obra monumental de assinalável valor artístico —, inaugurado em 28 de outubro de 1765, ocasião em que houve festa e missa de Ação de Graças, estando a casa já habitada desde 1758<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Que D. Miguel falecera «com opinião de Santo» ficou logo registado pelo cura da paróquia de Semide à margem do assento de óbito (Documento I).

<sup>3</sup> Sobre D. Miguel da Anunciação (Rodrigues, 1982-1983, pp. 205-298; Rodrigues, 1983, pp. 1-53; Campos, 2014, pp. 21-103; Almeida, 1968, pp. 608-619; Carvalho, 1955, pp. 337-367; Soriano, 1866, vol. 1, pp. 217-223).

<sup>4</sup> O edifício ostenta no portal de entrada o brasão de D. Miguel da Anunciação, com as armas dos Condes de Povolide e o emblema do Mosteiro de Santa Cruz (Correia & Gonçalves, 1947, p. 97). O Seminário guarda também a memória do seu fundador no jardim, imortalizada em um busto de bronze sobre um plinto em pedra de Ançã, que foi colocado aquando das comemorações

Defensor intransigente da jurisdição eclesiástica, desenvolveu uma oposição tenaz à supremacia do poder civil sobre o poder da Igreja, de que é expressão veemente um texto publicado clandestinamente, logo em 1746<sup>5</sup>, em que fazia a apologia dos direitos episcopais contra intromissões do Santo Ofício na esfera de competência que era a sua (Rodrigues, 1982-1983, p. 221).

De forma mais patente e desafiadora, vai entrar em conflito aberto com o regalismo pombalino ao promulgar em 8 de novembro de 1768 uma carta pastoral<sup>6</sup>, muito polémica, onde punha em questão a Real Mesa Censória, que permitia e apoiava a leitura de livros<sup>7</sup> que a Igreja interditava por transmitirem ideias contrárias à doutrina e colocarem em causa a disciplina da Igreja e os bons costumes e, pelo contrário, proibia a leitura de outros que a Igreja considerava de grande proveito. Nessa carta declarava nulas as licenças que não fossem passadas por si e ordenava aos sacerdotes que negassem absolvição no confessional a quem se não conformasse com as prescrições da pastoral.

Acusado de rebeldia contra o soberano, é, por ordem régia, afastado da sua cadeira episcopal e encarcerado na prisão de Pedrouços, onde ficará detido durante oito anos, sem julgamento. A pastoral é apreendida e queimada publicamente em Lisboa, na Praça do Comércio, D. Miguel, incurso em crime de lesa-majestade, reputado por morto e com os bens confiscados, o governo do bispado declarado vago<sup>8</sup>.

São-lhe imputadas as culpas de defensor do Sigilismo, que se considerava ser uma prática que ameaçava o segredo da confissão, e de prosé-

---

dos duzentos anos da sua fundação, em homenagem realizada por iniciativa do Bispo D. Ernesto Sena de Oliveira (1892-1972) (Campos, 2014, pp. 45 e 297-298).

<sup>5</sup> *Fundamentos, que certas pessoas doudas Sendo perguntadas, offerecêraõ aos Senhores Arcebispos e Bispos de Portugal em defeza da sua Jurisdição Ordinaria os quaes foraõ apresentados a Sua Santidade pelos Procuradores dos ditos Excellentissimos e Reverêdissimos Prelados...*, Madrid, na officina dos herdeyros de Francisco del Hierro, 1746. Na verdade, esta obra foi impressa numa tipografia clandestina que D. Miguel da Anunciação montou na quinta de S. Martinho do Bispo, pertencente à mitra, sendo o prelo da imprensa de António Simões Ferreira (Carvalho, 1868, pp. 315-339).

<sup>6</sup> Análises minuciosas desta pastoral encontram-se em (Rodrigues, 1982-1983, pp. 222-233 e 285-298; Lavrador, 1995).

<sup>7</sup> Nomeadamente a *Enciclopédia* e o *Dicionário Filosófico* e obras de Voltaire, Rousseau, Dupin ou Febronius.

<sup>8</sup> Ver a sentença contra a pastoral em *Collecção das leys promulgadas, e sentenças proferidas nos casos da infame pastoral do Bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação, das seitas dos jacobeos, e sigillistas, que por occasião della se descobriram neste Reino de Portugal*, Lisboa, na Regia Officina Typografica, 1769.

lito da Jacobeia, movimento ascético e místico muito rigorista na exigência de uma perfeição pessoal que, levada ao exagero, desvalorizava a vida terrena, acabando por pôr em risco os princípios humanistas, e da razão, e adquirir uma feição retrógrada que comprometia o despotismo iluminado da Coroa<sup>9</sup>.

A sua reclusão terminou por decisão do rei D. José, tomada a 21 de fevereiro de 1777, três dias antes de falecer. Recuperada a liberdade dois dias depois, D. Miguel voltou para Coimbra, fazendo a sua entrada na cidade no dia 22 de agosto desse mesmo ano, com toda a pompa e aparato, reassumindo a direção do seu bispado<sup>10</sup>.

O sofrimento experimentado nos anos do longo cativo, caracterizado por particular dureza, granjeou-lhe a auréola do martírio. A veneração e o carinho de que era alvo são visíveis desde o seu regresso à diocese — de que dão testemunho, por exemplo, os inúmeros retratos seus encomendados por personalidades e instituições religiosas do centro do país (Dias, 1978, pp. 9-13) — e acentuam-se nos últimos momentos do prelado, tal como são então narrados.

A sua morte — pelo seu rápido desenlace (adoecendo a 25 de agosto, faleceu no dia 29), pelas circunstâncias que a rodearam (ocorrendo fora do seu Paço e durante uma visita pastoral, assim cumprindo até à hora final a sua obrigação apostólica) e, sobretudo, pelos factos extraordinários sobrevindos após o falecimento (a flexibilidade corporal e a fluidez sanguínea) — provocou de imediato a admiração da gente da diocese.

A viva emoção experimentada por todos os presentes, assim que D. Miguel fechou os olhos, desencadeou um enorme alvoroço popular que irá marcar de forma exacerbada o cerimonial fúnebre, a trasladação do corpo para o Mosteiro de Santa Cruz, o cortejo vindo de Semide, a chegada a Coimbra. Sucodem-se as cenas extremas, em busca de relíquias, querendo todos recolher sangue, tocar-lhe ou obter retalhos das roupas (Carvalho, 1955, pp. 365-367; Assumpção, 1900, pp. 234-237).

O seu corpo foi embalsamado como era corrente praticar em pessoas de grandeza fidalga, o que, no seu caso, faria aumentar a atração sentida pelos povos, pois a não decomposição confirmava que o falecido gozava de especial apreço divino.

---

<sup>9</sup> Sobre a questão religiosa do Sigilismo e sobre o movimento da Jacobeia, ver, por todos (Silva, 2001, pp. 233-236; Castro, 2001, pp. 5-7).

<sup>10</sup> Sobre a entrada do bispo na cidade, ver o documento publicado por Manuel Augusto Rodrigues (1982-1983, pp. 252-258).

Parco de detalhes fúnebres — apenas refere que as entranhas ficaram enterradas no presbitério, do lado do Evangelho —, o cura da paróquia de Semide, João Gomes, detém-se mais na descrição das derradeiras ações do prelado em prol da doutrina e da fé, realizadas na véspera de adoecer (Documento I), como é o caso da administração do sacramento do Crisma aos fiéis de Semide e de Rio de Vide — terá confirmado cerca de trezentas pessoas (Campos, 2014, p. 101)<sup>11</sup> —, e ainda da sessão dirigida aos clérigos, com uma prédica sobre as Meditações do Inferno, ocupando todo o dia nessas funções.

Mais pormenorizada é a descrição que faz Joaquim de Moura Coutinho, prior da freguesia de S. João de Almedina, da cidade de Coimbra (freguesia onde se localizava o Paço Episcopal), sobre o processo de embalsamar que foi levado a cabo no próprio local do passamento (Documento II). Pelo teor do registo de óbito se fica a saber a disposição que foi feita dos seus restos mortais: as entranhas foram sepultadas na capela-mor da igreja de Semide, do lado do Evangelho, exceto o coração, que, a pedido insistente das religiosas, ficou conservado no Mosteiro de Santa Maria de Semide. O casco encefálico foi entregue ao cuidado do Seminário Maior da Sagrada Família de Coimbra, assim sublinhando, de modo simbólico, a ligação perene do prelado à casa que havia fundado. O corpo foi enterrado na igreja do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

O lugar do seu eterno descanso foi muito disputado, quer pelas monjas de Semide, quer pelos dirigentes do Seminário, mas prevaleceu a escolha de sepultura que o próprio D. Miguel havia feito, como cônego regular de Santa Cruz que nunca deixou de ser. Jaz sepultado na nave da Igreja de Santa Cruz de Coimbra, do lado da Epístola, em frente do altar de Nossa Senhora da Conceição, tendo-se respeitado o que ele mesmo havia determinado: em campa rasa, mas em campa feita de novo e com epitáfio próprio, dentro de um caixão, envergando paramentos episcopais<sup>12</sup>. Em campa rasa e em local de passagem — e não na capela-mor como era de estilo<sup>13</sup> —, o que definia

---

<sup>11</sup> E não «coisa de quatrocentas» como se diz no manuscrito publicado em Branquinho de Carvalho (1955, p. 363), ou «perto de quinhentas» como escreve Lino d'Assumpção (1900, p. 228).

<sup>12</sup> Como consta de um manuscrito transcrito por Branquinho de Carvalho (1955, p. 367). Ver a tradução portuguesa do epitáfio, que está escrito em latim, em Aurélio de Campos (2014, p. 101).

<sup>13</sup> Lugar onde só se sepultavam bispos, priores e beneficiados (AUC, *Registos Paroquiais*. S. João de Almedina, *Livro de Óbitos*. 1747-1803, fól.79).

uma atitude de humildade, sabendo que a sua sepultura ia ser pisada por quem se movimentava dentro do templo<sup>14</sup>.

Depois de embalsamado, foi levado para a igreja do Convento de Semide, onde se rezou missa e o ofício de defuntos. Seguiu depois para Coimbra, onde era esperado por uma multidão, apesar de ser já de noite e de ter irrompido uma forte trovoadas. Foi então colocado na capela-mor do Mosteiro de Santa Cruz, sobre uma armação de veludo preto com franjas de ouro. Aí esteve três dias até ao sepultamento, sendo muito numeroso o concurso de gente que acorreu ao mosteiro, de tal modo que foi preciso colocar guardas para acautelar desordens, pois as pessoas pediam, com enorme ânsia, que lhes tocassem rosários, cruzes e escapulários no corpo do bispo defunto<sup>15</sup>.

Na Oração fúnebre proferida em sua intenção apontam-se mais elementos sobre a devoção popular, sentida muito para além da cidade e região conimbricenses:

[...] procuram todos á porfia possuir alguma parte das alfaias que foram de seu uso para nellas conservarem uma perpetua memoria da sua grandeza. O seu sangue se recolhe em lenços e se divide em immensidade de pedaços pelos muitos que o pertendem; as suas roupas se estimão como reliquias: e até se diz que as magestades mandaram pedir os seus roquetes para dar-lhe a mesma estimação: o escuro do seu carcere se visita com devoção e n'elle se beija a terra [...] o enxergão da sua cama se faz em retalhos, para com elles contentar aos muitos que d'elle procuravam uma lembrança (Rodrigues, 1982-1983, pp. 272-273).

Claro que não havia unanimidade em torno da atribuição de santidade a D. Miguel da Anunciação. Em contraponto com as descrições que iam nesse sentido, atente-se, e desde logo, na notícia publicada na *Gazeta de Lisboa* (Documento III), simples anúncio do falecimento, com uma mera indicação dos factos e uma caracterização sucinta da sua personalidade, carreira académica e eclesiástica. Mais assertivos, alguns dos seus detratores chamavam a atenção para o facto de não ser santo quem não tinha sido canonizado e negavam os milagres que lhe eram atribuídos, avançando que

---

<sup>14</sup> Atitude um tanto contraditada pelas evocações das duas capelas edificadas no Seminário de Coimbra, a Capela de S. Miguel e a Capela da Anunciação, assim perpetuando o nome do bispo na obra que fundara (Campos, 2014, p. 44).

<sup>15</sup> Sobre o enterro do bispo de Coimbra, ver também “D. Miguel da Anunciação. Seu enterro”. *Conimbricense*. 1870, n.º 2367.

os casos, que pretensamente os comprovavam, se podiam explicar por causas naturais (Carvalho, 1955, pp. 341-342)<sup>16</sup>.

A detenção do bispo de Coimbra e o seu afastamento da diocese enquadram-se na política regalista pombalina e no processo de secularização do Estado que pressupunha a diminuição do poder da Igreja, a limitação da interferência do papado nas questões internas do reino, a redução dos direitos jurisdicionais e dos privilégios eclesiásticos. Entende-se assim que a Igreja, como forma de resistência, se tenha fixado na figura de D. Miguel da Anunciação, lembrando os seus padecimentos e exaltando as suas virtudes.

Mas o que todo o episódio da morte e exéquias fúnebres do prelado demonstra, de modo expressivo, é que no último quartel do século XVIII continua bem vivo o culto dos santos e das relíquias não só junto da clerezia, mas também na consciência e no sentimento das populações.

Em boa verdade, o culto dos santos, surgido na Alta Idade Média, nascera mesmo no seio das massas populares: era a *vox populi* que então designava os santos, limitando-se a hierarquia eclesial a organizar o seu culto. Somente a partir do século VIII, com o surgimento de novos santos, de mártires e da disputa dos seus veneráveis despojos, é que as autoridades religiosas passam a sancionar as canonizações e a proceder à autenticação das relíquias. E, em consequência, entre os séculos XII e XIV, estas diminuem significativamente (González Lopo, 2013, pp. 22-25).

Com a Reforma e a sua condenação do culto dos santos e das relíquias, que julgava uma manifestação de idolatria, a Igreja Católica viu-se na obrigação de confirmar a sua ortodoxia. Assim, no Concílio de Trento, na sua Sessão XXV, reitera a legitimidade e a relevância da veneração dos santos, das suas relíquias e das imagens sagradas, condenando todos aqueles que não aceitavam o seu significado espiritual (Castro, 1946, pp. 332-335).

Este culto volta pois em força com a Contrarreforma — alimentado desde as mais altas instâncias, como se vê na coleção de relíquias que Filipe II de Espanha (1527-1598) juntou em S. Lourenço do Escorial, «uma impressionante, quase doentia coleção» (Gouveia, 2001, p. 123)<sup>17</sup> — e permanece bem ativo na piedade barroca setecentista, atingindo considerável relevância

---

<sup>16</sup> Alguns desses milagres são referidos na Oração fúnebre, adiantando o autor, prudentemente, que não os pode «asseverar por verdadeiros», mas também não pode «impedir a fama de seus eccos» (Rodrigues, 1982-1983, p. 207).

<sup>17</sup> A coleção de Filipe II é constituída por cerca de 7500 relíquias.

em Portugal no reinado de D. João V (1689-1750). O próprio rei era um fervoroso devoto, albergando uma vasta coleção de relicários no palácio régio e mandando erigir em 1744 um santuário de relíquias em uma das capelas da Igreja Patriarcal (Araújo, 1991, pp. 68-69).

A veneração das relíquias e das imagens dos santos manteve-se assim, ao longo do tempo, como uma das mais acesas devoções do Cristianismo católico. A evocação dos homens justos e compassivos e das suas vidas modelo, assim como a exibição de despojos seus, a que se atribuíam propriedades milagrosas, constituíam meios eficazes para a instrução e a catequese não só dos fiéis pobres e iletrados, mas também das elites ricas e cultivadas (Gomes, 2020, pp. 61-62 e 65-66).

Por outro lado, se a veneração dos santos respondia a necessidades espirituais das pessoas (Capelão, 2011, pp. 105-118), também respondia a necessidades das igrejas em que os santos se sepultavam, ou que adquiriam as suas relíquias, gerando esse culto benefícios materiais com esmolas e doações.

As relíquias mais piedosas, as de primeiro grau, eram as que provinham de partes, restos ou sangue do próprio corpo do santo. Menos valorizadas, mas ainda assim importantes, eram as relíquias de segundo grau, as que resultavam das roupas ou objetos que lhe haviam pertencido. Quando não era possível conservar o corpo inteiro, as igrejas e capelas contentavam-se com um dos seus elementos, proliferando os ossários e sacrários de múltiplos santos pelas igrejas da Cristandade. O mais nobre era o coração, sede da vida e do sentimento, há muito representado, sob uma forma idealizada, como o coração tomado de amor, ou o Sagrado Coração de Jesus (Ariès, 1977, p. 380), e por isso tão desejado pelas religiosas de Semide. Também os fragmentos ósseos do crânio estavam entre as relíquias mais procuradas (Gouveia, 2001, p. 120), assim se compreendendo a pretensão do Seminário de Coimbra.

Há muito de macabro neste culto das relíquias, sendo o macabro, na consagração ritual da morte, um dos traços fortes da sensibilidade barroca (Araújo, 1991, pp. 53-59), mas a realidade é que esse culto vai perdurar até aos nossos dias e não só em contexto religioso.

No século XIX, com o avanço da secularização, já se não pretende a salvaguarda da memória de santos, de homens que se distinguiram pela sua dimensão mística. O êxtase da fé cede ao culto cívico dos “grandes homens”, que no nosso país ganhou projeção com o Liberalismo, acima de todos com o rei D. Pedro IV (1798-1834). Rei que, à hora da morte, pediu à mulher que enviasse «o seu Coração aos leais amigos Portuenses, e o

[mandasse] depositar naquela Cidade Heróica»<sup>18</sup>. A sua vontade foi satisfeita e o seu coração guarda-se na capela-mor da Igreja da Lapa, na cidade do Porto, templo eleito para tal honra por decisão de sua filha, a rainha D. Maria II (1819-1853). Recentemente, a exposição do seu coração no Palácio de Itamaraty, em Brasília, foi um acontecimento que integrou as cerimónias das Comemorações do 2.º Centenário da Independência do Brasil, evidenciando o valor simbólico que as relíquias ainda conservam, mesmo que manipuladas para fins políticos.

As relíquias de D. Miguel da Anunciação, tanto quanto me foi dado saber, não terão resistido às vicissitudes do tempo e da ação dos homens.

Com a legislação liberal, que decidiu a extinção das congregações religiosas regulares, ficou selado o destino do Mosteiro de Santa Maria de Semide, tal como aconteceu com os demais. Prevendo a lei a permanência dos cenóbios femininos enquanto neles continuassem a viver religiosas profetas, só em 1896 este mosteiro fechou as portas. Tal aconteceu com o falecimento de D. Maria dos Prazeres Pereira Dias, a última monja do Mosteiro de Semide, que ocorreu no dia 21 de agosto desse ano. Foi então feito, como estava disposto, o inventário de todos os bens existentes à data. Entre esses bens contavam-se as alfaias, vasos sagrados e mais objetos de culto de que se fez inventário, não existindo qualquer referência a relíquias (Pina, 1896).

Também no elenco das relíquias existentes no Seminário da Sagrada Família de Coimbra não está contemplada a que diz respeito ao bispo da diocese (Campos, 2014, pp. 94-95). O Seminário não escapou ao saque a que as tropas francesas procederam em 1810, tendo os soldados mutilado, danificado e destruído as relíquias que estavam em relicários de prata (Campos, 2014, p. 121), tendo sido talvez a destruição o destino daquela que evocava a lembrança do seu fundador.

A controvérsia de santidade de D. Miguel da Anunciação fica circunscrita à época e à complexa questão entre a autoridade da Igreja e a afirmação regalista da Coroa, e só durou enquanto essa questão teve impacto na ação política e religiosa. Por fim, o tempo, que tudo avalia e supera, redesenhou a figura de D. Miguel e da sua importância para o bispado de Coimbra. E, se em 1961 ainda é tido por mártir (Nascimento, 1961), hoje não é visto como um santo cujas relíquias se venerem. O que avulta são os traços de um homem austero e corajoso que lutou pelas suas convicções e pelo prestígio da Igreja que servia.

---

<sup>18</sup> Marquês de Resende, *Elogio Historico de Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro, Duque de Bragança [...]*, (apud Catroga, 1999, p. 175).

## Documento I

Assento do óbito de D. Miguel da Anunciação na paróquia de Semide<sup>19</sup>

Aos vinte nove do mes proxime de Agos.to pella huma hora e meia de vespora faleceo com seu juizo m[ui]to claro e vista clara o Senhor Bispo Dom Miguel da Anun<c>i[a]çam Coniguo Regular de Santa Crus de Coimbra o qual havia dois annos e seis mezes que tinha sahido com m[ui]to triunfo do carcere que teve durante outo annos e tres mezes morreo com todos os sacram[en]tos elegeo na minha presença a sua sepultura no altare ou junto do Altar de N[ossa] Senhora da Conceicam da Igreja de Santa Crus emfermou a 24 de Agosto no dia de S. Bartholomeu neste dice mis[s]a crismou todos os que se achavam por crismar desta freg[uesi]a e Rio devida que a esta Igr[e]ja mandou vir da qual obrigacam sahio m[ui]to fatigado pella huma <hora> de depois do meio dia e nes[s]a tarde fes huma pratica aos clerigos sobre As meditacoens do inferno espirou no segundo coarto do ocazo as entrenhas ficaram enterradas no prebisterio da parte do Evangelho <desta Igr.a> de que fiz este acento dia mes e anno ut supra

O Cura Joam Gomes

À margem: Coimbra. D. Miguel Bispo Conde que faleceo com opinião de Santo.

## Documento II

Assento de óbito de D. Miguel da Anunciação na freguesia de S. João de Almedina<sup>20</sup>

Aos vinte e nove dias do mes de Agosto de mil e sete centos e setenta e nove annos, nas ospedarias do Mosteyro de Semide, faleceo da vida prez[ent]e felizm[en]te por sinais bem manifestos que Ouve, e Observarão pessoas doutas, e Religiozas, com Edificacão de todos, com todos os sacramentos, o Excm.o e Rm.o Sñr. D. Miguel da Anunciação, Bispo Conde deste Bispado de Coimbra, e Conego Regular de S[an]to Agostinho da Congregação Reformada de S[an]ta Crux de Coimbra; foi Embalcemado no mesmo Citio em que faleceo, sepultarão as intrenhas na Capela Mor de Semide, exceto o Coração, que as Regiozas [sic]

<sup>19</sup> Arquivo da Universidade de Coimbra. (1752-1804). *Livro Misto (1752-1804)*. Registos Paroquiais de Semide, fl. 78v. Este assento está já publicado (Rodrigues, 1982-1983, p. 274), mas de forma incompleta.

<sup>20</sup> Arquivo da Universidade de Coimbra. (1747-1803). *Livro de Óbitos (1747-1803)*. Registos Paroquiais de S. João de Almedina, fls. 79-80.

o pedirão com m[ui]tas instancias, o qual se concerva dentro do seu Mosteyro, e Dr.o por interceção do Mesmo Exc.mo Prelado, obra m[ui]tos purdigios, como piam[en]te cremos; Apenas Espirou, vierão povos inteiros, que custavão a suspender, e dezião, que querião ver O Santo; e querião bocadinhos da Roupa, e do sangue, que deitou das sangrias do pe, e do braço, depois de morto, m[ui]tas oras, e tambem da Abertura que os serurgioins lhe fezerão p[ar]a O embalcemar, o que se concedeo; e As Religiozas e a mais Pessoas pias, que com m[ui]ta instania [sic] pedião bocadinhos daquele perciozo despojo; o bocado do Casco que se cortou p[a]ra lhe tirarem os miolos, foi p[ar]a O Seminario; veio a sepultar a S[an]ta Crux, ao pe do Altar da S[enhor]a da Conceição, não obstante os clamores que as Religiozas lhe mandarão fazer, O emp[enh]o que havia de elle se sepultar no Seminario, de que era fundador, porem elle mesmo Elegeu o lugar do descanço Athe O fim do mundo: e p[ar]a sucego do Povo, esteve Exposto tres dias, em S[an]ta Crux, aonde o mesmo Povo obrou com Pied[ad]e m[ui]tas acçoins obceruadas por todos, de que se dava a D[eu]s Gloria, e honrra; e se admiravão, e confundião os mais tibios na Fe; E p[ar]a constar fis este Asento que asignei: Coimbra hoje dia, mês e anno ut supra

O Prior Joaquim de Moura Coutinho

À margem: O Excm.o e Rm.o Snr. D. Miguel da Anunciação Bispo Conde de Coimbra

### Documento III

Notícia do óbito de D. Miguel da Anunciação na *Gazeta de Lisboa*<sup>21</sup>

A 29 deste mez faleceo o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Miguel da Annunciação, Bispo de Coimbra, e Conde d'Arganil, no Convento de Semide, duas leguas desta cidade, onde tinha ido assistir à eleição da Abbadessa, de huma caterral, que o acabou em 4 dias, falecendo pela 1 e 1/2 da tarde. A 30 foi transportado para o Convento de Santa Cruz, onde pedio que o enterrassem. O Clero da cidade sahiu a cavallo a esperallo à Portella, meia legua fóra de Coimbra. Este veneravel Prelado, filho da Illustrissima Casa de Povolide, nasceo a 13 de Fevereiro de 1703, foi Porcionista no Collegio de S. Paulo, e Graduado Doutor em Canones em 1725, Conduario na mesma Faculdade com privilegios de Lente. Entrou na Congregação dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho em 1728; foi eleito Geral da mesma Congregação em 1737, e sagrado Bispo em 1741.

Coimbra 31 de agosto.

<sup>21</sup> *Gazeta de Lisboa*, n.º 36 (terça-feira, 7 de setembro de 1779).

## Bibliografia

### Fontes manuscritas

AUC (Arquivo da Universidade de Coimbra)

Arquivo da Universidade de Coimbra. (1747-1803). *Livro de Óbitos (1747-1803)*. Registos Paroquiais de S. João de Almedina, fls. 79-80.

Arquivo da Universidade de Coimbra. (1752-1804). *Livro Misto (1752-1804)*. Registos Paroquiais de Semide, fl. 78v.

### Fontes impressas

*Gazeta de Lisboa*, n.º 36. (1779). Offic. De Luiz Joze Correa Lemos.

*O Conimbricense*, n.º 2367. (1870). [s.l.].

Silva, J. de. S. da. (1769). *Collecção das leys promulgadas, e sentenças proferidas nos casos da infame pastoral do Bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação, das seitas dos jacobeos, e sigillistas, que por occasião della se descobriram neste Reino de Portugal*. Regia Officina Typografica.

### Referências bibliográficas

Almeida, F. de. (1968). *História da Igreja em Portugal (Vol. 2)*. (Nova edição preparada e dirigida por Damião Peres). Livraria Civilização.

Araújo, A. C. B. de. (1991). Morte, memória e piedade barroca. In A. M. Coelho (Coord.), *Atitudes perante a morte* (pp. 47-91). Livraria Minerva.

Ariès, P. (1977). *L'homme devant la mort*. Éditions du Seuil.

Assumpção, T. L. da. (1900). *As monjas de Semide (reconstituição do viver monastico)*. França Amado.

Campos, A. de. (2014). *Seminário de Coimbra: Subsídios para a sua história*. Gráfica de Coimbra.

Capelão, R. M. dos S. (2011). Lo racional en el culto de las reliquias: La función taumática: La necesidad de creer. *História: Revista da FLUP*, 1, 105-118.

Carvalho, J. B. de. (1955). A vida atribulada do bispo D. Miguel da Anunciação (1703-1779). *Arquivo Coimbrão*, (13), 337-367.

Carvalho, J. M. de. (1868). *Apontamentos para a Historia Contemporanea*. Imprensa da Universidade.

Castro, J. de (1946). *Portugal no Concílio de Trento (Vol. V)*. União Gráfica.

Castro, Z. O. de. (2001). Jacobeia. In C. A. M. de Azevedo (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal (Vol. III)* (pp. 5-7). Círculo de Leitores.

- Catroga, F. (1999). *O céu da memória: Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Minerva.
- Correia, V., & Gonçalves, A. N. (1947). *Inventário Artístico de Portugal. II. Cidade de Coimbra*. Academia Nacional de Belas Artes.
- Correia, V., & Gonçalves, A. N. (1952). *Inventário Artístico de Portugal. IV. Distrito de Coimbra*. Academia Nacional de Belas Artes.
- Dias, P. (1978). *As pinturas do italiano Pasquale Parente da coleção do Museu Nacional Machado de Castro*. Coimbra. Sep. *Arquivo Coimbrão*, 27.
- Gomes, S. A. (2020). Sagrados monumentos: As relíquias de mártires e de santos em Portugal. In C. Osswald, & J. E. Franco (Coord.), *Fazer da morte uma vitória: Martírios e massacres* (pp. 61-62, 65-66 e 109-150). Theya.
- González Lopo, D. L. (2013). Como se construye la historia de un santo? La imagen del santo y su evolución a través de los siglos: El ejemplo de S. Rosendo de Celanova. *Lusitania Sacra*, 28, 21-48.
- Gouveia, A. C. (2001). Relíquias. In C. A. M. Azevedo (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal (Vol. 4)* (pp. 120-125). Círculo de Leitores.
- Lavrador, J. E. P. (1995). *Pensamento teológico de D. Miguel da Anunciação: Bispo de Coimbra (1741-1779) e renovador da Diocese*. Gráfica de Coimbra.
- Nascimento, A. do. (1961). *D. Miguel da Anunciação, bispo e mártir. (Documentos inéditos), considerações históricas*. Edição do Autor.
- Pina, M. C. de B., Bispo-Conde. (1896). *A execução das leis de Fazenda na extinção dos conventos: Queixa a Sua Majestade El-Rei do que se fez na extinção do de Semide em Agosto de 1896*. M. Gomes.
- Ramos, A. de J. (2000). Coimbra, diocese de. In C. A. M. Azevedo (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal (Vol. 1)* (pp. 387-399). Círculo de Leitores.
- Rodrigues, M. A. (1982-1983). Pombal e D. Miguel da Anunciação, Bispo de Coimbra. *Revista de História das Ideias*, 4(1), 207-298.
- Rodrigues, M. A. (1983). D. Miguel da Anunciação e o Cabido da Sé de Coimbra. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, V, 1-53.
- Rodrigues, M. A. (1985, março 20-22). *As preocupações apostólicas de D. Miguel da Anunciação à luz das suas cartas pastorais* [Comunicação]. A mulher na sociedade portuguesa: Visão histórica e perspectivas actuais. Actas do Colóquio, Coimbra.
- Silva, A. P. da. (2001). Sigilismo. In C. A. M. Azevedo (Dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal (Vol. 4)* (pp. 233-236). Círculo de Leitores.
- Soriano, S. J. da L. (1866). *História da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal (Vol. 1)*. Imprensa Nacional.

# Organização e Representação da Informação do Projeto “Mesas do Castelinho” no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

## Organization and Representation of Information of the Project “Mesas do Castelinho” at the Center for Archaeology of the University of Lisbon

MATILDE SECA

Investigadora integrada do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Ciências da Documentação e Informação

[matilde.isabel@edu.ulisboa.pt](mailto:matilde.isabel@edu.ulisboa.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6104-7572>

Artigo entregue em: 7 de maio de 2023

Artigo aprovado em: 19 de maio 2023

### RESUMO

Os arquivos arqueológicos unem a área da ciência da informação e a área da arqueologia, o que não é comum nas investigações, uma vez que é delegado aos arqueólogos o papel de ‘arquivista’ relativamente à documentação que resulta de projetos arqueológicos. A evolução da valorização dada ao património arqueológico tornou necessária a tarefa de representação dos materiais arqueológicos em sistemas de informação. Este artigo pretende, através de uma revisão de literatura, definir os arquivos, a arqueologia e os arquivos arqueológicos e a contextualização do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) e do Projeto

“Mesas do Castelinho”, para que, através de um quadro de classificação que assenta nos estatutos da UNIARQ, se possa descrever os materiais que provêm deste projeto numa plataforma *online*, tornando-os acessíveis para potenciar novas investigações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueologia; Arquivo Arqueológico; Mesas do Castelinho; Organização Arquivística.

### **ABSTRACT**

Archaeological archives bring together the field of information science and the field of archaeology, which is not common in research, since archaeologists are delegated the role of ‘archivist’ regarding the documentation that results from archaeological projects. The evolution of the value given to archaeological heritage has made necessary the task of representing archaeological materials in information systems. This article intends, through a literature review, to define archives, archaeology and archaeological archives and the contextualization of the Archaeology Centre of the University of Lisbon (UNIARQ) and the Project “Mesas do Castelinho”, so that, through a classification framework which is based on the UNIARQ statutes, it is possible to describe the materials that come from this project in an online platform, making them accessible to enhance new investigations.

**KEYWORDS:** Archaeology; Archaeological Archive; Mesas do Castelinho; Archival Organization.

## **Introdução**

Este artigo tem como objetivo dar maior significado aos arquivos arqueológicos que, graças à importância dada ao património arqueológico, têm vindo a crescer. Utilizando como exemplo o trabalho realizado no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ), foi criado um sistema de informação, ou seja, um arquivo digital, tendo por base o Projeto “Mesas do Castelinho”, o qual originou bastante documentação.

A partir do relatório de estágio elaborado no âmbito do Mestrado em Ciências da Documentação e Informação, esta documentação, que merece ser preservada e conservada, foi descrita na plataforma *Archeevo*, de modo a torná-la acessível e incentivar o contributo de outros investigadores.

## ARQUEOLOGIA NOS ARQUIVOS

### – Arquivo

Atualmente, é sabido que se tem vindo a dar cada vez mais importância às instituições de memória, denominação dada aos “museus, arquivos e bibliotecas, entre outros lugares de memória material e imaterial” (Ruivo, 2019, p. 20). Salientam-se, de entre estes, os arquivos, sabendo que foi no período medieval que se difundiu a utilização do termo ‘arquivo’, para distingui-lo dos restantes, pois não se ficava pela coleção de livros, mas também de documentos ou objetos que pudessem ter importância para a história nacional de cada país.

Mais tarde, o objetivo dos arquivos começou a passar não só pela coleção destes materiais, mas também pela gestão e conservação dos mesmos, através da “ordenação física dos documentos num determinado espaço, a sua descrição e classificação” (Silva, 2015, p. 111) de modo a poderem ser localizados e disponibilizados para consulta, “colocando(-os) ao serviço da ciência” (Marques, 2010, p. 19).

Tendo em conta a natureza dos objetos ou documentos que fazem parte de um arquivo, de acordo com Marques (2016), um arquivo só se encontra verdadeiramente organizado quando é realizada uma descrição dos mesmos, já que “a organização permite a estruturação física e intelectual dos documentos, enquanto que através da descrição se recupera a informação sobre o contexto e o assunto da documentação” (p. 40). Isto significa que a descrição da informação funciona como um instrumento mediador entre os utilizadores e a informação, já que é esta que permite, tal como foi referido anteriormente, a sua localização e disponibilização ao público.

Podemos ir ainda mais longe ao afirmar-se que o termo ‘arquivo’ pode ser considerado polissémico (Silva, 2019), ao apresentar-se como “o lugar onde se guardam os documentos, a instituição, o edifício, o serviço, ou por uma instituição e a própria função de organização dos documentos” (p. 54).

Não existindo uma definição definitiva de arquivo, enumeram-se em seguida algumas delas:

Segundo o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* (Cunha & Cavalcanti, 2008, p. 24), o arquivo é um “conjunto de documentos, quaisquer que sejam as suas datas, formas e suportes físicos, produzidos ou recebidos por pessoa física ou jurídica, ou por instituição pública ou privada, em decorrência das suas atividades”. Já no *Dicionário do Livro – da Escrita ao Livro Eletrónico* (Faria & Pericão, 2008, p. 96), a definição de arquivo surge como um

Conjunto orgânico de documentos, produzidos ou recebidos por uma pessoa jurídica, singular ou coletiva ou por um organismo público ou privado, no exercício da sua atividade e organizados e conservados de forma permanente ou durante um período de tempo determinado, a título de prova ou informação, qualquer que seja a forma ou o suporte material.

Tendo em conta que existem nos arquivos diversos documentos e objetos, que têm naturezas diferentes, Marques (2010) refere que se encontram nos arquivos “atos, testemunhos, provas, leis ou ainda registos de atos subsequentes” (p. 27), quer sejam manuscritos, impressos ou estejam em formato audiovisual.

### **– Arqueologia**

A arqueologia, como disciplina científica, começou a consolidar-se no século XIX (Fabião, 1989) e, atualmente, pode definir-se como uma área “interdisciplinar”, no sentido em que inclui uma parte prática e outra teórica. Estas duas fases têm como objetivo “reconstituir vivências passadas e os seus enquadramentos espaciais, cronológicos e culturais, a partir dos registos observados” (Fabião, 1989, p. 10). A parte prática verifica-se no trabalho de campo arqueológico, que decorre de “destruir as suas próprias provas, ao remover, pela escavação, os objetos do seu contexto” (Perrin et al., 2019, p. 10). Tal como legisla o Artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 270/99 (1999, p. 4412), pode definir-se que os trabalhos arqueológicos têm como objetivo

Deteção, o estudo, a salvaguarda e valorização de bens do património arqueológico usando métodos e técnicas próprios da arqueologia, independentemente de se revestirem ou não de natureza intrusiva e perturbadora, nomeadamente prospeções, ações de registo, levantamentos, estudos de espólios de trabalhos antigos guardados em depósitos, sondagens e escavações arqueológicas, ações de conservação ou de valorização em sítios arqueológicos.

Em relação à parte teórica, esta visa a contextualização do projeto, e tem a ver com a elaboração de relatórios, quer sejam de progresso, preliminares ou finais; com a organização da documentação que surge na exploração de um sítio arqueológico e, conseqüentemente, com a sua interpretação para construção de conhecimento histórico. Para além dos relatórios, pode existir outra documentação relativa a um projeto, quer

sejam cartas arqueológicas, desenhos, fotografias, diapositivos, provas de contacto, entre outros.

Este tipo de documentação, considerada relevante independentemente da sua natureza, é importante para o conhecimento científico, no sentido em que apoia estudos e divulgações de carácter científico e cultural futuras.

### **– Arquivo Arqueológico**

Sabendo que são os arqueólogos que detêm as competências no que toca à área da arqueologia e dos documentos que provêm das suas ações, até recentemente eram eles que se preocupavam com a conservação dos referidos documentos, já que a evolução da disciplina da arqueologia, que se tem vindo a observar, e que tornou as análises contextuais e científicas mais complexas (Perrin et al., 2019), confirmou a indispensabilidade da existência de um arquivo que tivesse em conta todo o tipo de documentação em formato digital, ou seja, através de um modelo de gestão de informação.

Neste sentido, os sistemas de informação são imprescindíveis para a preservação de documentos, “passando pelo registo, inventário e catalogação, pela conservação e pelo estudo ou projetos de investigação, base de interpretação, comunicação e mediação” (Filipe, 2014, p. 6).

Em relação a esta nova vertente, que interliga a arqueologia com a ciência da informação, de acordo com Swain (2012, p. 2), a arqueologia arquivística denomina a “gestão e (...) utilização de arquivos arqueológicos para investigação”, reunindo “achados, registos e dados associados que resultam de um trabalho de campo arqueológico, normalmente, mas nem sempre, de escavação”.

Já de acordo com Perrin et al. (2019), utiliza-se o termo arquivo arqueológico quando nos estamos a referir à “(descrição de) todos os documentos ou materiais (achados) produzidos no decorrer de um projeto arqueológico e selecionados para arquivamento” (p. 19), e compreende dois elementos: o arquivo documental, que consiste nos registos e documentação produzidos quando de um projeto arqueológico; e o arquivo material, que contém objetos e amostras, embora os materiais dos projetos sejam também considerados documentos, o que dá origem a um processo dinâmico que “tem início no momento em que um projeto é planeado” (Perrin et al., 2019, p. 19), se bem que os documentos em suporte papel também apresentam a sua materialidade.

Um arquivo arqueológico integra, deste modo, “bens arqueológicos móveis, tais como artefactos, ecofactos e amostras, respetivo inventário e demais documentação produzida no decurso dos trabalhos de campo e de gabinete” (Sousa et al., 2015, p. 268).

Considerado o volume e diferentes naturezas dos materiais arqueológicos, em Portugal, foi nos anos 80 que se introduziram novas tecnologias na área da arqueologia, o que “melhorou os procedimentos de documentação e gestão de coleções” (Barroso, 2019, p. v). Neste sentido, é importante mencionar o papel do Instituto Português de Arqueologia (IPA) e do Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR), determinantes para a conservação destes documentos, no sentido em que tinham como objetivo preservar e colecionar documentos.

Existem em Portugal dois exemplos de sistemas de informação com o objetivo de gerir a informação acumulada nos projetos arqueológicos, sendo um deles o *Alcaide*, que surgiu em 2008 e permite “projetar as várias fases da escavação e da análise dos resultados” (Carvalho, 2019, para. 1), e tem como vantagens a “segurança na preservação da informação, a redução de tempo e esforço na execução das tarefas, a geração automática de plantas e matrizes e a produção de relatórios automáticos, inclusive para reportar à tutela” (Carvalho, 2019, para. 1); e o *Endovélico*, um Sistema de Informação e Gestão Arqueológica, sendo a “plataforma eletrónica de acesso à informação sobre o património arqueológico que integra os dados registados na base de dados da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) (*Endovélico*), disponível através da página eletrónica da DGPC” (Decreto-Lei n.º 164/2014 de 4 de novembro), que a partir de 1998 passou a disponibilizar *online* os seus conteúdos.

De acordo com Sousa (2013), a arqueóloga sustenta que “apesar deste esforço meritório de gestão da informação, com uma abrangência pouco comum no panorama europeu, a divulgação da informação é sem dúvida muito lacunar” (p. 41), o que indica que há muita documentação que não está acessível para a sua audiência principal, a comunidade científica nacional e internacional.

É também importante mencionar que para a criação destes arquivos arqueológicos é necessária a noção internacional de normalização, que “estabelece um vocabulário técnico normalizado, através dos instrumentos de controlo e validação dos dados arqueológicos” (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, 2022), que mais tarde permitirá que “os dados possam ser recuperados utilizando um protocolo de comunicações normalizado, aberto, gratuito e de implementação universal” (Almeida, 2022), através de um quadro de classificação para o registo de dados arqueológicos.

A área da arqueologia tem quase tudo a fazer no que respeita ao trabalho de organização e representação da informação arqueológica, independentemente da sua natureza (arquivística, biblioteconómica, museológi-

ca, etc.), com o objetivo de preservação, valorização e reutilização. Este é um trabalho que deve ser realizado no âmbito da gestão cultural, ou mais concretamente do património cultural arqueológico. Esta informação é de grande importância, sendo interessante promover o acesso à mesma, nomeadamente por parte da comunidade arqueológica, de modo a facilitar a

Conservação dos sítios arqueológicos e a divulgação de normativos da responsabilidade da tutela, ou a implementação de códigos éticos e profissionais por associações de arqueólogos e entidades e, em geral, do maior esforço na divulgação (Sousa, 2013, p. 42).

## Metodologia

A realização desta investigação baseou-se sobretudo no método qualitativo, através de uma investigação documental qualitativa, com o objetivo de contextualizar os arquivos e o seu papel, do estado do estudo da arqueologia e dos seus arquivos. Para além disso, foi também um dos objetivos apresentar a UNIARQ enquanto entidade e o Projeto “Mesas do Castelinho”.

A revisão de literatura começou pelo levantamento de documentos, em diferentes plataformas e palavras-chave em português ou inglês, de modo a obter informação acerca dos “trabalhos existentes e disponíveis na área; conhecer os conteúdos, as questões cruciais e as lacunas existentes no atual estado do conhecimento; promover uma visão sobre as bases e os rumos da investigação” (Silva, 2021, p. 108), com o objetivo de saber como enriquecer a própria investigação. As referências bibliográficas dos documentos analisados viriam a revelar-se muito úteis, pois permitiram recuperar dados consideráveis.

A elaboração deste trabalho no âmbito dos arquivos e da arqueologia levantou algumas dificuldades, tendo em conta que a informação acerca desta área do conhecimento é escassa.

Foram definidos como objetivos:

- Descrição da UNIARQ, enquanto entidade produtora de documentação;
- Descrição da UNIARQ, enquanto entidade que custodia documentação;
- Descrição do sítio arqueológico “Mesas do Castelinho”;
- Elaboração de um Quadro de Classificação;
- A identificação da documentação, ao nível da série, do projeto Mesas do Castelinho;

- Descrição de documentos, ao nível da série, na plataforma *Archeevo*;
- Descrição de uma série, ao nível do documento.

Quanto à descrição, o objetivo foi utilizar os campos de descrição da norma ISAD (G) (Conselho Internacional de Arquivos (CIA), 2002), a Norma Internacional de Registo de Autoridade Arquivística para Pessoas Coletivas, Pessoas Singulares e Famílias [ISAAR (CPF)] (Conselho Internacional de Arquivos (CIA), 2004) e as Orientações para a Descrição Arquivística (ODA) (Direção-Geral de Arquivos (DGARQ), 2011).

## Instituição e Projeto

### – UNIARQ

O Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa — UNIARQ — surgiu a partir do Projeto Carta Arqueológica do Algarve (CAALG) em 1977, enquadrado nos objetivos do Centro de História da Universidade de Lisboa.

A década de 70 foi um momento importante para a Arqueologia portuguesa, no sentido em que se desenvolveu bastante e, nesta altura, sentiu-se o impacto da disciplina através da criação de pré-especializações em Arqueologia nos Cursos de História, nas Faculdades de Letras da Universidade de Lisboa, do Porto e Coimbra (Pereira, 2020).

O ano de 1989 viria a ser essencial para a área da Arqueologia no Centro de História, uma vez que foi nesta data que foi enviado um pedido de alteração do nome para Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa, ao Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC) e, mais tarde, as duas áreas dividiram-se, consolidando o papel da área da arqueologia nos Centros de Investigação.

Mais recentemente, a UNIARQ tem como objetivos a produção de conhecimento relacionado com comportamentos do passado, e essa produção do conhecimento é feita através do processamento dos dados recolhidos de diversos projetos e da sua interpretação. Para além disso, preocupa-se também com a

Investigação e a formação de excelência a nível internacional na área da Arqueologia e a promoção da cultura científica na sociedade civil, como responsabilidade social, visando tornar-se uma instituição de referência a nível nacional e internacional na investigação e formação em Arqueologia (Pereira, 2022, p. 7).

O Centro possui mais de dez projetos arqueológicos aos quais os seus investigadores se dedicam, tendo como objetivo a preservação dos materiais deles provenientes, uma vez que estes têm vindo a aumentar significativamente, nomeadamente dados de trabalho de campo, cultura material e estudos zooarqueológicos.

Na avaliação da organização de 2017/2018 foi referido que a solução para uma melhor preservação destes documentos, que deveriam permanecer apenas temporariamente na unidade, seria a sua digitalização e a construção de uma plataforma com relatórios, fotografias, bases de dados, desenhos, mapas, documentação relativa à gestão da entidade, entre outros, pudessem ser armazenados e acedidos (UNIARQ, 2017b).

### **– Projeto**

Um dos Projetos que se destaca no Centro de Arqueologia é o de “Mesas do Castelinho”, que se localiza na Herdade do Castelinho Novo, perto da freguesia de Santa Clara-a-Nova, no concelho de Almodôvar.

O reconhecimento deste sítio arqueológico foi feito por José Leite de Vasconcelos, diretor do Museu Ethnológico, mediante as informações fornecidas pela população local, que se referiam ao local como uma “muralha num cerro” e “cidade amuralhada” (Vasconcelos, 1934, p. 243).

Nos anos 50 do século XX, Abel Viana, Veiga Ferreira e António Serralheiro identificaram o local como um “povoado castrejo” (Parreira, 2009, p. 19), mas só quando o local foi alvo de ações de destruição no final de 1986 é que, destacando-se nos meios de comunicação social, houve iniciativa do Instituto Português do Património Cultural (IPPC) para intervir, e foi alvo de “trabalhos de proteção, valorização e investigação” (Fabião & Guerra, 1991, p. 305), que ainda se encontram em curso a título individual dos arqueólogos Carlos Fabião e Amílcar Guerra.

## **Organização do Fundo**

Tendo em conta que os arquivos são considerados sistemas de informação, contêm três fatores: a estrutura orgânica, a funcionalidade e a memória (Gomes, 2012), às quais só se acede a partir de uma análise da entidade em estudo, já que é através dela que chegamos à informação acerca da organização funcional.

Esta informação permite ter acesso à “estrutura orgânica e a respetiva funcionalidade, sem descurar a submissão/sujeição da análise e da observa-

ção efetuadas a um confronto com a realidade; a análise da informação em si mesma permite-nos estudar e compreender os fatores serviço/uso e memória” (Gomes, 2012, p. 27).

Neste contexto, foi elaborado um quadro de classificação para a UNIARQ, analisando os estatutos do Centro, já que “toda a organização ou entidade tem determinados fins e objetivos que lhe dão origem e, para cumpri-los, dota-se de uma estrutura organizativa com funções precisas” (Marques, 2016, p. 36). Cada órgão, no cumprimento das suas funções, “produz, entre outras, uma atividade administrativa da qual derivam os documentos, cuja organização deve refletir o processo em que foram criados” (Marques, 2016, p. 36).

Primeiramente, foram analisados os relatórios de estatutos do Centro de Arqueologia de 2017 e de 2022 (UNIARQ, 2017a; 2022), tendo em conta que os organogramas elaborados pelo referido Centro não continham informação suficiente para a realização da investigação. Estes relatórios contêm os órgãos que fazem parte da organização, sendo que em 2017 estavam previstos os seguintes: o Diretor, a Comissão Científica, a Comissão Coordenadora e a Comissão de Acompanhamento Externo; e em 2022: o Diretor (e os Subdiretores), a Comissão Científica e a Comissão de Acompanhamento Externo.

Cada um destes órgãos tem as suas funções e atividades distintas, coordenadas através de relações de autoridade, que “tornam possível o funcionamento da organização” (Teixeira, 1998, p. 83), de modo que cada um as execute da melhor forma.

Na base da elaboração de um quadro de classificação, deve ser tida em conta tanto a transversalidade como a interoperabilidade semântica, de forma que o mesmo possa responder a diferentes necessidades, mas em mais do que uma organização. Neste caso, uma vez que o objeto de estudo é a UNIARQ, uma entidade específica que tem disposições e forma de funcionar próprias, dado que depende de uma instituição, não foi tida em conta a característica da transversalidade, originando um quadro de classificação especificamente para este contexto e dos demais centros de investigação e tendo em conta a documentação gerada e conservada no local.

O quadro de classificação foi elaborado a partir das funções e atividades dos órgãos da UNIARQ e através do levantamento de toda a documentação gerada nesta unidade, a qual apresenta a seguinte estrutura:

- O código de referência, que determina a ordem hierárquica;
- Os órgãos que fazem parte da UNIARQ;
- As funções ou atividades que cada órgão realiza;
- A tipologia documental a que corresponde cada função ou atividade.

A figura 1 demonstra a organização e representação da documentação de forma hierárquica segundo a organização arquivística, em que as funções (que são desempenhadas por órgãos), que equivalem ao discurso funcional, dão origem ao discurso documental, no sentido em que uma função corresponde à materialização num determinado tipo de documento.

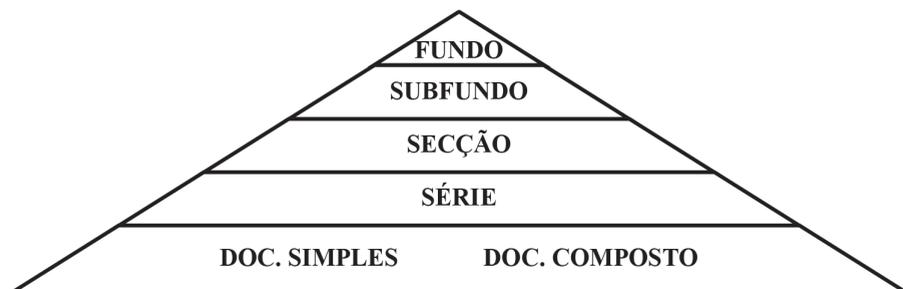


Figura 1 – Conceitos de organização da documentação. Fonte: Elaborada pela própria.

Já na figura 2, encontram-se os conceitos aplicados em relação à UNIARQ, especificamente, sendo que no topo da pirâmide localiza-se a FLUL, como fundo; de seguida a UNIARQ, como subfundo; o Projeto “Mesas de Castelinho”, como secção e as diferentes tipologias irão dar origem às séries, das quais poderão, ou não, derivar documentos simples ou compostos.



Figura 2 – Conceitos de organização da documentação aplicados à UNIARQ. Fonte: Elaborada pela própria.

## Descrição da Coleção

Para a representação da informação arqueológica resultante do projeto “Mesas do Castelinho”, assumiram-se a norma *ISAD (G): Norma Internacional*

*de Descrição Arquivística* (Conselho Internacional de Arquivos (CIA), 2002), a *Norma Internacional de Registo de Autoridade Arquivística para Pessoas Coletivas, Pessoas Singulares e Famílias ISAAR (CPF)* (Conselho Internacional de Arquivos (CIA), 2004) e as *Orientações para a Descrição Arquivística (ODA)* (Direção-Geral de Arquivos (DGARQ), 2011) como forma de normalização do vocabulário. O facto de haver descrições de acordo com as normas definidas facilita a pesquisa e a troca de informação, quer a nível nacional, quer internacionalmente (Direção-Geral de Arquivos (DGARQ), 2011).

Atendendo a que se trata de uma organização hierárquica e que apresenta níveis intermédios, ou seja, o subfundo, esta denomina-se descrição multinível e tem em conta as seguintes regras:

Apresentar as descrições resultantes numa relação hierárquica entre a parte e o todo, procedendo ao nível mais geral (fundo) para o particular (documento); utilizar apenas informação pertinente para o nível de descrição em causa e evitar a repetição de informação em descrições arquivísticas hierarquicamente relacionadas (António & Silva, 2006, p. 49).

De seguida, apresenta-se uma tabela que contém um exemplo de descrição, baseada nos campos de informação para descrição da norma ISAD (G) (Conselho Internacional de Arquivos (CIA), 2002). Neste caso, a do nível de secção, corresponde ao próprio Projeto “Mesas do Castelinho”.

Zona de Informação Arquivística	Elementos de Descrição	Descrição
	Código de Referência	PT-UNIARQ/MCA
	Título	Mesas do Castelinho
	Data(s)	1950 -
	Nível de Descrição	Secção
<b>Zona da Identificação</b>	Dimensão e Suporte	54 cx.
	Nome do Produtor	Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

História Administrativa/  
Biográfica

O sítio arqueológico Mesas do Castelinho localiza-se na Herdade do Castelinho Novo, perto da freguesia de Santa Clara-a-Nova, no concelho de Almodôvar. Foi José Leite de Vasconcelos, o então diretor do Museu Ethnológico, que reconheceu este sítio arqueológico pela primeira vez, mas não chegou a visitá-lo, referindo-se a descrições feitas pela população local, tais como “muralha num cerro” e “cidade amuralhada” (Vasconcelos, 1934, p. 243).

Mais tarde, nos anos 50 do século XX, o local foi analisado de forma mais pormenorizada, e Abel Viana, Veiga Ferreira e António Serralheiro classificaram-no como um “povoado castrejo” (Parreira, 2009, p. 19). Segundo o *Dicionário de Arqueologia Portuguesa* (Alarcão & Barroca, 2012, p. 89), castro é o “nome que designa um povoado de altura, regra murado, com distintos tipos de implantação topográfica, por vezes relacionada com cursos de água (...). Embora a designação possa ser adotada para povoados com ocupação de distinta cronologia, generalizou-se aos da Idade de Ferro”. Quando assim foi classificado, “já então se tinha registado duas importantes ações de destruição, (...) devida a um caçador de tesouros” (Fabião & Guerra, 1991, p. 305). Quando desta destruição, que ocorreu no final de 1986, torna-se um dos assuntos de destaque dos meios de comunicação social, pelo que “o local fora adquirido por um novo proprietário que se dedicou, por pouco tempo, mas com grande eficiência, à cava mecânica sistemática do mesmo, com o demencial objetivo de descobrir um possível tesouro oculto no seu subsolo” (Fabião & Guerra, 1991, p. 305).

## Zona do Contexto

A partir de 1988, com a intervenção do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), o local foi adquirido pelo Estado e foi, finalmente, alvo de “trabalhos de proteção, valorização e investigação” (Fabião & Guerra, 1991, p. 305), que ainda hoje decorrem.

Neste sítio arqueológico, foi registada a “presença de cerâmica ática, (...) artefactos da Idade do Ferro e do período Romano, bem como alguns indícios de uma ocupação islâmica”, podendo ainda dizer-se que a história da fortificação do local “decorreu no contexto do mundo islâmico meridional, nada tendo a ver com o processo da chamada reconquista cristã” (Fabião & Guerra, 2001).

Ao longo do tempo em que a escavação foi sendo explorada, os investigadores verificaram que houve uma ocupação, denominada II Idade do Ferro, “com um povoado fundado nos finais do século V a.C. e continuamente ocupado até aos inícios do século II d.C., altura em que é abandonado” (Estrela, 2013, p. 102). Já entre os séculos IX e XI-XII, sob o domínio islâmico, é observada uma fortificação islâmica do período Omíada. Para além disso, a recolha de elementos botânicos e de faunas, que no contexto arqueológico dizem respeito a restos de animais, permitiu fazer uma reconstrução do ambiente, sendo possível evidenciar uma floresta, agricultura de trigo e cevada e pecuária (Fabião & Guerra, 2001).

A investigação (e a escavação) do sítio “Mesas do Castelhinho” tinha como objetivos iniciais o “levantamento topográfico do sítio com a devida sinalização de todas as áreas afetadas; início da reposição da topografia primitiva em algumas zonas; lavagem, marcação e contorização dos inúmeros fragmentos de cerâmica” (Fabião & Guerra, 2008) e, no geral, o propósito seria a conservação do sítio arqueológico, a sua investigação e valorização, através da criação de condições para visitantes e eventualmente de um museu acerca do sítio. Foi o Museu Arqueológico e Etnográfico Manuel Vicente Guerreiro que criou uma sala dedicada ao espólio encontrado no sítio arqueológico, e existem outros materiais em Santa Clara-a-Nova, no núcleo museológico e numa reserva. Os vestígios encontrados estão dispersos numa área de aproximadamente 4 hectares, com uma plataforma superior arredondada, a plataforma A, e uma plataforma B com contornos trapezoidais (Estrela, 2013).

Em relação à metodologia utilizada, foi posta em prática a estratégia de escavação em área, tendo em conta que é a que mais se adequa quando é possível evidenciar múltiplas ocupações no mesmo sítio (Fabião & Guerra, 1989).

<b>Zona do Conteúdo e da Estrutura</b>	<p data-bbox="902 187 958 1137">Contém todos os documentos, independentemente da sua tipologia documental, provenientes do Projeto “Mesas do Castelhinho”</p> <p data-bbox="958 187 989 1137">Organizado em caixas</p>
--	--

<b>Zona das Condições de Acesso e de Utilização</b>	Condições de Acesso	Base de dados da aplicação Archeevo; presencial, mediante solicitação de acesso para fins de investigação
	Idioma/Escrita	Português
<b>Zona de Documentação Associada</b>	Características Físicas e Requisitos Técnicos	Papel A3 em estado razoável de conservação.
	Existência e Localização de Originais	Localizam-se no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Museu Arqueológico e Etnográfico Manuel Vicente Guerreiro; Santa Clara-a-Nova, no núcleo museológico e numa reserva. Alarcão, J., & Barroca, M. (2012). <i>Dicionário de Arqueologia Portuguesa</i> . Livraria Figueirinhas. Estrela, S. (2013). Mesas do Castelinho (Almodôvar): uma aldeia amuralhada na paisagem da idade do Ferro do Baixo Alentejo. <i>Arqueologia &amp; História</i> , (62-63), 101-115. Fabião, C., & Guerra, A. (2008). Mesas do Castelinho (Almodôvar): um projecto com vinte anos. <i>Al-Madan</i> , (16), 92-105. Fabião, C., & Guerra, A. (1989). <i>Trabalhos no Povoado Fortificado de "Mesas do Castelinho"</i> . Almodôvar. Vasconcelos, J. L. de. (1934). Excursão pelo Baixo Alentejo: 1897. <i>O Arqueólogo Português</i> , XXIX, 230-246. Parreira, J. (2009). <i>As Ânforas Romanas de Mesas do Castelinho</i> [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <a href="http://hdl.handle.net/10451/446">http://hdl.handle.net/10451/446</a> Fabião, C., & Guerra, A. (1991). <i>Atas das IV Jornadas Arqueológicas</i> . Associação dos Arqueólogos Portugueses. Guerra, A., & Fabião, C. (2002). Mesas do Castelinho, Almodôvar: uma fortificação rural islâmica do Baixo Alentejo. In I. C. F. Fernandes (Coord.), <i>Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos</i> (pp. 171-176). Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela.
<b>Zona do Controlo da Descrição</b>	Regras ou Convenções	Descrição com base nas ODA (Direção-Geral de Arquivos (DGARQ), 2011) e na ISAD (G) (Conselho Internacional de Arquivos (CIA), 2002)
	Data(s) da Descrição(ões)	10 de março de 2023

Tabela 1 – Descrição Arquivística da Secção do Projeto “Mesas do Castelinho”. Fonte: elaborada pela própria.

## Conclusão

Tendo em conta o valor que se pretende dar aos arquivos arqueológicos, o Projeto “Mesas do Castelhinho”, levado a cabo por investigadores da UNIARQ, é relevante no sentido em que a sua documentação permitiu organizar e descrever alguma informação do mesmo, o que significa que é um trabalho que se encontra em curso, numa plataforma *online*, para se poder aceder à coleção e para que possa ser estudada livremente.

A descrição dos diferentes níveis de organização da documentação passou pela contextualização tanto da UNIARQ, que corresponde ao nível do subfundo, como do Projeto, ou seja, o nível de secção. Mais tarde, após a realização de um quadro de classificação, que indica todo o tipo de documentação manuseada no centro através das funções e atividades dos diferentes órgãos, observaram-se os materiais que dariam origem ao nível da série, salientando-se os desenhos, os diapositivos, as fotografias, as provas de contacto e os relatórios de escavação, terminando com um exemplo de descrição da documentação (Tabela 1).

É importante, no futuro, ter em conta outros centros de investigação que ainda não possuam um plano de organização da documentação em formato digital, já que estes permitem que o conhecimento se alargue a outras áreas.

## Bibliografia

- Alarcão, J. & Barroca, M. (2012). *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*. Livraria Figueirinhas, Porto.
- Almeida, M. J. de. (2022). Conservação pelo Registo: qual Registo? *Al-Madan – Arqueologia | Património | História Local*, 94-98.
- António, J., & Silva, C. (2006). *Organização de Arquivos Definitivos: Manual ARQBASE*. Edições Colibri.
- Barroso, C. (2019). *Sistema de Informação e Documentação de Coleções Arqueológicas do Museu Nacional de Arqueologia: Diagnóstico e Contributos para o seu Desenvolvimento* [Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. RUN – Repositório Universidade Nova. <https://run.unl.pt/handle/10362/60861>
- Carvalho, M. (2019). *UMinho. Alcaide é o primeiro software para gestão de informação arqueológica*. ComUM. <https://www.comumonline.com/2019/10/uminho-alcaide-e-o-primeiro-software-para-gestao-de-informacao-arqueologica/>
- Conselho Internacional de Arquivos (CIA). (2002). *ISAD(G): Norma geral internacional de descrição arquivística*. (2ª ed.). Instituto dos Arquivos Nacionais/ Torre do Tombo. <http://arquivos.pt/wp-content/uploads/sites/11/2010/08/isadg.pdf>

- Conselho Internacional de Arquivos (CIA). (2004). *ISAAR (CPF): Norma Internacional de Registos de Autoridade Arquivística para Pessoas Coletivas, Pessoas Singulares e Famílias/Conselho Internacional de Arquivos*. (2ª ed.). Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo.
- Cunha, M., & Cavalcanti, C. (2008). *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*. Briquet de Lemos, Livros.
- Decreto-Lei n.º 164/2014 da Presidência do Conselho de Ministros. (2014). Diário da República: I Série, n.º 213. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/164-2014-58728911>
- Decreto-Lei n.º 270/99. (1999). Diário da República: I Série–A, n.º 163. [https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=845&tabela=leis](https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=845&tabela=leis)
- Direção-Geral de Arquivos (DGARQ) – Grupo de trabalho de normalização da descrição em Arquivo. (2011). *Orientações para a Descrição Arquivística* (3.ª versão). Direção-Geral de Arquivos (DGARQ). <https://act.fct.pt/wp-content/uploads/2014/05/ODA-3%C2%AA-vers%C3%A3o.pdf>
- Estrela, S. (2013). Mesas do Castelhino (Almodôvar): uma aldeia amuralhada na paisagem da idade do Ferro do Baixo Alentejo. *Arqueologia & História*, (62-63), 101-115.
- Fabião, C. (1989). Para a História da Arqueologia em Portugal. *Penélope: Fazer e Desfazer a História*, (2), 10-26.
- Faria, M., & Pericão, M. (2008). *Dicionário do Livro – da Escrita ao Livro Eletrónico*. Almedina.
- Filipe, G. (2014, outubro 31). *Sistema de Informação e Documentação como Eixo da Planificação e da Programação Museais e Cerne do Conhecimento e da Mediação de Património e Coleções* [apresentação]. III Encontro Nacional de Centros de Documentação de Museus – Desafios da gestão integrada dos acervos nos Museus, Museu de Cerâmica de Sacavém, Lisboa.
- Gomes, L. (2012). *A Estrutura Orgânica e Funcional da Administração da Universidade de Coimbra e a sua Projeção no Respetivo Arquivo* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/12280>
- Guerra, A., & Fabião, C. (1989). *Trabalhos no Povoado Fortificado de “Mesas do Castelhino” – Almodôvar*. [s.n.].
- Guerra, A., & Fabião, C. (1991). *Atas das IV Jornadas Arqueológicas*. Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Guerra, A., & Fabião, C. (2002). Mesas do Castelhino, Almodôvar: uma fortificação rural islâmica do Baixo Alentejo. In I. C. F. Fernandes (Coord.), *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos* (pp. 171-176). Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela.
- Guerra, A., & Fabião, C. (2008). Mesas do Castelhino (Almodôvar): um projecto com vinte anos. *Al-Madan*, II Série, (16), 92-105.
- Marques, I. (2010). *O Museu Como Sistema de Informação* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. Repositório aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/55282>
- Marques, S. (2016). *A Organização Arquivística. O Fundo Administração do Concelho de Torres Vedras*. Edições Colibri.
- Parreira, J. (2009). *As Ânforas Romanas de Mesas do Castelhino* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/446>

- Pereira, A. (2020). Da CAALG à UNIARQ: a génese do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa no quadro do sistema científico de meados dos anos 70 a meados dos anos 90 do século XX. *OPHIUSSA, Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa*, 4, 216-224. <https://ophiussa.letras.ulisboa.pt/index.php/ophiussa/issue/view/1/5>
- Pereira, A. (2022). Avaliação e Reajuste do Plano de Comunicação Estratégico do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Relatório.
- Perrin, K., Brown, D., Lange, G., Bibby, D., Carlsson, A., Degrave, A., Kuna, M., Larsson, Y., Pálsdóttir, S., Stoll-Tucker, B., Dunning, C., & Rogalla Von Bieberstein, A. (2019, Maio). *Normas e Orientações para Arquivos de Arqueologia na Europa*. EAC Guidelines 1.
- Ruivo, T. (2019). *O lugar dos arquivos no museu: traços de uma relação* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/41421>
- Silva, A. M. da. (2015). Arquivo, biblioteca, museu, sistema de informação: em busca da clarificação possível... *Cadernos BAD*, (1), 103-124. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/79392/2/102723.pdf>
- Silva, C. G. da. (2019). O Conceito de 'Arquivo' Revisitado: Com e Sem Adjetivação". In *Investigação em Ciência da Informação* (pp. 29-36). Edições Colibri.
- Silva, C. (2021). Investigação Documental. In J. Gonçalves, C. Marques, & S. Gonçalves (Coord.), *Manual de Investigação Qualitativa: Conceção, Análise e Aplicações* (pp. 103-123). Editora Pactor.
- Sousa, A. (2013). A Revisão do Regulamento de Trabalhos Arqueológicos e os Contextos Sociais da Arqueologia Portuguesa no Século XXI: uma Breve Reflexão. *Revista Património*, (1), 36-42.
- Sousa, A., Torquato, F., Bragança, F., & Kunst, M. (2015). O Arquivo Leisner (Instituto Arqueológico Alemão): o acervo epistolar (1936-1974). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18(1), 267-288.
- Swain, H. (2012). Archive Archaeology. *The Oxford Handbook of Public Archaeology*, 2, 351-367.
- Teixeira, S. (1998). *Gestão das Organizações*. Editora McGraw-Hill.
- UNIARQ. (2017a). *Estatutos do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa*. UNIARQ.
- UNIARQ. (2017b). *Unidade de Investigação de Avaliação 2017/2018*. UNIARQ.
- UNIARQ. (2022). *Estatutos do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa*. UNIARQ.
- Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (2022, maio 30). *Relatório do Workshop de Gestão e Administração de Dados Arqueológicos Digitais* [workshop]. COST SEADDA CA18128 "Saving European Archaeology from the Digital Dark Age, Universidade do Minho, Braga.
- Vasconcelos, José L. de. (1934). Excursão pelo Baixo Alentejo: 1897. *O Arqueólogo Português*, XXIX, 230-246.



# Paleografia e ciência da informação: reflexões em torno de um diálogo intercientífico

## Paleography and information science: reflections on an intercientific dialogue

CARLOS GUARDADO DA SILVA

Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

[carlosguardado@campus.ul.pt](mailto:carlosguardado@campus.ul.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1490-8709>

ALEXANDRE FABEN

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI/UFF

[alexandrefaben@gmail.com](mailto:alexandrefaben@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9011-632X>

Artigo entregue em: 7 de maio de 2023

Artigo aprovado em: 5 de junho 2023

### RESUMO

Este estudo procura analisar e refletir acerca do diálogo intercientífico entre a Paleografia e a Ciência da Informação. Para tal, segue uma abordagem de natureza qualitativa, suportada pelo método da investigação documental, quer para a revisão da literatura, quer para a pesquisa e análise da informação, de modo a aferir a existência desse diálogo em estudos no âmbito da Ciência da Informação, bem como na oferta formativa nos *curricula* dos cursos de Ciência da Informação, em Portugal (universidades de Coimbra, Lisboa e Porto), e de 16 cursos de graduação em Arquivologia, no Brasil.

A identificação, a organização e a representação da informação relativa aos documentos antigos, pelo arquivista, pelo bibliotecário ou pelo museólogo, exigem o conhecimento dos elementos constitutivos da escrita, a interpretação e a leitura dos documentos, isto é, formação em Paleografia. Hoje, concretiza-se em estudos no âmbito da Ciência da Informação, em que a Paleografia marca presença nos planos curriculares de Ciência da Informação, em Portugal, como opção, e em 14 dos 16 cursos de Arquivologia no Brasil, sendo a sua frequência obrigatória em 12 cursos de graduação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paleografia; Ciência da informação; Intercientificidade; Interdisciplinaridade.

### **ABSTRACT**

This study proposes an analysis and reflection concerning the inter-scientific dialogue between Paleography and Information Science. For this purpose, takes a qualitative approach, backed by the Documentary Research method, both for the literature review and for the information search and analysis, in order to assess the existence of said dialogue in the Information Science studies, as well as in the educational offer in Information Science courses curricula in Portugal (Universities of Coimbra, Lisbon and Porto), and in 16 graduate courses in Archivology in Brazil.

The identification, organization and representation of information relating to old documents, done by the archivists, the librarians or the museologists, require the knowledge of the constitutive elements of writing, interpretation and reading of documents, ie training in Palaeography. Today, this is materialized in studies in the field of Information Science, where Paleography is present in the curriculum plans of Information Science in Portugal, as an optional subject, and in 14 of the 16 Archivology courses in Brazil, whose attendance is mandatory in 12 graduate courses.

**KEYWORDS:** Paleography; Information science; Inter-scientificity; Interdisciplinarity.

## **Introdução**

Identificando-se como a 'ciência das escritas antigas', na qual se denota a sua 'vocação de *explicare* (do latim, decifrar)', a Paleografia procura estudar as diversas escritas pretéritas, independentemente dos seus suportes

materiais que contenham escrita ou outros elementos gráficos (Andrade, 2010, pp. 9-10).

A sua vocação não anula, porém, o lugar de outras ciências, que se especializaram no estudo da escrita antiga gravada em materiais duros, no estudo de outros elementos gráficos como os selos e as moedas ou que se especializaram em determinado tipo de suporte, de que são *exempla* a Epigrafia, a Numismática, a Sigilografia e a Papirologia.

Pretendendo abranger o estudo integral dos documentos, e não apenas a sua escrita, surgiram, no século XVII, a Ciência Diplomática e, nos anos 40 do século XX, a Codicologia. Enquanto aquela procurava, então como hoje, o estudo dos diplomas, isto é, dos documentos antigos, nos seus múltiplos aspetos, a partir de uma perspetiva jurídica e diplomática, a Codicologia centrou-se no estudo dos códices, afirmando-se enquanto campo científico de estudo a partir de um método.

Ocupando-se a Paleografia da reconstrução do processo gráfico, no seu contexto sociocultural, e tendo como objeto de estudo as escritas antigas, torna-se tanto claro como evidente o diálogo intercientífico com a Epigrafia, a Sigilografia, a Codicologia, a Papirologia, a Numismática e a Diplomática, com o qual, de forma direta, “aufere e aporta benefícios” (Andrade, 2010, p. 11), para além da relação intrínseca com a História, tendo a escrita ocupado, desde sempre, espaço privilegiado dentre as suas fontes de informação.

Talvez menos conhecido, mas não menos evidente, é o diálogo estabelecido entre a Paleografia e a Arquivística ou entre a Paleografia e a Ciência da Informação, quer considerando a Arquivística como ciência, quer como disciplina da Ciência da Informação, visão esta que se vem consolidando em Portugal com uma abordagem científica unificada transdisciplinar, mas não única no universo dos diversos campos de estudo, em termos internacionais, que, *grosso modo*, integram as Ciências da Documentação e da Informação. Este é o foco da nossa abordagem no presente artigo, de que emerge a seguinte questão de investigação: É possível identificar um diálogo interdisciplinar entre a Paleografia e a Ciência da Informação? De modo a responder, define-se o seguinte objetivo: identificar um diálogo intercientífico entre as distintas áreas, bem como modos e exemplos da sua concretização, desde a presença da Paleografia nos *curricula* de Arquivologia (no Brasil) e de Ciência da Informação (em Portugal).

Para o desenvolvimento do presente estudo, de natureza qualitativa, optámos pelo método da investigação documental, no sentido de “dispositivo específico de recolha ou de análise das informações, destinado a testar hipóteses de investigação” (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 187). No fundo,

um dispositivo metodológico, que implica a seleção, a recolha e a verificação de dados (heurística da investigação), recorrendo, por vezes, à comparação, assim como a interpretação da informação recolhida em distintas fontes, escritas ou não, em suporte tradicional ou digital, com o objetivo de lhes dar sentido (hermenêutica da investigação), com o propósito de desenvolver o conhecimento empírico (Bowen, 2009, p. 27; Corbin & Strauss, 2008). Adotamos, assim, a investigação documental como método (Borg, 1963) de “pesquisa, objetiva e sistemática, de avaliação da evidência, sintetizando-a de modo a estabelecer factos e a desenvolver conclusões acerca de acontecimentos” (Borg, como citado em Sousa, 2005, p. 88).

## Das palavras escritas ao diálogo

Igualmente existente é o diálogo entre a Arquivística (ou Arquivologia, termo em uso no Brasil), a Biblioteconomia e a Museologia (Andrade, 2010, p. 11), quer consideradas individualmente, como ciências *per se*, quer consideradas como disciplinas da Ciência da Informação, que se define em alguns contextos de que Portugal é um exemplo, como transdisciplinar, mas una, integrando aquelas como áreas disciplinares, de natureza técnica. Assim se explica a distinção da natureza do diálogo, interdisciplinar ou intercientífico.

No que respeita à Arquivística, com a publicação, em 1681, de *De Re Diplomatica Libri VI (sex)*, o monge beneditino francês Jean Mabillon estabeleceu as regras fundamentais para a crítica textual, marcando o início da Diplomática. Simultaneamente, emergia, do mesmo cordão umbilical, a Paleografia, a ‘ciência das escritas antigas’, uma vez que aquela obra constituiu o primeiro estudo sistemático dos tipos de escrita (Duranti, 1989, p. 13), tendo estabelecido uma classificação quanto ao seu género e datação. *De Re Diplomatica* conheceu grande divulgação em diversos países da Europa (Andrade, 2010, p. 14), de que é exemplo, na Península Ibérica, a publicação, em 1688, de *Dissertationes ecclesiasticae*, do beneditino espanhol frei José Pérez de Rozas (Mestre Sanchis, 2003, p. 252).

Todavia, não se deve a Jean Mabillon o pioneirismo no uso do termo Paleografia, mas a Dom Bernard de Montfaucon, monge beneditino francês da abadia de Saint-Germain-des-Près e membro da Academia das Inscriptions et Belles-Lettres, na sua obra *Palaeographia graeca, sive de ortu et progressu litterarum graecarum (Paleografia Grega ou da origem e desenvolvimento das letras gregas)*, publicada em 1708, em Paris, mas cujo título se encontrava já no contrato estabelecido com os editores, de 29 de novembro de

1706 (Irigoin, 1996, p. 71). Esta era uma obra assumidamente de natureza paleográfica, desde o seu título, dedicada à decifração das letras, à resolução das abreviaturas e à datação dos documentos originais e, sobretudo, das suas cópias. Bernard de Montfaucon “criava um método para o estudo gráfico dos manuscritos” e “estabelecia alguns critérios para a classificação das escritas no tempo e no espaço e para o estudo da evolução dos elementos gráficos” (Andrade, 2010, p. 14).

Façamos uma referência, ainda, a Francesco Scipione, Marquês de Maffei (Verona), que publicou, em 1727, em Mântua, um tratado de Diplomática e Paleografia, sob o título *Istoria Diplomatica che serve d'introduzione all'arte critica in tal materia*. Nesta obra, Scipione considerou uma única escrita, a romana, tendo aberto o caminho para a Paleografia moderna (Andrade, 2010, p. 15). Outros marcos importantes decorreriam daí em diante até à sua afirmação, primeiro enquanto ciência auxiliar da história, depois como Ciência da Escrita, incorporando no estudo da Paleografia as conceções de campo gráfico e de sentido histórico (Andrade, 2010, p. 16), cujo marco podemos situar em 1952, com a publicação, em Madrid, da obra *Paléographie Romaine*, de Jean Mallon.

Na segunda metade do século XIX, as correntes de pensamento, designadamente o romantismo e o historicismo, e os distintos movimentos nacionais de renovação historiográfica contribuíram para a valorização das fontes históricas e do acesso aos arquivos, apesar de este acesso continuar confinado aos eruditos. Um contributo que se estendeu, ainda, à constituição dos arquivos enquanto autênticos laboratórios da história e, conseqüentemente, a uma renovação historiográfica.

Neste contexto, a Arquivística, tal como a Paleografia e a Diplomática adquiriram o estatuto de disciplinas auxiliares da História. À Arquivística exigia-se a elaboração de inventários de fontes, a publicação de documentos considerados relevantes para a investigação histórica, a par da abertura dos arquivos ao público. Uma relação de subsidiariedade da Arquivística face à História, fundamentando-se na História a razão para a existência dos arquivos, identificando-se, por extensão, os arquivos com documentos de interesse para a história por ‘arquivos históricos’. Um conjunto de razões criadas na centúria de oitocentos que justificam a instituição, em Portugal, de distintos arquivos históricos, sob o epíteto de arquivos distritais, em inícios no século XX.

Todavia, a elaboração de inventários e de outros instrumentos de acesso à informação, vertente tecnicista que os arquivistas souberam agarrar, por vezes de forma excessiva, trouxe-lhes então as exigências da leitura dos manuscritos, diplomas ou códices, acondicionados em depósitos, sob a cus-

tódia das instituições memorizadoras — os arquivos, as bibliotecas e os museus (Petrucci, 1999).

Para a identificação dos documentos, impunha-se um necessário conhecimento das escritas, da sua decifração e datação. Importava, pois, ontem como hoje, que o arquivista, o bibliotecário ou o museólogo, na presença e no confronto com documentos antigos, conseguisse identificar os elementos constitutivos da escrita — a morfologia, o ângulo, o *ductos* (ordem de sucessão e sentido do traçado de uma letra), o módulo, o peso, as ligaduras e o *nexus* (união de duas ou mais letras por superposição ou inclusão de uma letra em outra), de forma a poder ler a informação registada num determinado suporte e a representar essa informação, efetuando a descrição material e do conteúdo do documento, transcrevendo-o, total ou parcialmente, efetuando o seu resumo ou identificando termos de acesso (palavras-chave, se em linguagem natural; descritores, se em linguagem documental ou controlada). Importava, ainda, o estudo das abreviaturas e dos formulários, sendo práticas que se prolongariam até ao presente, contribuindo fortemente para a interpretação e a leitura dos documentos (Heredia Herrera, 1986, p. 44).

Neste sentido, a Paleografia aproxima-se do conceito trazido por Ricardo Román Blanco, isto é, “a ciência que ensina a ler corretamente toda a classe de documentos manuscritos ou impressos, abordando também a origem e evolução da escrita” (1987, p. 13). E, sobremaneira, tornava-se evidente que a Paleografia deveria ser exigida a qualquer arquivista (Heredia Herrera, 1986, p. 44), sobretudo quando desempenhasse funções em arquivos ditos “históricos” (arquivos definitivos), ou que, não dispondo de documentação antiga, pudesse em qualquer momento ser chamado a avaliar um acervo que a instituição pretendesse adquirir. Um diálogo imprescindível com a Paleografia, que levou Heredia Herrera a definir a Paleografia como ciência auxiliar da Arquivística (1986), classificação que evidencia, naturalmente, o posicionamento da observadora. No fundo, o mesmo papel que lhe atribuiu durante longo tempo a História (Marques, 1992b, p. 528), também a partir do seu ponto de vista, ignorando o ponto de vista do *métier* de paleógrafo.

Hoje, para os profissionais da informação, que trabalham em instituições memorizadoras, é tão importante o diálogo da Arquivística, da Biblioteconomia e da Museologia com a Paleografia quanto com a Diplomática. A título de exemplo, Jean Mabillon definiu que a confiabilidade era avaliada com base no processo de formação dos documentos e nas suas características, estrutura e transmissão formais no espaço e no tempo (Tognoli, 2014; Pacheco, 2017, p. 19).

Acerca desta dimensão intercientífica, citemos Alberto Tamayo, que, a propósito do trabalho técnico dos arquivistas, sublinhou: “aquele que ha de conocer y ordenar los documentos, necesita una amplia formación histórica, jurídica y jurídico-administrativa y además, en los Archivos Históricos, un profundo conocimiento de materias instrumentales, como Paleografía, Diplomática y Sigilografía, especialmente” (1996, p. 29). E acrescentou: “Sin una tal formación, será muy difícil poder realizar correctamente los trabajos de ordenación, clasificación y catalogación de los fondos documentales, así como la confección de los instrumentos descriptivos de los mismos” (1996, p. 29).

Em Portugal, João Pedro Ribeiro é, talvez, o melhor exemplo do já antigo diálogo interdisciplinar entre a Paleografia, ainda vinculada à Diplomática, e a Arquivística. A ele se deve a criação da Diplomática (Marques, 1992a) e “as bases da Paleografia” em Portugal (Marques, 1992b), bem como a sua introdução no ensino superior, após a sua nomeação, em 6 de janeiro de 1796, para “professor da cadeira de Diplomática, que funcionava anexa à Universidade de Coimbra” (Ribeiro, 2006, p. 4). Ensino da Diplomática, que exigia um “conhecimento prévio da Paleografia” e um contacto direto com os documentos e os Arquivos, tendo obrigado à transferência da cadeira de Coimbra para Lisboa, em 1801, que ficara a funcionar no Arquivo da Torre do Tombo (Ribeiro, 2006, p. 4).

## **A concretização do diálogo intercientífico**

Um diálogo entre a Paleografia e a Ciência da Informação está também concretizado em inúmeros estudos de natureza científica, designadamente em dissertações de mestrado e doutoramento, quer sob o ponto de vista teórico, quer em estudos empíricos sobre sistemas de informação pretéritos, em que a leitura e a análise da informação documental, medieval e moderna, exige o conhecimento dos tipos e das regras da escrita pretérita, um conhecimento fundamental para o estudo da literacia literária dos homens da escrita.

Tomemos como exemplos cinco estudos científicos: três desenvolvidos no âmbito do mestrado em Ciências da Documentação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, um no âmbito do doutoramento em Ciências da Informação e da Documentação da Universidade de Évora, e, por fim, um no âmbito do doutoramento em História, especialidade de História Contemporânea, na Universidade de Lisboa.

No âmbito do mestrado em Ciências da Documentação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Nelson Cordeiro Pedrosa

apresentou, em 2014, uma dissertação intitulada *O tombo dos bens do concelho de Pombal 1746: transcrição, estudo codicológico e histórico*, que seria publicada em 2016, sob o título *Para a história de Pombal no século XVIII* (Pedrosa, 2016). Este é um estudo no qual o autor parte de um documento manuscrito anepígrafo relativo ao tombo dos bens do concelho de Pombal —, datado de 1746, objeto de transcrição em anexo (Pedrosa, 2016, pp. 175-380), que inclui a sua análise codicológica (pp. 39-46) e paleográfica (pp. 47-54), para se situar, depois, na análise do seu conteúdo. Um documento que é um bom testemunho do valor da informação acumulada nos distintos acervos dos arquivos municipais do país, para cujo estudo se exigiu um diálogo entre a Paleografia, a Arquivística, a Codicologia e a História. Sem um conhecimento paleográfico, não teria sido possível ao seu autor ter acesso à informação registada no mesmo, isto é, ler, transcrever e analisar o seu conteúdo, bem como examinar a escrita e as condições da sua realização, tais como inferir da utilização dos instrumentos da escrita, de modo a perceber a construção do traslado executado pelo escrivão do tombo, Manuel Francisco Carreira, o então escrivão da Provedoria de Leiria.

No mesmo contexto, João Castela de Oliveira apresentou à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa o relatório de estágio intitulado *O Brasil na Coleção Pombalina da Biblioteca Nacional de Portugal: 'cartas do Brasil': 1593-1811* (Oliveira, 2016). O estudo aqui efetuado resulta de um estágio realizado na Secção de Reservados Manuscritos, integrada na Divisão de Coleções Especiais, da Biblioteca Nacional de Portugal, no qual se procedeu à identificação, organização e representação da informação de três códices (PBA. 625, PBA. 626 e PBA. 642), tendo em vista a catalogação dos documentos sobre o Brasil existentes na Coleção Pombalina. Os conhecimentos paleográficos permitiram efetuar a identificação e a descrição dos documentos, assim como, devemos sublinhar, a identificação das assinaturas (Oliveira, 2016, pp. 66-67 e 70), de caligrafias produzidas por distintas “mãos”, umas certamente mais cuidadas do que outras, gravadas sobre um papel de qualidade e com uma tintagem bem distribuída (Oliveira, 2016, p. 70).

Por seu turno, Isabel Claudino Santos levou a efeito o estudo e o inventário da documentação da Câmara Municipal de Santarém, sob o título *Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Santarém: estudo histórico e orgânico-funcional para a contextualização e inventariação da informação acumulada: 1506-1820* (Santos, 2018). A autora investigou as distintas instituições produtoras da informação acumulada no referido Arquivo, de modo a compreender o seu contexto, assim como a sua representação (identificação, classificação e descrição) com vista à elaboração de um Inventário. Uma vez mais,

somente na posse de conhecimentos paleográficos foi possível ter acesso à informação ali acumulada entre os séculos XVI e XIX, quando, recordemos, já os homens das centúrias de quatrocentos e quinhentos se viam impedidos do acesso à informação dos documentos medievos, quer porque se encontravam em latim, exigindo a sua reescrita na língua vernácula, quer pela incompreensão da sua escrita, reclamando para tal a sua cópia de modo a facilitar a leitura, processo que justifica, por exemplo, a existência da coleção *Leitura Nova*, iniciada no reinado do rei venturoso, em 1504.

No âmbito do doutoramento em Ciências da Informação e da Documentação da Universidade de Évora, Nelson Vaquinhas apresentou àquela instituição a dissertação «*A Mesa da Consciência e Ordens o tenha assim entendido*»: o sistema de informação das Ordens Militares no século XVIII (Vaquinhas, 2018), que é outro testemunho do diálogo intercientífico, entre a Ciência da Informação, especificamente no âmbito da disciplina Arquivística, e a Paleografia. Assim se entende quanto fundamental foi o estabelecimento desta relação estreita para o estudo da literacia literária dos homens da escrita da Mesa da Consciência e Ordens, a qual permitiu efetuar a análise da grafia e da tonalidade das tintas empregadas, denunciando a escrita de distintas mãos na lavra dos documentos do processo, inclusive na produção do mesmo documento. Esta é, aliás, uma realidade idêntica à ocorrida no Consejo de Indias, *quando se hacía en limpio el documento no se podía prever el momento en que la firmarían los consejeros; así se dejaba en blanco esta fórmula y después se rellenaba* (Heredia Herrera, 1972, p. 7).

Refira-se, por último, o diálogo intercientífico exímio estabelecido entre a Paleografia, a Diplomática, a Ciência da Informação e a História, por Sandra Patrício da Silva, na sua dissertação de doutoramento em História, especialidade de História Contemporânea, apresentada à Universidade de Lisboa, em 2018, mas com uma abordagem cruzada com a Ciência da Informação. Em *Sistemas de informação das administrações civis no concelho de Sines: 1655-1855* (Silva, 2018), a autora estuda a literacia literária dos agentes da administração, analisando as assinaturas como sinal de familiaridade com a escrita. Neste particular, atentou na análise das tipologias documentais, procurando compreender a tradição documental, identificou as assinaturas, a frequência e uso da escrita, e considerou o volume e a distribuição cronológica da produção documental, por subsérie e por tipologia documental (Silva, 2018, p. 26). Conhecimentos de Paleografia que apoiaram Sandra Patrício da Silva na identificação dos agentes da escrita, detentores de cargos relevantes na administração, como Manuel Oliveira Baleia, escrivão das sisas em 1714, cuja “competência na escrita e o conhecimento da administração podem ter potenciado uma forma mais sofisticada de registo, em que cada

acto relativo à mesma matéria era registado em livro específico” (Silva, 2018, p. 133). Um estudo, cujo contributo da Paleografia permitiu concluir a familiaridade dos oficiais da governança com a escrita (p. 218), bem como a alfabetização de membros da governança, quando “a maioria dos membros da vereação, isto é, juízes pela ordenação, vereadores, procuradores do concelho, porteiros, tesoureiros e juízes da vintena conheciam a escrita” e usavam-na na sua vida quotidiana (Silva, 2018, p. 231). Um estudo interdisciplinar fundamental para compreender a literacia literária, isto é, a escrita e a leitura dos agentes da administração, quando apenas 9% dos moradores de Sines dominavam a escrita em meados da centúria de oitocentos (Lopes, 1849, p. 94, como citado em Silva, 2018, p. 234).

Aos estudos, como evidência do diálogo interdisciplinar entre a Arquivística e a Paleografia, juntemos as inúmeras publicações de fontes em diversos arquivos, de que o arquivo municipal de Torres Vedras é uma referência, com a publicação, a título de exemplo, de *O Foral medieval* (Vicente et al., 2022), *O Foral Novo* (Silva & Vargas, 2016), bem como *O livro de acórdãos do Município de Torres Vedras: 1596-1599* (Veiga & Silva, 2003).

## Traços de uma relação curricular

Em Portugal, o reconhecimento da importância deste diálogo interdisciplinar e, mais recentemente, intercientífico é ainda testemunhado pela sua integração nos distintos *curricula* formativos na área da Ciência da Informação.

Na sequência da já referida transferência da cadeira de Diplomática, que integrava conteúdos de Paleografia, para o Arquivo da Torre do Tombo, em 1801, aquela passou a integrar o *curriculum* de quem pretendesse exercer funções num arquivo ou desempenhar o ofício de tabelião (Ribeiro, 2006, p. 5). Conteúdos da formação do arquivista, que encontraremos bem evidentes, vinte anos mais tarde, em Paris, na formação do arquivista-paleógrafo na École Nationale des Chartes. Formação que seria modelar do arquivista com funções no ‘arquivo histórico’ de que o Arquivo da Coroa era exemplo, e que adquiria relevo com a criação, em 29 de dezembro de 1887, em Portugal, do “curso de instrução superior, denominado de bibliothecario-archivista<sup>1</sup>” (Ribeiro, 2006, p. 5), mantendo-se até 1982 nos *curricula* formativos dos referidos cursos, bem

---

<sup>1</sup> Decreto do Ministerio do Reino; Direcção Geral de Instrucção Publica. (1888). *Diário do Governo*: n.º 3, p. 19. [https://digigov.cepese.pt/pt/pesquisa/listbyyearmonthday?ano=1888&mes=1&tipo=a-diario&filename=1888/01/04/D\\_0003\\_1888-01-04&pag=12&txt=](https://digigov.cepese.pt/pt/pesquisa/listbyyearmonthday?ano=1888&mes=1&tipo=a-diario&filename=1888/01/04/D_0003_1888-01-04&pag=12&txt=)

como dos posteriores Cursos de Especialização em Ciências Documentais<sup>2</sup> e, mais recentemente, de graduação e pós-graduação em Ciência da Informação.

A disciplina de Diplomática, sem qualquer menção à Paleografia, integrava o *curriculum* de formação do bibliotecário-arquivista, que então funcionava junto do Real Arquivo da Torre do Tombo, sendo regida pelo Conservador do Arquivo (Ribeiro, 2006, p. 6). Todavia, na primeira remodelação de que o curso foi alvo em 24 de dezembro de 1901<sup>3</sup>, estendendo-se para três anos, a disciplina de Paleografia surgia no primeiro ano, separada da de Diplomática, que tinha lugar no segundo ano, mantendo-se ambas as cadeiras em funcionamento no Real Arquivo da Torre do Tombo, regidas pelos seus conservadores (Ribeiro, 2006, pp. 6-7).

Na cadeira de Paleografia, admitia-se então a possibilidade da sua frequência por alunos voluntários, designadamente os “amanuenses escrivães dos quadros das Bibliotecas e Arquivos Nacionais”, após autorização do Governo concedida mediante parecer do Bibliotecário-mor, uma vez que a sua matéria era considerada “auxiliar para o bom desempenho das suas funções<sup>4</sup>” (Ribeiro, 2006, p. 7).

Após a implantação da República, foram criadas, em 22 de março de 1911, as universidades de Lisboa e do Porto, tendo o Curso Superior de Letras de Lisboa integrado a primeira. Consequentemente, o Curso de Bibliotecário-Arquivista incorporou a formação de ensino superior, com a equiparação das cadeiras do curso regulamentado em 1901 às da Faculdade de Letras (Ribeiro, 2006, p. 8).

Com uma nova reforma em 1918, a Paleografia conquistou espaço no curso de Bibliotecário-Arquivista, passando a ser lecionada em duas partes, no primeiro e no segundo anos, mantendo-se a Diplomática neste ano<sup>5</sup>,

---

<sup>2</sup> Criado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra pelo Decreto n.º 87/82, de 13 de julho, o qual extinguiu o Curso de Bibliotecário-Arquivista instituído na mesma Faculdade em 1935, e regulamentado pela Portaria n.º 448/83, de 19 de abril. O curso foi criado nas Faculdades de Letras da Universidade de Lisboa e do Porto pelas portarias n.º 448/83, de 19 de abril, 449/83, de 19 de abril, e 8521/85, de 9 de novembro, respetivamente.

<sup>3</sup> Decreto n.º 6 do Ministerio do Reino. (1901). *Diário do Governo*: n.º 294, p. 3679. [https://digigov.cepese.pt/pt/pesquisa/listbyyearmonthday?ano=1901&mes=12&tipo=a-diario&filename=1901/12/28/D\\_0294\\_1901-12-28&pag=1&txt=](https://digigov.cepese.pt/pt/pesquisa/listbyyearmonthday?ano=1901&mes=12&tipo=a-diario&filename=1901/12/28/D_0294_1901-12-28&pag=1&txt=)

<sup>4</sup> Decreto de 8 de Outubro do Ministerio do Reino, aprovando o Regulamento do curso de bibliothecario archivista nas cadeiras professadas no Real Archivo da Torre do Tombo e na Bibliotheca Nacional de Lisboa. *Collecção Official de Legislação Portuguesa*. (1902). *Diário do Governo*: n.º 227, Lisboa. (3 out. 1902), pp. 970-971 e 3146. [https://digigov.cepese.pt/pt/pesquisa/listbyyearmonthday?ano=1902&mes=10&tipo=a-diario&filename=1902/10/08/D\\_0227\\_1902-10-08&pag=1&txt=](https://digigov.cepese.pt/pt/pesquisa/listbyyearmonthday?ano=1902&mes=10&tipo=a-diario&filename=1902/10/08/D_0227_1902-10-08&pag=1&txt=)

<sup>5</sup> Decreto n.º 4885 da Secretaria de Estado da Instrução Pública; Repartição de Instrução Universitária. (1918). *Diário do Governo*: série I, n.º 222, pp. 1781-1784. <https://files.diariodarepublica.pt/1s/1918/10/22200/17811784.pdf>

sendo ambas regidas no Arquivo da Torre do Tombo, por primeiros ou segundos conservadores, equiparados a assistentes da Faculdade de Letras (Ribeiro, 2006, p. 9). Nova remodelação teria lugar em maio de 1919, registando-se apenas a particularidade da alteração do nome para *Curso de Biblioteconomia e Arquivística*, tendo a cadeira de Diplomática passado para o 3.º ano<sup>6</sup>.

Em 27 de junho de 1931<sup>7</sup>, o Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista tornou-se um curso “exclusivamente profissional”, com a duração de dois anos. Também a carga letiva foi reduzida, mantendo a Paleografia e a Diplomática (e Esfragística) relevo no quadro da formação, uma vez que, dentro do leque de sete disciplinas, apenas aquelas se mantiveram anuais (Ribeiro, 2006, p. 10).

Em 21 de dezembro de 1932, o ensino das disciplinas de Paleografia e Diplomática foi transferido da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para o *Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista*<sup>8</sup>, extinguindo-se esse ensino naquela instituição, até 1935, ano em que regressaria<sup>9</sup>. Neste mesmo ano, também se instituiu o Curso de Bibliotecário-Arquivista na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com a duração de dois anos letivos e um estágio de seis meses, justificando-se

a criação do curso na Universidade de Coimbra, não só pelo facto de nela existirem o Arquivo e Museu de Arte e a Biblioteca Geral, que dispõem de valiosíssimas colecções de documentos manuscritos e espécies bibliográficas de todas as épocas que interessam à formação profissional do pessoal técnico das bibliotecas e arquivos, mas também porque na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra nunca

---

<sup>6</sup> Decreto n.º 5618 do Ministério da Instrução Pública; Direção-Geral do Ensino Superior. (1919). *Diário do Governo*: I.ª série, n.º 98, pp. 966-975. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto/5618-271450>

<sup>7</sup> Decreto n.º 19952 do Ministério da Instrução Pública; Direção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes. (1931). *Diário do Governo*: I.ª série, n.º 147, pp. 1253-1269. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto/19952-1931-530981>

<sup>8</sup> Decreto n.º 22014 do Ministério da Instrução Pública; Direção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes; Repartição do Ensino Superior e das Belas Artes. (1932). *Diário do Governo*: I.ª série, n.º 298, pp. 2585-2587. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto/22014-1932-597917>.

<sup>9</sup> Decreto-lei n.º 26026 do Ministério da Instrução Pública; Direção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes. (1935). *Diário do Governo*: I.ª série, n.º 258, pp. 1633-1635. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/26026-1935-537200>; e Decreto-lei n.º 26027 do Ministério da Instrução Pública; Direção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes. (1935). *Diário do Governo*: I.ª série, n.º 258, p. 1635. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/26027-1935-537201>.

houve interrupção no exercício do ensino das disciplinas subsidiárias da história que constituem o núcleo dos mesmos estudos<sup>10</sup>.

Nos *currícula* dos Cursos de Especialização em Ciências Documentais, ministrados nas três Faculdades de Letras das universidades de Coimbra e Lisboa (desde 1983) e do Porto (desde 1985), mantiveram-se as cadeiras de Paleografia e Diplomática nos respetivos planos de estudos, porém apenas na opção *Arquivo/Arquivística*.

E qual a sua integração nos *currícula* de Ciência da Informação em Portugal no ano letivo de 2018/19? Na graduação em Ciência da Informação, disponível apenas nas Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e Porto, já não aparece a unidade curricular de Paleografia e Diplomática, apesar de Ribeiro defender, em 2006, continuar a ser “essencial a presença da Paleografia e da Diplomática na formação dos profissionais da informação” (Ribeiro, 2006, p. 14). Todavia, ainda no ano letivo de 2017/18, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto (no âmbito do curso de mestrado em Ciência da Informação, que desenvolve conjuntamente com a Faculdade de Engenharia) ofereceu a unidade curricular Paleografia e Diplomática, como opção do 2.º ano (2.º semestre)<sup>11</sup>. De igual modo, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto não oferece a unidade curricular de Paleografia no 2.º Ciclo de Estudos de Ciência da Informação.

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra também já não integra a unidade curricular de Paleografia, isoladamente ou em conjunto com a Diplomática, em nenhum dos ciclos de Ciência da Informação, sendo a única instituição de ensino superior em Portugal com os três ciclos de estudos: graduação (licenciatura), mestrado e doutoramento. Uma ausência que pode, porém, ser aparente, quando se mantém a oferta formativa da opção de Paleografia integrada em outros cursos, sendo oferecida como opção.

No que respeita à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que disponibiliza apenas o 2.º ciclo do mestrado em Ciências da Documentação e Informação, é oferecida a unidade curricular de Paleografia e Diplomática, dentre o rol das onze unidades curriculares optativas<sup>12</sup>. Sublinhe-se que é

---

<sup>10</sup> Decreto-lei n.º 26026 do Ministério da Instrução Pública; Direção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes. (1935). Diário do Governo: 1.ª série, n.º 258, p. 1635. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/26026-1935-537200>.

<sup>11</sup> Universidade do Porto. Faculdade de Letras (cop. 1996-2018). **Cursos:** mestrado: Licenciatura em Ciência da Informação: Plano oficial em vigor: 2017/18. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2018. Disponível em [https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur\\_geral.cur\\_planos\\_estudos\\_view?pv\\_plano\\_id=13961&pv\\_tipo\\_cur\\_sigla=&pv\\_origem=CUR&pv\\_ano\\_lectivo=2017#div\\_id\\_363445\\_](https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_planos_estudos_view?pv_plano_id=13961&pv_tipo_cur_sigla=&pv_origem=CUR&pv_ano_lectivo=2017#div_id_363445_). Data de acesso: 11 out. 2018.

<sup>12</sup> Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. (2023). <https://www.lettras.ulisboa.pt/images/faculdade/legislacao/servivos-academicos/regulamentos-mestrado/mestrado-ciencias-documentacao-informacao-2022.pdf>. Data de acesso: 10 jun. 2023.

ministrada pela Doutora Susana Tavares Pedro<sup>13</sup>, oferecida no 2.º semestre, sendo também, ainda que não o fundamentamos com números, a unidade curricular optativa com maior número de inscritos nos últimos anos letivos, com uma tendência de crescimento.

No contexto do *II Congresso luso-brasileiro de Paleografia* (18-20 de outubro de 2018), que relação curricular encontramos entre a Arquivologia e a Paleografia ou a Paleografia e a Diplomática, centrando-nos apenas nos cursos de graduação no Brasil? A partir da pesquisa desenvolvida, em setembro de 2018, nos *sítes* das distintas instituições de ensino superior no Brasil, identificaram-se dezasseis cursos de graduação em Arquivologia:

Tabela 1 – Cursos de Graduação em Arquivologia no Brasil.

<b>Instituição de Ensino</b>	<b>Região</b>	<b>Estado</b>	<b>Criação</b>
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO	Sudeste	Rio de Janeiro	1977
Universidade Federal Fluminense – UFF	Sudeste	Rio de Janeiro	1978
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES	Sudeste	Espírito Santo	1999
Universidade Estadual Paulista – UNESP	Sudeste	São Paulo	2003
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	Sudeste	Minas Gerais	2009
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	Sul	Rio Grande do Sul	1977
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	Sul	Rio Grande do Sul	1999
Universidade Federal do Rio Grande – FURG	Sul	Rio Grande do Sul	2008
Universidade Estadual de Londrina – UEL	Sul	Paraná	1998
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	Sul	Santa Catarina	2009
Universidade de Brasília – UNB	Centro-Oeste	Distrito Federal	1991
Universidade Federal da Bahia – UFBA	Nordeste	Bahia	1998
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB	Nordeste	Paraíba	2006
Universidade Federal da Paraíba – UEPB	Nordeste	Paraíba	2008
Universidade Federal do Amazonas – UFAM	Norte	Amazonas	2009
Universidade Federal do Pará – UFPA	Norte	Pará	2011

Fonte: Dados recolhidos pelos autores, a partir dos sites dos 16 cursos de graduação em Arquivologia (Brasil).

<sup>13</sup> Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Programa em Ciências da Documentação e Informação: Docentes. (2023). <http://www.tmp.letras.ulisboa.pt/pcdi-departamento/pcdi-docentes>. Data de acesso: 10 jun. 2023.

Da análise dos respetivos planos de curso, obtivemos os seguintes resultados, no que diz respeito à oferta formativa de Paleografia, que apresentamos de forma resumida:

Das 16 graduações, apenas duas não integram a Paleografia ou a Paleografia e Diplomática nos seus planos de estudo em Arquivologia, designadamente a Universidade Federal de Paraíba (UFPB) e a Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Nesta instituição, Paleografia e Diplomática era uma unidade curricular optativa, que desapareceu da nova estrutura curricular aprovada em 2016. Nos casos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA), estas oferecem duas unidades curriculares, Paleografia e Diplomática I e II e Paleografia e Prática de Paleografia, respetivamente, sendo a primeira de cada obrigatória e a segunda opcional.

Ainda, dentro do conjunto das 14 Universidades, que oferecem Paleografia na graduação em Arquivologia, em 12 a unidade curricular é de frequência obrigatória, sendo apenas duas das ofertas optativas, nomeadamente na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Por último, das 14 ofertas de formação em Paleografia, a disciplina surge com o seu verdadeiro estatuto, isto é, autonomizada da Diplomática, em 12 universidades, uma vez que, em conjunto, Paleografia e Diplomática, aparecem apenas nos planos de curso da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Procurando os programas da unidade curricular de Paleografia ou Paleografia e Diplomática, destaque-se a referência intercientífica (no contexto da Ciência Arquivística, no Brasil) inscrita nos cursos de Arquivologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Marília. Enquanto na ‘ementa’ daquele encontramos a referência “Paleografia e Diplomática como suporte para a Arquivologia”, nos conteúdos deste evidencia-se “o papel da Paleografia no processo de organização arquivística”.

## Conclusão

Data do século XVII o início do diálogo interdisciplinar entre a Paleografia e a Diplomática, então ainda unidas, e a Arquivística, e, mais recentemente, entre a Paleografia e a Arquivística e/ou Ciência da Informação, considerada aquela individualmente ou integrada como disciplina da Ciência da Informação. Um diálogo, tão natural quanto obrigatório, que aqui se identifica e caracteriza, concretizado na epistemologia da Arquivística, na *praxis* e nos *curricula* da Ciência da Informação, ainda que alguns o procurem por vezes negar. Um diálogo, porém,

concretizado em inúmeros estudos de natureza científica, designadamente em dissertações de mestrado e doutoramento, quer sob o ponto de vista teórico, quer em estudos empíricos sobre sistemas de informação pretéritos, em que a leitura e a análise da informação documental, medieval e moderna, exigem o conhecimento dos tipos e das regras da escrita pretérita, um conhecimento fundamental para o estudo da literacia literária dos homens da escrita.

No que diz respeito à presença identificada da Paleografia na formação em Ciência da Informação, é um diálogo intercientífico que se restringiu, em Portugal, ao *curriculum* do mestrado em Ciências da Documentação e da Informação, ministrado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Todavia, nas outras escolas, parece ser possível aos alunos a frequência da unidade curricular no âmbito da oferta formativa de outros cursos. No Brasil, o diálogo interdisciplinar entre a Arquivologia e a Paleografia, tendo por base os *curricula* dos cursos de graduação em Arquivologia, não está apenas presente e vivo, quanto se entende como 'obrigatório'.

## Fontes

- Decreto do Ministerio do Reino; Direcção Geral de Instrucção Publica. (1888). *Diário do Governo*: n.º 3, pp. 18-21. [https://digigov.cepese.pt/pt/pesquisa/listbyyearmonthday?ano=1888&mes=1&tipo=a-diario&filename=1888/01/04/D\\_0003\\_1888-01-04&pag=12&txt=](https://digigov.cepese.pt/pt/pesquisa/listbyyearmonthday?ano=1888&mes=1&tipo=a-diario&filename=1888/01/04/D_0003_1888-01-04&pag=12&txt=)
- Decreto n.º 87/82 do Ministério da Educação e das Universidades. (1982). *Diário da República*: I série, n.º 159, pp. 2089-1090. <https://files.dre.pt/1s/1982/07/15900/20892090.pdf>
- Decreto n.º 6 do Ministerio do Reino. (1901). *Diário do Governo*: n.º 294, pp. 3679-3681. [https://digigov.cepese.pt/pt/pesquisa/listbyyearmonthday?ano=1901&mes=12&tipo=a-diario&filename=1901/12/28/D\\_0294\\_1901-12-28&pag=1&txt=](https://digigov.cepese.pt/pt/pesquisa/listbyyearmonthday?ano=1901&mes=12&tipo=a-diario&filename=1901/12/28/D_0294_1901-12-28&pag=1&txt=)
- Decreto de 8 de Outubro do Ministerio do Reino, aprovando o Regulamento do curso de bibliothecario archivista nas cadeiras professadas no Real Archivo da Torre do Tombo e na Bibliotheca Nacional de Lisboa. (1902). *Diário do Governo*: n.º 227, pp. 3145-3146. [https://digigov.cepese.pt/pt/pesquisa/listbyyearmonthday?ano=1902&mes=10&tipo=a-diario&filename=1902/10/08/D\\_0227\\_1902-10-08&pag=1&txt=](https://digigov.cepese.pt/pt/pesquisa/listbyyearmonthday?ano=1902&mes=10&tipo=a-diario&filename=1902/10/08/D_0227_1902-10-08&pag=1&txt=)
- Decreto n.º 4885 da Secretaria de Estado da Instrucção Pública; Repartição de Instrucção Universitária. (1918). *Diário do Governo*: série I, n.º 222, pp. 1781-1784. <https://files.diariodarepublica.pt/1s/1918/10/22200/17811784.pdf>
- Decreto n.º 5618 do Ministério da Instrucção Pública; Direcção-Geral do Ensino Superior. (1919). *Diário do Governo*: I.ª série, n.º 98, pp. 966-975. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto/5618-271450>
- Decreto n.º 19952 do Ministério da Instrucção Pública; Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes. (1931). *Diário do Governo*: I.ª série, n.º 147, pp. 1253-1269. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto/19952-1931-530981>

- Decreto n.º 22014 do Ministério da Instrução Pública; Direção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes; Repartição do Ensino Superior e das Belas Artes. (1932). *Diário do Governo*: I.ª série, n.º 298, pp. 2585-2587. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto/22014-1932-597917>
- Decreto-lei n.º 26026 do Ministério da Instrução Pública; Direção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes. (1935). *Diário do Governo*: I.ª série, n.º 258, pp. 1633-1635. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/26026-1935-537200>
- Decreto-lei n.º 26027 do Ministério da Instrução Pública; Direção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes. (1935). *Diário do Governo*: I.ª série, n.º 258, p. 1635. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/26027-1935-537201>
- Portaria n.º 448/83 do Ministério da Educação. (1983). *Diário da República*: I série, n.º 90, pp. 1351-1353. <https://files.dre.pt/1s/1983/04/09000/13511353.pdf>
- Portaria n.º 449/83 do Ministério da Educação. (1983). *Diário da República*: I série, n.º 90, pp. 1353-1355. <https://files.dre.pt/1s/1983/04/09000/13531355.pdf>
- Portaria n.º 852/85 do Ministério da Educação. (1985). *Diário da República*: I série, n.º 90, pp. 3763-3765. <https://files.dre.pt/1s/1985/11/25800/37633765.pdf>

## Bibliografia

- Andrade, M. C. J. de. (2010). Paleografia. In E. de M. Samara (Ed.), *Paleografia, documentação e metodologia histórica* (pp. 9-146). Humanitas.
- Bowen, G. A. (2009). "Document analysis as a qualitative research method". *Qualitative Research Journal*. 9(2), pp. 27-40. 10.3316/QRJ0902027
- Corbin, J., & Strauss, A. (2008). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. (3<sup>rd</sup> ed). Sage.
- Cruz Mundet, J. R. (2001). *Manual de Archivística*. (Ed. corregida y actualizada). Fundación Germán Sánchez Ruipérez.
- Heredia Herrera, A. (1972). *Catálogo de las consultas del Consejo de Indias (Vol. 1)*. Dirección General de Archivos y Bibliotecas.
- Heredia Herrera, A. (1986). *Archivística general: Teoría y práctica*. Duputación Provincial de Sevilla.
- Irigoin, J. (1996). Dom Bernard de Montfaucon. In J. Leclant, & B. Zehrfuss (Dir.), *Colloque L'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres et l'Académie des Beaux-Arts face au message de la Grèce ancienne: Actes du 6<sup>ème</sup> colloque de la Villa Kérylos à Beaulieu-sur-Mer les 6 & 7 Octobre 1995* (pp. 71-85). Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. [https://www.persee.fr/doc/keryl\\_1275-6229\\_1996\\_act\\_6\\_1\\_945](https://www.persee.fr/doc/keryl_1275-6229_1996_act_6_1_945)
- Mallon, J. (1952). *Paleografía romana*. Instituto Antonio Nebrija de Filosofía.
- Marques, A. H. de O. (1992a). Diplomática. In J. Serrão (Ed.), *Dicionário de História de Portugal (vol. 2)* (pp. 309-314). Livraria Figueirinhas.
- Marques, A. H. de O. (1992b). Paleografia. In J. Serrão (Ed.), *Dicionário de História de Portugal (vol. 4)* (pp. 528-534). Livraria Figueirinhas.
- Mestre Sanchis, A. (2003). *Apología y crítica de España en el siglo XVIII*. Marcial Pons.

- Oliveira, J. C. (2016). *O Brasil na Coleção Pombalina da Biblioteca Nacional de Portugal: 'cartas do Brasil': 1593-1811* [Relatório de Estágio de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/26341>
- Pacheco, A. (2017). *Informação digital: o vértice comum entre a Diplomática e a Ciência da Informação*. Húmus.
- Pedrosa, N. C. (2014). *O tomo dos bens do concelho de Pombal: 1746: transcrição, estudo codicológico e histórico* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/12219>
- Pedrosa, N. C. (2016). *Para a história de Pombal no século XVIII*. Rotary Club de Pombal.
- Petrucci, A. (1999). *Esckriptura de la Memòria i Memòries de l'esckrit*. Universitat de València.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. (3.ª ed). Gradiva.
- Ribeiro, F. (2006). *O ensino da Paleografia e da Diplomática no Curso de Bibliotecário-Arquivista*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1244.pdf>
- Pub também in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques* (vol. 2, pp. 47-63). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Román Blanco, R. (1987). *Estudos paleográficos*. Laserprint.
- Santos, I. M. G. C. (2018). *Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Santarém: estudo histórico e orgânico-funcional para a contextualização e inventariação da informação acumulada: 1506-1820* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/34130> [Pub. Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, 2019.]
- Silva, C. G. da, & Vargas, J. M. (2016). *O Foral Novo: Torres Vedras: 1510*. Câmara Municipal de Torres Vedras.
- Silva, S. P. da. (2018). *O sistema de informação da Câmara Municipal de Sines: 1655-1855* [Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/33401> [Tese parcialmente publicada em Patrício, S. (2021). *Sistemas de Informação Locais: Sines 1655-1855*. Colibri; Universidade de Lisboa, Faculdade Letras, Centro de Estudos Clássicos.]
- Sousa, A. B. (2005). *Investigação em educação*. Livros Horizonte.
- Tamayo, A. (1996). *Archivística, Diplomática y Sigilografía*. Cátedra.
- Tognoli, N. B. (2014). *A construção teórica da Diplomática: em busca da sistematização de seus marcos teóricos como subsídio aos estudos arquivísticos*. Cultura Acadêmica.
- Vaquinhas, N. (2018). "A Mesa da Consciência e Ordens o tenha assim entendido": o sistema de informação das Ordens Militares no século XVIII [Tese de Doutoramento, Universidade de Évora]. Repositório Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/23167> [Pub. Edições Colibri, 2021.]
- Veiga, C. M., & Silva, C. G. da. (2003). *O Livro de Acórdãos do Município de Torres Vedras: 1596-1599*. Câmara Municipal de Torres Vedras.
- Vicente, A. B., Silva, C. G. da, Barbosa, P. G., & Canto, P. M. do. (2002). *O Foral Medieval de Torres Vedras*. Câmara Municipal de Torres Vedras.

## Apêndice I

Tabela 2 – Ensino de Paleografia nos Cursos de Graduação em Arquivologia (Brasil).

Instituição de Ensino	Disciplina	Carga horária	Categoria	Período	Programa
FURG <sup>14</sup>	Paleografia	30h	Optativa	2º	Fundamentos de Paleografia. Evolução da escrita. Leitura e transcrição paleográfica de documentos.
UEL <sup>15</sup>	Paleografia e Diplomática	34h	Obrigatória	1º	<b>Paleografia e Diplomática como suporte para a Arquivologia.</b>
UEPB <sup>16</sup>	Paleografia	30h	Obrigatória	5º	A escrita e o seu desenvolvimento histórico. As superfícies, tintas e instrumentos. A tipologia das escritas. A escrita latina e o sistema braquigráfico. O sistema de numeração romano-lusitano e indu-arábico. Sinais estnológicos. Os manuscritos lusos e brasileiros: formalidade, diversidade, finalidade. Seleção e normas para as transcrições. Leitura documental dos séculos XVI, XVII e XVIII.
UFAM <sup>17</sup>	Paleografia	45h	Obrigatória (2018) Optativa (2023)	7º	Fundamentos da Paleografia. Evolução da escrita: as escritas gótica e cursiva. Leitura e transcrição paleográfica.

<sup>14</sup> <http://www.Arquivologia.furg.br/index.php/curso>. Data de acesso: 10 ago. 2018.

<sup>15</sup> <http://www.uel.br/prograd/catalogo-cursos/catalogo/Cursos/arq.htm>. Data de acesso: 10 ago. 2018.

<sup>16</sup> <http://arquivologiauepb.com.br/matriz-curricular/>. Data de acesso: 10 jun. 2023.

<sup>17</sup> [https://drive.google.com/file/d/1CRHm\\_VXqD7qagSq7EzOx4PIbTPKEk0MB/view](https://drive.google.com/file/d/1CRHm_VXqD7qagSq7EzOx4PIbTPKEk0MB/view). Data de acesso: 10 jun. 2023.

<b>UFBA<sup>18</sup></b>	Paleografia e Diplomática I	68h	Obrigatória	3º	Elementos necessários para conhecer e proceder à descrição extrínseca dos documentos manuscritos, a partir do estudo da escrita dos séculos XVI e XVII.
	Paleografia e Diplomática II	68h	Optativa	-	Leitura paleográfica de textos do século XVII ao século XXI. Identificação de abreviaturas.
<b>UFES<sup>19</sup></b>					O curso de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo contemplava "Paleografia e Diplomática" como uma disciplina optativa de 30 horas, porém não faz mais parte da estrutura curricular atualizada em 2016.
<b>UFF<sup>20</sup></b>	Paleografia Aplicada – Séculos XVII -XIX	60h	Optativas	Qualquer período	Não consta no sítio eletrônico.
<b>UFMG<sup>21</sup></b>	Paleografia	60h	Obrigatória	6º	Conceito de paleografia. Materiais da escrita. Abreviaturas. As normas de transcrição de documentos. A prática da transcrição paleográfica.
<b>UFPA<sup>22</sup></b>	Paleografia	60h	Obrigatória	6º	Não consta no sítio eletrônico.

<sup>18</sup> <https://alunoweb.ufba.br/SiacWWW/ConsultarDisciplinasObrigatoriasPublico.do?jsessionid=0B7403364D573F9758839B057EC7496A.anage> . Data de acesso: 10 jun. 2023.

<sup>19</sup> <http://www.Arquivologia.ufes.br/grade-curricular>. Data de acesso: 10 ago. 2018.

<sup>20</sup> <http://www.uff.br/?q=curso/Arquivologia/12684/bacharelado/niteroi>. Data de acesso: 10 ago. 2018.

<sup>21</sup> <http://colgradarquivo.eci.ufmg.br/o-curso/estrutura-curricular>. Data de acesso: 11 ago. 2018.

<sup>22</sup> <http://www.icsa.ufpa.br/index.php/Arquivologia>. Data de acesso: 11 ago. 2018.

<b>UFPB<sup>23*</sup></b>	-	-	-	-	-
<b>UFRGS<sup>24</sup></b>	Paleografia	60h	Obrigatória	3º	Fundamentos da Paleografia. Evolução da escrita. Leitura e transcrição paleográfica de documentos.
<b>UFSC<sup>25</sup></b>	Paleografia	36h	Obrigatória	6º	A escrita e seu desenvolvimento. Instrumentos e materiais da escrita. Fundamentos da Paleografia. Leitura e transcrição de documentos manuscritos.
<b>UFSM<sup>26</sup></b>	Paleografia	60h	Obrigatória	5º	Reconhecer as escritas da Antiguidade e os tipos de escrita latina; Explicar a evolução da Paleografia, relacionando-a com outras ciências; Distinguir os elementos que dificultam a leitura de textos antigos; Transcrever documentos de acordo com as Normas brasileiras de transcrição paleográfica.
	Prática da Paleografia	60h	Optativa	Qualquer período	Não consta no sítio eletrônico.
<b>UnB<sup>27**</sup></b>	Paleografia	-	Optativa	-	Noções básicas sobre as técnicas paleográficas destinadas a leitura e transcrição de documentos caligráficos e cursivos portugueses e lusos-brasileiros nos séculos XV, XVI e XVII.

<sup>23</sup> <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/departamento/componentes.jsf?id=1331>. Data de acesso: 11 ago. 2018.  
\* não possui Paleografia como disciplina do currículo.

<sup>24</sup> <https://www1.ufrgs.br/graduacao/xInformacoesAcademicas/habilitacoes.php?CodCurso=301&CodHabilitacao=33&sem=2018022>. Data de acesso: 11 ago. 2018.

<sup>25</sup> <https://cagr.sistemas.ufsc.br/relatorios/curriculoCurso?curso=335>. Data de acesso: 10 jun. 2023.

<sup>26</sup> <https://portal.ufsm.br/ementario/curso.html?idCurso=732>. Data de acesso: 12 ago. 2018.

<sup>27</sup> <http://Arquivologia.fci.unb.br/index.php/curriculo>. Data de acesso: 12 ago. 2018.

\*\*algumas informações não constam no endereço eletrônico.

UNESP/ Marília <sup>28</sup>	Paleografia	30h	Obrigatória	2º	<p>Conceito e objeto da Paleografia. A escrita e seus materiais. Relações entre Diplomática, Paleografia e disciplinas auxiliares. Compreensão e transcrição de textos manuscritos com ênfase à documentação em português. Normas técnicas de transcrição. <b>O papel da Paleografia no processo de organização arquivística.</b></p>
UNIRIO <sup>29</sup>	Paleografia	60h	Optativa	5º	<p>A origem e a evolução da técnica de escrever, com seus sistemas e seus processos evolutivos, desde a antiguidade até o presente, com estudo dos materiais e instrumentos usados na escrita, além das formas mecânicas típicas de cada época. Estudo da acentuação, pontuação e numeração, além dos sistemas abreviativos visando o aperfeiçoamento de sua transcrição. A prática da análise paleográfica e da transcrição documental visando atender as áreas específicas que demandam o assunto paleografia.</p>

Fonte: Dados recolhidos pelos autores, a partir dos sites dos 16 cursos de graduação em Arquivologia (Brasil).

<sup>28</sup> <http://www.marilia.unesp.br/#!/graduacao/cursos/Arquivologia/grade-curricular/estrutura-curricular-2012>. Data de acesso: 13 ago. 2018.

<sup>29</sup> <http://www.unirio.br/Arquivologia/quadro-de-disciplinas>. Data de acesso: 13 ago. 2018.

# A produção e conservação informacional de Maria do Carmo Barros Leite (1841-1911)

## The production of Maria do Carmo Barros Leite's (1841-1911) information and its conservation

JOANA M. COUTO

Colaboradora externa do CHAM-Açores – NOVA/UAC

a57623@campus.fcsh.unl.pt

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8918-3599>

Artigo entregue em: 29 de novembro de 2022

Artigo aprovado em: 27 de março 2023

### RESUMO

No universo dos arquivos, a nível nacional e internacional, a produção e a conservação informacional feminina encontra-se menos estudada, principalmente, pelo facto da sua existência ser quantitativamente inferior ou por estar pouco visível. O presente artigo tem como caso de estudo o sistema informacional de Maria do Carmo Barros Leite (1841-1911), mulher de Teófilo Braga, antigo presidente da República Portuguesa. Procura através deste abordar as questões relacionadas com a produção e conservação informacional das mulheres, através da localização e reconstituição da informação produzida por esta figura feminina. Deste modo, faz-se uma reflexão sobre os dilemas que surgem aquando do tratamento arquivístico da documentação feminina e que soluções têm sido adotadas pela arquivística, tanto na prevenção da eliminação desses arquivos, como na sua conservação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Produção informacional; Conservação informacional; Arquivos femininos; Mulheres; Documentação feminina.

## ABSTRACT

In the universe of archives, internationally and nationally, the production and conservation of women's information are less studied, mainly because its existence is quantitatively lower or not very visible. The present article focus on the informational system of Maria do Carmo Barros Leite (1841-1911), Teófilo Braga's wife, former president of the Portuguese Republic. This case study seeks to address issues related to the production and conservation of women's information through the location and reconstitution of the information produced by this female figure. This article reflects on the dilemmas raised during the archival treatment of women's documentation and the solutions adopted by archival science, both in preventing the elimination of these archives and in their conservation.

**KEYWORDS:** Information production; Information conservation; Women's archives; Women; Women's documents.

## Introdução

A produção e conservação de arquivos femininos encontra-se pouco estudada a nível nacional. Neste sentido, a partir do caso de estudo de Maria do Carmo Barros Leite (1841-1911), procurou-se identificar e reconstituir a sua produção informacional, no contexto de uma reflexão sobre esta problemática da arquivística<sup>1</sup>.

O uso do termo "informacional" em vez de "documentação" é propostado e baseado na teoria de Armando Malheiro da Silva que propõe que os arquivos de família e pessoais sejam considerados sistemas de informação. Como veremos mais à frente, o termo "informacional" tem a vantagem de abranger as disciplinas de Biblioteconomia, Documentação, Arquivística e Sistemas Tecnológicos de Informação na Gestão das Organizações, que se encontram intimamente ligadas<sup>2</sup>.

A escolha do caso de estudo decorreu da localização de alguma correspondência endereçada à figura de estudo no arquivo pessoal do seu marido, Teófilo de Braga, Presidente da República entre 1910 e 1911 e em 1915.

---

<sup>1</sup> Trabalho de projeto realizado no âmbito da pós-graduação em Arquivística Histórica, frequentada no ano letivo de 2022/23.

<sup>2</sup> Silva, A. M. da. (2006). *A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objeto científico*. Edições Afrontamento.

Para além de originar uma série de questões relacionadas com os arquivos femininos, essa documentação que está praticamente omissa, não fosse uma pesquisa ao nível do documento, despertou a minha curiosidade sobre esta figura feminina até ao momento, apenas conhecida como a esposa do mencionado presidente da República.

No entanto, Maria do Carmo Barros Leite foi mais do que isso, teve uma vida própria. Nascida no século XIX, no seio de uma família burguesa do Porto, desenvolveu as suas próprias relações de amizade e os seus próprios pensamentos e opiniões sobre diversos assuntos. À faceta de esposa, filha, irmã, mãe e de mulher burguesa culta, acresce a de benemérita, com o apoio que prestou a associações de beneficência ou de educação.

Este trabalho encontra-se dividido em três partes, que procuram dar resposta: ao balanço da situação atual dos arquivos femininos a nível internacional e nacional; à explicação sobre quem é protagonista feminina deste estudo e o que aconteceu à sua documentação e à identificação de um sistema de informação da autoria desta.

Ao dar início ao corrente estudo, foi necessário fazer uma revisão da literatura acerca do estudo dos arquivos femininos, numa tentativa de perceber o ponto da situação internacional e nacional. Tornou-se relevante refletir sobre outras questões arquivísticas, como: a viragem arquivística da década de 1970; a importância da vertente histórica e a dimensão da memória da documentação no tratamento arquivístico; a complementaridade que deve existir entre a história e a arquivística para a compreensão da produção informacional; a influência na arquivística das tendências historiográficas vocacionada para determinadas épocas e áreas consoante a geração de historiadores; obstáculos e soluções encontradas para o tratamento e preservação da documentação das mulheres e os conceitos de arquivo pessoal e de arquivo de família, que apresentam características ligeiramente diferentes para sistemas de informação com datas de produção posteriores ao século XIX.

A segunda parte do trabalho começa pela biografia de Maria do Carmo Barros Leite, como ponto de partida para traçar a sua produção e conservação informacional. Conhecer a sua história, os círculos sociais públicos ou privados onde se movimentava e as suas ações, agilizou esta reconstrução da produção informacional. Segue-se a reconstituição da história custodial do arquivo pessoal do marido e da documentação de Maria do Carmo, que são maioritariamente a mesma, visto que ela faleceu antes dele, ficando Teófilo Braga único herdeiro e guardião de tudo o que pertencera à sua esposa.

A terceira e última parte do trabalho apresenta a produção e conservação informacional de Maria do Carmo Barros Leite, apontando os obstáculos encontrados e as soluções que considero mais adequadas para os ultrapassar. Este processo passou pela copilação da documentação numa folha de recolha de dados, que pode ser observada no anexo I, e pela sua análise, refletindo sobre a melhor forma de dar voz a esta mulher e de valorizar a sua documentação.

## **Dilemas no tratamento arquivístico de informação de autoria feminina**

A viragem arquivística das últimas décadas deslocou o foco de atenção da documentação para o processo de produção e acumulação da informação e para os arquivistas responsáveis pelo seu tratamento e disponibilização ao público. Como afirmam May Chazan, Melissa Baldwin e Laura Madokoro, “this focus on the process has been described as a shift to «evoked more of archival life: as a particular kind of place where complex subjectivities, and working relations, are created through the act of researching the past»”<sup>3</sup>. Assim, os arquivistas e estudiosos têm questionado o processo de criação das coleções e dos arquivos. Estes procuram identificar o produtor ou responsável pela produção e acumulação da documentação, os critérios que foram utilizados na seleção da informação, e as condições de consulta e acesso aos documentos, entre outros aspetos. Esta alteração levou à reavaliação de conceitos básicos da arquivística, como o de “arquivo” e, mais tarde, de “arquivos pessoais e de família”, debatendo se as coleções ou arquivos pessoais eram objeto de estudo da arquivística ou da biblioteconomia, como veremos mais adiante.

Esta mudança de perspetiva no campo da arquivística, aliada ao surgimento do interesse pela história das mulheres, ambos a partir da década de 1970, também originou novas exigências às instituições de memória, que tiveram de reavaliar o seu valor no contexto da história feminina e a adquirir documentação de mulheres<sup>4</sup>. Ainda assim, é necessário lembrar que as mulheres não desempenharam cargos ou funções públicas de grande relevo até aos últimos cinquenta anos, pelo que a procura de documentação femi-

---

<sup>3</sup> Chazan, M., Baldwin, M., & Madokoro, L. (2015). Aging, activism, and the archive: feminist perspectives for the 21st century. *Archivaria*, 80, 62.

<sup>4</sup> Beattie, D. (1989-90). An archival user study: researchers in the fields of women's history. *Archivaria*, (29), 33-50.

nina e a sua valorização passa pelo tratamento de informação nas áreas onde elas foram verdadeiramente ativas, isto é, na esfera privada<sup>5</sup>.

Segundo Diane Beattie, a documentação feminina não está apenas nos arquivos de mulheres ou de organizações femininas, encontra-se, por vezes, em arquivos que, à primeira vista, não são “coleções femininas”. Nas palavras da autora, “this includes everything from the family papers of a colonial administrator to the records of labour unions, political parties, and associations which have women as members or are involved in activities that affect women’s role in society”<sup>6</sup>. Como tal, a localização dessa documentação feminina nem sempre é facilmente identificada através dos atuais instrumentos de descrição documental, obrigando os estudiosos a recorrer a alternativas como a consulta dos próprios arquivistas, as citações em obras ou a conversa com colegas investigadores.

A nível nacional, os arquivos femininos continuam a estar sub-representados, como consequência da pouca importância atribuída pela sociedade à sua representação na história, não obstante o impulso da história das mulheres das últimas décadas<sup>7</sup>. Assim, as instituições de memória apresentam uma falha no que concerne à dimensão de género nos acervos que se encontram à sua guarda. Apesar de “terem o compromisso social de guardarem uma memória plural”<sup>8</sup>, poucos são os que contêm documentação feminina, “perpetuando, sobretudo, uma perspectiva androcêntrica”<sup>9</sup>.

Em 2018, Zélia Pereira realizou uma tese de doutoramento sobre os arquivos pessoais em Portugal, apresentando números que comprovam precisamente essa sub-representação. Mais concretamente, a autora identificou 480 arquivos pessoais femininos, num universo de 3520 arquivos pessoais, o que corresponde a uma reduzida percentagem de 14%.

Segundo Irene Vaquinhas<sup>10</sup>, a solução para esse problema passa por uma política mais ativa de ingresso de legados femininos nessas instituições de memória por excelência, ao que acrescento uma maior valorização e

---

<sup>5</sup> Moseley, E. (1980). Sources for the “new Women’s History”. *The American Archivist*, 43(2), 180-190.

<sup>6</sup> Beattie, D. (1989-90). *Ob. cit.*, pp. 40-41.

<sup>7</sup> Ver Pereira, Z. (2018). *O universo dos arquivos pessoais em Portugal: identificação e valorização*. Universidade de Évora.

<sup>8</sup> Vaquinhas, I. (2021). Arquivos do feminino e o feminino nos arquivos: fontes, questões e metodologias (séculos XIX e XX). In C. Moscatel, S. Freitas, & J. Couto (Coord), *O Feminino nos Arquivos: abordagens e problematizações* (p. 438). Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

<sup>9</sup> Vaquinhas, I. (2021). *Ob. cit.*, p. 438.

<sup>10</sup> Vaquinhas, I. (2021). *Ob. cit.*

destaque de arquivos femininos que, estando à guarda dessas instituições, se encontram ocultos.

Numa perspetiva diferente, Eva Moseley<sup>11</sup> defende, talvez de forma algo radical, que os arquivos de mulheres devem ser conservados temporariamente em instituições de memória exclusivamente femininas para contrariar o tratamento dado a essa documentação e a própria visão masculina da arquivística. A prática deste modelo de valorização da documentação feminina pode resultar numa contínua segregação por género da arquivística, da história e da memória. No meu ponto de vista, a produção de informação pelas mulheres não pode, nem deve, ser isolada do seu contexto histórico, social e económico, pelo que a estratégia de valorização dessa documentação deve seguir os parâmetros apresentados por Irene Vaquinhas.

Numa tentativa de perceber o que explica a sub-representação feminina nos arquivos, Zélia Pereira analisou a entrada de arquivos pessoais de mulheres nas instituições de memória nacionais. Concluiu que “durante o século XX, a incorporação de arquivos pessoais exclusivamente de mulheres foi quase sempre excepcional e, muitas vezes, a sua documentação deu entrada juntamente com a de outros elementos do seu círculo familiar”<sup>12</sup>. Só mais tarde, nomeadamente, a partir do final da década de 1970, é que as mulheres começaram a aparecer em maior número nos arquivos vindas de estratos sociais e profissionais mais abrangentes, ainda que houvesse uma preferência pelas áreas de literatura, cultura e ciência.

À semelhança do que aconteceu com a documentação de Maria do Carmo Barros Leite, como veremos de seguida, muitas

esposas foram, por assim dizer, “eclipsadas” dos títulos escolhidos para representar os arquivos, e só uma análise do conteúdo permitiu identificar a sua presença, quer fosse através das descrições arquivísticas ao nível hierárquico geral dos próprios fundos documentais ou através dos quadros de classificação fornecidos e de algumas das respetivas seções ou séries<sup>13</sup>.

Este tipo de situações prova que a presença de outras realidades e de outras pessoas na produção de informação e a sua intervenção no processo

---

<sup>11</sup> Moseley, E. (1980). *Ob. cit.*

<sup>12</sup> Pereira, Z. (2018). *Ob. cit.*, p. 336.

<sup>13</sup> Pereira, Z. (2018). *Ob. cit.*, pp. 343-344.

de acumulação tem sido negligenciada na descrição e tratamento arquivístico dado a alguns sistemas de informação.

Surge, assim, outra problemática a ter em consideração: se os arquivos contêm documentação proveniente de mais do que um produtor, ainda que um deles domine claramente em termos quantitativos e de importância social e histórica, deverá ser classificado como arquivo pessoal ou familiar? Recorrendo a Armando Malheiro da Silva, um arquivo de família define-se pelo conjunto de “documentação produzida e adquirida/coligida pelos indivíduos de uma família, remetendo para uma estrutura orgânica subjacente a qualquer família, em todas as suas modalidades de adaptação socioeconómica, demográfica e jurídica”<sup>14</sup>. Assim, os títulos arquivísticos atribuídos a esses arquivos desempenham um enorme papel na preservação da memória das mulheres.

A valorização da produção informacional feminina passa, em grande parte, por retirá-la da sombra, visto que uma parte da mesma se encontra oculta nos arquivos pessoais dos maridos ou nos arquivos de família. No atual panorama nacional, como afirmou Zélia Pereira, “seja qual for a tipificação escolhida para um arquivo, familiar, pessoal ou mesmo até de carácter institucional, o título pelo qual é designado é frequentemente escolhido a pensar no utilizador e na sua difusão final”<sup>15</sup>. No entanto, pergunto se o destaque que a história das mulheres tem ganho nos últimos anos e a ação de alguns movimentos e associações feministas da atualidade, que têm incentivado a criação e a recuperação da memória feminina<sup>16</sup>, não deveriam ser motivação suficiente para se alterar esta situação arquivística?

Uma das formas de reverter esta situação passa pela análise de estudos de caso, como o que se apresenta neste texto, retirando a pouco e pouco as mulheres da sombra masculina e dando-lhes, gradualmente, destaque no panorama da arquivística. É necessário reformular títulos e tipificações de arquivos pessoais e familiares e propor a construção de quadros de classificação que procurem devolver a documentação aos seus produtores, independentemente do seu género e contributo público. É também preciso alertar as instituições nacionais para essa falha e incentivá-los a adquirir arquivos de mulheres.

---

<sup>14</sup> Silva, A. M. da. (2004). Arquivos familiares e pessoais: bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interativo. *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*, III, 69.

<sup>15</sup> Pereira, Z. (2018). *Ob. cit.*, p. 83.

<sup>16</sup> Veja-se o exemplo do Centro de Documentação e Arquivo Feminista de Elina Guimarães.

## Maria do Carmo Barros Leite: uma figura feminina sem arquivo?

Maria do Carmo Barros Leite (Ildefonso, Porto, 14 de novembro de 1841- Lisboa, 14 de setembro de 1911) nasceu no seio de uma família burguesa, filha de António Pedro Xavier, médico, e Ana Amália Martins da Cruz. Tinha dois irmãos António Pedro e Eduardo, formados em Direito e Medicina pela Universidade de Coimbra, respetivamente<sup>17</sup>.

A sua educação foi composta por uma parte teórica e outra prática, na qual se incluem as aulas de piano<sup>18</sup>, como ditavam as regras sociais e de educação da época. Não são conhecidos muitos pormenores acerca da sua formação. Contudo, sabe-se através da sua correspondência, que era uma mulher com ideias próprias que gostava de discutir com a sua mãe, de quem era muito próxima, questões como o republicanismo e a política internacional<sup>19</sup>. Do mesmo modo, discutia literatura com escritores da época, como com o seu amigo Joaquim d'Araújo<sup>20</sup>.

Em 1864, conheceu Teófilo Braga, estudante de Direito da Universidade de Coimbra, com quem se casou quatro anos mais tarde. Com este desenvolveu uma relação de companheirismo e teve três filhos, que constituíram o propósito da sua vida até à morte dos mesmos, em 1887, como se pode ler na sua correspondência onde a sua família recebeu grande destaque como assunto. Nos primeiros anos de casada viveu em casa da mãe, no Porto, passando por alguns períodos em que esteve fisicamente distante do marido que se encontrava a trabalhar em Lisboa e em Coimbra. Finalmente, em 1875, mudou-se para a casa da Travessa de Santa Gertrudes, em Lisboa, pondo fim aos intermitentes períodos de separação do marido anteriormente referidos, por motivos de trabalho deste<sup>22</sup>. Após a morte dos seus filhos,

---

17 Couto, J. M. (2021). A correspondência da primeira-dama de Portugal que nunca chegou a exercer funções: Maria do Carmo Barros Leite (1841-1911). In C. Moscatel, S. Freitas, & J. Couto (Coord.), *O Feminino nos Arquivos: abordagens e problematizações* (pp. 39-49). Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

18 Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. (s.d.) *Arquivo Teófilo Braga, carta de António Pedro Barros Leite dirigida a Maria do Carmo Barros Leite*, cx. 168, doc. 042.

19 Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. (1870) *Arquivo Teófilo Braga, carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier dirigida a Maria do Carmo Barros Leite*, cx. 170, doc. 049. Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. (s.d.) *Arquivo Teófilo Braga, carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier dirigida a Maria do Carmo Barros Leite*, cx. 170, doc. 055.

20 Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. (1895) *Arquivo Teófilo Braga, carta de Joaquim d'Araújo dirigida a Maria do Carmo Barros Leite*, cx. 181, doc. 129.

21 Couto, J. M. (2021). *Ob. cit.*

22 Couto, J. M. (2021). *Ob. cit.*

continuou a cultivar a sua relação de companheirismo com o marido, com quem ainda tinha esperanças de ter mais filhos, segundo o testamento da mesma<sup>23</sup>, através do qual o nomeou seu único herdeiro.

É de supor que Teófilo Braga terá guardado a documentação da esposa, desde a informação por ela produzida à que a mesma conservou, após a morte de Maria do Carmo em 1911. Em 1924, aquando da morte de Teófilo Braga, tudo o que lhe pertencia passou para as mãos de três herdeiros:

uma irmã do lado paterno, Maria do Espírito Santo Braga, detentora de 1/5; a viúva do sobrinho Eurico Fernandes Braga, Maria José Pereira Braga, detentora de 2/5 e outra irmã, Maria José Pereira Braga, solteira, moradora em Ponta Delgada, detentora dos restantes 2/5<sup>24</sup>.

Estes, por sua vez, venderam a livraria de Teófilo Braga à Junta Geral de Ponta Delgada, em 1928, após o presidente Luís de Bettencourt ter demonstrado interesse em adquiri-la com o intuito de a colocar à guarda da Biblioteca Pública dessa cidade.

A seleção e avaliação da documentação e livros a serem vendidos nesta transação foi realizada por três indivíduos ligados à cultura: o diretor da Biblioteca da Ajuda, Jordão de Freitas; o presidente da Associação dos Arqueólogos, Arnaldo Faria de Ataíde e Melo e o conservador da Torre do Tombo, Possidónio Mateus Laranjo e Coelho<sup>25</sup>. Desconhecendo os critérios usados nesta seleção e avaliação, ignoramos se incluíram todas as obras e documentos que pertenceram a Teófilo Braga e à sua família ou se tentaram identificar apenas o que pertenceu ao primeiro. Após a entrada do espólio documental de Teófilo Braga na Biblioteca Pública de Ponta Delgada, este caiu no esquecimento, sendo utilizado pontualmente em comemorações ligadas ao antigo Presidente da República.

Em 1931, a Biblioteca Pública de Ponta Delgada passou a integrar o Arquivo Distrital (mais tarde Arquivo Regional)<sup>26</sup>. Nas décadas seguintes, o arquivo pessoal de Teófilo Braga permaneceu à guarda da Divisão de Biblioteca da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (B.P.A.R.P.D.).

---

<sup>23</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. (1887). *Arquivo Teófilo Braga, testamento de Maria do Carmo Barros Leite*, cx. 101, doc. 050.

<sup>24</sup> Couto, J. M. (2021). *Ob. cit.*, p. 44.

<sup>25</sup> Couto, J. M. (2021). *Ob. cit.*

<sup>26</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. (2016). *Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada: 170 anos de serviço público (1846-2016)*. Direção Regional Açoriana da Cultura.

Entretanto, a livreria pessoal foi catalogada em data incerta, tal como a correspondência, num total de 9785 cartas, que foram descritas segundo as *Anglo American Cataloguing Rules 2*, no programa informático *Porbase*, originando um catálogo da documentação epistolar<sup>27</sup>.

A descrição arquivística total do arquivo pessoal de Teófilo Braga, que até então permanecera na Divisão de Biblioteca da B.P.A.R.P.D., ocorreu entre 2004 e 2010, como resultado de um protocolo estabelecido entre o Museu da Presidência da República (M.P.R.) e a Direção Regional da Cultura dos Açores, tendo toda a documentação sido fisicamente transferida de uma instituição para a outra.

A devolução da documentação à B.P.A.R.P.D. realizou-se a 7 de janeiro de 2011, implicando a transição da custódia da documentação da Divisão de Biblioteca para a Divisão de Arquivo dessa instituição de memória. Esta decisão foi tomada no seio da B.P.A.R.P.D, cujos funcionários consideraram que o facto da descrição realizada pelo museu, através da aplicação informática *DigitArq*, e, como tal, obedecendo à norma internacional para a descrição de arquivos (ISAD-G), justificava a referida transição<sup>28</sup>. Isto é, considerou-se que o espólio de Teófilo Braga deveria pertencer à Divisão de Arquivo por se tratar de um arquivo pessoal, mais do que de uma coleção, pelo que deveria estar à guarda dessa Divisão, ao invés da Divisão de Biblioteca, mais vocacionada para a preservação de livrerias.

A descrição arquivística efetuada pelo M.P.R. não criou nenhum quadro de classificação para o arquivo pessoal de Teófilo Braga, antes procedeu

à elaboração de um Plano de Classificação único para todos os arquivos de Chefes de Estado na sua posse. Em virtude, contudo, das especificidades destes arquivos, que reúnem, muitas vezes, documentação de natureza pública e privada, administrativa e pessoal/familiar, é de todo impossível criar *a priori* o referido Plano de Classificação<sup>29</sup>.

Do ponto de vista arquivístico, este procedimento é problemático visto que aplica o mesmo quadro de classificação a vários arquivos, que à par-

---

<sup>27</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D]. (2011). *Arquivo da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, Informação da Divisão de Arquivo*, n.º 1/2011.

<sup>28</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D]. (2011). *Arquivo da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, Informação da Divisão de Arquivo*, n.º 1/2011.

<sup>29</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D]. (2011). *Arquivo da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, Informação da Divisão de Arquivo*, n.º 1/2011, anexo IV, f. 2.

tida são diferentes. O facto destes arquivos terem pertencido a indivíduos que foram Presidentes da República Portuguesa não justificará esse procedimento, pois os contextos de produção e conservação da informação são diferentes.

A organização intelectual do arquivo e a criação de um quadro de classificação deveriam ter sido feitas posteriormente, segundo o relatório do M.P.R.<sup>30</sup>. Porém, este quadro de classificação nunca foi criado nem pelo museu, nem pelo Arquivo Regional de Ponta Delgada.

O tratamento arquivístico realizado no arquivo pessoal de Teófilo Braga foi, portanto, o mesmo aplicado aos restantes fundos documentais descritos pelo M.P.R. A descrição foi feita ao nível do documento. As unidades de instalação, que correspondem às caixas de arquivo onde os documentos foram acondicionados, encontram-se lacunares no que concerne a atribuição de títulos que identifiquem essas caixas/unidades de instalação e a folha de fundo é muito escassa em informação sobre o arquivo, nomeadamente sobre a sua história custodial.

Durante o tratamento arquivístico, foi identificada documentação de outros produtores, tais como Maria do Carmo Barros Leite; Maria da Graça Braga, sua filha; Teófilo Braga, seu filho; Alfredo Machado Gonçalves, Alexandre de Sousa Alvim e João de Simas, estes três últimos diretores da B.P.A.R.P.D. A documentação dos três últimos foi intelectualmente organizada em sub-fundos, ainda que nos respetivos títulos se tenham designado por coleções. É importante perceber que os termos “coleção” e “subfundo” são distintos, ou melhor, são conceitos opostos, como afirma Malheiro da Silva<sup>31</sup>. Consequentemente, não é lógico nomear um subfundo de coleção. Um subfundo é a subdivisão de um fundo, o qual é constituído pelos “documentos provenientes de uma mesma fonte geradora de arquivos”<sup>32</sup> e uma coleção é “um conjunto de documentos, sem relação orgânica, aleatoriamente acumulados”<sup>33</sup>.

A documentação de Alfredo Machado Gonçalves e João de Simas pode ter-se misturado com o arquivo pessoal de Teófilo Braga durante o exercício do cargo de diretor da B.P.A.R.P.D., durante o qual poderão ter consultado o arquivo de Teófilo Braga e, sem intenção, terem arrumado documentação sua juntamente com a do referido arquivo. Também sendo

---

<sup>30</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. (2011). *Arquivo da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, Informação da Divisão de Arquivo*, n.º 1/2011.

<sup>31</sup> Silva, A. M. da. (2006). *Ob. cit.*

<sup>32</sup> Paes, M. L. (1993). *Arquivo: teoria e prática*. (3.ª ed.) (p. 26). Fundação Getúlio Vargas Editora.

<sup>33</sup> Paes, M. L. (1993). *Ob. cit.*, p. 25.

provável ter havido alguma confusão durante a mudança de instalações da B.P.A.R.P.D., em 2001, quando poderá ter ocorrido uma incorreta arrumação dos arquivos. Esta última teoria, sustenta-se no facto de João Simas ter um conjunto de documentação depositada na mesma instituição de memória, assim como Alexandre de Sousa Alvim, o qual faleceu antes da aquisição da livraria e arquivo de Teófilo Braga, e alguma da sua documentação também se encontrar erradamente descrita e guardada juntamente com o arquivo de Teófilo Braga<sup>34</sup>.

Há uma questão que parece relevante: porquê a distinção entre os membros da família Braga e os três bibliotecários da Biblioteca Pública de Ponta Delgada na descrição do arquivo? Suponho que o critério utilizado tenha sido o de destacar a documentação que não fazia parte desse acervo documental aquando da sua compra. Todavia, na minha opinião não é correto não ter existido uma devolução da documentação a todos os produtores e conservadores da informação presentes no arquivo. Ao contrário da documentação dos bibliotecários, os documentos dos filhos e da esposa foram acumulados por Teófilo Braga, ou seja, não há erro na sua manutenção no fundo. A “invisibilidade” desses documentos deverá ser corrigida através da descrição dos mesmos no instrumento de pesquisa. Porque apesar de não ter produzido um quadro de classificação, salvaguardou-se apenas parcialmente que havia documentação que não pertencia a Teófilo Braga, ao invés de se ter feito logo a identificação dos vários produtores. Neste caso, uma rápida observação da descrição do arquivo pessoal de Teófilo Braga omite ao utilizador a existência de documentação dos familiares deste. Atualmente, a produção e conservação informacional dos membros da sua família é apenas identificada numa pesquisa mais minuciosa à descrição do arquivo, para ser mais concreta, ao nível do documento.

Por outro lado, a não distinção destes conjuntos de informação pode ser interpretada, como não tendo sido necessária, pois fazem parte daquele sistema informacional, que apesar de estar identificado como sendo pessoal, pode na realidade ser considerado um sistema informacional familiar, composto por vários arquivos pessoais, ainda que uns mais relevantes do que outros, em termos quantitativos e de ação pública.

---

<sup>34</sup> Veja-se as folhas de fundo dos arquivos de Alexandre de Sousa Alvim e João de Simas: <https://arquivos.azores.gov.pt/details?id=1014691&ht=bparpd%7calexandre%7csousa%7calvim&detailsType=Description> e <https://arquivos.azores.gov.pt/details?id=1014749&ht=joão%7csimas%7csimão&detailsType=Description>.

O ponto de partida do nosso estudo está precisamente aqui na recuperação da produção e conservação informacional de Maria do Carmo Barros Leite, iniciando no arquivo do marido, Teófilo Braga, o primeiro guardião do seu legado. Depois da morte do marido, a sua memória foi totalmente eclipsada pela fama de Teófilo Braga.

De facto, é possível afirmar que Maria do Carmo Barros Leite faz parte do conjunto composto pela esmagadora maioria das mulheres da sua época, cujos arquivos são desconhecidos. Porquê? Se, como Jorge Abreu<sup>35</sup> afirmou, os arquivos pessoais constituem fontes de importância social, porque é que no panorama da arquivística nacional, por exemplo, os arquivos pessoais de mulheres continuam a ser ofuscados pelos arquivos pessoais dos homens? A lógica de igualdade social atual dita que homens e mulheres compõem as sociedades humanas. Não obstante, a chave a esta resposta está nos papéis desempenhados por cada indivíduo nessas sociedades ao longo da história e no desempenho da função de memória das instituições responsáveis pela conservação destes arquivos pessoais.

A história feminina ocidental demonstra como as sociedades e as suas mentalidades atribuíram ao sexo feminino um papel secundário, quando comparado com o sexo masculino. Às mulheres estava inerente o papel reprodutor de extrema importância para a sobrevivência da espécie humana, muito evidenciado no século XIX, com o espírito do cientismo e a publicação da obra sobre a evolução das espécies de Charles Darwin. Consideradas como intelectualmente e fisicamente inferiores pelos homens, as mulheres foram remetidas para a esfera privada, onde deveriam desempenhar o melhor possível o seu papel social. A esfera privada acaba por ser aquela que não é visível ao olhar dos outros ou, pelo menos, reservada ao olhar de poucos. Como tal, o sexo feminino passava despercebido<sup>36</sup>. E isso explica a situação atual dos arquivos femininos. Tal como aconteceu durante as suas vidas, as mulheres encontram-se remetidas para segundo plano, como se não tivessem importância ou não tivessem feito o suficiente para serem reconhecidas pelo público. Cabe à arquivística e à história reformular essa visão sem descontextualizar a informação produzida.

---

<sup>35</sup> Abreu, J. (2016). Arquivos pessoais e teoria arquivística: considerações a partir da trajetória do conceito de arquivo. In J. Campos (Org.), *Arquivos Privados: abordagens plurais* (pp. 24-49). Associação de Arquivistas de São Paulo.

<sup>36</sup> Rocha, C., & Ferreira, M. (2006). *As mulheres e a cidadania: as mulheres e o trabalho na esfera pública e na esfera doméstica*. Livros Horizonte, LDA. Vaquinhas, I. (2021). *Coquettes, doutoras e outras: história das mulheres em Portugal (séculos XIX e XX)*. Edições Colibri.

## A produção e conservação informacional de Maria do Carmo Barros Leite: identificação e reconstituição

A partir da pesquisa no arquivo pessoal de Teófilo Braga, através do *Archeevo* (<https://arquivos.azores.gov.pt/details?id=1151496>), foi possível identificar um total de 400 documentos produzidos ou acumulados por Maria do Carmo Barros Leite (365 cartas dirigidas à figura em estudo, o seu testamento e o de sua mãe, dois recibos, uma carta da mãe sobre o testamento sem destinatário, vinte e nove cartas de Maria do Carmo ao seu marido e uma dirigida à sua cunhada).

Quanto à correspondência que é, claramente, a tipologia documental que predomina neste conjunto de documentação, representando 91,25% do total, os remetentes da documentação epistolar são: Teófilo Braga (45%); Ana Amália Martins da Cruz (29%); António Pedro Xavier (irmão) (4%) e outros familiares, amigos e desconhecidos (22%)<sup>37</sup>. E os assuntos tratados nessa correspondência são, principalmente, questões de economia doméstica, transmissão de notícias de amigos e familiares, o trabalho intelectual e a carreira de docência de Teófilo Braga, a saúde e a educação dos filhos, viagens, literatura, notícias da época e a solicitação de alguns favores ao seu marido<sup>38</sup>.

A análise dessa documentação epistolar e da correspondência enviada por Maria do Carmo Barros Leite ao marido e à cunhada permitiram a reconstituição de alguma produção informacional não conservada ou localizada. Através da correspondência com a mãe e o marido percebe-se ter havido envio de encomendas, o que, à partida, pressupõe a existência de recibos. Ainda sobre a correspondência enviada pela mãe, Ana Amália Martins da Cruz Xavier, encontra-se a solicitação do envio de uma carta ao Dr. Reis<sup>39</sup>, a referência ao envio de retratos de Maria da Graça<sup>40</sup> e a menção ao envio de jornais sobre a proclamação da república em França. Não foi possível localizar esses periódicos na livraria Teófilo Braga, por falta de informação acerca dos títulos dos mesmos e por a atual catalogação da livraria não identificar as notícias presentes nos periódicos<sup>41</sup>.

<sup>37</sup> Couto, J. M. (2021). *Ob. cit.*

<sup>38</sup> Couto, J. M. (2021). *Ob. cit.*

<sup>39</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. (1859). *Arquivo Teófilo Braga, carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier dirigida a Maria do Carmo Barros Leite*, cx. 168, doc. 100.

<sup>40</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. (1873). *Arquivo Teófilo Braga, carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier dirigida a Maria do Carmo Barros Leite*, cx. 170, doc. 027.

<sup>41</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. (1870). *Arquivo Teófilo Braga, carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier dirigida a Maria do Carmo Barros Leite*, cx. 168, doc. 110.

A partir da correspondência trocada com o irmão, António Pedro, percebe-se ter havido troca de procurações e autorizações para tratar de questões relacionadas com a herança materna<sup>42</sup>. Esta carta, que faz referência à herança materna, deverá estar associada ao testamento<sup>43</sup> de Ana Amália Martins da Cruz Xavier e a uma carta<sup>44</sup> da mesma sobre este último documento, os quais fazem parte do mesmo sistema de informação pessoal de Teófilo Braga.

Por fim, na correspondência enviada por Maria do Carmo Barros Leite ao seu marido, conseguimos identificar uma carta enviada a Manuel de Airão<sup>45</sup> e a produção de documentação relacionada com assuntos financeiros<sup>46</sup>, nomeadamente, levantamento e depósito de letras e títulos de ações.

Naturalmente, terá respondido aos remetentes que lhe endereçaram correspondência, — ainda que, novamente, não tenha sido possível localizar essa documentação — pois, independentemente da localização de todas as cartas enviadas por Maria do Carmo Barros Leite, o conteúdo da documentação epistolar revela pistas nesse sentido. Após o estudo dessa documentação, parece-me que ela terá produzido cartas de resposta à esmagadora maioria dos remetentes. Os conteúdos das cartas demonstram conversas íntimas com familiares e amigos e a solicitação de pedidos de pessoas desconhecidas devem-lhe ter incitado a formular respostas de cortesia. Caso contrário, provavelmente não as teria conservado ou enviado ao marido, que por sua vez as terá conservado.

Findo o estudo da documentação presente no arquivo pessoal de Teófilo Braga e, depois de várias tentativas sem sucesso para localizar as respostas enviadas por Maria do Carmo Barros Leite aos remetentes identificados na documentação epistolar referida anteriormente, a pesquisa do rasto informacional da figura em estudo avançou para a livraria do seu marido, composta por mais de 10 000 títulos. Se o arquivo e a livraria desse intelectual português constituíram em tempos um único sistema de informação, e visto

---

<sup>42</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D]. (1885). *Arquivo Teófilo Braga, carta de António Pedro Barros Leite dirigida a Maria do Carmo Barros Leite*, cx. 168, doc. 041.

<sup>43</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D]. (s.d.). *Arquivo Teófilo Braga, testamento de Ana Amália Martins da Cruz Xavier*, cx. 170, doc. 010.

<sup>44</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D]. (s.d.). *Arquivo Teófilo Braga, carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier sem remetente*, cx. 170, doc. 173.

<sup>45</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D]. (1874). *Arquivo Teófilo Braga, carta de Maria do Carmo Barros Leite dirigida a Teófilo Braga*, cx. 166, doc. 048.

<sup>46</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D]. (1874). *Arquivo Teófilo Braga, carta de Maria do Carmo Barros Leite dirigida a Teófilo Braga*, cx. 166, doc. 050.

que na parte do arquivo existem vestígios da produção e conservação informacional, então provavelmente esta situação repete-se na livraria, o que se veio a confirmar.

Com base nessa lógica e apoiada pela proposta de Armando Malheiro da Silva<sup>47</sup>, no âmbito da mudança de paradigma sugerida pela Ciência da Informação, existe uma interação entre as disciplinas de Biblioteconomia, Documentação, Arquivística e Sistemas Tecnológicos de Informação na Gestão das Organizações. Assim, o autor propõe que os arquivos de família e pessoais sejam considerados sistemas de informação. O princípio subjacente é o de que um arquivo é um sistema (semifechado) de informação social, registada em qualquer suporte, que contenha três fatores essenciais: a estrutura orgânica (estrutura), a natureza funcional (serviço/uso) e a memória. Assim, os arquivos de família e pessoais são compostos por sistemas de informação que incluem os documentos e livros, sendo mais correto utilizar a expressão “produção informacional”, ao invés de “produção documental”.

Numa perspetiva semelhante, Renata Almeida e Renato de Mattos<sup>48</sup> defenderam que os acervos pessoais podem ser constituídos por coleções de livros identificados como documentos de arquivo do género textual ou bibliográfico ou coleções de livros específicos que preservaram vínculos contextuais com os arquivos pessoais. Deste modo, reforça-se a ideia de que um sistema de informação pode conter elementos tradicionalmente associados às bibliotecas e não aos arquivos.

Da análise da livraria de Teófilo Braga resultou a localização de seis impressos e uma partitura, que efetivamente pertenceram a Maria do Carmo Barros Leite. A devolução desses títulos à respetiva conservadora foi possível através da identificação de pertença dos mesmos nos próprios exemplares.

*A maior dor humana*, poesia em homenagem fúnebre aos filhos do casal, da autoria de Camilo Castelo-Branco, datada de 1897, traduzida para italiano por Diogo Garoglio, contém uma dedicatória manuscrita pelo autor para Maria do Carmo Barros Leite. Existe também uma partitura musical manuscrita da melodia que acompanha esse poema da autoria de Maria Grisaldes, dedicada ao casal. Ainda no campo das homenagens fúnebres, consta um poema de J. I. A., intitulado *Maria da Graça Xavier Braga*, com data de 18 de março de 1887, e dedicado aos seus pais.

---

<sup>47</sup> Silva, A. M. da. (2006). *Ob. cit.*

<sup>48</sup> Almeida, R., & Mattos, R. (2018). Arquivos pessoais de interesse público e social: as articulações entre arquivo e biblioteca. In J. Campos (Org.), *Arquivos pessoais: fronteiras* (pp. 134-152). Associação de Arquivistas de São Paulo.

As irmãs Aurélia e Laurinda Moraes Sarmento, amigas de infância dos filhos de Maria do Carmo e Teófilo Braga, dedicaram as suas dissertações inaugurais para conclusão do curso de Medicina, apresentadas à Escola Médico-Cirúrgica do Porto, ao casal e aos seus filhos<sup>49</sup>.

Existem, por fim, dois relatórios e contas da Comissão de Beneficência da Freguesia de Santa Isabel e dispensário para crianças dos anos de 1906 e 1907. O primeiro está endereçado à figura em estudo e o outro não está. Contudo, pode-se assumir que também lhe tenha pertencido pela anualidade dos relatórios e por reportar ao ano seguinte ao relatório que lhe foi enviado, testemunhando a sua faceta de benemérita, como ditava a etiqueta feminina oitocentista<sup>50</sup>.

A presença arquivística de Maria do Carmo Barros Leite é bastante reduzida a nível do arquivo pessoal do marido, visto que 400 documentos num total de 22 436 tem uma representação de apenas 1,78%. Na livraria deste, o seu rasto informacional foi ainda mais difícil de traçar, apresentando-se, mais uma vez, residual, com uma percentagem de apenas 0,07%.

Enquanto produtora informacional, percebe-se que Maria do Carmo Barros Leite não produziu em grande quantidade e provavelmente não terá considerado relevante a conservação da sua documentação, talvez percecionada pela própria como não tendo valor histórico e, como tal, não necessitando de preservação para a posterioridade. Não obstante, não se deve desvalorizar a hipótese da conservação da correspondência recebida indicar cuidado e valorização. Tal pode ser concluído a partir da documentação que se conhece e pela tentativa de reconstrução do sistema de informação desta figura, que demonstra que, para além da correspondência com familiares e amigos, alguns recibos e obras, pouco mais parece ter existido que se possa adicionar ao mesmo. Porém, há que notar que esta produção informacional não deixa de ser relevante, pois permitiu reconstruir a vida de Maria do Carmo Barros Leite, que, apesar de continuar historicamente lacunar, encontra-se mais composta. Assim como, a partir de um caso de estudo, se pode complementar a história das mulheres do século XIX.

Não tendo desempenhado qualquer papel na esfera pública, nomeadamente através do exercício de uma atividade profissional, a produção e conservação informacional desta figura feminina pode, à primeira vista, ser

---

<sup>49</sup> Sarmento, L. M. (1891). *Breves considerações sobre a higiene do vestuário feminino* [Dissertação inaugural apresentada à Médico-Cirúrgica do Porto]. E Sarmento, A. M. (1891). *Higiene da primeira infância* [Dissertação inaugural apresentada à Médico-Cirúrgica do Porto].

<sup>50</sup> Rocha, C., & Ferreira, M. (2006). *Ob. cit.*

considerada de pouco interesse. Contudo, a mesma ganha importância quando pensamos na quantidade de documentação feminina que encontramos nos arquivos a nível nacional, que é ainda muito pouco significativa, como se mencionou anteriormente. A produção e conservação informacional de Maria do Carmo Barros Leite existe e dá voz a esta mulher. Como tal, propõem-se algumas alterações no sentido da sua valorização face à atual descrição arquivística do acervo pessoal de Teófilo Braga.

As alterações que deveriam ser adotadas passam pelo título e classificação do arquivo, alterando a designação de “Arquivo Pessoal Teófilo Braga” para “Arquivo de Família Teófilo Braga”. Mantendo-se o destaque na figura do antigo Presidente da República, por uma questão de reconhecimento dessa figura e pelo facto da documentação que não lhe pertence ser bastante reduzida. Esta proposta pode ser controversa, porque a conceção de arquivo de família está intimamente ligada ao conceito de família do Antigo Regime, o que condiciona temporalmente a classificação desse tipo de arquivos. Se assim fosse, não haveria arquivos de família depois do século XVIII, existiriam apenas arquivos pessoais<sup>51</sup>.

O problema encontra-se na falta de consenso quanto à adaptação da classificação de arquivos de família em coerência com a evolução do conceito de “família”. Essa evolução espelha o contexto de produção da documentação e o propósito da sua preservação. Como tal, um arquivo de família do Antigo Regime terá tipologias de documentação e uma estrutura orgânica diferente de um arquivo de família do século XIX e, principalmente, do século XX<sup>52</sup>.

A segunda proposta de valorização prende-se com o inexistente quadro de classificação do arquivo Teófilo Braga. Na futura conceção deste é necessário ter em conta a existência de documentação que foi incorporada por Teófilo Braga ao seu acervo, mas cuja titularidade original remete a outrem. Procurando apresentar uma estrutura intelectual que espelhe os vários sistemas informacionais que se relacionam por laços familiares desse arquivo, devolvendo os documentos aos respetivos produtores e acumuladores. A presença desses produtores também tem de constar da folha de fundo do arquivo, atualmente incompleta.

---

<sup>51</sup> Moscatel, C. (2019). Family archives: an analysis on the Azorean Regional Archive’s intervention”. In M. de L. Rosa, R. S. da Nóvoa, A. B. Gago, & M. J. Câmara (Coord.), *Recovered voices, newfound questions* (pp. 223-232). Imprensa da Universidade de Coimbra.

<sup>52</sup> Pereira, Z. (2018). *Ob. cit.* Rodrigues, A. (2020). “Os arquivos pessoais e familiares em Portugal: uma reflexão crítica dos últimos 20 anos”. In 5.º Congresso Internacional Casa Nobre – um património para o futuro, *atas, Memória Histórica: história da família, genealogia e heráldica. Arquivos e documentação familiar, tomo I* (pp. 387-412). Casa das Artes.

Não esquecendo que a produção e conservação de informação de um indivíduo compõe-se por tudo aquilo que, no caso em estudo, foi dividido em arquivo e livraria/biblioteca, compondo um único sistema de informação, é importante fazer a ligação entre documentos de arquivo e impressos da livraria através de notas, por exemplo.

A valorização dos arquivos femininos e, neste caso, da produção informacional de Maria do Carmo Barros Leite encontra-se na necessidade de repensar as fontes históricas e o tratamento arquivístico, conhecendo a contextualização histórica da produção da informação, mas aplicando critérios de maior igualdade aos produtores dessa informação na sua análise histórica, tratamento arquivístico e aquisição/ conservação.

## Conclusão

Nos últimos cinquenta anos, os percursos da arquivística e da história têm-nos forçado a repensar ambas as áreas em prol de um maior reconhecimento da presença e dos papéis femininos. No caso da arquivística, assistiu-se a uma viragem no sentido da arquivística histórica, isto é, numa maior preocupação com a procura do contexto de produção da informação, enquanto a história, com foco na vertente social, tem procurado reescrever-se e complementar-se com a voz das mulheres, que, até então, tinha sido silenciada e remetida para segundo plano.

Apesar da viragem arquivística e da historiografia feminina e de género estarem em desenvolvimento nas últimas décadas, é necessário continuar a investir na investigação dessas áreas de estudo, assim como é urgente problematizar, encontrar e aplicar soluções para o problema da sub-representação feminina. Seguindo, por exemplo, o caminho traçado pela arquivística histórica e pelos arquivos de família em Portugal, ou seja, impondo-se no panorama nacional através da publicação de estudos e da apresentação de casos de estudo.

A produção e conservação informacional de Maria do Carmo Barros Leite parece, à primeira vista, inexistente, tal como a sua própria existência/ identidade, exceto na qualidade de esposa de Teófilo Braga. Porém, uma análise minuciosa com o objetivo de reconstituir a sua produção e conservação informacional provou exatamente o contrário. Partindo do contexto de produção de informação, isto é, dos papéis que desempenhou ao longo da vida na esfera privada, enquanto mãe, filha, esposa, amiga, foi possível identificar um sistema de informação, desde a localização de informação à

sua reconstituição. Correspondeu-se com os seus familiares, amigos e outros, trocando notícias, pensamentos, opiniões e partilhando momentos da sua vida. Enquanto esposa responsável pela gestão da sua casa, tratou de assuntos financeiros, como o levantamento de letras. Responsabilizou-se pelo envio de encomendas e pelo pagamento de cotas relativas a associações de beneficência. Uma mãe que perdeu os filhos muito jovens e que foi acarinhada pela sociedade da época por essa grande perda. Uma esposa que, sendo impedida de cumprir o seu papel como mãe demasiado cedo, dedicou-se à sua relação de companheirismo que cultivou desde cedo com o seu marido, seu único herdeiro. Por fim, foi possível dar voz e visibilidade a esta mulher até agora oculta na sombra do seu marido, alguém com uma identidade própria e não apenas a esposa de outrem.

Este exercício de identificação e reconstituição da produção e conservação informacional de Maria do Carmo Barros Leite permitiu refletir sobre a presença feminina nos arquivos, principalmente nacionais. Essa presença não só é reduzida como por vezes encontra-se oculta a uma análise superficial. Daí ser necessário uma análise cuidada aos arquivos masculinos, a qual permitirá a identificação da presença feminina ligada à masculina, mas oculta pelos valores culturais e sociais presentes aquando da produção e acumulação informacional e que se estenderam, muitas vezes, aos critérios de conservação e aquisição de acervos documentais por parte das instituições de memória.

Além disso, ainda que possa ser considerado foco secundário no corrente estudo, urge uma reflexão sobre a redefinição dos conceitos de arquivos pessoais e de família para espólios documentais que datam dos séculos XIX e XX. Se a presença de algumas mulheres está oculta nos arquivos dos seus maridos, figuras que se movimentam mais na esfera pública do que as anteriores, passando essas primeiras despercebidas, deve-se, em parte, à falta da sua identificação no tratamento arquivístico. Como foi possível observar no caso de Maria do Carmo Barros Leite a inexistência de um quadro de classificação e de um correto preenchimento da folha de fundo do arquivo pessoal do marido silenciaram esta mulher.

Já a história das mulheres precisa de olhar para a esfera privada e para as relações familiares e de amizade estabelecidas por estas, de modo a encontrar as fontes para a sua escrita.

Em suma, a apresentação de casos de estudo como o corrente permitem refletir sobre a problemática da história e dos arquivos femininos, o que não dispensa a sua aplicação prática, e contribui para inverter a sub-representação feminina na arquivística e na história. Esta deve-se maiori-

tariamente ao contexto histórico de produção da informação e ao prolongamento de uma certa discriminação gravada no contexto de conservação de fontes de autoria feminina ou sobre mulheres. Isto é, no contexto histórico de produção da informação oitocentista e novecentista, até à década de 1960, as mulheres tinham, quase exclusivamente, um único papel social a desempenhar: o reprodutor. Por isso, deveriam estar focadas nessa missão e confinadas à esfera privada longe dos olhares dos outros, como afirmou Diane Beattie<sup>53</sup>. Uma vez que as mulheres, de uma forma geral, viveram nos últimos séculos de forma discreta e restringidas à esfera privada, a sua produção informacional acabou por ser considerada de pouco valor social e histórico até às últimas cinco a três décadas, quando a história das mulheres começou a ser escrita. Tal situação reflete-se na conservação de arquivos de mulheres, como se pode perceber através da análise dos arquivos pessoais nacionais feita por Zélia Pereira<sup>54</sup>. Pelo contrário, os homens sempre tiveram um papel de destaque na vida pública, sendo apreciados e destacando-se na esfera pública, pelo que a conservação dos seus acervos documentais recebeu tratamento semelhante. Explica-se assim a omissão das mulheres da arquivística e da história.

Se se desviar a atenção do sexo masculino, é possível identificar a presença feminina, mesmo que sempre ligada a uma figura masculina, como acontece com Maria do Carmo Barros Leite. A sua produção informacional inicial aparentemente inexistente, agora identificada, ainda que intimamente ligada ao seu marido, Teófilo Braga, prova a existência de identidade feminina e de documentação própria. O facto de ela ter sido a esposa de uma figura reconhecida condenou-a a estar na sombra. Não só em vida, mas como na memória coletiva. Enquanto ela se movimentou apenas na esfera privada, cultivando algumas relações de amizade e dedicando-se à família, Teófilo Braga destacou-se publicamente como o introdutor do positivismo em Portugal, conhecido nacionalmente e internacionalmente, e, mais tarde, como Presidente do governo provisório da República Portuguesa, o que lhe garantiu um lugar de destaque na história e na memória coletiva portuguesa. É precisamente este contraste entre as ações e vidas destas duas figuras que se espelha na situação arquivística em que se encontra a sua documentação. Esta realidade aplica-se à generalidade dos arquivos pessoais e explica o alheamento das mulheres e a distinção dos homens. Ao salientar-se que uma instituição de memória é detentora do arquivo

---

<sup>53</sup> Beattie, D. (1989-90). *Ob. cit.*

<sup>54</sup> Pereira, Z. (2018). *Ob. cit.*

pessoal de uma figura histórica reconhecidamente importante, como Teófilo Braga, confere-se-lhe prestígio. O mesmo não aconteceria se essa instituição divulgasse deter a guarda do arquivo pessoal de Maria do Carmo Barros Leite, que aos olhos da opinião pública não passa da esposa de um homem importante. Logo, não merecedora da atenção do público. Todavia, se ela tivesse exercido algum cargo público durante a sua vida, a valorização da sua documentação era diferente. Veja-se o caso de Natália Correia, cujo arquivo pessoal encontra-se à guarda da mesma instituição de memória que o arquivo pessoal de Teófilo Braga e que teve maior destaque do que a esposa deste. Perante este tipo de mentalidade, as instituições de memória não investiram tanto na aquisição de documentação feminina, como fizeram com a documentação masculina. Se o critério para a sua valorização continuar a ser a intervenção pública, a representação feminina continuará a ser reduzida, pois as mulheres só começaram a exercer um papel mais ativo na esfera pública nas últimas décadas<sup>55</sup>.

Por fim, ainda que ambas as áreas, a arquivística e a história, tenham estado a fazer um esforço para alterar esta situação de sub-representação feminina nos últimos cinquenta anos, ainda há muito trabalho a ser feito para lhes conferir o lugar que lhes é devido enquanto representantes de cerca de metade das sociedades passadas e presentes.

## Fontes

- Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. (2011). *Arquivo da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, Informação da Divisão de Arquivo*, n.º 1/2011. Direção Regional Açoriana da Cultura.
- Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. (2011). *Arquivo da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, Informação da Divisão de Arquivo*, n.º 1/2011, anexo IV, f. 2. Direção Regional Açoriana da Cultura.
- Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. (2016). *Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada: 170 anos de serviço público (1846-2016)*. Direção Regional Açoriana da Cultura.
- Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. (1859-1895). *Arquivo Pessoal Teófilo Braga*. Direção Regional Açoriana da Cultura.
- Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada [B.P.A.R.P.D.]. *Livraria Pessoal Teófilo Braga*. Direção Regional Açoriana da Cultura.

---

<sup>55</sup> Pereira, Z. (2018). *Ob. cit.*

## Bibliografia

- Abreu, J. (2016). Arquivos pessoais e teoria arquivística: considerações a partir da trajetória do conceito de arquivo. In J. Campos (Org.), *Arquivos Privados: abordagens plurais* (pp. 24-49). Associação de Arquivistas de São Paulo.
- Almeida, R., & Mattos, R. (2018). Arquivos pessoais de interesse público e social: as articulações entre arquivo e biblioteca. In J. Campos (Org.), *Arquivos pessoais: fronteiras* (pp. 134-152). Associação de Arquivistas de São Paulo.
- Beattie, D. (1989-90). An archival user study: researchers in the fields of women's history. *Archivaria*, (29), 33-50.
- Braga, T. (1994). *Cartas a Maria do Carmo Barros Leite (1864-1909)*. Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.
- Carreiro, J. B. (1944). *Vida de Teófilo Braga: resumo cronológico*. Oficina do "Diário dos Açores".
- Chazan, M., Baldwin, M., & Madokoro, L. (2015). Aging, activism, and the archive: feminist perspectives for the 21st century. *Archivaria*, 80, 59-87.
- Couto, J. M. (2021). A correspondência da primeira-dama de Portugal que nunca chegou a exercer funções: Maria do Carmo Barros Leite (1841-1911). In C. Moscatel, S. Freitas, & J. Couto (Coord.), *O Feminino nos Arquivos: abordagens e problematizações* (pp. 39-49). Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.
- Moscatel, C. (2019). Family archives: an analysis on the Azorean Regional Archive's intervention. In M. de L. Rosa, R. S. da Nóvoa, A. B. Gago, & M. J. Câmara (Coord.), *Recovered voices, newfound questions* (pp. 323-332). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Moseley, E. (1980). Sources for the "new Women's History". *The American Archivist*, 43(2), 180-190.
- Paes, M. L. (1993). *Arquivo: teoria e prática*. (3.ª ed.). Fundação Getúlio Vargas Editora.
- Pereira, Z. (2018). *O universo dos arquivos pessoais em Portugal: identificação e valorização*. Universidade de Évora.
- Rocha, C., & Ferreira, M. (2006). *As mulheres e a cidadania: as mulheres e o trabalho na esfera pública e na esfera doméstica*. Livros Horizonte, LDA.
- Rodrigues, A. (2020). Os arquivos pessoais e familiares em Portugal: uma reflexão crítica dos últimos 20 anos. In 5.º Congresso Internacional Casa Nobre – um património para o futuro, *atas, Memória Histórica: história da família, genealogia e heráldica. Arquivos e documentação familiar, tomo I* (pp. 387-412). Casa das Artes.
- Silva, A. M. da. (2004). Arquivos familiares e pessoais: bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interativo. *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património*, III, 55-84.
- Silva, A. M. da. (2006). *A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objeto científico*. Edições Afrontamento.
- Vaquinhas, I. (2021). Arquivos do feminino e o feminino nos arquivos: fontes, questões e metodologias (séculos XIX e XX). In C. Moscatel, S. Freitas, & J. Couto (Coord.), *O Feminino nos Arquivos: abordagens e problematizações* (pp. 437-445). Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.
- Vaquinhas, I. (2021). *Coquettes, doutoras e outras: história das mulheres em Portugal (séculos XIX e XX)*. Edições Colibri.

Anexo I – Folha de Recolha de Dados da documentação de Maria do Carmo Barros Leite.

Produção informacional de Maria do Carmo Barros Leite							
Instituição	Cota	Tipologia documental	Título	Local	Data	Assunto	Observações
	Cx. 90, Doc. 003	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		21/01/1865	Informa sobre a morte de um amigo.	
	Cx. 168, Doc. 049	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		30/06/1873	Pergunta se mal estar de Maria da Graça não se deve ao calor, aconselhando a que esta não ande muito para evitar transpirar. Comenta a inconstância do tempo desde o dia de São João. Confessa que nos últimos dois meses não teve ânimo de se corresponder com ninguém. Maria do Carmo estava preocupada com o comportamento da criada Rosa, ao que a mãe responde para não se afeiçoar a ela e não ligar aos desvios comportamentais da mesma.	

Cx. 168, Doc. 050	Correspondência	ø		22/09/1872	Confirma que António Pedro entregou encomenda de Teófilo Braga a Anselmo Morais. Troca de bens alimentares entre as duas. Comenta o estado de saúde do irmão do Florido. Faz comentários acerca de economia doméstica (gestão de bens alimentares e aprovisionamento da roupa da casa).	
Cx. 168, Doc. 051	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier	Porto	22/07/1876	Queixa-se que os filhos se têm esquecido dela e informa que teme perturbar a paz doméstica da filha caso vá viver com a família desta. Notícias sobre amigos de António Pedro.	
Cx. 168, Doc. 052	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier	Porto	10/05/1873	Queixa-se da falta de saúde. Informa que fez testamento. Aconselha sobre criados.	
Cx. 168, Doc. 053	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		25/04/1873	Aconselha acerca da educação da neta, Maria da Graça. Queixa-se do seu estado de saúde e de solidão. Transmite notícias acerca dos amigos.	
Cx. 168, Doc. 054	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		28/06/1876	Informa sobre criada. Transmite notícias sobre amigos. Refere estadia nos banhos.	

Cx. 168, Doc. 055	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		13/08/1872	Solicita envio de dados biográficos do Teófilo com a maior brevidade e segredo possíveis. Transmite notícias de António Pedro.	
Cx. 168, Doc. 056	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		16/09/1872	Informa estar a aguardar resposta de Florido que não a visita desde a partida de António Pedro. Refere assuntos de gestão doméstica, como criadas de cozinha ou o serviço de engomar. Informa ter saudades da neta, Maria da Graça. Florido respondeu que subsiste o mesmo problema de saúde do irmão que o impede de agendar partida.	
Cx. 168, Doc. 057	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		29/05/1875	Informa sobre a sua estadia nos banhos. Transmite notícias de amigos.	
Cx. 168, Doc. 058	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		12/08/1872	Solicita envio de encomendas e aconselha sobre criados e economia doméstica. Transmite notícias de amigos.	
Cx. 168, Doc. 059	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		18/08/1875	Fala sobre os netos. Queixa-se da falta de saúde e de solidão. Transmite notícias de amigos.	

Cx. 168, Doc. 060	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Economia doméstica, acusa recepção de encomenda com produtos alimentares da filha. Aconselha acerca da saúde da neta.	
Cx. 168, Doc. 061	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Envio de correspondência para o Teófilo Braga. Economia doméstica, com o envio de produtos alimenta- res e receitas. Transmite notícias de amigos. Refere atualidade política e econó- mica.	
Cx. 168, Doc. 062	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		21/09/1872	Refere envio de encomen- das. Transmite notícias de familiares.	
Cx. 168, Doc. 063	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		01/09/1868	Acusa recepção de encomenda dos Açores dirigida a Teófilo Braga. Acautela Maria do carro na compra de gado devido à doença do gado.	
Cx. 168, Doc. 064	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		22/05/----	Menciona estar acompanha- da pelo sobrinho de Teresa e transmite notícias amigos e familiares. Informa sobre efeitos dos banhos na saúde. Pergunta se Maria do Carro e a neta vão aos banhos e solicita indicações para alugar de uma casa.	

Cx. 168, Doc. 065	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		11/12/1875	Transmite notícias de amigos e familiares. Pergunta pela saúde da filha e da neta, lamentando não se ter convenientemente despedido convenientemente dos netos.	
Cx. 168, Doc. 067	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		18/03/1875	Transmite notícias de familiares, lamenta não se sentir em condições para ir ao Porto. Informa sobre o estado de saúde dos netos. Menciona a sua situação económica e a necessidade de efetuar obras. Recusa a ideia de viver em Lisboa.	
Cx. 168, Doc. 070	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		07/11/1874	Manifesta preocupação com a saúde da filha, dando conselhos de alimentação. Informa sobre o filho de Maria do Carmo, que se encontra aos seus cuidados e da ama, com quem está muito ligado.	
Cx. 168, Doc. 092	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		19/11/1874	Demonstra preocupação com a saúde da filha e da neta, dando conselhos de alimentação. Lamenta a dificuldade de Maria do Carmo em arranjar uma casa. Combina pormenores para envio de encomenda.	

Cx. 168, Doc. 093	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		04/03/1873	Transmite notícias de familiares e amigos. Manifesta saudades. Combina o envio de encomendas. Queixa-se das criadas e menciona nova casa da filha.	
Cx. 168, Doc. 094	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		30/04/1875	Menciona distribuição de quartos e outros assuntos relacionados com a casa de Maria do Carmo. Transmite notícias de familiares. Informa sobre o neto que está ao seu cuidado e da ama, cujo filho falecera.	
Cx. 168, Doc. 095	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Informa sobre falta de saúde. Deixa a cargo de Maria do Carmo e Teófilo Braga decisões relacionadas com a casa. Refere despedimento de criada.	
Cx. 168, Doc. 098	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		16/04/----	Refere melhoras do filho Eduardo, irmão de Maria do Carmo, planeando uma visita familiar. Transmite notícias de amigos. Solicita envio de encomenda.	Envio de encomenda, pressupõe produção de documentação, como recibos.

Cx. 168, Doc. 099	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		15/-/------	Queixa-se de roubos da criada. Faz recomendações sobre a casa e o envio de encomendas. Refere viagem de Maria do Carmo.	
Cx. 168, Doc. 100	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		18/04/1859	Transmite notícias sobre o estado de saúde de Eduardo, irmão de Maria do Carmo. <u>Pege a esta que escreva ao Dr. Reis.</u> Faz recomendações à filha.	Possível envio de carta ao Dr. Reis.
Cx. 168, Doc. 101	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Agradece preocupação com Eduardo, que se encontra melhor. Faz recomendações económicas/monetárias.	
Cx. 168, Doc. 102	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		03/09/1868	Conselhos de economia doméstica, combinando pormenores a respeito do envio de encomendas. Menciona planos para a semana seguinte.	
Cx. 168, Doc. 104	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		10/04/18--	Aconselha Maria do Carmo. Transmite notícias sobre o estado de saúde de Eduardo, com quem se encontra.	
Cx. 168, Doc. 105	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		02/09/1875	Manifesta saudades. Menciona mau tempo no Porto.	

Cx. 168, Doc. 106	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Transmite notícias da família. Refere envio de produtos alimentares. Solicita que Maria do Carmo indique com que criada quer ficar.	
Cx. 168, Doc. 107	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		24/11/1874	Refere envio de vinho. Transmite notícias de familiares e amigos. Queixa-se dos criados.	
Cx. 168, Doc. 108	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		16/11/1875	Queixa-se do seu mal-estar. Fala das criadas. Alegra-se pela saúde do neto. Aconselha sobre horticultura e pergunta sobre necessidade de envio de encomenda.	
Cx. 168, Doc. 109	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		13/09/1868	Queixa-se dos criados. Faz recomendações sobre a saúde à filha. Pergunta pelos movimentos do bebé. Menciona assuntos sobre a mudança de casa.	
Cx. 168, Doc. 110	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		06/09/1870	Envio de cópias de jornais sobre a proclamação da república em França. Menciona vindima. Transmite notícias sobre familiares e amigos. Informa sobre o envio de encomendas.	Envio de jornais para Maria do Carmo Barros Leite não localizados na livraria de Teófilo Braga.

Cx. 170, Doc. 001	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Transmite notícias de familiares. Informa que a casa não está em condições de receber Maria do Carmo e a família. Queixa-se da criada.	
Cx. 170, Doc. 002	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		25/03/1875	Solicita notícias.	
Cx. 170, Doc. 005	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		03/11/1874	Manifesta saudades da neta. Transmite notícias de familiares e amigos. Informa sobre o comportamento do neto, que se encontra à sua guarda e da ama.	
Cx. 170, Doc. 006	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		16/11/1874	Questiona se Maria do Carmo gostou de prenda escolhida por António Pedro. Envia uma criada pedindo que Maria do Carmo entregue quantia de dinheiro à pessoa que a acompanha. Deseja que a filha encontre outra casa.	
Cx. 170, Doc. 007	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		05/01/1875	Manifesta preocupação com o estado de saúde da neta. Informa sobre o neto que se encontra à sua guarda e da ama. Sugere que Teófilo Braga procure emprego no Porto e saia de Lisboa.	

Cx. 170, Doc. 009	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		15/09/----	<p>Recomenda que Maria do Carmo envie as criadas diariamente aos correios por existirem cartas que necessitam de resposta imediata. Refere envio de encomenda. Fala sobre criadas.</p>	
Cx. 170, Doc. 011	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		18/08/----	<p>Refere envio de duas cartas ao Teófilo Braga, a procura de casa de Maria do Carmo e envio de encomendas. Informa não ter transmitido recado ao filho Eduardo.</p>	
Cx. 170, Doc. 012	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			<p>Informa sobre o neto e a ama. Economia doméstica. Questiona se é necessário enviar dinheiro.</p>	
Cx. 170, Doc. 013	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			<p>Questões financeiras. Transmite notícias de familiares e amigos. Refere o envio de encomendas e faz recomendações sobre o acondicionamento dos bens. Alerta para não dar dinheiro ao Joaquim.</p>	

Cx. 170, Doc. 014	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Informa sobre estado de saúde de Eduardo e aplicação nos estudos. Recomenda que Maria do Carmo passe a Páscoa em casa do tio, não se preocupando com a opinião de terceiros. Solicita notícias.	
Cx. 170, Doc. 015	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		23/02/----	Fala sobre a casa e a criada de Maria do Carmo. Transmite notícias de amigos. Recorda infância dos filhos. Queixa-se da falta de saúde e manifesta saudades da neta.	
Cx. 170, Doc. 016	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		24/04/1859	Transmite notícias sobre o estado de saúde de Eduardo, referindo como é bem tratado em Coimbra. Faz recomendações sobre a sua receção para quando viajar com a filha.	
Cx. 170, Doc. 017	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		26/04/1859	Informa sobre o estado de saúde de Eduardo. Transmite notícias de amigos. Faz recomendações sobre receção para quando chegar.	

Cx. 170, Doc. 018	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		26/04/1873	Lamenta o seu estado nervoso. Informa que despediu a criada. Transmite notícias de familiares.	
Cx. 170, Doc. 019	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		22/06/1875	Informa sobre a saúde do neto que se encontra aos seus cuidados. Transmite notícias de familiares e amigos. Refere preparativos para receber Maria do Carmo e sua família.	
Cx. 170, Doc. 020	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		10/09/1870	Manifesta preocupação com o estado de saúde de Teófilo Braga. Recomenda cuidados de saúde a Maria do Carmo. Transmite notícias de familiares e amigos. Assuntos de economia doméstica: envio de encomendas e várias recomendações.	
Cx. 170, Doc. 021	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		22/04/1873	Manifesta preocupação com a saúde de Maria do Carmo. Transmite notícias de familiares e amigos.	

Cx. 170, Doc. 022	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Menciona a procura de casa de Maria do Carmo e saudades. Queixa-se de mal estar e da antiga criada. Aconselha repouso. Transmite notícias de amigos e familiares. Refere questão da educação dos filhos do casal.	
Cx. 170, Doc. 023	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		27/?/1870	Transmite notícias de amigos e familiares. Refere envio de encomendas. Faz recomendações sobre a saúde de Maria do Carmo.	
Cx. 170, Doc. 024	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		08/07/1876	Transmite notícias de amigos e familiares. Recomenda descanso. Informa sobre os banhos e o trabalho da criada. Lamenta solidão que prevê sentir quando o António Pedro partir.	
Cx. 170, Doc. 025	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		23/04/1873	Transmite notícias de amigos e familiares. Refere envio de encomendas. Pergunta pela saúde de Maria do Carmo e comportamento da criada.	
Cx. 170, Doc. 026	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		28/03/----	Menciona estar a recolher informações sobre assunto não identificado. Refere envio de encomendas.	

Cx. 170, Doc. 027	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		13/05/1873	Conselhos de saúde. Transmite notícias de familiares e amigos. Recorda infância dos filhos. Faz balanço de 30 anos de viuvez. Solicita envio de mais retratos da neta.	Envio de retratos de Maria da Graça.
Cx. 170, Doc. 028	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		29/03/----	Queixa-se da falta de saúde e de solidão. Transmite notícias de amigos e familiares. Aconselha Maria do Carmo a espairer. Manifesta agrado pelas novidades acerca da neta.	
Cx. 170, Doc. 029	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		20/02/1873	Menciona a casa e criadas de Maria do Carmo. Manifesta saudades da neta. Refere que com o passar do tempo a filha irá gostar de viver em Lisboa.	
Cx. 170, Doc. 030	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		17/03/----	Queixa-se da falta de saúde. Explica motivos porque não pode ir ter com a filha. Fala da neta. Solicita à filha que vá ao teatro. Transmite notícias de familiares.	

Cx. 170, Doc. 031	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier	11/07/1873	Aconselha Maria do Carmo a juntar-se a ela para fugir a uma epidemia. Transmite notícias de amigos e familiares. Manifesta agrado com as notícias recebidas sobre a neta.	
Cx. 170, Doc. 032	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		Solicita envio de encomendas. Menciona a procura de casa de Maria do Carmo. Descreve o seu estado de saúde.	
Cx. 170, Doc. 033	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		Queixa-se de cansaço de viagem para a Foz e descreve a mesma. Transmite notícias de familiares. Agradece tempo passado em casa de Maria do Carmo. Menciona envio de encomendas.	
Cx. 170, Doc. 034	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier	26/09/1870	Pede a Maria do Carmo para se alegrar, porque quer um neto forte. Menciona envio de encomendas. Transmite notícias de familiares e amigos. Refere escândalo político.	

Cx. 170, Doc. 035	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Transmite notícias de amigos. Refere uma carta que quiseram entregar pessoalmente a Teófilo Braga. Descreve a sua rotina. Faz recomendações em relação ao vinho.	
Cx. 170, Doc. 036	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		04/07/1872	Menciona envio de encomendas e contratação de nova criada. Transmite notícias de amigos.	
Cx. 170, Doc. 037	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		13/09/1870	Refere envio de encomendas. Transmite notícias de familiares. Aconselha leituras (cartas de madames acerca da guerra).	
Cx. 170, Doc. 038	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Queixa-se das criadas. Rejeita as acusações de Maria do Carmo. Transmite notícias de amigos. Fala de negócios.	
Cx. 170, Doc. 041	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		12/1873	Transmite notícias de amigos e familiares. Alegra-se pela gravidez de Maria do Carmo, desejando que seja um rapaz. Queixa-se de falta de saúde. Informa sobre o estado de saúde de António Pedro. Menciona situações com as criadas.	

Cx. 170, Doc. 042	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Transmite notícias de amigos. Pergunta pelo desenvolvimento da gravidez de Maria do Carmo, pedindo para que trate de tudo para não ficar sozinha enquanto Teófilo Braga estiver em Coimbra. Menciona negócios, mudanças e envio de encomendas. Prepara casa para receber Maria do Carmo.
Cx. 170, Doc. 043	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Demonstra preocupação com a saúde da neta. Refere envio de encomendas. Propõe venda de camas.
Cx. 170, Doc. 044	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		1859	Refere estado de saúde do filho Eduardo e a sua estadia em Coimbra.
Cx. 170, Doc. 045	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Combina uida de um elemento da família para fazer companhia a Maria do Carmo na ausência do marido.
Cx. 170, Doc. 046	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Queixa-se de falta de saúde e das criadas. Pede indicações para costureira. Transmite notícias de amigos e familiares. Envia recado para Teófilo Braga.

Cx. 170, Doc. 047	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Relata abatimento sentido com a partida de Maria do Carmo e da neta. Queixa-se da falta de saúde. Transmite notícias de amigos.	
Cx. 170, Doc. 048	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Refere envio de encomendas.	
Cx. 170, Doc. 049	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		21/08/1870	Copia notícias da guerra franco-prussiana. Transmite notícias de amigos e familiares.	
Cx. 170, Doc. 050	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		1875	Queixa-se das sucessivas desmarcações do amigo que devia acompanhar na viagem, avisando quando chegará a casa de Maria do Carmo.	
Cx. 170, Doc. 051	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Agradece disponibilidade de Teófilo Braga. Refere preparativos na casa para os receber. Refere os tremores de terra e os efeitos da seca. Transmite notícias de amigos.	
Cx. 170, Doc. 052	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Aconselha em relação à educação da neta. Refere envio de encomendas. Deseja que Teófilo Braga arranjasse emprego mais perto. Refere que recebeu as coisas de Eduardo.	

Cx. 170, Doc. 053	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		22/03/1873	Informa sobre conduta das criadas, aconselhando-a como proceder com a cria- da. Transmite notícias de amigos. Refere envio de encomendas.	
Cx. 170, Doc. 054	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Transmite notícias de ami- gos.	
Cx. 170, Doc. 055	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Economia doméstica. Comenta notícias internacio- nais. Justifica não poderem sair da cidade devido a con- curso de António Pedro.	
Cx. 170, Doc. 056	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		05/04/1873	Transmite notícias de ami- gos. Refere envio de enco- menda para a neta e pede que lhe conte a reação da mesma. Aconselha cuidados com o frio.	

Cx. 170, Doc. 058	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier	03/05/1875	Manifesta preocupação como estado de saúde de Maria do Carmo, aconselhando-a a consultar um médico. Transmite notícias de amigos e familiares. Fala do neto, desejando entregá-lo a Maria do Carmo em breve. Aconselha em relação à casa. Queixa-se de não conseguir falar com António Pedro devido à mulher. Lamenta não poder ir aos banhos.
Cx. 170, Doc. 059	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		Aconselha Maria do Carmo a não mudar a família de residência até ser oficial a colação de Teófilo Braga em Coimbra. Faz recomendações sobre o fecho das divisões da casa.
Cx. 170, Doc. 060	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier	16/09/1870	Manifesta preocupação com a saúde da filha. Refere envio de encomendas. Transmite notícias de amigos.
Cx. 170, Doc. 061	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier	10/11/1875	Fala sobre os netos. Transmite notícias sobre amigos e familiares. Menciona os banhos, os preparativos de viagem e envio de encomendas.

Cx. 170, Doc. 062	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Queixa-se de falta de saúde. Transmite notícias sobre amigos e familiares. Fala da neta.	
Cx. 170, Doc. 063	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Solicita instruções para envio de livros. Refere possível visita dos irmãos a Maria do Carmo. Menciona o seu estado de saúde e a seca que assola a região. Transmite notícias de amigos.	
Cx. 170, Doc. 064	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		08/06/1873	Transmite notícias sobre amigos e familiares. Recorda a morte do filho Eduardo.	
Cx. 170, Doc. 065	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		02/04/1873	Transmite notícias de amigos. Informa que o seu estado de saúde não lhe permite viajar. Menciona as travessuras da neta.	
Cx. 170, Doc. 066	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Comenta notícias da guerra franco-prussiana. Transmite notícias de amigos e familiares. Menciona envio de encomendas.	
Cx. 170, Doc. 067	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Economia doméstica.	
Cx. 170, Doc. 068	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Fala sobre a saúde no neto.	

Cx. 170, Doc. 070	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		25/08/1874	Menciona assuntos familia- res.	
Cx. 170, Doc. 072	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		04/08/1868	Menciona assuntos familia- res.	
Cx. 170, Doc. 073	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		29/08/1870	Transmite notícias de fami- liares.	
Cx. 170, Doc. 074	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		08/05/1875	Transmite notícias de fami- liares.	
Cx. 170, Doc. 075	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		18/12/1875	Informa que não consegue chegar na data combinada devido a imprevisto.	
Cx. 170, Doc. 076	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		26/05/1873	Transmite notícias de fami- liares.	
Cx. 170, Doc. 085	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		08/04/1873	Transmite notícias de fami- liares.	
Cx. 179, Doc. 088	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		19/03/1873	Informa que enviou uma carta com a morada errada.	
Cx. 170, Doc. 038	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		1870	Menciona a mudança de casa e transmite notícias da família.	

Cx. 170, Doc. 139	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		17/05/1873	Transmite notícias sobre familiares.	
Cx. 170, Doc. 140	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier		1870	Transmite notícias sobre familiares.	
Cx. 055, Doc. 012	Correspondência	Carta de Sophia Asher Braga		10/8/1910	Felicita-a pela implantação da República e pelo cargo que desempenha Teófilo Braga.	
Cx. 099, Doc. 028	Correspondência	Carta de José Joaquim Ribeiro		1911	Solicita um pedido pessoal.	
Cx. 055, Doc. 065	Correspondência	Carta de Ana Guerra Juqueira		25/12/1897	Desejando boas festas e mencionando assuntos pessoais.	
Cx. 168, Doc. 087	Correspondência	Carta de Ana Guerra Juqueira		19/04/1898	Recorda o tempo que passaram juntas. Deseja as melhores a Maria do Carmo. Manifesta vontade de ir a Lisboa.	
Cx. 059, Doc. 047	Correspondência	Carta de Maria da Graça		14/11/1884	Felicitando a mãe pelo aniversário.	
Cx. 170, Doc. 086	Correspondência	Carta de Maria da Graça		14/11/1881	Felicitando a mãe pelo aniversário.	
Cx. 150, Doc. 026	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite		[14/11]/1888	Felicitando a irmã pelo aniversário.	
Cx. 168, Doc. 007	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite		23/02/1891	Agradece envio de livro. Transmite notícias de amigos. Pergunta pela saúde da irmã e fala sobre a sua própria saúde.	

Cx. 168, Doc. 041	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite		19/06/1885	Refere aspetos legais das partilhas feitas por morte da mãe. Transmite notícias da família.	Refere envio de procuração e solicita envio de procuração.
Cx. 168, Doc. 042	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite			Felicitando a irmã pelo aniversário.	
Cx. 168, Doc. 073	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite		14/03/1887	Solicita informações sobre o estado de saúde da sobrinha e sobre quando e onde faleceu o tio Cosme Martins da Cruz.	
Cx. 168, Doc. 082	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite		21/03/1890	Assinala o terceiro aniversário da morte de Maria da Graça.	
Cx. 168, Doc. 083	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite		14/10/1889	Agradece envio de livro sobre a morte dos sobrinhos. Lamenta que ela não possa ir visitar.	
Cx. 168, Doc. 084	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite		19/02/1888	Recorda que se aproxima o aniversário da falecida Maria da Graça. Pede que a irmã lhe envie um exemplar do livro de João de Deus sobre a morte dos sobrinhos, assim que este for publicado.	

Cx. 168, Doc. 086	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite		31/12/1888	Agradece convite para ir passar férias com a irmã e justifica porque não pode aceitar. Refere contas relativas à quinta de Airão, rejeitando acusações da irmã relativas à venda.	
Cx. 168, Doc. 090	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite		17/03/1889	Assinala dois anos sobre a morte dos sobrinhos.	
Cx. 170, Doc. 003	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite			Informa que recebeu visita do A. Coelho. Transmite notícias da mãe.	
Cx. 170, Doc. 060	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite		16/09/1870	Agradece notícias de uma amiga e a forma como esta foi recebida por Maria do Carmo. Informa quando pensa ir ter com ela. Recorda uma festa de há 15 anos.	
Cx. 170, Doc. 084	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite		12/11/1879	Felicitando a irmã pelo aniversário.	
Cx. 170, Doc. 089	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite		17/06/1885	Menciona partilha de bens maternos. Solicita procuração para tratar de venda de um dos bens.	Maria do Carmo Barros Leite, possivelmente fez uma procuração.
Cx. 059, Doc. 057	Correspondência	Carta de Condessa de Proença-a-velha			Solicita um favor pessoal.	

Cx. 166, Doc. 089	Correspondência	Carta de Condessa de Proença-a-velha		6/17/1901	Recorda momentos de amizade. Descreve a sua vida social em Paris, não sabendo quando vai a Londres.	
Cx. 166, Doc. 090	Correspondência	Carta de Condessa de Proença-a-velha			Descreve velório e cortejo fúnebre do pai.	
Cx. 166, Doc. 091	Correspondência	Carta de Condessa de Proença-a-velha		7/31/1901	Assuntos relacionados com a viagem que está a realizar.	
Cx. 168, Doc. 037	Correspondência	Carta de Condessa de Proença-a-velha		9/7/1901	Queixa-se do ambiente social. Informa que recebeu uma carta a felicitar pela organização da nova sociedade. Deseja que a amiga vá passar uns dias com ela. Coloca a casa à disposição.	Sociedade criada por ambas, pelo que deve haver documentação produzida no contexto dessa organização.
Cx. 170, Doc. 057	Correspondência	Carta de Condessa de Proença-a-velha		29/09/1899	Justifica porque não se foi despedir à estação de Santo Martinho. Menciona que não sabe quando vai a Lisboa. Informa que escreveu a Teófilo Braga a relatar a impressão que teve ao visitar a Batalha.	
Cx. 059, Doc. 059	Correspondência	Carta da Condessa de Juncal		10/10/1903	Alude a factos pessoais.	
Cx. 119, Doc. 548	Correspondência	Carta da Condessa de Juncal			Lamenta a ausência de Maria do Carmo e pergunta pelas melhores da mesma.	

Cx. 170, Doc. 039	Correspondência	Carta da Condessa de Juncal		7/27/1902	Alegra-se com a promessa de visita de Maria do Carmo e do marido.	
Cx. 210, Doc. 055	Correspondência	Carta da Condessa de Juncal		8/3/1909	Aborda assuntos pessoais.	
Cx. 077, Doc. 013	Correspondência	Cartão de visita de Teresa Maria Angélica			Cumprimentos.	
Cx. 090, Doc. 007	Correspondência	Carta de Maria Cristina Roquete			Agradece donativo feito para ajudar mãe e filha com necessidades.	
Cx. 093, Doc. 066	Correspondência	Carta de Floriana dos Santos		27/03/1887	Pedido de desculpas por não ter podido visitar.	
Cx. 219, Doc. 067	Correspondência	Carta de Floriana dos Santos		31/01/1886	Alude a factos pessoais.	
Cx. 114, Doc. 040	Correspondência	Carta de Joaquim d'Araújo		5/25/1900	Solicita envio da obra de Edgar Prestage.	
Cx. 181, Doc. 129	Correspondência	Carta de Joaquim d'Araújo		10/01/1895	Acusa a receção das cartas de Antero de Quental e menciona envio da obra "Zará".	
Cx. 181, Doc. 130	Correspondência	Carta de Joaquim d'Araújo		26/12/1896	Transcreve poemas intitulados "Hatchis", "Visão do infinito" e "Traça dos Deuses" e menciona carta de Castilho a Antero.	
Cx. 118, Doc. 019	Correspondência	Cartão de visita de António Júlio da Nóbrega Pinto Pizarro		1/1/1911	Deseja um feliz ano novo.	

Cx. 118, Doc. 113	Correspondência	Cartão de visita de Gaspar Alfredo Pereira de Castro Soromenho			Transmite os pésames.	
Cx. 119, Doc. 608	Correspondência	Cartão de visita de Laura de Avelar Falcão			Informa que se sente doente e que não pode acompanhar Maria do Carmo.	
Cx. 168, Doc. 080	Correspondência	Carta da Condessa de Silves		15/07/1898	Deseja boa saúde a Maria do Carmo e ao seu marido. Transmite notícias de familiares e amigos. Descreve estadia no Algarve.	
Cx. 120, Doc. 544	Correspondência	Carta da Condessa de Silves			Refere o seu estado de saúde e a possibilidade de arranjar bilhetes para o teatro.	
Cx. 138, Doc. 084	Correspondência	Carta de Virgínia de Castro e Almeida		11/18/1910	Solicita um pedido pessoal, que consiste em pedir ao Teófilo Braga que escreva uma carta de recomendação para que ela possa enviar com o seu pedido de colação a um jornal do Brasil (Jornal do Recife - Pernambuco).	
Cx. 145, Doc. 088	Correspondência	Carta de Armindo Marato		10/2/1909	Alude a factos pessoais.	

Cx. 145, Doc. 093	Correspondência	Carta de Júlia Dias		10/30/1910	Solicita um pedido pessoal, que consiste em encontrar emprego para o pai (analfabeto), pois a família encontra-se em situação de extrema pobreza.	
Cx. 146, Doc. 097	Correspondência	Carta de Ermelinda H. Rodrigues		7/1/1911	Solicita que o Teófilo Braga interceda pelo seu marido.	
Cx. 168, Doc. 043	Correspondência	Carta de Ermelinda H. Rodrigues		6/24/1911	Solicita que o Teófilo Braga interceda para livrar o noivo do recrutamento militar.	
Cx. 165, Doc. 013	Correspondência	Carta de Aurélia de Morais Sarmento Romanoff Salvini		Oct-10	Felicita nomeação de Teófilo Braga para Presidente do Governo Provisório.	
Cx. 166, Doc. 103	Correspondência	Carta de Olga Morais Sarmento da Silveira		Jun-07	Informa que irá visitar Maria do Carmo e pede a Teófilo Braga que arranje bilhetes para uma sessão da Academia Real das Ciências.	
Cx. 168, Doc. 031	Correspondência	Carta de Olga Morais Sarmento da Silveira			Pede desculpa por não ter estado em casa quando Teófilo Braga a visitou. Manifesta saudades. Refere os presentes	
Cx. 168, Doc. 029	Correspondência	Carta de Laurinda Morais Sarmento de Carvalho		Oct-10	Felicita pela nomeação de Teófilo Braga para Presidente do Governo Provisório.	

Cx. 168, Doc. 030	Correspondência	Carta de Catarina do Rosário Sousa			Pede para interceder junto de Teófilo Braga para obter um emprego para o seu marido que está desempregado.	
Cx. 168, Doc. 032	Correspondência	Carta de Rita		19/05/1893	Transmite notícias de familiares comenta nova publicação de Teófilo Braga.	
Cx. 181, Doc. 001	Correspondência	Carta de Rita de Miranda		11/01/1890	Lamenta não se terem encontrado.	
Cx. 181, Doc. 001	Correspondência	Carta de Rita de Miranda		20/01/1890	Agradece envio de livro e faz comentário de leitura do mesmo.	
Cx. 168, Doc. 034	Correspondência	Carta de Ana Amélia Vilela Herédia de Barros Leite		1871	Felicitando pelo nascimento de Maria da Graça. Queixa-se das atitudes da sogra.	
Cx. 168, Doc. 079	Correspondência	Carta de Ana Amélia Vilela Herédia de Barros Leite			Aconselha Maria do Carmo e a família a mudar de casa. Solicita empréstimo para negócio.	
Cx. 168, Doc. 038	Correspondência	Carta de Maria da Encarnação da Costa Duarte			Queixa-se das dificuldades económicas e solicita a ajuda de Teófilo Braga para ajudar filho desempregado.	
Cx. 168, Doc. 040	Correspondência	Carta de Delfina Cabral Pais do Amaral		09/11/1886	Transmite pêsames pela morte do filho de Maria do Carmo. Solicita ser avisada de quando a puder ir visitar.	

Cx. 170, Doc. 008	Correspondência	Carta de Delfina Cabral Pais do Amaral	28/02/1873	Menciona que com o tempo Maria do Carmo irá acabar por gostar de Lisboa.
Cx. 168, Doc. 044	Correspondência	Carta de Maria José Sequeira	11/6/1910	Solicita ajuda para a sua situação económica, informa necessitar de arranjar outro emprego como costureira.
Cx. 168, Doc. 045	Correspondência	Carta de Rafaela Magalhães Coutinho		Informa sobre a sua situação financeira precária, pedindo interceção de Teófilo Braga para lhe arranjar um emprego como tradutora.
Cx. 168, Doc. 048	Correspondência	Carta de Maria Emília da Silva Monteiro	04/12/1894	Informa que se está a divorciar e pede que Teófilo Braga testemunhe sobre o modo como o marido a tratava em Portugal.
Cx. 168, Doc. 071	Correspondência	Carta de Marcelina	3/23/1906	Pergunta pela saúde da madrinha. Refere problemas de saúde da família. Comenta sucesso da festa de aniversário de Teófilo Braga.
Cx. 168, Doc. 072	Correspondência	Carta de Álvaro Corte Real	10/18/1910	Informa a tia que abriu um escritório de advocacia, mas que não está a ter sucesso. Solicita que fale com Teófilo Braga sobre os problemas do seu escritório ou para que este lhe arranje algum trabalho.

Cx. 168, Doc. 077	Correspondência	Carta de Sofia Loureiro Viseu Pinheiro		11/17/1910	Agradece carta de recomendação para o filho entrar na Casa Pia. Explica porque o filho não foi admitido e porquê que ainda não foi visitar a amiga.	
Cx. 201, Doc. 087	Correspondência	Carta de Sofia Loureiro Viseu Pinheiro		11/1/1910	Solicita pedido pessoal.	
Cx. 168, Doc. 078	Correspondência	Carta de Florido Menezes e Vasconcelos		21/04/1887	Transmite os pésames pela morte dos filhos. Coloca a sua casa à disposição do casal, pedindo-lhe que se juntem a ela.	
Cx. 179, Doc. 083	Correspondência	Carta de Florido Menezes e Vasconcelos			Apresenta condolências pela morte da mãe, Ana Amália.	
Cx. 168, Doc. 085	Correspondência	Carta de José de Azevedo		4/24/1901	Envio de encomendas. Venda de terreno, garante devolução de dinheiro, caso a compra não se concretize.	
Cx. 168, Doc. 096	Correspondência	Carta de José de Azevedo			Informa da morte do seu neto António. Transmite notícias da restante família.	
Cx. 168, Doc. 097	Correspondência	Carta de José de Azevedo		10/23/1900	Informa que tem o dinheiro deles.	
Cx. 170, Doc. 081	Correspondência	Carta de José de Azevedo		06/05/1885	Menciona ter tido notícias de António Pedro, residente no Brasil.	

Cx. 168, Doc. 080	Correspondência	Carta de Noémia			Solicita ajuda com correspondência. Pergunta se Maria do Carmo não lhe faz uma visita.	
Cx. 168, Doc. 089	Correspondência	Carta de Maria Jacinta Carvalho			Agradece a amizade e o fato de ter pago o vestido de sua filha. Avisa-a de quando a vai visitar.	
Cx. 168, Doc. 091	Correspondência	Carta de Emília Rego		12/05/1891	Agradece a oferta do livro "A maior dor humana". Lamenta estar longe das amigas de infância.	
Cx. 170, Doc. 077	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Azevedo		11/8/1910	Menciona a implantação da república. Pede emprego para o marido.	
Cx. 170, Doc. 087	Correspondência	Carta de Beatriz Neves		10/17/1910	Solicita auxílio a Maria do Carmo para que Teófilo Braga encontre emprego ao marido.	
Cx. 170, Doc. 090	Correspondência	Carta de Maria Grisaldes			Discorrendo sobre a vida e poesia.	
Cx. 177, Doc. 082	Correspondência	Carta de Adelaide Falcão		9/17/1905	Conta a sua estadia nas Caldas da Rainha.	
Cx. 181, Doc. 104	Correspondência	Carta de Alberto Sarti			Combina horário e local de uma lição.	
Cx. 211, Doc. 006	Correspondência	Carta de Maria João Mota		10/13/1910	Felicitando pela implantação da república. Alude a factos pessoais.	
Cx. 211, Doc. 046	Correspondência	Carta de Plácido Sousa		10/20/1910	Felicitando pela implantação da república.	

Cx. 218, Doc. 104	Correspondência	Carta de Adelaide P. Vasconcelos		10/8/1910	Felicitando pela implantação da república.	
Cx. 230, Doc. 139	Correspondência	Carta de Manuel de Arriaga		24/02/1895	Felicita Teófilo Braga pelo aniversário e oferece a sua casa.	
Cx. 232, Doc. 127	Correspondência	Carta de Maria Amália Azevedo Guimarães			Desejando boas festas.	
Cx. 218, Doc. 084	Correspondência	Carta de remetente não identificado			Alude a assuntos pessoais do quotidiano, como o trabalho do linho.	
Cx. 219, Doc. 068	Correspondência	Carta de remetente não identificado		8/12/1906	Alude a factos pessoais.	
Cx. 055, Doc. 091	Correspondência	Carta de Maria Velleda			Pedido pessoal para a sua candidatura a professora seja aceite fora do prazo, intercedendo junto de Teófilo Braga.	
Cx. 113, Doc. 074	Correspondência	Carta de Maria			Tece considerações sobre algumas obras. Menciona projeto musical em que está a trabalhar.	
Cx. 168, Doc. 046	Correspondência	Carta de Júlia		10/15/1910	Felicita a madrinha pela implantação da república.	
Cx. 168, Doc. 047	Correspondência	Carta de Júlia		Oct-10	Felicita pela implantação da república.	

B.P.A.R.P.D.  
(Divisão de  
Arquivo -  
Arquivo  
Pessoal  
Teófilo Braga)

Cx. 005, Doc. 001	Correspondência	Carta de Teófilo Braga		14/07/1868	Menciona a realização de um exame de grego para admissão no exame de licenciatura, manifesta a vontade de se candidatar a docente da Academia Politécnica do Porto e refere outros factos pessoais.
Cx. 005, Doc. 002	Correspondência	Carta de Teófilo Braga		24/07/1868	Informa da realização do exame de licenciatura e da sua aprovação e menciona também outros factos pessoais.
Cx. 005, Doc. 003	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	16/07/1868	Manifesta preocupação pelo seu estado de saúde e menciona a existência de vagas para docência na Academia Politécnica do Porto.
Cx. 005, Doc. 004	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	09/07/1868	Alude aos preparativos para o exame de licenciatura e refere-se à opinião positiva que o "Jornal de Coimbra", jornal dos docentes da universidade, manifesta a seu respeito.
Cx. 005, Doc. 005	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	12/07/1868	Alude ao estudo e realização de exames e aos custos das teses.
Cx. 005, Doc. 006	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	27/06/1868	Menciona como foi a viagem, refere ir a casa de Redol e receção de cartas a agradece as teses.

Cx. 005, Doc. 007	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	24/05/1868	Menciona factos relaciona- dos com as suas teses.	
Cx. 005, Doc. 008	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	14/05/1868	Alude à preparação das teses e refere a candidatura a docente na Academia Politécnica do Porto.	
Cx. 005, Doc. 009	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	03/05/1868	Refere factos da sua chega- da a Coimbra.	
Cx. 005, Doc. 010	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	09/10/1868	Refere-se à sua partida de Coimbra e a um concurso para docente.	
Cx. 005, Doc. 011	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	27/07/1868	Menciona o seu estado de saúde e a entrega de dinhei- ro de propinas.	
Cx. 005, Doc. 012	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	29/03/1868	Manifesta optimismo relati- vamente ao concurso a docente na Academia Politécnica do Porto.	
Cx. 005, Doc. 013	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	23/03/1868	Explica a razão de não ter respondido logo à carta recebida, manifesta sauda- des e amor e aludindo à dedicatória feita ao irmão na sua tese.	
Cx. 005, Doc. 014	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	22/03/1868	Menciona assuntos relativos ao casamento e outros fac- tos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 015	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	15/03/1868	Refere o concurso a docente na Academia Politécnica do Porto e às suas teses.	

Cx. 005, Doc. 016	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	08/03/1868	Refere-se a assuntos do casamento e do concurso à Academia Politécnica do Porto.
Cx. 005, Doc. 017	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	01/03/1868	Refere-se ao casamento e ao concurso a docente na Academia Politécnica do Porto.
Cx. 005, Doc. 018	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	27/02/1868	Alude à chegada a Coimbra, depois de umas férias no Porto.
Cx. 005, Doc. 019	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	19/02/1868	Refere a tese do seu doutoramento.
Cx. 005, Doc. 020	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	16/02/1868	Alude ao casamento e ao concurso a docente na Academia Politécnica do Porto.
Cx. 005, Doc. 021	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	13/02/1868	Alude ao concurso a docente na Academia Politécnica do Porto.
Cx. 005, Doc. 022	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	09/02/1868	Menciona não ir brevemente ao Porto por causa dos estudos. Alude à dissertação e refere o casamento e seus preparativos.
Cx. 005, Doc. 023	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	02/02/1868	Alude à sua dissertação.
Cx. 005, Doc. 024	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	26/01/1868	Refere o arrendamento de uma casa e outros factos pessoais.

Cx. 005, Doc. 025	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	19/01/1868	Refere o arrendamento de uma casa e outros factos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 026	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	12/01/1868	Refere factos pessoais e fala da sua dissertação.	
Cx. 005, Doc. 027	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	07/01/1868	Manifesta saudades e aludindo a acontecimentos passados.	
Cx. 005, Doc. 028	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	28/12/1867	Menciona ser a última a sua única confidente e declara que estarão juntos brevemente.	
Cx. 005, Doc. 029	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	01/12/1867	Alude às obras "Cancioneiro Popular colligido da Tradição" e "Romanceiro Geral Português" e refere-se à sua casa.	
Cx. 005, Doc. 030	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	29/11/1867	Alude ao primeiro trabalho como advogado e ao reconhecimento público que as suas obras lhe têm dado.	
Cx. 005, Doc. 031	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	23/11/1867	Alude ao primeiro trabalho como advogado na Lousã e refere a sua dissertação.	
Cx. 005, Doc. 032	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	17/11/1867	Indica o envio de três volumes de uma obra sua., Alude ao início da elaboração de uma dissertação e refere factos pessoais.	

Cx. 005, Doc. 033	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	13/11/1867	Felicita-a pelo aniversário e refere factos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 034	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	03/11/1867	Declara não poder ir brevemente ao Porto devido à dissertação, manifesta saudades e alude ao casamento.	
Cx. 005, Doc. 035	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	30/10/1867	Alude à compra de uma mesa, sugere a compra de uma mesa de costura e manifesta saudades.	
Cx. 005, Doc. 036	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	27/10/1867	Manifesta saudades e expressa o seu amor. Alude à pesquisa para compra de mobiliário e menciona o casamento.	
Cx. 005, Doc. 037	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	20/10/1867	Refere factos pessoais e aludindo à entrada da sua tese em censura.	
Cx. 005, Doc. 038	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	17/10/1867	Refere factos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 039	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	13/10/1867	Menciona a aquisição de algumas obras raras e o final da impressão do "Romanceiro Geral Português".	
Cx. 005, Doc. 040	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	07/10/1867	Refere factos pessoais.	

Cx. 005, Doc. 041	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	8/8/1909	Menciona a sua intimação para depor no 4.º Distrito Criminal e refere outros factos pessoais.
Cx. 005, Doc. 042	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	7/23/1909	Consola-a pelos momentos de solidão.
Cx. 005, Doc. 043	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	7/27/1909	Refere os seus trabalhos e menciona factos pessoais.
Cx. 005, Doc. 044	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	06/10/1865	Fala da estadia em Coimbra e das aulas.
Cx. 005, Doc. 045	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	25/10/1865	Refere assuntos pessoais relativos ao seu namoro.
Cx. 005, Doc. 046	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	16/11/1865	Refere assuntos pessoais relativos ao seu namoro.
Cx. 005, Doc. 047	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	24/11/1865	Alude a uma carta de recomendação entregue por um padre polaco com o objectivo de promover uma subscrição a favor dos emigrados da Polónia e ao facto de ser um homem público e discorre sobre o papel do marido.
Cx. 005, Doc. 049	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	14/12/1865	Menciona os agradecimentos da Academia das Ciências pela dedicatória de Teófilo Braga na obra "Poesia do Direito".

Cx. 005, Doc. 050	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	4/10/2010	Menciona a apresentação das suas teses e a preparação para o concurso a docente na Academia Politécnica do Porto.	
Cx. 005, Doc. 051	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Porto	27/09/1867	Alude à viagem realizada. Menciona o trabalho na tipografia e a mudanças na casa onde habita.	
Cx. 005, Doc. 052	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	02/10/1867	Alude às matriculas e menciona ir ver casas.	
Cx. 005, Doc. 053	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Viana do Castelo	16/08/1874	Anuncia a chegada a Viana do Castelo e manifesta preocupação pelo estado de saúde da esposa.	
Cx. 005, Doc. 054	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Viana do Castelo	17/08/1874	Refere assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 055	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Viana do Castelo	21/08/1874	Manifesta preocupação pelo estado de saúde de sua esposa, bem como refere outros assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 056	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	22/07/1870	Menciona a viagem realizada e conta sobre o seu dia.	
Cx. 005, Doc. 57	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	24/07/1875	Menciona questões profissionais e alguns factos pessoais.	

Cx. 005, Doc. 058	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	26/07/1875	Refere assuntos profissionais e manifesta preocupações pelo estado de saúde da filha, Maria da Graça.	
Cx. 005, Doc. 059	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	28/07/1875	Manifesta preocupações com o estado de saúde da filha e refere assuntos profissionais.	
Cx. 005, Doc. 060	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	30/07/1875	Menciona a orientação dos exames, a doença da filha Maria da Graça e refere outros assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 061	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	01/08/1875	Menciona a convalescença da filha, Maria da Graça, a orientação dos exames e outros factos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 062	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	04/08/1875	Menciona a elaboração de um artigo por Platão, no jornal de S. Petersburgo "O Mundo Russo", sobre as suas obras.	
Cx. 005, Doc. 063	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	07/08/1875	Menciona a orientação dos exames e outros assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 064	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	11/08/1875	Menciona a remuneração monetária dos exames e assuntos pessoais.	

Cx. 005, Doc. 065	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	15/08/1875	Menciona os exames e viagem para Santarém e alude a questões monetárias.
Cx. 005, Doc. 066	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Santarém	18/08/1875	Alude à chegada a Santarém e refere assuntos pessoais.
Cx. 005, Doc. 067	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	14/05/1886	Alude à convescência da filha, Maria da Graça.
Cx. 005, Doc. 068	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	8/1/1909	Alude ao estado de saúde da esposa e a outros assuntos pessoais.
Cx. 005, Doc. 069	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	17/03/1874	Alude ao estado de saúde da esposa e refere outros assuntos pessoais.
Cx. 005, Doc. 070	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	20/03/1874	Refere a gravidez da esposa (do filho mais novo, Teófilo) e outros assuntos pessoais.
Cx. 005, Doc. 071	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	24/03/1874	Fala da família da mulher e alude a questões monetárias.
Cx. 005, Doc. 072	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	27/03/1874	Refere assuntos pessoais, nomeadamente a construção de uma casa.
Cx. 005, Doc. 073	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	05/04/1874	Expressa felicidade pelo nascimento do seu filho mais novo, Teófilo.
Cx. 005, Doc. 074	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	07/04/1874	Refere o nascimento do filho mais novo, Teófilo, e a convescência da esposa.

Cx. 005, Doc. 075	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	10/04/1874	Refere a convalescência após o parto.	
Cx. 005, Doc. 076	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	14/04/1874	Refere o nascimento do filho Teófilo e outros assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 077	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	17/04/1874	Alude ao nascimento do filho.	
Cx. 005, Doc. 078	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	21/04/1874	Alude à saúde da esposa e ao filho recém-nascido, menciona questões profissionais e familiares.	
Cx. 005, Doc. 079	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	24/04/1874	Refere assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 080	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	28/04/1874	Alude ao filho recém-nascido. Refere o pedido de Guilherme relativamente a barris de vinho. Menciona a companhia de edificação lisbonense, bem como a possibilidade de alugar uma quinta.	
Cx- 005, Doc. 081	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	10/05/1874	Alude à intenção de construir uma casa e refere-se a outros assuntos pessoais e à vida profissional.	

Cx. 005, Doc. 082	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	05/05/1874	Menciona não ter ido a Cascais. Alude à família e a um batizado. Refere a tra- dução da obra "História da Literatura Portuguesa" para alemão e a visita de António Augusto.
Cx. 005, Doc. 083	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	08/05/1874	Menciona assuntos pessoais e profissionais.
Cx. 005, Doc. 084	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	12/05/1874	Menciona o falecimento de um tio do Brasil, deixando- -lhe uma herança de 400 mil réis em moeda brasileira e refere também a procura de casa e a recuperação da mulher após o parto.
Cx. 005, Doc. 085	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	15/05/1874	Aludindo a problemas com a ama do filho Teófilo e refere assuntos profissio- nais.
Cx. 005, Doc. 086	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	19/05/1874	Alude à orientação dos exa- mes e a assuntos pessoais.
Cx. 005, Doc. 087	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	22/05/1874	Menciona a procura de casa ou quinta para comprar.
Cx. 005, Doc. 088	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	26/05/1874	Refere a compra de uma quinta em Caneças.
Cx. 005, Doc. 089	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	29/05/1874	Refere a visita realizada à quinta em Caneças, que deseja comprar.

Cx. 005, Doc. 090	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	13/03/1874	Manifesta preocupação com a esposa e refere assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 091	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	12/03/1874	Manifesta preocupação com a esposa. Conta sobre as arrumações realizadas na casa e alude a Tedeschi.	
Cx. 005, Doc. 092	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	08/02/1873	Menciona um favor feito ao irmão da esposa. Refere-se às remodelações da casa e à família.	
Cx. 005, Doc. 093	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	06/02/1873	Alude à viagem da última e à casa que habitarão.	
Cx. 005, Doc. 094	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	04/02/1873	Refere a ida de sua esposa a Lisboa.	
Cx. 005, Doc. 095	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	02/02/1873	Alude à vinda da última para Lisboa, à casa e menciona a filha.	
Cx. 005, Doc. 096	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	29/01/1873	Refere a ida de sua esposa a Lisboa.	
Cx. 005, Doc. 097	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	26/01/1873	Alude à vinda da esposa para Lisboa e aos preparativos realizados.	
Cx. 005, Doc. 098	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	19/01/1873	Refere assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 099	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	17/01/1873	Menciona a regência da cadeira de Filosofia Transcendente, no Curso Superior de Letras.	

Cx. 005, Doc. 100	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	11/01/1873	Refere-se à viagem de regresso e à casa.	
Cx. 005, Doc. 101	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	02/12/18872	Declara terem chegado os móveis e encomendas enviadas para a casa.	
Cx. 005, Doc. 102	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	05/12/1872	Fala da casa em que irão viver, dos preparativos a realizar e menciona ter arranjado a companhia de Carrilho Videira para guardar a casa.	
Cx. 005, Doc. 103	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	08/12/1872	Refere assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 104	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	10/12/1872	Alude ao mobiliário e enxoval enviado para a casa, bem como às arrumações realizadas.	
Cx. 005, Doc. 105	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	15/12/1872	Menciona a nomeação para sócio da Academia de História de Madrid, por unanimidade, assim como assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 106	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	17/01/1871	Alude ao regresso a Coimbra.	
Cx. 005, Doc. 107	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	22/01/1871	Menciona a candidatura à Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, bem como outros assuntos pessoais.	

Cx. 005, Doc. 108	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	24/01/1871	Menciona a candidatura a docente para a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.
Cx. 005, Doc. 109	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	29/01/1871	Refere a candidatura a docente para a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.
Cx. 005, Doc. 110	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	05/02/1871	Refere a candidatura a docente para a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e alude a assuntos pessoais.
Cx. 005, Doc. 111	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	08/02/1871	Refere o seu estado de saúde e o da sua esposa.
Cx. 005, Doc. 112	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	25/02/1871	Alude ao boato que os len-tes fariam uma conferência secreta a fim de combinar os votos e refere-se à família.
Cx. 005, Doc. 114	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	31/10/1872	Alude à visita de uma casa que pretende alugar.
Cx. 005, Doc. 115	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	02/11/1872	Refere o arrendamento de um casa e outros assuntos pessoais.
Cx. 005, Doc. 116	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	11/7/1972	Menciona a sua actividade de docente no Curso Superior de Letras e refere-se a assuntos pessoais.

Cx. 005, Doc. 117	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	10/11/1872	Menciona as preleções realizadas, conta os planos para a acomodação na casa e refere ter ido ao teatro ouvir a "Africana".
Cx. 005, Doc. 118	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	13/11/1872	Menciona o aniversário da última e fala da preparação da casa a fim de se poderem aí acomodar.
Cx. 005, Doc. 119	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	17/11/1872	Refere os preparativos da casa em que vão viver.
Cx. 005, Doc. 120	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	24/11/1872	Alude à casa e aos preparativos para poderem ir aí viver.
Cx. 005, Doc. 121	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	28/11/1872	Alude à saúde da filha, Maria da Graça e aos preparativos para se poderem acomodar na nova casa.
Cx. 005, Doc. 122	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	29/11/1872	Refere os preparativos para a acomodação na nova casa.
Cx. 005, Doc. 123	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	30/04/1872	Alude a assuntos pessoais e profissionais.
Cx. 005, Doc. 124	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	03/05/1872	Menciona a apresentação de um requerimento ao Ministério do Reino, contra dois colegas, relativamente ao concurso ao Curso Superior de Letras.

Cx. 005, Doc. 125	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	05/05/1872	Alude a anomalias no concurso para o Curso Superior de Letras e refere-se a outros assuntos pessoais.
Cx. 005, Doc. 126	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	09/05/1872	Alude ao concurso para o Curso Superior de Letras.
Cx. 005, Doc. 127	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	12/05/1872	Alude ao concurso para o Curso Superior de Letras.
Cx. 005, Doc. 128	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	19/05/1872	Refere-se a factos pessoais e à sua actividade profissional.
Cx. 005, Doc. 129	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	22/05/1872	Refere assuntos pessoais e profissionais.
Cx. 005, Doc. 130	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	26/05/1872	Alude ao concurso para o Curso Superior de Letras.
Cx. 005, Doc. 131	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	01/06/1872	Alude ao concurso para o Curso Superior de Letras.
Cx. 005, Doc. 132	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	04/06/1872	Refere factos pessoais e profissionais.
Cx. 005, Doc. 133	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	18/06/1872	Alude ao concurso para o Curso Superior de Letras.
Cx. 005, Doc. 134	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	23/06/1872	Alude à obtenção do cargo de docente no Curso Superior de Letras.

Cx. 005, Doc. 135	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	15/10/1872	Refere assuntos pessoais e profissionais.	
Cx. 005, Doc. 136	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	19/10/1872	Anuncia a sua nomeação para Secretário do Curso Superior de Letras.	
Cx. 005, Doc. 137	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	27/10/1872	Argumenta contra a sugestão de pagamento de direitos de mercê. Menciona questões profissionais, alude à possibilidade de comprar uma casa e refere a saúde da filha Maria da Graça.	
Cx. 005, Doc. 138	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	26/11/1864	Refere factos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 139	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	31/01/1871	Alude a assuntos pessoais e profissionais.	
Cx. 005, Doc. 140	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	24/06/1872	Refere factos pessoais e profissionais.	
Cx. 005, Doc. 141	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	15/01/1866	Declara o seu amor.	
Cx. 005, Doc. 142	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	08/11/1865	Refere assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 143	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	04/11/1866	Relata assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 144	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	31/10/1866	Narra episódios da vida pessoal.	
Cx. 005, Doc. 145	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	27/10/1866	Refere assuntos pessoais.	

Cx. 005, Doc. 146	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	09/01/1866	Alude a assuntos pessoais e transcreve um poema de Victor Hugo.	
Cx. 005, Doc. 147	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	10/04/1866	Alude a assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 148	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Porto	19/05/1866	Refere factos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 149	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	22/10/1866	Alude a assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 150	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	26/09/1866	Menciona assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 151	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	30/09/1866	Alude a assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 152	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	17/10/1866	Refere assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 153	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	02/12/1866	Manifesta saudades e declarando o seu amor.	
Cx. 005, Doc. 154	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	20/04/1872	Relata a sua visita a Aveiro e a chegada a Lisboa.	
Cx. 005, Doc. 155	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Porto	27/04/1872	Alude a assuntos pessoais.	
Cx. 005, Doc. 157	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	10/11/1867	Alude a assuntos pessoais.	
Cx. 012, Doc. 113	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	27/06/1866	Refere-se à data de chegada a Coimbra e ao tempo que fazia, dando também conta de algumas reflexões pessoais.	
Cx. 012, Doc. 114	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	29/04/1866	Refere-se às saudades e ao grande amor que sente pela última.	

Cx. 012, Doc. 115	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	22/04/1866	Describe o aspecto de um jovem alferes que lhe bateu à porta. Manifesta o grande amor que sente por sua mulher. Crítica a situação política do país e reflecte também sobre algumas questões internacionais.	
Cx. 012, Doc. 116	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	14/04/1866	Informa da sua intensa actividade académica, dando conta das saudades e do grande amor que sente por sua esposa.	
Cx. 012, Doc. 117	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	22/01/1866	Refere-se a Dona Ana como alguém que aprecia imenso, faz igualmente algumas reflexões pessoais sobre a vida.	
Cx. 012, Doc. 118	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	04/03/1866	Refere-se a seu irmão, que pediu a sua intervenção para arranjar uma vaga no Porto para primeiro-sargento, dando também conta de um plano para proteger sua mulher do mal que a madrastra lhes pode causar e manifestando grandes saudades em relação a Maria do Carmo.	

Cx. 012, Doc. 119	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	31/01/1866	Justifica a razão pela qual não escreve há tanto tempo e faz algumas reflexões em relação à sua vida.
Cx. 012, Doc. 120	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	15/02/1866	Refere-se aos seus sentimentos e às formas de os expressar, manifestando todo amor que sente por Maria do Carmo Xavier de Barros Leite.
Cx. 012, Doc. 121	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Coimbra	11/02/1866	Refere-se à morte de um bom amigo, de nome Pacheco.
Cx. 237, Doc. 004	Correspondência	Carta de Teófilo Braga	Lisboa	22/10/1872	Manifesta receio pelas preocupações da mulher, anunciando ter encontrado uma casa para viver com a família, descrevendo-a e pedindo opinião sobre a casa.
Cx. 170, Doc. 082	Correspondência	Carta de Teófilo Braga (filho)	Lisboa	28/02/1884	Manifesta o desejo de lhe escrever.
Cx. 089, Doc. 042	Recibo	Escola Maternal	Lisboa	8/1/1907	Recibo da Escola Maternal, para Maria do Carmo Xavier.
Cx. 080, Doc. 051	Recibo	Associação de Escolas Móveis pelo Método de João de Deus	Lisboa	1/11/1908	Recibo da Associação de Escolas Móveis pelo Método de João de Deus, para Maria do Carmo Braga pelo pagamento da subscrição.

Cx. 170, Doc. 004	Correspondência	Carta de António Pedro Barros Leite	Porto	11/03/1873	Acusa a recepção de cartas desta última, justificando o atraso da resposta pelo facto de ter estado doente. Fala sobre o estado do tempo, do estado de saúde da família, revelando saudades da irmã e da sobrinha, e menciona ainda os vizinhos.	
Cx. 166, Doc. 017	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite			Agradecendo a carta de Teófilo Braga, dizendo que a filha Maria da Graça está melhor, falando sobre a mãe, mostrando descontentamento em relação à carta de um amigo.	
Cx. 166, Doc. 021	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite			Queixando-se de problemas com a recepção e envio do correio, avisando-o da doença da filha Maria da Graça.	
Cx. 166, Doc. 028	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite			Acusando a recepção de uma carta de Teófilo Braga, falando sobre a viagem de Teófilo Braga, pedindo que mande um bilhete-postal a confirmar a partida.	

Cx. 166, Doc. 013	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite	07/05/1874	Acusando a recepção de uma carta de Teófilo, falando sobre o baptismo do filho Teófilo Braga, transmitindo cumprimentos dos que estiveram presentes no baptizado, pedindo uma decisão em relação a manter relações cordiais com a mãe de Maria do Carmo Braga, dizendo como passam de saúde, confessando preocupação em relação à constituição de Teófilo Braga, falando sobre as suas leituras.	
Cx. 166, Doc. 015	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite		Acusando a recepção de uma carta de Teófilo Braga e respondendo afirmativamente ao plano de Teófilo Braga ir visitá-la, fazendo recomendações em relação à casa.	
Cx. 166, Doc. 019	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite		Acusando a recepção de uma carta de Teófilo Braga, confirmando a data de chegada dele, falando sobre a filha Maria da Graça, fazendo recomendações em relação à casa e à organização da bagagem de Teófilo Braga.	

Cx. 237, Doc. 003	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite	29/04/1874	Dando notícias da sua saúde, do filho, mencionando os negócios com Anselmo e o baptizado do filho Teófilo.	
Cx. 166, Doc. 029	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite		Acusando a recepção de uma carta de Teófilo Braga, falando sobre questões financeiras e o aluguer de uma casa, referindo como passam de saúde. Contendo um autógrafo da filha Maria da Graça.	
CX. 166, Doc. 016	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite		Acusando a recepção de uma carta de Teófilo Braga, fazendo queixas da ama de leite, falando da sua saúde, referindo questões financeiras, relatando a doença da filha Maria da Graça, pedindo a Teófilo Braga que não vá ao Algarve.	
Cx. 166, Doc. 025	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite		Falando de negócios envolvendo acções, pedindo a resposta célere de Teófilo Braga, queixando-se da mãe e falando da boa saúde das crianças.	

Cx. 166, Doc. 010	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite			Acusando a recepção de uma carta de Teófilo Braga, queixando-se de dores de cabeça, dando notícias da saúde de familiares, deixando a Teófilo Braga a decisão sobre a casa, transmitindo cumprimentos de familiares e conhecidos.	
Cx. 166, Doc. 026	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite		10/05/1874	Agradecendo a carta que ele enviou à sogra, falando sobre a necessidade de uma nova ama de leite e de alguns problemas de saúde de que tem padecido, acusando a recepção de uma carta de Teófilo Braga, pedindo-lhe que tenha cuidado com a sua saúde, fazendo votos para a vida futura.	
Cx. 166, Doc. 014	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite		16/05/1874	Falando sobre a contratação de uma nova ama de leite e dos cuidados com a casa antes da viagem de Teófilo Braga, queixando-se de não ter leite, falando sobre a sua saúde e do filho.	

Cx. 166, Doc. 009	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite	Linha do Douro	<p>Queixando-se de não receber cartas de Teófilo Braga, pedindo notícias, acusando a recepção da carta da condessa avisando que vai viajar para o Juncal, pedindo para que Teófilo Braga avise quando irá ter com ela e que transmita cumprimentos a familiares, queixando-se de dores de cabeça, fazendo recomendações para a viagem de Teófilo Braga até junto da família.</p>	
Cx. 166, Doc. 020	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite		<p>Aconselhando prudência na compra de uma quinta em Caneças, pedindo para esperar até que ela a possa ver, informando que estão todos bem, dando notícias de amigos da família.</p>	
Cx. 166, Doc. 048	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite		<p>Falando do tempo de convalescença que este lhe impôs, referindo a dificuldade em arranjar uma ama de leite, recordando com saudade o tempo que passaram juntos, falando de amigos da família e transmitindo um recado, termina dizendo que o parto está para breve.</p> <p>Post scriptum de António Pedro Barros Leite, cunhado, informando como está de saúde Maria do Carmo Braga e que a criança ainda não nasceu.</p>	<p>02/04/1874</p>
					<p>Maria do Carmo Barros Leite escreveu a Manuel de Airão para lhe arranjar uma ama de leite.</p>

Cx. 166, Doc. 023	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite	17/04/1874	<p>Falando da sua saúde, da dificuldade de amamentar o filho, descrevendo o filho e prevendo a felicidade da sua família, acusando a recepção de uma carta de Teófilo Braga, queixando-se da ama de leite, dando notícias sobre política, referindo o problema de não terem uma casa que satisfaça as suas necessidades.</p>	
Cx. 166, Doc. 049	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite	26/04/1874	<p>Congratulando-se por nenhuma carta dele se ter perdido, agradecendo as folhas de rosa, falando sobre as saudades e a felicidade que sente, referindo a abnegação que marca a vida deles, declarando a sua felicidade, apesar das contrariedades, enviando uma madeixa de cabelo do filho Teófilo.</p>	

Cx. 166, Doc. 024	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite		31/03/1874	<p>Esperando uma carta de Teófilo Braga, falando sobre as recomendações da Clementina, referindo as visitas que teve, fazendo recomendações em relação à casa e pedindo que Teófilo Braga se cuide, referindo questões financeiras, acusando a recepção de uma carta e de dinheiro da parte de Teófilo Braga, falando sobre familiares e pormenores da viagem, expondo ganhos com acções e falando sobre as despesas acrescidas com mais uma criança, elogiando a filha, Maria da Graça.</p>	
Cx. 168, Doc. 068	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite	Lisboa		<p>Acusando a recepção de uma carta de Ana Vilela, refutando as acusações que a cunhada lhe faz e declarando não voltar a ler nem a escrever-lhe cartas que versem sobre tais assuntos.</p>	

Cx. 166, Doc. 027	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite	Conjunto de quatro cartas, datadas entre 12 e 16 de Março, de Maria do Carmo Braga, mulher, para Teófilo Braga dando notícias da viagem que fez com a filha, falando da estadia junto da família, referindo a visita de amigos e dando conta de encomendas enviadas a Teófilo Braga.	
Cx. 166, Doc. 046	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite	Acusando a recepção de uma carta de Teófilo Braga, falando de assuntos financeiros, queixando-se das atitudes da mãe e descrevendo uma indisposição de saúde, assegurando que a filha está bem, referindo o desejo de ter uma casa nova, fazendo recomendações para o envio de encomendas e referindo que Teófilo Braga só a deve visitar quando for mesmo necessário.	Trata de finanças (letras de câmbio e títulos de ações).

Cx. 166, Doc. 050	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite	19/03/1874	Falando sobre questões financeiras, transmitindo um recado de um amigo acerca de problemas com a publicação de um escrito de Graça Barreto, falando do estado de saúde da família, da dificuldade em encontrar uma ama de leite e do envio de uma máquina de café.	
Cx. 166, Doc. 030	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite	02/05/1874	Acusando a recepção de uma carta de Teófilo Braga, falando sobre os preparativos do batizado do filho, fazendo recomendações sobre gestão doméstica, falando sobre o custo da casa, transmitindo um recado de um conhecido, referindo que estão bem de saúde, queixando-se da ama de leite e chamando a atenção para as dificuldades do ano.	

Cx. 166, Doc. 002	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite			Acusando a recepção de uma carta de Teófilo Braga, falando do reencaminhamento de correspondência, referindo as melhoras de saúde da filha, fazendo contas sobre as poupanças do casal, recusando uma viagem ao sul do país, referindo a visita de familiares, perguntando se têm zelado pelos animais, declarando ter saudades de casa, pedindo-lhe que escreva à irmã, despedindo-se afectuosamente.	
Cx. 166, Doc. 012	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite		21/05/1874	Manifestando alegria pela notícia da visita de Teófilo Braga em breve, fazendo recomendações em relação à casa, referindo a ajuda de um conhecido para receber a herança de um tio falecido no Brasil, falando da saúde do filho, perguntando a data certa da vinda de Teófilo Braga, falando sobre a nova ama de leite.	

Cx. 166, Doc. 008	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite	28/03/1874	<p>Acusando a recepção de uma carta de Teófilo Braga, preocupada com a solidão do marido, falando sobre a saúde, falando dos preparativos para o nascimento da criança, falando sobre as preocupações que os filhos dão, falando sobre a divisão de dinheiro de família, denunciando o esbanjamento financeiro de um familiar, declarando o seu amor por Teófilo Braga, falando no projecto de arranjar uma casa, dizendo que a filha deles está bem e que em breve nasce mais um filho.</p>	
Cx. 166, Doc. 047	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite	1874	<p>Referindo que se levantou da cama, falando sobre a recusa de Ernest Renan para sócio da Academia das Ciências, congratulando-se por Teófilo Braga não fazer parte dessa "súcia", referindo notícias da política francesa, dando notícias de amigos e do resto da família, aconselhando a que Teófilo Braga diga ao Conselheiro Lima que tem um filho e a ter cuidado com a saúde, lembrando-o do aniversário de casamento.</p>	

Cx. 166, Doc. 011	Correspondência	Carta de Maria do Carmo Barros Leite	11/04/1874	Agradecendo as palavras de Teófilo Braga, pedindo que ele escreva à sogra, falando sobre a saúde do filho recém-nascido e fazendo considerações sobre a ama, referindo as dificuldades em alimentar a criança, mostrando preocupação com o orçamento familiar. Post scriptum deixando a cargo de Teófilo Braga a escolha do nome do filho, falando da recuperação do parto, fazendo recomendações sobre assuntos domésticos e referindo a boa saúde da filha.	
Cx. 170, Doc. 010	Testamento	Testamento de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			
Cx. 170, Doc. 173	Correspondência	Carta de Ana Amália Martins da Cruz Xavier			Sem remetente.
Cx. 101, Doc. 050	Testamento	Testamento de Maria do Carmo Barros Leite	15/05/1887		

TB Cx.12/31 RES	Impresso	<i>A maior dor humana</i> , de Camilo Castelo Branco (trad. Diogo Garoglio)	Génova	1897		Dedicada apenas a Maria do Carmo Barros Leite.
TB/MUS 307 RES	Partitura	<i>A maior dor humana</i> , de Camilo Castelo Branco (mus. de Maria Grisaldes)				Dedicado a Teófilo Braga e a Maria do Carmo Barros Leite.
TB A/1311 RES	Impresso	<i>A maior dor humana: coroa de saudades oferecida a Theóphilo Btaga e sua esposa para a supultura de seus filhos</i> , de João de Deus (coord.)	Porto	1889		Dedicado a Teófilo Braga e a Maria do Carmo Barros Leite. Editado por Anselmo Morais, um amigo de família do casal.
TB B/43 RES	Impresso	<i>Breves considerações sobre a hygiene do vestuario feminino : dissertação inaugural apresentada á Escola Medico-Cirurgica do Porto</i> , de Laurinda Morais Sarmento	Porto	1891		Dedicada à família de Teófilo Braga.

B. P. A. R. P. D.  
(Divisão de  
Biblioteca -  
Livraria  
Teófilo Braga)

TB B/42 RES	Impresso	<i>Hygiene da primeira infancia : dissertação inaugural apresentada à escola medico-cirurgica do Porto, de Aurélia Moraes de Sarmento</i>	Porto	1891		Dedicada à família de Teófilo Braga.
TB CX.60.16 RES	Impresso	<i>Dispensario para crianças : inaugurado solemnemente em 6 de Janeiro de 1905 : relatório e contas dos mezes de Dezembro de 1905 a Dezembro de 1906</i>	Lisboa	1907		Enviado para Maria do Carmo Barros Leite.
TB CX.119.18 RES	Impresso	<i>Dispensario para crianças : inaugurado solemnemente em 6 de Janeiro de 1905 : relatório e contas do ano de 1907 / Comissão de Beneficência da Freguesia de Santa Isabel</i>	Lisboa	1908		



## Recensões críticas



**Comerford, K. M. (2022). *Jesuit Libraries*. Brill.**  
<https://brill.com/display/title/60148?rkey=YCWyau&result=1>

SOFIA BETTENCOURT DA SILVA

Centro de Estudos Clássicos CEC- FLUL

sbsilva@letras.ulisboa.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3358-4842>

Kathleen M. Comerford é doutora em História pela University of Wisconsin, neste momento é Professora Auxiliar de História na Georgia Southern University. É autora das obras *Reforming Priests and Parishes: Tuscan Dioceses in the First Century of Seminary Education* de 2006, *Jesuit Foundations and Medici Power, 1532-1621*, publicada no ano de 2016. Já no ano 2021 foi dado ao prelo *Ordaining the Catholic Reformation* e *Early Modern Catholicism: essays in honour of John O'Malley*.

O presente ensaio, *Jesuit Libraries*, encontra-se estruturado em três capítulos, abordando as etapas da vida das bibliotecas jesuíticas: antes, durante e após a supressão da Companhia de Jesus, desenvolvido ao longo de noventa páginas. Na introdução a autora chama a atenção para o papel das bibliotecas na sociedade, que por um lado, preservam a informação e por outro são produtoras de conhecimento. Estas duas funções da biblioteca dependem da visão que os bibliotecários têm para o crescimento do acervo bibliográfico e da vocação das suas bibliotecas. A Companhia de Jesus desenvolveu uma tradição de biblioteconomia desde a sua criação, com o propósito da evangelização e a educação de crianças e adultos letrados no cristianismo. Para isso, os Padres da Companhia necessitavam de livros sobre retórica, interpretação da Bíblia, material de ensino, administração dos sacramentos, pregações e exercícios espirituais. As coleções das bibliotecas tiveram que ser incrementadas para dar resposta às necessidades das novas missões e colégios que foram sendo criados em diferentes partes do mundo. É nesta parte do texto que a autora coloca a questão sobre quais os assuntos que deveriam conter as bibliotecas desta Ordem Religiosa. A resposta a esta pergunta não é dada de forma direta, pois estas bibliotecas ganham mais complexidade ao longo da vida da Companhia de Jesus. Mas nesta

parte do texto é também apresentado o objetivo deste livro; abordar o que foi e é uma biblioteca jesuítica, explorando os acervos bibliográficos custodiados nos dias de hoje, sobretudo por algumas bibliotecas universitárias de todo o mundo.

No início as bibliotecas jesuíticas não eram muito diferentes das bibliotecas de outras ordens religiosas, não existindo linhas orientadoras para a sua formação. Isto fica demonstrado nos documentos mais antigos que pouco ou nada determinam quais os livros que deveriam compor as estantes das suas livrarias. A prática de biblioteconomia dos Jesuítas compreendia a coleção, a sua manutenção, distribuição e organização. Estas preocupações desenvolveram-se lentamente ao longo dos séculos XVI e XVII com a publicação de guias. O crescente interesse na formação de coleções de livros está ligado com a Reforma e a Contrarreforma. Esta crise religiosa fez com que existisse a necessidade de as instituições educacionais criarem bibliotecas que pudessem formar uma classe de ministros leal e doutrinariamente sólida.

As orientações dadas por manuais como *Musei sive bibliothecae tam privatae quam publicae extractio...* (Clément, 1635), ou, *Systema bibliothecae collegii Parisiensis Societatis Jesu* (Garnier, 1698), ou, *Bibliotheca selecta* (Possevino, 1593), para citar alguns, encontram-se ligados à possibilidade de adquirir livros a preços mais baixos durante os séculos XVI e XVII, exigindo por parte das bibliotecas critérios mais rigorosos para o crescimento dos seus acervos bibliográficos, bem como as obras que deveriam estar presentes nas bibliotecas das missões. Como resultado da publicação destes guias, existiu uma padronização da organização das bibliotecas, bem como o surgimento de novas bibliotecas. Mesmo com a publicação de vários guias, o crescimento dos acervos bibliográficos das bibliotecas da Companhia foi feito através de compras diretas, pedidos e legados de Padres Jesuítas. Outros livros foram adquiridos a impressores locais ou estrangeiros, consoante o orçamento que cada biblioteca dispunha.

A primeira parte desta obra é dedicada às bibliotecas antes da supressão, onde é questionado o tamanho das bibliotecas jesuíticas deste período, o seu conteúdo bem como o papel destas bibliotecas institucionais, ligadas aos colégios e casas religiosas de todo o mundo, começando pela Europa. O desenvolvimento das bibliotecas das missões dependeu sempre das ideias europeias e do financiamento. De acordo com a autora a Europa que se tornou o ponto de partida para compreender o que foi e é uma biblioteca jesuítica. As primeiras bibliotecas da Companhia eram pequenas para os padrões modernos, era na Europa que se concentrava o maior número de bibliotecas desta Ordem. As coleções consistiam na seleção das mais impor-

tantes obras de referência e de erudição associadas aos Jesuítas. Incluíam não só livros sobre todos os assuntos ensinados pelos seus membros, mas também continham informações sobre assuntos relacionados à expansão global da Ordem. Nos acervos destas bibliotecas existiam livros proibidos, estando em áreas específicas da biblioteca e a sua consulta não era acessível a todos, isto é, só quem tivesse autorização para os ler. Atualmente está em curso o projeto European Jesuit Libraries Provenance Project EJLPP<sup>1</sup>, liderado por Kathleen Comerford da Georgia Southern University com o objetivo de perceber como eram as coleções destas bibliotecas antes da supressão. Da análise das informações recolhidas continuamente desde 2016, foi possível comparar dados de instituições em toda a Europa. As conclusões retiradas dos dados já tratados permitem traçar um padrão das bibliotecas jesuíticas tinham um orçamento baixo e o enriquecimento do acervo era feito através de ofertas, livros comprados a impressores locais e às tipografias de colégios da Companhia. A maior parte dos autores eram Padres da Companhia de Jesus, a língua dominante dos livros era o latim e a sua temática era comum nas bibliotecas da Ordem, mas isso não impediu que nas suas estantes houvesse obras sobre a história, cultura e idioma dos locais em que estavam inseridos. Mas para este estudo ser mais abrangente é necessário incluir as missões que existiram na Europa.

Os padres jesuítas que viviam nas missões redigiam relatórios de atividades das suas casas. Estes relatos eram impressos e distribuídos pelos diferentes colégios desta Ordem para serem lidos na hora das refeições, e apresentados a potenciais patrocinadores do projeto de instrução da Companhia de Jesus.

As bibliotecas das missões fora da Europa foram inicialmente criadas de forma menos sistemática do que as europeias, estando dependentes do transporte de livros pelos próprios missionários, da generosidade dos patronos, da existência de tipografias locais e da chegada dos livros pedidos à Europa.

Na segunda parte da obra em apreço, é abordado o período durante a supressão. A expulsão dos Jesuítas iniciou-se no Brasil em 1754, e, em 1759, a ordem de expulsão alastrou-se a todo o reino de Portugal, e, paulatinamente, aos restantes reinos europeus. Durante esta etapa muitos bens dos Jesuítas passaram para as mãos de outras ordens religiosas, particulares ou foram nacionalizados. Muito antes da expulsão a Companhia de Jesus, teve significativas perdas materiais de livros. Por exemplo, no Japão, quando

---

<sup>1</sup> <https://www.jesuit-libraries.com/>.

o cristianismo passou a ser proibido, muitos livros acabaram por ser queimados. Também na Europa estas perdas foram causadas por guerras entre reinos. Mas o maior motivo para a perda de bens foi a breve papal *Dominus ac Redemptor* de supressão dos Jesuítas. Nesta fase foram feitos inventários aos bens que a Companhia de Jesus deixou para trás. Ao analisar estes inventários, a autora constatou que foram feitos de uma forma pouco cuidada na recolha dos dados com muitas omissões, o que dificulta a tarefa de reconstituição dos acervos bibliográficos. O destino dado às bibliotecas jesuíticas durante a supressão da Ordem mudou de país para país. Algumas acabaram por ser vendidas a particulares a outras ordens religiosas, quanto muito oferecidas a entidades e ordens religiosas ou a organismos públicos.

A terceira parte recaiu sobre as bibliotecas depois da restauração. Neste capítulo, a autora pretende examinar as bibliotecas em instituições que foram restabelecidas após a restauração da Ordem, bem como aquelas que foram criadas de raiz. E novamente coloca a questão sobre o que define uma biblioteca jesuítica. Atualmente existem colégios e casas da Companhia de Jesus espalhados pelo mundo, mas poucas bibliotecas têm ligação com as bibliotecas existentes antes da supressão. É possível encontrar hoje livros das bibliotecas desta Ordem antes da supressão em coleções privadas bem como ligadas a outras ordens religiosas.

Depois de a Companhia de Jesus ter sido restabelecida através da bula do Papa Pio VII, em 1814, a reabilitação não foi imediata, levantando-se algumas questões como quem financiaria estes colégios, ou se os bens que foram sequestrados poderiam ser devolvidos. A questão da propriedade dos colégios Jesuíticos nunca foi discutida, tendo sido sempre evitada mesmo depois da Ordem ter sido restaurada. As bibliotecas jesuíticas encontravam-se dispersas, ou, no mesmo lugar, mas a sua posse pertencia a outra entidade. Com o restabelecimento a Companhia de Jesus, voltou, na ótica da autora, numa posição mais vulnerável, pois já não detinham a influência intelectual, de outrora como a que gozavam antes de 1759, em que os Jesuítas dirigiam universidades e possuíam grandes bibliotecas. Esta alteração espelha uma mudança radical na vida intelectual da Igreja Católica, pois a Companhia de Jesus não só perdeu a posse das bibliotecas confiscadas, mas também as que resistiram à supressão, que acabaram por desaparecer por motivo do: mau acondicionamento, abandono, vandalismo, guerras, inundações, incêndios e sismos.

De acordo com a autora os colégios da Companhia de Jesus, criados ou restaurados desde 1814, mantiveram não só a tradição biblioteconómica dos Jesuítas, como também ajudaram a desenvolver esta disciplina. De igual

forma como aconteceu para as bibliotecas públicas, as bibliotecas Jesuíticas adotaram a catalogação, que, no século XIX, teve as primeiras tentativas para o estabelecimento de regras, da mesma forma como já no final do século XX adotaram os catálogos virtuais, tornando-as mais acessíveis ao público em geral.

Na última parte do texto são apresentadas as principais conclusões chegadas por Comerford, enquanto a presença jesuítica se espalhava por todo o mundo, com o objetivo de evangelizar, formaram grandes coleções de livros que os auxiliaram no seu propósito. Os Jesuítas são bibliotecários desde a fundação da Ordem, e essa tradição manteve-se mesmo após 1814, sendo possível hoje em dia encontrar bibliotecas com coleções significativas nas suas casas. Mas a presente investigação não se encontra concluída, existindo ainda omissões que precisam de explicações. Por exemplo, é necessário aprofundar os estudos sobre a história da impressão, educação das missões em todo mundo, como também a censura de obras impressas, onde a Companhia de Jesus teve uma forte intervenção.

As bibliotecas Jesuíticas têm sido pouco estudadas em Portugal verificando-se omissões significativas sobre diversos catálogos desta Ordem religiosa. O foco dos investigadores tem recaído sobre as bibliotecas desta Ordem religiosa que se situavam nos territórios que compreendiam o espaço ultramarino português. Prova disto é o estudo aprofundado de Serafim Leite para o Brasil (Rodrigues, 2011). Mas será necessário chamar a atenção para os arquipélagos atlânticos da Madeira (Silva, 2014), e dos Açores. Estas ilhas estrategicamente localizadas são pontos de passagem obrigatórios de muitos que se dirigiam para paragens mais longínquas ou que regressavam à Europa. A autora colocou menções significativas a Portugal, mas concentrou-se nos grandes centros como Coimbra e Lisboa, referindo muito pouco o papel das ilhas portuguesas e colónias africanas. Assim, será importante saber que sinergias existiram entre a passagem de tantos viajantes e a evolução dos acervos bibliográficos e quão atualizados estariam. Seria importante constatar o que se lia nos vários colégios da Companhia de Jesus nestes arquipélagos, eram ilhas de passagem para quem atravessava o Oceano Atlântico, será que influenciaram as leituras destes colégios. Outra questão para a qual ainda não há resposta, é se os acervos bibliográficos das bibliotecas destes colégios desta Ordem religiosa contavam com os mesmos autores nas suas estantes.

Em conclusão esta obra abre novas perspetivas de investigações futuras, especialmente no que concerne à valorização dos arquivos e bibliotecas desta Ordem, em especial em Portugal.

## Referências bibliográficas

- Clément, C. (1635). *Musei sive bibliothecae tam priuatae quàm publicae extractio, instructio, cura*. Sumptibus Iacobi Prost. <https://archive.org/details/museisiuebiblioth00clem/page/n5/mode/2up?ref=ol&view=theater>
- Garnier, J. (1678). *Systema bibliothecae collegii Parisiensis Societatis Iesu*. Excudebat Sebastianus Mabre-Crambisy. <https://archive.org/details/systemabiblioth00garngoog/page/n1/mode/2up?ref=ol&view=theater>
- Possevino, A. (1593). *Antonii Posseuini Societatis Iesu Bibliotheca selecta qua agitur de ratione studiorum in historia, in disciplinis, in salute omnium procuranda*. Ex Typographia Apostolica Vaticana.
- Rodrigues, L. F. M. (2011). As “livrarias” dos Jesuítas no Brasil colonial, segundo os documentos do “Archivum Romano Societatis Iesu”. *Cauriensia*, 6, 275-302. <https://dehesa.unex.es/handle/10662/2483>
- Silva, S. B. (2014). *As Bibliotecas religiosas da Ilha da Madeira no século XVIII*. Universidad de Alcalá. <https://ebuah.uah.es/dspace/handle/10017/22536>

**Edmond, J., Horsley, N., Lehmann, J., & Priddy, M. (2022). *The Trouble With Big Data: How Datafication Displaces Cultural Practices*. Bloomsbury Academic.**

ANABELA PIRES DUARTE

Doutoranda em Ciência da Informação  
Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra  
duarte.anabela@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0597-5777>

‘In God we trust. All others, bring data.’<sup>1</sup> (Walton, 1989)

Jennifer Edmond, Nicola Horsley, Jörg Lehmann e Mike Priddy, investigadores e académicos de diferentes áreas da tecnologia e cultura, em 2017-2018, integraram um projeto financiado pelo programa de pesquisa Horizon 2020 da Comissão Europeia – Knowledge complexity (KPLEX).

As linhas de investigação do projecto KPLEX, direcionadas para as *Digital Humanities* (DH), foram o terreno fértil para o conjunto de ensaios que constituiu o livro *The Trouble With Big Data*. O fenómeno de dataficação foi analisado como um conjunto potencial de riscos que incluíam, entre outros, perdas no processo de criação de conhecimento, na medida em que as “abordagens são altamente seletivas, excluindo qualquer input que não possa ser efetivamente estruturada, representada ou, de facto, digitalizada” («KPLEX – KNOWLEDGE COMPLEXITY», 2017).

O KPLEX Project surgiu com o propósito de observar as lacunas, tendências e consequências observadas num pequeno grupo de investigadores de diferentes áreas académicas, na sua relação com a partilha de dados. Estas falhas de comunicação, estes *gap’s*, foram descritas por um dos autores como “a game being played of mutual misunderstanding, according to

---

<sup>1</sup> Citação atribuída a W. Edwards Deming.

which all sides may feel they have won, but only because they are using different rule books”.

Selecionaram três fontes potenciais da falta de comunicação dentro das equipas, que realizavam pesquisas relacionadas com dados: i) a questão linguística, do discurso e da narrativa - a heterogeneidade na definição de dados, as implicações dos seus diferentes (des)entendimentos, as consequências da *dataficação* na diversidade dos elementos culturais, reduzindo e/ou eliminando a polissemia na proveniência dos dados; ii) a ameaça da diluição das narrativas de histórias e identidades nacionais, estando acessíveis apenas as visíveis digitalmente (uma baixa percentagem), por impedimentos de ordem tecnológica, mas também por alguma desconfiança nos intermediários que disponibilizam informação (como demonstram os autores ao analisarem as práticas das *Cultural Heritage Institutions* (CHI's)); iii) a tentativa de compreensão da variedade de estratégias que os investigadores profissionais aplicavam na integração dos dados nos seus processos de criação de conhecimento, numa abordagem comparativa de vários projetos de investigação (incluindo os das áreas de humanidades e de estudos culturais).

Foi neste contexto que surgiu o livro, *The Trouble With Big Data*. Trata-se de uma coletânea de ensaios que explora as implicações culturais e sociais da crescente dependência de dados, alerta para a potencial falta de preservação de práticas culturais importantes, num mundo cada vez mais orientado por algoritmos e pretende dar um contributo para que os investigadores não tenham de cruzar regularmente as fronteiras entre a investigação baseada em dados e as tradições qualitativas dos estudos culturais, para prosseguirem os seus objetos de estudo.

Os autores alargaram o escopo de estudo a outras áreas para além das Humanidades, analisando de forma mais abrangente o fenómeno, estabelecendo relações de causa-efeito do fenómeno *Big Data* com as diversas formas de expressão cultural e de conhecimento na sua dimensão humana: “What we advocate is the recognition of humans and their biases in every step of knowledge production and that the design of systems that change cultural heritage practitioner’s practice be driven by them”.

*Datafication* é o processo de transformação de práticas culturais, sociais e outras formas de atividade humana em dados quantificados, para que possam ser analisados e processados por computadores (Mayer-Schönberger & Cukier, 2013; Van Dijck, 2014; Dourish & Gómez Cruz, 2018).

Esta obra estimula a discussão sobre as consequências do deslumbramento com o fenómeno *Big Data*, apresenta argumentos fundamentados dos perigos reais das práticas de dataficação e demonstra como constituem

uma perda efetiva da singularidade e densidade das práticas culturais e um empobrecimento, pela homogeneização forçada, para que “encaixem” num padrão adequado às estruturas de análise de dados, ou seja, reduzir a valores numéricos as manifestações da complexidade e subtileza humana.

A digitalização em larga escala da cultura material, o acesso a livros on-line, simulações de fenómenos de dimensões extremas, rápidos ou lentos ou muito complexos para serem explorados num laboratório de pesquisa, tornaram-se possíveis pela existência de uma ciência intensiva de dados, que Gray cunhou como o 4º paradigma da ciência, denominada e-Science ou Ciberinfraestrutura: uma síntese da tecnologia da informação e ciência, que possibilitava enfrentar desafios a escalas anteriormente inimagináveis, uma infraestrutura que permitia formas de conhecimento intensivas em informações e dados, partilhadas, colaborativas e multidisciplinares (Gray, 2007; Borgman, 2007). Uma realidade ambivalente no que concerne ao seu impacto.

Dentre os benefícios da e-Science foi apontado a convergência semântica de ferramentas de dados, cruzando fronteiras disciplinares e epistemológicas (Gray et al., 2005). No entanto, esta moldura, ainda enleada nas perspetivas mais promissoras de avanço, ciência colaborativa e democratização do conhecimento, já suscitava algumas vozes que faziam soar o alarme para a interação com o elemento humano, com todas as suas idiossincrasias (Saracevic, 1999; Borgman et al., 2015; Regan, 2012).

O processo de conhecimento está agora intrinsecamente ligado aos dados. E há que manter uma visão crítica face ao seu uso e impacto. Christine Borgman afirmou, que deve estar presente o elemento humano e considerou o conhecimento como “redes robustas de pessoas, artefactos e instituições” sublinhando que “apesar das divergências, as fronteiras entre as ciências e as humanidades estão a desvanecer-se no que toca às práticas na eScience” (Borgman et al., 2015; 2007).

Considerámos importante esta brevíssima alusão ao contexto do fenómeno *Big Data*, como incremento para a discussão levantada pelos autores desta obra.

A perspetiva dos autores perante *data/big data* pende para um lado mais sombrio.

[...] fantasy of data seems to have established itself as a contemporary fetish object, touted as ‘the new oil, or even [...] the secret to living happily ever after; you may feel that you own it, but [...] you are a data subject, not a controller, or indeed an owner. (p. 15)

Estas são algumas das expressões utilizadas na caracterização, não dos dados *per se*, mas da forma como estão a ser tratados e tornados (in)acessíveis e onnipotentes, com consequências diretas na vida das pessoas. Clama a urgência de linhas de raciocínio empiricamente fundamentadas, de pensamento crítico que “complemente as estratégias para orientar as respostas aos desenvolvimentos na sociedade digital que crescem a partir das ciências sociais” e crie condições para que se estabeleça um “paradigma que permita que os métodos e o conhecimento das humanidades assumam um papel de liderança no estudo do digital nas culturas humanas e vidas”.

Numa nota com algum humor, aligeiram o discurso face ao fenómeno *big data*, no que toca às expectativas defraudadas de uma acessibilidade democrática: “The above is not to say that we are advocates of calling up Bill Gates to switch the internet off”.

A esta visão subjazem profundas preocupações no choque entre a lógica do *Big Data* e “as normas e valores culturais estabelecidos, valorizados e essenciais” ou na falta de acesso à tecnologia e às suas inovações, o que representa, do ponto de vista dos autores, “uma rutura que cria classes epistémicas que mudam rapidamente daqueles que ‘possuem’ para os que ‘não possuem’”.

Note-se que o foco não é apenas no *deluge* de dados ou na forma de lidar com o crescimento exponencial de dados. A questão reveste-se do conceito de dados enquanto representação *versus* a realidade humana, diversificada e pouco passível de ser reduzida a algoritmos. A preocupação que perpassa na obra, não se foca apenas no choque entre *big data* e práticas humanas. Está em causa a própria perda do fator humano no registo e tratamento da memória coletiva.

Apesar destes receios, podemos constatar que os valores e normas da sociedade continuarão a adaptar-se, aliadas a uma maior exposição ao fenómeno *Big Data*. Esse choque, esperamos, manterá uma tensão contínua de forças que, eventualmente, formará um caminho seguro, rumo ao conhecimento global e democrático. É da maior importância a existência de publicações e vozes divergentes, para uma visão equilibrada dos passos a seguir. Estimular o debate de ideias e perspectivas é crucial em terrenos ainda tão pouco definidos. Esta obra reveste-se de um carácter assertivo e provocatório, permitindo levantar questões necessárias e urgentes do impacto real do tratamento dos dados, tanto na evolução do conhecimento como na vida quotidiana de todos nós.

Estrutura-se de forma articulada, sendo o seu primeiro capítulo um guião claro do fio condutor da narrativa apresentada. Numa abordagem manifestamente holística, os autores refletem, sobre as falhas nas estratégias

existentes no trabalho com dados, ilustrando com exemplos práticos elucidativos e um conjunto de 38 entrevistas realizadas a um grupo multidisciplinar que, pela sua heterogeneidade, forneceram uma “perspetiva valiosa e única sobre alguns dos lados mais sombrios da pesquisa orientada por dados, da sua propensão a incorporar tendências das equipas e dos processos que as estruturam e usam, e do risco que representa para indivíduos e códigos culturais”.

No capítulo 2 os autores observam, com uma incursão nas questões semânticas e linguísticas, como a falta de consenso em torno da definição do termo e do conceito de *data* que espelham a falha de comunicação entre as diferentes culturas epistémicas. Uma replicação do que constataram no projeto KPLEX. À falta de consenso na utilização do termo e das suas definições chamam de “dysfunctional relationship with the concept of data”.

O contexto dos dados apresenta-se como fulcral e os autores revisitam algumas conceções de académicos como Sabina Leonelli que considera os dados como “relational category applied to research outputs that are taken, at specific moments of inquiry, to provide evidence for knowledge claims of interest to the researchers involved”, ou Christine Borgman que considera que “the relationship, ‘[data]’ exist in a context, taking on meaning from that context and from the perspective of the beholder”.

O 3º capítulo mostra como a questão da objetividade *versus* subjetividade, nas diferentes áreas do conhecimento, está presente e como pode contribuir para um distanciamento quase perverso, a vários níveis, entre as diferentes áreas.

As práticas das diferentes culturas epistémicas têm perfis diferentes que devem ser considerados: os cientistas das ciências exatas coletam dados para responder a questões imediatas e específicas, enquanto os cientistas das humanidades perspetivam a coleta de dados a longo termo, sendo criados e preservados ao longo do tempo, respondendo a questões de natureza mais criativa e passíveis de interpretação humana.

As humanidades realizam uma avaliação crítica das fontes, com uma abertura a duplas verificações, diferentes interpretações e abordagens alternativas, com narrativas enriquecidas com descrições e contexto, muito distantes das interpretações de *big data*, permitindo orientação e criação de sentido socialmente pertinente e reflexões críticas do passado para o presente e o futuro.

A digitalização nas humanidades, em que as informações devem ser trazidas para novos formatos de acordo com os padrões de metadados, garantindo a troca de dados entre instituições, interoperabilidade, agregação

e dimensionamento demonstram as desigualdades que se estabelecem entre projetos provenientes de Instituições com maior ou menor capacidade de investimento. Quando a digitalização não é possível por impedimentos de várias ordens (financeiras, tecnológicas) vota certos projetos a uma invisibilidade e quase inexistência. Neste sentido os autores encaram a digitalização como uma força disruptiva.

Sublinham que os dados são uma construção social e um processo cultural, que moldam e são moldados pelos contextos culturais e pelas práticas de linguagem onde se operam.

Os capítulos 4 a 6 focam o silenciamento ou empobrecimento de vários cenários da cultura, os perigos de uma exposição não controlada, a ausência de conhecimento tácito essencial em certas áreas, o determinismo a que todos nós podemos estar sujeitos ao sermos encaminhados por algoritmos para o que devemos ouvir, ler, pensar. São notórios os receios de perda da História da Humanidade e diria até receios da perda de Humanidade em toda a sua complexidade, diversidade, pensamento crítico e liberdade e acessibilidade nas escolhas individuais.

No capítulo seguinte mantêm, talvez de forma mais explícita e incisiva, a crítica à dataficação como potencial silenciador de vozes de todo o espectro humano e cultural e como certas tendências reforçam as assimetrias e desigualdades na sociedade e impulsionam as relações de poder:

[...] data need to be understood as an essential part of infrastructures, which should be owned by the public just as artificial intelligence built on top of them; conceptualized in this way, data would form public commodities which can be used by several agents simultaneously, but private corporations would have to pay for their use.

Levantam uma questão muito relevante: o eixo anglo-americano prevalece em termos linguísticos. Esta homogeneização linguística repercute-se em todas as línguas minoritárias que arriscam ser votadas ao esquecimento. “The unusual will become unused and ultimately unusable” aplica-se tanto ao conhecimento alternativo como a todos os elementos que se encontram fora do paradigma da homogeneização, incluindo as variâncias linguísticas.

Os autores citam Postman (1993) que dá como exemplo uma passagem da obra de Huxley (1932) “Admirável Mundo Novo”, referência ficcional muito atual, como ilustração da submissão de todas as formas de vida cultural à soberania da técnica e da tecnologia.

O capítulo final reaviva a atenção sobre o ecossistema que envolve os dados e os seus atores na criação e partilha do conhecimento. Os autores pretendem, com esta provocação “empowering both researchers and their

subjects to make the development of big data approaches to knowledge creation more humane”. Retirar o empoderamento dos dados isolados do seu contexto, lembrando que não são onnipotentes e oniscientes sem o elemento humano, sem o contexto, sem a riqueza das emoções humanas.

Como nota final, parece-me que atingem claramente o objetivo de provocação e questionamento da supremacia dos dados, no modo como vemos e interpretamos o mundo e suscitam perguntas essenciais e urgentes. No entanto, creio que enriqueceria o seu conteúdo ao fornecerem uma visão estrutural mais lata, onde fossem identificados os elementos positivos desta era tecnológica, aliando assim as suas propostas e questões à realidade atual. A consciência da hegemonia dos grandes grupos económicos, empresariais, governamentais como ameaça a um bem comum que deveria pertencer ao público, a todos nós, o conhecimento sob todas as suas formas que advém da multiplicidade de dados, deve ser acompanhada de propostas exequíveis a breve termo, face aos poderes atualmente instaurados de difícil penetração. A negociação deve estar aliada à contestação, para evitar ruturas que empoderem ainda mais as entidades com meios para aceder e tratar grandes quantidades de dados, obscurecendo os pequenos núcleos. Caminhar dentro do paradigma para realizar transformações, optar por um discurso de pequenos passos que levem à mudança, aliando as perspetivas positivas com as negativas do *big data*. O cidadão individual, as pequenas comunidades, os pequenos projetos científicos, as culturas epistémicas de menor visibilidade desmoralizam rapidamente e incorrem até no risco de serem “esmagadas” se optarem por um confronto de contornos demasiado inflexíveis.

A obra está acessível em acesso aberto in <https://www.bloomsburycollections.com/book/the-trouble-with-big-data-how-datafication-displaces-cultural-practices/>

## Bibliografia e leituras recomendadas

- Borgman, C. L. (2007). *Scholarship in the digital age*. MIT Press.
- Borgman, C. L. (2015). *Big Data, Little Data, No Data: Scholarship in the Networked World*. MIT Press. <https://doi.org/10.7551/mitpress/9963.001.0001>
- Borgman, C. L. (2020). Big Data, Little Data, or No Data? Why Human Interaction with Data is a Hard Problem. *Proceedings of the 2020 Conference on Human Information Interaction and Retrieval*, 1. <https://doi.org/10.1145/3343413.3377979>
- Borgman, C. L., Darch, P. T., Sands, A. E., Pasquetto, I. V., Golshan, M. S., Wallis, J. C., & Traweek, S. (2015). Knowledge infrastructures in science: data, diversity, and digital

- libraries. *International Journal on Digital Libraries*, 16(3-4), 207–227. <https://doi.org/10.1007/s00799-015-0157-z>
- Dourish, P., & Gómez Cruz, E. (2018). Datafication and data fiction: Narrating data and narrating with data. *Big Data & Society*, 5(2), 1-10. <https://doi.org/10.1177/2053951718784083>
- Edmond, J., Horsley, N., Lehmann, J., & Priddy, M. (2022). *The Trouble With Big Data: How Datafication Displaces Cultural Practices*. Bloomsbury Academic. <https://doi.org/10.5040/9781350239654>
- Gray, J., Liu, D. T., Nieto-Santisteban, M., Szalay, A., DeWitt, D. J., & Heber, G. (2005). Scientific data management in the coming decade. *ACM SIGMOD Record*, 34(4), 34-41. <https://doi.org/10.1145/1107499.1107503>
- Gray, J. (2007). Jim Gray on eScience: A Transformed Scientific Method. In S. T. Tansley, & K. Tolle (Eds.), *The Fourth Paradigm: Dataintensive scientific discovery*. Microsoft Research.
- Griffin, S. (2013). New Roles for Libraries in Supporting Data-Intensive Research and Advancing Scholarly Communication. *International Journal of Humanities and Arts Computing*, 7(supplement), 59-71. <https://doi.org/10.3366/ijhac.2013.0060>
- Huxley, A. (1932). *Brave new world*. Garden City Pub. Co.
- Mayer-Schönberger, V., & Cukier, K. (2013). *Big Data: A Revolution that Will Transform how We Live, Work, and Think*. Houghton Mifflin Harcourt.
- Postman, N. (1993). *Technopoly: The Surrender of Culture to Technology*. Penguin Random House.
- Regan, C. J. (2012). Review: The Fourth Paradigm by Tony Hey, Stewart Tansley, and Kristin Tolle. *InterActions: UCLA Journal of Education and Information Studies*, 8(1). <https://doi.org/10.5070/D481011836>
- Saracevic, T. (1999). Information science. *Journal of the American Society for Information Science*, 50(12), 1051-1063. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(1999\)50:12<1051::AID-ASI2>3.0.CO;2-Z](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(1999)50:12<1051::AID-ASI2>3.0.CO;2-Z)
- Tóth-Czifra, E. (2022). *The Trouble With Big Data: Insights from Jennifer Edmond, Jörg Lehmann, Mike Priddy and Nicola Horsley*. DARIAH Open – Open scholarly practices in the arts and humanities. <https://dariahopen.hypotheses.org/1336>
- Van Dijck, J. (2014). Datafication, dataism and dataveillance: Big Data between scientific paradigm and ideology. *Surveillance & Society*, 12(2), 197-208. <https://doi.org/10.24908/ss.v12i2.4776>
- Walton, M. (1989). *The Deming management method*. Mercury Books.

# **Pacheco, A. (2017). *Informação Digital: O vértice comum entre a diplomática e a ciência da informação*. Edições Húmus.**

MARIA BEATRIZ MERÊNCIO

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Bolsista de Investigação na Academia das Ciências de Lisboa

[mbeatrizmerencio@gmail.com](mailto:mbeatrizmerencio@gmail.com)

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5297-311X>

*Informação Digital: O vértice comum entre a diplomática e a ciência da informação* é o resultado da Dissertação de Mestrado em Ciências da Documentação e Informação de André Pacheco, orientada pelo Professor Doutor Carlos Guardado da Silva — que dá corpo ao prefácio da obra — e defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2015. Licenciado em Estudos Portugueses e Lusófonos (2013), o autor é hoje Doutor em Ciência da Informação pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo vindo a contribuir com diversos trabalhos científicos nos campos da Ciência da Informação e das Humanidades Digitais.

Publicada em 2017 pelas Edições Húmus, em *Informação digital* o autor discorre sobre a conceção da informação social em contexto digital, sua preservação e respetiva validação, traçando um caminho teórico desde a origem e o desenvolvimento da Diplomática à afirmação da Ciência da Informação (CI). Pretende, neste sentido, confirmar se os métodos da Diplomática, analógica, para garantir a validação da informação e preservação dos seus atributos, podem ser aplicados em ambiente digital — aos documentos digitais —, de modo a apurar a sua autenticidade, integridade, fidedignidade, inteligibilidade e usabilidade, em acesso continuado e permanente, a problemática central deste trabalho.

Em jeito ensaístico, André Pacheco organiza a obra em três capítulos referentes à génese e ao desenvolvimento da Diplomática e respetivos contributos para a CI; à concetualização teórica de documento e informação, atendendo ao seu lugar no paradigma pós-custodial; e, finalmente,

à informação digital, bem como ao respetivo contexto, autenticidade e preservação.

Desde logo, é na ‘Introdução’ que o autor situa a obra no seu contexto: a mudança de paradigma que hoje presenciamos e testemunhamos, a transferência do enfoque do documento para a informação. No entanto, podemos considerar que são enunciadas muitas perguntas de partida, que poderiam enquadrar-se melhor como objetivos específicos da investigação. É também neste capítulo que é exposta a metodologia seguida e respetivas etapas do processo investigativo, ainda que não demonstre os métodos de recolha de dados empreendidos. Depreende-se a escolha sobre o método de revisão bibliográfica, procurando através desta uma “via conciliadora” entre as teorias identificadas — sem que tenha dedicado um capítulo autónomo ao estado da questão —, e através destas determinar os tópicos de investigação, correspondentes aos capítulos de desenvolvimento acima referidos.

Em primeiro lugar, o autor começa por traçar um percurso que, em direção à CI, resgata a Diplomática de Daniel van Papenbroeck (1628-1714) e Jean Mabillon (1632-1707), remetendo para o próprio contexto da evolução do direito público e da cultura política europeia, que desde a antiguidade tardia veio a perspetivar os documentos e registos enquanto fontes de testemunha pública, conferindo-lhes estatuto jurídico na qualidade de prova válida em processo ou questões de legitimidade, isto é, *fides publica*. De resto, é na transição para Oitocentos, após o ocaso das estruturas do Antigo Regime com as revoluções liberais, que o autor situa a procura de consolidação científica da Diplomática. Neste sentido, a História agrega a Diplomática, à semelhança da Paleografia, como disciplina auxiliar e assume o papel de ciência dos documentos, nomeadamente os medievais, que se tornam objetos centrais, por um lado, do contexto de nostalgia pelo passado orientado pela afirmação das identidades nacionais e formação das Nações, característica geral do romantismo histórico, como bem afirma o autor; e, por outro, acrescentamos, do quadro de convergência entre a erudição, o racionalismo e o determinismo, tendência do Positivismo. Neste plano, o desenvolvimento de uma Diplomática moderna, mormente por Theodor Von Sickel (1826-1908) e Julius Ficker (1826-1902), ambos historiadores, resulta em novos métodos de verificação de autenticidade, ou, nas palavras do autor, de inquérito e análise comparativa. Paulatinamente, é aberto o caminho à ampliação do objeto da Diplomática, inaugurado nas primeiras décadas no século XX e encetado sobretudo por Luigi Schiaparelli (1871-1934) e Alain Bouard (1882-1955). Estava em causa, segundo o autor, a sua autonomização disciplinar face à investigação historiográfica, sendo neste ponto que se

debruça acerca da consolidação científica da Diplomática, recorrendo à ciência das regras de Auguste Dumas (1881-1968).

Por sua vez, rumo à cientificidade, a segunda metade do século XX representa já a articulação entre a Diplomática e a Arquivística a partir de um objeto comum: o documento de arquivo, recuperando-se conceitos e princípios diplomáticos para a crítica de documentos contemporâneos e para o enriquecimento do corpo teórico e prático da Arquivística. O autor centra-se, neste plano, nas formulações teóricas de autores como Georges Tessier (1891-1967) e Robert-Henri Bautier (1922-2010), até Paola Carucci e Luciana Duranti. Em Bautier encontramos a transferência do foco da análise do documento para o conjunto documental — ou, acrescentamos, sistema de informação —, sendo apenas nesse contexto que se torna possível compreender o conteúdo do documento. Como explica, torna-se necessário atender à relação orgânica ou à articulação correlacional entre o documento e o sistema de informação de arquivo a que corresponde — sendo este o seu elemento comum —, nela se deprendendo a construção do seu significado, o contexto de produção dos atos e respetiva substância jurídica. Por conseguinte, estabelece-se uma abordagem interdisciplinar entre ambas, ou, como avança, entre a Diplomática contemporânea e a CI, no que considera ser um evidente contributo epistemológico para, nas suas palavras, o estudo, compreensão e gestão da documentação/informação hoje produzida, bem como para a própria atuação do arquivista, ou do cientista da informação, perante a “gestão documental”. É esta constatação que, para o autor, seguindo a posição de Duranti, permite à Diplomática reivindicar o seu lugar na inter e transdisciplinaridade abraçada pela CI, na forma de *Archival Diplomatics*.

Antes de passar ao salto epistemológico do corpo teórico da Diplomática para a integração na CI, o autor esclarece o que se entende pela última, que é hoje assumidamente científica. A própria estrutura que é definida para esta secção dá resposta à cientificidade reivindicada, uma vez que para a sua consolidação é necessária a existência de objeto (a informação social, ponto 1.2.1.), corpus teórico específico (ponto 1.2.2.) e de um paradigma reconhecido (pós-custodial e informacional, em abordagem sistémica, ponto 1.2.3.).

É traçado o desenvolvimento teórico desde o primeiro registo de *Information Science* em 1955, fazendo-o remontar ao final do século XIX sob a signo da Documentação. Neste ponto, recupera autores como Bertram Brookes (1910-1998), Anthony Wilden (1935-2019), Armando Malheiro da Silva e Fernanda Ribeiro, no que podemos apelidar de exercício de clarificação epistemológica da CI quanto ao seu objeto: a informação produzida em contexto social, passível de ser compreendida, registada e partilhada, atendendo a uma dupla

funcionalidade semântica enquanto fenómeno social e humano. Para a construção do campo científico, situa a CI a partir de Harol Borko (1922- 2012) e de Yves-François La Coadic, desde a influência da componente tecnológica, associada ao desenvolvimento de sistemas informáticos, à articulação com a Biblioteconomia e restantes disciplinas aplicadas da informação, como a Documentação, a Arquivística, a Museologia e as Ciências da Comunicação. Entre o binómio unidade- pluralidade ou identidade-interdisciplinaridade, como apelida, através de Malheiro da Silva e Ribeiro, encaminhamo-nos para a identificação da unidade do campo em detrimento da indefinição que lhe era anteriormente evocada na condição de interdisciplina.

Por fim, enquadra-a segundo uma abordagem sistémica aplicada à Arquivística quanto ao paradigma informacional, com a substituição da centralidade do fundo pelo sistema da informação, e pós-custodial, no que respeita à valorização da informação per se, do seu acesso e recuperação em continuum, como avançado por Frank Upward, em oposição a uma Arquivística custodial que tem por objeto o documento estático. Procura-se, então, que as instituições de memória, como os arquivos, procurem enquadrar a informação preservada enquanto ativo a gerir e memória das organizações/indivíduos, nela refletindo o seu contexto de produção institucional, processo que transforma o arquivista ou bibliotecário num gestor ou profissional da informação, como sintetiza o autor através de Terry Cook.

Termina o primeiro capítulo com a discussão da pertinência da inclusão da Diplomática e respetivos contributos na CI — que o *Referencial Europeu de Informação e Documentação* optou por ignorar —, no que o autor considera uma relação natural de complementaridade, desde logo pela convergência ao nível da abordagem sistémica. Ao retomar a *Archival Diplomatics* de Duranti, salienta a importância da crítica da génese, constituição interna e transmissão estudada pela teoria diplomática para a estruturação da informação, nomeadamente em relação às unidades orgânicas que a produziram e a respeito da salvaguarda da autenticidade dos documentos de arquivo e conteúdos informacionais, pressuposto intrínseco aos próprios sistemas de informação.

No segundo capítulo, o autor conduz o documento desde o vínculo arquivístico ao vínculo informacional, de modo a aprofundar a transição de paradigma em relação à Arquivística, cujos preceitos— como os princípios da proveniência e da ordem original — chegam ao presente desatualizados, ou pelo menos questionáveis face à realidade digital, e que impera perante o favorecimento da CI no seio da comunidade científica.

Começa por discutir o conceito de documento e de documento de arquivo, em busca de uma unidade conceptual diacrónica da Arquivística e

da Diplomática, isto é, ao pretender averiguar o lugar do documento na CI. Empreende, no fundo, um exercício de clarificação epistemológica do objeto da própria CI, desde a análise da matriz etimológica do termo documento e o seu sentido atual e comum enquanto suporte e informação, através de uma retrospectiva contemporânea no plano internacional em Paul Otlet (1868-1944) e Suzanne Briet (1894-1989), e nacional, em Malheiro da Silva e Ribeiro. O autor consolida, portanto, as diferentes teorias explanadas e avança com uma definição provisória, considerando a independência total face ao suporte, optando por não o mencionar de todo: o documento entendido como informação registada num suporte que lhe confere transmissibilidade no espaço e no tempo, com uma intenção comunicativa. A respeito da definição de documento de arquivo (*record*), o autor recorre ainda a postulação do Conselho Internacional de Arquivos (ICA), na qual salienta a importância concedida à organicidade da informação enquanto reflexo de uma atividade institucional ou individual, tendo sido neste ponto que identificara antes, no ponto 1.3., o contributo da Diplomática para a CI.

Para a definição de Arquivística, o autor segue com a tentativa de compreender o seu objeto, o garante da sua unidade e intemporalidade na transição do mundo analógico para o digital, que aponta ser, de facto, a informação organizacional confiável, produzida por uma determinada organização e preservada durante o tempo útil, e em acesso permanente, transmitida através de documentos. É, neste plano, que levanta o nevoeiro teórico imposto pela contemporaneidade, colocando-a ao nível disciplinar, ao invés de científico, cujo objetivo visa compreender, gerir, otimizar, preservar e garantir o acesso continuado (...) ao sistema de informação arquivo, procurando assegurar os seus atributos essenciais, através do acompanhamento da informação ao longo de todo o seu ciclo de vida.

No caso da Diplomática, cuja evolução disciplinar fora já explanada no ponto 1.1., o autor reconhece-lhe o alargamento do seu objeto à autonomia do registo de informação face ao suporte escrito, sempre em contexto de sistema de informação e, por isso, delimitado. Quanto aos seus princípios, universais e diacrónicos, alega manter a sua essência, mesmo quando submetidos a novos contextos, como é o do digital, que apresenta novos elementos formais.

Não obstante a linha teórica seguida, que tem que ver com a centralidade da informação/conteúdo (vínculo informacional e cognitivo) sobre o documento/contentor (vínculo arquivístico e material), na última secção do segundo capítulo o autor retoma a discussão relativa ao paradigma pós-custodial, firmando a importância do último para o pleno entendimento da primeira. Neste sentido, a partir de Durante, Cook e Heloisa Belloto, nota a

dependência entre a mensagem e a sua estrutura, interna e externa, como veículo que lhe dá forma, permite a sua comunicação e que é, ele próprio, um registo com valor humano e social, isto é, informação per se e, por conseguinte, passível de ser considerado objeto de estudo. Por fim, reitera a posição de Upward quanto à noção de “pós”-custodial, em que o prefixo não significa nem a superação nem a anulação do radical, mas a sua integração em novos contextos, numa lógica de continuidade. Para o autor, o papel do documento não pode deixar de ter lugar em qualquer paradigma, quer informacional quer pós-custodial.

O terceiro e último capítulo está reservado ao vértice comum entre a Diplomática e a CI, a informação digital, dedicando-se uma vez mais à problematização de conceitos a partir da literatura, como: ambiente digital, objeto/documento digital, autenticidade (legal, diplomática e tecnológica) e preservação digital. Em síntese, o autor procura situar a informação em ambiente digital, tendo em conta estratégias de preservação e mecanismos de avaliação de autenticidade segundo uma abordagem sistémica.

É numa tentativa de compreensão do fenómeno informacional do ponto de vista arquivístico que o autor se questiona de que forma o ambiente digital interfere com o registo de informação. A primeira parte da sua resposta parte da introdução de novas variáveis no processo de registo da informação num determinado suporte, as plataformas tecnológicas, surgindo o produto tridimensional informação-suporte-tecnologia, que substitui o tradicional informação-suporte. A tecnologia é, por isso, a grande novidade, e consigo chegam implicações — desde o “desaparecimento” do suporte às novas formas de codificação da informação — e hesitações — nomeadamente, a efemeridade dos próprios suportes tecnológicos, quanto à sua longevidade e necessidade constante de atualização.

Neste contexto, o autor opta, ao contrário da literatura, por preferir o conceito de documento digital sobre o de objeto digital, considerando-o mais adequado para a CI e para o contexto do conhecimento arquivístico. Porém, consideramos impreciso que, num primeiro momento, faça equivaler os dois conceitos, qualificando-os como sinónimos, ao afirmar que um documento digital é um objeto digital, dado que um objeto digital é um componente digital que, por sua vez, constitui um documento digital; para, mais à frente, colocar o documento digital como subcategoria dos objetos digitais (...) distinguindo-se deles por possuírem mensagem, contexto, estrutura e forma documental. Além do mais, tinha já classificado o objeto digital como entidade que veicula a informação e, por isso, dotado também de características como as apontadas.

A respeito da autenticidade da informação digital, o autor identifica três vertentes: a legal, que no plano nacional torna obrigatória a presença de assinatura digital certificada por uma entidade credenciada para que determinado documento adquira valor probatório; a diplomática, na qual procede à descrição dos princípios conduzidos pelo projeto InterPARES, coordenado por Duranti; e tecnológica, que relaciona com a manutenção de repositórios digitais e sua capacidade de garantir o armazenamento seguro e preservação a longo prazo da informação.

De facto, a garantia da autenticidade da informação relaciona-se inextricavelmente com as estratégias de preservação adotadas, sendo, por isso, o último momento dedicado à preservação digital. Do seu enquadramento, o autor remete-a ao campo da Gestão da Informação ao nível organizacional sem relevância ao suporte — contrariamente à designação “Gestão Documental” —, tendo em vista o armazenamento e acesso continuado à informação. Nesta lógica, a proposta de um modelo de preservação sistémica pela literatura em análise, a partir de autores como Maria Manuela Pinto, David Bearman e Meg Bellinger, tem precisamente que ver com esse continuum que enquadra a informação desde a conceção dos sistemas de informação a que responde e no qual circula. Em ambiente digital, como avança o autor, é através da criação controlada de metainformação que pode ser almejada a integridade e a autenticidade de determinado documento, só assim existindo mecanismos necessários à sua validação, entre os quais o contexto e a estrutura.

Desse modo, o desenvolvimento de estratégias de preservação digital a longo prazo, nomeadamente ao nível da tecnologia, pretendem dar resposta à complexidade dos recursos digitais e desafios que acarreta, constantemente levantados ao longo da obra — como uma estrutura heterogénea, facilidade de replicação e a efemeridade supracitada. Para o autor, torna-se necessária a preservação do *hardware* e do *software*, através de mecanismos como: o refrescamento (renovação do suporte de armazenamento), a emulação (recuperação do ambiente tecnológico em que o documento fora produzido), a migração (transferência periódica dos objetos digitais para novos contextos tecnológicos, pressupondo a sua adaptação) ou o encapsulamento (mantendo os objetos no seu formato original).

O contributo de André Pacheco com a presente obra é especialmente relevante pela breve, mas densa revisão de literatura que explana e dá corpo ao longo de pouco mais de cem páginas, a que se tentou fazer jus com a presente apreciação crítica e que, na perspetiva de leitora, permite uma robusta consolidação de saberes. É, de facto, um livro que cumpre o objetivo proposto, mormente o de aproximar a Diplomática à CI. Nessa mesma

proposta, no panorama nacional não parece existir outra obra que estabeleça a relação entre os tópicos levantados de forma equivalente, em particular no que respeita à discussão conceptual de cada um, desde a Arquivística, enquanto disciplina, ao lugar do documento e da informação, bem como, por fim, à preservação digital. Podemos, em jeito de conclusão, afirmar que este livro constitui a preparação teórica para a publicação da sua Tese de Doutoramento sob o título *Arquivos Digitais: Metadados e autenticidade* (junho, 2022), na qual providencia a sua investigação da vertente empírica com a proposta de um modelo de metadados para a autenticidade.

# **Pacheco, A. (2022). *Arquivos Digitais – Metadados e Autenticidade*. Edições Colibri.**

MADALENA LOPES DAMIÃO RODRIGUES

Mestranda em Ciências da Informação e Documentação

Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

[mdamiao@campus.ul.pt](mailto:mdamiao@campus.ul.pt)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9208-9713>

No mundo atual, a transição para a utilização de tecnologias e o digital expandiu-se a nível global. As instituições da informação acompanharam este fenómeno, em particular para conseguir responder às novas necessidades de comunicar e informar dos seus utilizadores. No âmbito arquivístico, isto também foi uma realidade, surgindo, neste quadro, as bases de dados e os arquivos digitais. No entanto, esta transição e as mudanças que implicam colocam novos problemas ou necessidades que precisam de uma resposta diferente e que exigem da Arquivística uma mudança de paradigma de forma que possa continuar a acompanhar aquilo que tanto os presentes como os futuros utilizadores possam exigir, nomeadamente no que respeita à autenticidade dos dados e textos digitais.

No mundo que vive intimamente ligado ao digital, surge a preocupação da preservação da informação digital, algo que não se pode dissociar dos metadados (Formenton & Gracioso, 2022), elementos-base para a garantia do acesso ao conteúdo do documento de arquivo, permitindo encontrá-lo, manejá-lo e rastreá-lo, inclusive quando da criação de novas versões. Ora, a forma de garantir a preservação e a confiabilidade ou integridade dos documentos de arquivo em formato eletrónico é a autenticidade (Lee et al., 2002; Gracy & Kahn, 2012), sendo, por isso, esta uma das maiores preocupações dos arquivistas na era digital. E é relevante que se refiram ambas as coisas em paralelo, dado o seu papel no futuro dos arquivos digitais. Esse futuro não pode descurar princípios como o princípio da interoperabilidade, tanto de documentos como de sistemas, isto é, semântica e técnica, algo

que se pode obter através dos metadados com aquilo que comumente se designa por “vínculo arquivístico”, que ainda é considerado o foco da arquivística (Stančić & Bralić, 2021). Além disso, o próprio princípio paradigmático da arquivística em termos de acesso à informação deverá ser mantido no foco da disciplina, se se pretender que os utilizadores mantenham satisfeitas as suas necessidades de informação, bem como para as instituições tutelares dos documentos cumprirem a sua função, do ponto de vista social, enquanto instituições de informação e de memória.

É neste contexto que podemos situar o livro em apreciação, que tem como base a tese de doutoramento do autor, André Pacheco, apresentada originalmente à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 2021, com o título *Metadados para a descrição arquivística digital: Proposta de um modelo para a autenticidade*. O seu trabalho, adaptado para uma versão em livro, editado na coleção “Ciência da Informação”, que é o objeto desta recensão, foca-se, precisamente, no problema da garantia da presunção de autenticidade documental nos arquivos digitais através dos metadados. André Pacheco é doutorado em Ciência da Informação pela Universidade de Coimbra e o tema que apresenta neste trabalho é, precisamente, o foco da sua especialização enquanto cientista da informação. É também investigador no centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, com experiência em investigação académica, e colabora em projetos europeus e no desenvolvimento de soluções em contexto empresarial.

O livro estrutura-se em cinco capítulos. No primeiro, discute-se o conceito de “metadados” desde o seu aparecimento em 1968 e apresenta-se uma síntese relativa aos tipos de metadados existentes na literatura científica e à terminologia das normas de metadados. Identificam-se, desde logo, quatro tipos principais de normas. Este é um capítulo essencial na medida em que toca o problema da gestão da informação no âmbito da interoperabilidade de sistemas, uma questão intimamente relacionada com a normalização e a acessibilidade dos documentos e dos sistemas de arquivo.

No segundo capítulo, o foco está na forma como se representa a informação nos arquivos, sendo que essa representação abrange tanto a classificação como a descrição documental. Após apresentar a evolução da representação da informação desde a Antiguidade até ao final do século XX, o autor aborda a passagem de um paradigma moderno para um pós-moderno de forma que a Arquivística possa responder aos desafios colocados pela Era digital. Aqui encontra-se também uma reflexão sobre os objetos digitais e a descrição arquivística, na medida em que o princípio da proveniência não é suficiente, devendo-se também considerar os contextos. Neste segun-

do capítulo, destaca-se aquilo que será um dos dois pontos fundamentais da obra quando, no lugar de “vínculo arquivístico” ou como uma ampliação do conceito, ao autor propõe o termo “vínculo informacional” (*informational bond*) (pp. 138-142).

No terceiro capítulo — e aquele de maior interesse para efeitos desta recensão —, o da metodologia, o autor explica os métodos e procedimentos que seguiu na sua investigação, regressando ao ponto de partida das “questões de investigação” e aos seus objetivos. O objetivo geral do autor consiste na exploração da literatura científica e técnica de forma a demarcar não só os conceitos basilares da presunção da autenticidade dos documentos de arquivo, como também que elementos dos metadatos devem estar incluídos nas normas de metadatos que representam a dinâmica da informação arquivística na *web*, recorrendo a um modelo de dados em grafo. Delimitados os objetivos, os resultados esperados seriam: compreender qual o papel da descrição arquivística na verificação da (presunção da) autenticidade dos documentos de arquivo, ou das suas representações; e desenvolver um modelo de metadatos com aqueles que foram identificados na literatura como relevantes para uma representação arquivística autêntica na *web*.

Com este objetivo geral e estes resultados em mente, André Pacheco assume o paradigma interpretativo, também designado qualitativo ou construtivista. Este paradigma considera a existência de uma realidade múltipla, no sentido de a “realidade social” ser uma construção própria dos seus atores, sendo estes agentes não neutros. De acordo com esta perspetiva, os documentos são também construções sociais, exigindo uma interpretação e desconstrução por parte de quem os investiga, não podendo ser considerados de forma “isolada”.

Em seguida, são apresentados os métodos de investigação e de recolha de dados. O autor recorre à investigação documental e à engenharia de requisitos, por considerar que estes são os métodos que concedem o carácter qualitativo à metodologia de investigação, apesar de também apresentar componentes quantitativos. Assim, a metodologia utilizada é, na verdade, mista, com ambas as partes a complementarem-se e interligarem-se para cumprir o objetivo enunciado. Além disso, importa referir que a abordagem utilizada na revisão da literatura científica e técnica foi sistêmica e indutiva, seguindo o paradigma qualitativo. Sumariando: André Pacheco partiu dos dados obtidos através da investigação documental e inferiu uma teoria a partir desses dados; após a formulação dessa teoria, utilizou a engenharia de requisitos para a desconstruir ao analisar normas de metadatos; esses dados, por sua vez, foram utilizados para criticar e refletir sobre a teoria inicialmente

proposta, e, no fim, para a construção de um modelo de metadados que permite reforçar a presunção de autenticidade na descrição arquivística.

Em relação à investigação documental, termo cunhado por Carlos Guardado da Silva na língua portuguesa, também designada análise documental (Bowen, 2009), é um método ou processo de investigação que se baseia na análise de documentos com informação relevante para a investigação em curso, sendo os documentos a fonte de informação. Pode incluir uma abordagem qualitativa, quantitativa ou mista, e sendo um método abrangente para as investigações. No entanto, apresenta as suas vantagens e desvantagens (Bowen, 2009; Ahmed, 2010), algo reconhecido pelo autor que se mostra bastante ciente do método que utiliza. Como vantagem, por exemplo, tem a seu favor a não-reatividade dos documentos (não são feitos de propósito para a investigação, não sendo, assim, parciais); já como desvantagem apresenta, por exemplo, a dificuldade na recuperação da informação que pode estar pouco acessível. Relewa também dizer que a investigação documental presume a heurística e a hermenêutica dos documentos, enaltecendo a natureza interpretativa das fontes da informação, e também em conformidade com a perspetiva oferecida pelo paradigma construtivista que o autor adotou. No caso concreto do autor, André Pacheco reuniu literatura científica e técnica onde recolheu os seus dados, realizando, desta forma, uma revisão da literatura, que antecedeu a formulação da sua teoria, a sua desconstrução, e a proposta de um modelo de metadados.

Uma vez que a investigação documental tem, no seu âmago, a recolha e a seleção de determinadas fontes documentais, importa destacar o *corpus documental* usado na investigação. André Pacheco não se esquece de focar de forma bastante exaustiva as fontes que usou: doze revistas científicas, artigos científicos publicados entre 1 de janeiro de 2009 e 21 de dezembro de 2019, e ainda revisões de monografias. Em relação às primeiras fontes, as revistas científicas foram identificadas na base de dados LISA (*Library & Information Science Abstracts*) por considerar que esta estava mais completa face a outras, tendo sido realizada uma pesquisa nesta base com recurso a filtros qualitativos (seleção de títulos, o *Índice Compuesto de Difusión Secundaria* ser, no mínimo, 6.5, ser *peer-reviewed*, estar em atividade, ser numa língua que o investigador possa ler, estar enquadrada na investigação, disponibilizar informação descritiva) que levaram, então, aos 12 títulos utilizados. Já os artigos pertenciam a essas revistas que foram recuperadas, no período temporal enunciado, e relevantes para a investigação segundo o seu título e o *abstract*. Por fim, as monografias também foram selecionadas por estarem indicadas nestas revistas que foram recuperadas. De seguida, o autor

analisou os dados recolhidos, elaborando categorias de análise relacionadas com a investigação em curso. Relembra-se que a investigação documental foi, na investigação, utilizada de forma mista: num primeiro momento, de natureza mais qualitativa; num segundo momento, de âmbito quantitativo. Assim, a investigação documental acabou por ser uma grande base da investigação de André Pacheco, permitindo a elaboração de um *corpus documental* e a análise de dados.

Ainda que se possa considerar que a investigação documental possa não bastar por si só, pois implica uma base mais teórica, o autor não descarta a parte empírica, e completa o seu aparelho metodológico com a engenharia de requisitos. Este segundo método implica a combinação de um formalismo para representar e analisar requisitos e processos que apoiam e orientam o utilizador desse formalismo através de, por exemplo, a identificação de requisitos, e a sua verificação (Jureta, 2012). Ao empregar este método, o autor pretende conseguir identificar os elementos de metadados que são necessários à verificação de autenticidade, de forma a, mais tarde, na investigação e após a análise desses elementos e das normas sobre os mesmos, formular um modelo de metadados.

Na continuação do seu trabalho, e passando ao quarto capítulo do livro, encontra-se aqui, então, a identificação dos requisitos de metadados a partir da revisão da literatura científica e técnica. André Pacheco analisa nove categorias — representação da informação, descrição arquivística, gestão da informação, metadatos, normas de metadados, autenticidade, *linked data* —, indicando para cada uma delas o conjunto de requisitos que considera essenciais para o modelo que depois propõe. Relativamente à literatura técnica, complementando a revisão de literatura científica que foi realizada e já referida sumariamente, que é discriminada neste momento, o autor examinou dez normas, locais e internacionais, com o intuito de respeitar a necessidade de a investigação ser o mais abrangente possível ao mesmo tempo que se mantém exequível, de descrição arquivística: ISAD(G), AGRkMS, EAD, e-EMGDE, DACS, DCMES, VRA Core, MODS, CDWA, RiC. Cada uma destas normas é contextualizada historicamente, identificando-se a estrutura dos elementos de metadados relativos a cada uma delas, e ainda se indica quais desses elementos é que são considerados obrigatórios pelos autores das normas. Em seguida, o autor identifica, para cada uma das normas apresentadas, os metadados potencialmente pertinentes para proceder à verificação de autenticidade.

Chegando ao último capítulo do livro de André Pacheco, é aqui sistematizada a apresentação dos requisitos previamente identificados. O autor expõe em tabela (Tabela 12, pp. 250-252) os trinta e dois requisitos científicos que

foram identificados, seguindo-se depois os requisitos técnicos (Tabela 14, pp. 260-262). Com bases nestes requisitos, que são, finalmente, apresentados, André Pacheco propõe um modelo de averiguação da autenticidade dos metadados, que ilustra (p. 270). É esta proposta que aparece no final da obra que pretende ser uma possibilidade de verificação da autenticidade dos documentos de arquivo, de forma a garantir aos arquivistas ou utilizadores de arquivos a confiabilidade da informação a que acedem nas instituições de informação.

O autor mostra-se atento a grandes questões no âmbito da disciplina da arquivística, elaborando uma investigação pertinente que tenta dar resposta à questão central da autenticidade dos documentos de arquivo utilizando os metadados como base da sua investigação. Utiliza uma metodologia que se mostra adequada, uma vez que junta métodos mistos e se baseia na literatura científica e técnica atual, de forma abrangente e sustentada na ideia de interpretação. Esta questão é essencial e vem no seguimento da ideia de que os documentos de arquivo não são neutros, resultando da subjetividade dos seus produtores e, por isso, necessitando de ser contextualizados nas suas múltiplas dimensões, e ainda do próprio princípio da interoperabilidade, ou seja, da comunicabilidade entre documentos e sistemas. O próprio paradigma construtivista, de resto, no qual o autor se baseia, sustenta que a sociedade e as instituições são uma construção resultante da interação e das interpretações dos atores. Neste sentido, a chamada de atenção para a subjetividade procura consciencializar os participantes no processo de construção e gestão da informação para a necessidade de se relacionarem com a comunidade e considerarem os vários pontos de vista, algo notório ao longo da investigação e na relevância dos resultados obtidos.

Em suma, a investigação culmina numa proposta de modelo de requisitos para autenticidade de metadados que poderá ser uma opção para apaziguar os arquivistas no que toca à preservação de documentos de arquivo digitais, tanto a nível nacional como internacional. É aqui, e no cunhar da expressão “vínculo informacional” que abrirá também novas portas para entender a interoperabilidade dos documentos e sistemas de arquivo, que irá assentar o interesse e a relevância da obra de André Pacheco para a comunidade arquivística.

## Referências bibliográficas

Ahmed, J. U. (2010). Documentary Research Method: New Dimensions. *Indus Journal of Management & Social Science (IJMSS)*, 4(1), 1-14. <http://ideas.repec.org/s/iijh/journal.html>

- Bowen, G. A. (2009). Document Analysis as a Qualitative Research Method. *Qualitative Research Journal*, 9(2), 27-40. <https://doi.org/10.3316/QRJ0902027>
- Bustelo-Ruesta, C. (2011). Los grandes temas relacionados con la gestión de documentos: desafíos y oportunidades. *Profesional De La información*, 20(2), 129-134. <https://doi.org/10.3145/epi.2011.mar.01>
- Formenton, D., & Gracioso, L. de S. (2022). Padrões de metadados no arquivamento da Web: recursos tecnológicos para a garantia da preservação digital de websites arquivados. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 20(00), e022001. <https://doi.org/10.20396/rdbci.v20i00.8666263>
- Gracy, K. F., & Kahn, M. (2012). Preservation in the Digital Age. *Library Resources & Technical Services*, 56(1), 25-43. <https://doi.org/10.5860/lrts.56n1.25>
- Jureta, I. (2012). Requirements Engineering Methods: A Classification Framework and Research Challenges. *arXiv*. <https://doi.org/10.48550/arXiv.1203.1717>
- Lee, K.-H., Slaterry, O., Lu, R., Tang, X., & McCrary, V. (2002). The State of the Art and Practice in Digital Preservation. *Journal of Research of the National Institute of Standards and Technology*, 107(1), 93-106. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4865277/>
- Stančić, H., & Bralić, V. (2021). Digital Archives Relying on Blockchain: Overcoming the Limitations of Data Immutability. *Computers*, 10(8), 91. <https://doi.org/10.3390/computers10080091>

**BAUC VOL. XXXVI, N.º 1**

**NOTA DE APRESENTAÇÃO**

**ESTUDOS**

Los archivos municipales en Extremadura (España)  
a finales del s. XVIII a través del interrogatorio de la real audiencia  
Carmen Solano Macías; Agustín Vivas Moreno

Arquivística Musical Histórica aplicada a arquivos de Bandas de Música:  
um olhar sobre o estado da questão  
Ana Raquel Coelho

Impactos do Efeito Filtro Bolha no Engajamento de *Fake News*  
Luis Yago Santos Pessoa; Clara Vasconcelos Gusmão; Lucas Daniel Anselmo Tabosa de Andrade;  
Letícia Ferreira Neves; Walter de Macedo Rodrigues; Maria Amália Arruda Camara

Morte e glorificação de D. Miguel da Anunciação (1703-1779),  
Bispo de Coimbra  
Guilhermina Mota

Organização e Representação da Informação do Projeto “Mesas do Castelinho”  
no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa  
Matilde Seca

Paleografia e ciência da informação:  
reflexões em torno de um diálogo intercientífico  
Carlos Guardado da Silva; Alexandre Faben

A produção e conservação informacional  
de Maria do Carmo Barros Leite (1841-1911)  
Joana M. Couto

**RECENSÕES CRÍTICAS**

Comerford, K. M. (2022). *Jesuit Libraries*. Brill.  
Sofia Bettencourt da Silva

Edmond, J., Horsley, N., Lehmann, J., & Priddy, M. (2022).  
*The Trouble With Big Data: How Datafication Displaces Cultural Practices*.  
Bloomsbury Academic.  
Anabela Pires Duarte

Pacheco, A. (2017). *Informação Digital: O vértice comum  
entre a diplomática e a ciência da informação*. Edições Húmus.  
Maria Beatriz Merêncio

Pacheco, A. (2022). *Arquivos Digitais –  
Metadados e Autenticidade*. Edições Colibri.  
Madalena Lopes Damião Rodrigues

**ISSN**

0872-5632  
2182-7974

**MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA**

Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra  
Arquivo da Universidade de Coimbra  
Rua de S. Pedro, 2, 3000-370 Coimbra, Portugal  
URL: <http://www.uc.pt/auc>